

HISTORIA

de

América de

Colombo

1492

HISTORIA UNIVERSAL.

TOMO PRIMEIRO.

Compuzi esta obra para
usar no Seminário
Quintana da 2ª de Junho
de 1878. e data de 1878
Compuzi esta obra para

1924

1901

0.23

HISTORIA UNIVERSAL.

PRIMEIRA PARTE. HISTORIA ANTIGA.

ESCRITA EM FRANCEZ
PELO ABBADE MILLOT;

E TRADUZIDA EM VULGAR

POR J. J. B.

*Professor de Lingua Franceza no Real Col-
legio de Alcobaça.*

Segunda Edição, correcto, e emendada

António Pereira Gomes

TOMO PRIMEIRO.

— Alho —

L I S B O A,

— NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1801.

*Com Licença da Meza do Desembargo
do Paço.*

Historia Testis temporum; Lux veritatis;
Vita memoriæ; Magistra vitæ; Nun-
cia vetustatis.

Cicero.

DEC

1813

PREFACÃO

D O

EDITOR.

SE deve ser contado no numero de hum verdadeiro, e util Patriota aquelle Cidadão, que de dia, e de noite não concebe pensamento, não executa acção, não traça systema, não urde maquinas que não seja para polir, aformosear, aperfeiçoar, e desabusar a sua Nação; em que classe se alistará aquelle, que não sendo Patriota, se afouta ainda com propria, e particular despeza a adestrar todos os soccorros necessarios para que o Paiz onde habita, avulte em sciencia entre os demais Paizes? Todo aquelle que generosamente se esmera em utilizar aos outros homens, he digno de immortal louvor.

Entranhado no bem, no interesse dos seus socios não poupa fadigas,
não

naõ despreza trabalhos , naõ recea despesas, e bizarramente se arremeça ás mais perigosas , e arriscadas empresas , só com o maravilhoso fim de arredar dos seus iguaes a ignorancia , apagar , e suffocar o abuso. Afadiga-se desvelado em estancar todas as alluviões de contrariedades , com que os Partidistas da ignorancia descaradamente intentão empecer os bons talentos , e juizos dos homens. Derrama ás mãos cheias doutrinas seguras, e sólidas. A Patria , os Cidadãos della são a sua abastecida casa, os seus carinhosos filhos ; para ella só olha , nella só cuida , della se enamora. Galharda, e porfiadamente lhe sacrifica os talentos , os estudos , os trabalhos , as riquezas , e a mesma propria vida. A tanto monta o amor da Patria, e o conhecimento de quanto devemos ser uteis aos nossos iguaes !

Esporeado daquelle constante , e inalteravel preceito natural , que todo o homem deve ser util , e proveitoso

toso aos outros homens, desenterra carcomidas, e mirradas Historias, do que apenas tinham huma incerta noticia; desenvolve do intrincado montão da Antiguidade costumes santos, e nativos do Paiz que se adoravaõ só pela lembrança. Tece novas composições, em que desperta briosos ciumes, para que apressurada, e desempeçadamente se engolfem em bons, e depurados Estudos, pulaõ, e adelgacem o seu entendimento, criem em seu coração espiritos mui levantados, e merecidamente grangeem o honroso nome de homens desabusados. Não ha vicio que deslustre, e menoscabe mais a qualquer, do que a manhosa ambição. Esta ou se considere aferrolhando em chapeados cófres amoedado ouro, com o qual se deve soccorrer a miseraveis, gastado em acções uteis, e honestas; ou occultando aos outros aquellas Doutrinas, e Sciencias que põem tanta differença entre os que as professão, e as ignoraõ, quan-

quanto se dá do homem ao animal.

Hum homem apossado de bens, ou abalizado em litteratura, de que serve, se elle não aligeira todo o modo de ser util aos outros; he bem como a Estatua esculpida com todas as regras da Arte, semelhante ao natural, em que se divisa hum ar nobre, magestoso, e engraçado; porém só nos contenta a vista, de nada nos serve. Todo o homem que não ama a sua Patria, que não estima os seus iguaes, he monstro, he traidor. A Patria, que não agasalha terna e carinhosamente a seus Cidadãos, he ingrata, e nunca elles lhe poderão ser uteis já nas Armas, já nas Letras, já no Commercio, já na Agricultura, santos, solidos, e incontrastaveis alicerces dos bem regulados Estados; sem os quaes arruinar-se-hia todo o edificio que se quizesse erigir. Deve pois haver hum reciproca correspondencia entre a Cidade, e os Cidadãos de maneira que a nada mais olhem, senão

para o que faça ao Paiz , e seus habitantes conhecidos , respeitados , e temidos dos mais Póvos ; se não descubra a sua necessidade , nem a sua ignorancia. Que bem aventurado não seria aquelle Estado , em que estas verdadeiras maximas fossem pontualmente executadas ! De que paz , de que quietação não gozaria !

Mas que mal pensão huns poucos de animos apoucados , e encanecidos em huma sofrega mesquinaria de espirito, que desasisadamente apostão a empuxar os outros para a frouxidão , e para a ignorancia ; tapando-lhes todas as veredas por onde podião desassombrada e denodadamente conseguir grandes , e uteis conhecimentos.

Que louvores se não devem cantar á invenção da Typografia , esta proveitosa Arte de traspassar de seculos a seculos as antigas memorias , os costumes dos Póvos , os seus usos , e abusos , a sua Religião , e o

co-

conhecimento do Commercio ? se
não fosse esta incomparavel Arte cer-
tamente estaríamos hoje como aquel-
las Nações , onde desembuçadamen-
te reina a ignorancia ; onde os ho-
mens vivem aferrados aos seus ca-
prichos , e paixão propria : onde fi-
nalmente se afamaõ mais , quando
em demasia uiaõ de maiores delati-
nos , e crueldades ; e os seus sequa-
zes desgabaõ tudo o que não he
derramar sangue , e affolar Cidades ;
esmeraõ-se por serem esfaimados , e
carniceiros lobos dos miseraveis hu-
manos , e não terá maior afflicção ,
e lastima estarem abertas as portas das
Sciencias , e não haver quem por el-
las conduza aos que dellas se qui-
zerem aproveitar ? A Natureza não
he avara em criar grandes talentos,
falta as vezes sim quem os entenda ;
e por esta causa se desconhecem gran-
des Scipiões , e se perdem uteis Pa-
trícios. Apreciaõ muitas vezes os ho-
mens talentos rasteiros sendo adula-
dores , e homens atilados , e de aba-
liza-

lizada litteratura soterraõ-se, desamparaõ a patria, finalmente rotos, e famintos acabaõ os seus tristes dias mendigando de porta em porta o escasso, mas necessario sustento com bastante descredito das Letras, e vergonha da Humanidade.

Cahindo-me pois nas mãos a *Historia Universal* que o Abbade Milot compôz com tanto credito seu, e honra das letras para o uso dos Estados do Serenissimo Duque de Parma; e sabendo a geral acceitação, que tem tido em todo o Mundo instruido, não quiz, animado da particular affeição, que tenho a Nação Portugueza, e do desejo que sempre tive que esta florentissima, sábia, e religiosa Nação, onde tiveraõ o berço os mais illustres Escritores, os Jurisconsultos mais consummados, famosos Poetas, bons Oradores, que não só atroáraõ Portugal, porém ainda as Universidades mais cultas da Europa, onde pública, e honrosamente ensináraõ, caminhasse com agigantados, e aprefados

fados passos para a gloria , não quiz, pois , perder a occasião de lhe publicar huma Traducção desta mesma Historia, conhecendo a falta de a não haver na sua Lingua , e ser maior o numero dos que não sabem Francez ?

Que homem de razoado juizo haverá que soffra , que haja alguem que diga que o saber Historia , e Historia Universal he inutil ? Já houve lingua navalhada , e inficionado que não só o disse , porém atreveo-se a escrevello. Quando confidero que hajaõ homens tão damnados , que intentaõ porfiadamente offuscar o entendimento dos outros homens , traçando-lhes fantasmas com que ou timoratos de consciencia , ou receosos de perderem o tempo , se amedrentaõ , se affustaõ , e largaõ tão util estudo, arripiaõ-se-me os cabellos na cabeça , horrorizo-me. Não posso pesquisar porque motivo se interessaõ em quererem que os outros vivaõ em cegueira. Indigna condição de homens !

mens ! Peste contagiosa das Republicas !

Ora hum Estudo tão util , hum conhecimento tão necessario para a vida humana será desprezado ? A Historia , esta Sciencia dos factos , usos e costumes , este Mappa , seja-me licito dizello assim , onde os homens vem ao primeiro olhar tudo o que se passou antes delles , no seu tempo , he tão precisa ao homem , que jámais poderá algum conseguir com verdade o respeitavel nome de homem sabio , sem que profundamente esteja possuido de tão importante Estudo. Pela Historia conhece o homem a solidez da verdadeira Religião : desmascara a falia ; vê todas as etiquetas dos Governos Politicos , e Civis ; sabe as suas Constituições , e Leis fundamentaes ; descobre os meios que houverão para o augmento , ou decadencia dos Estados ; como as Sciencias , e Artes subirão ao cume de gloria , e de felicidade em huns Estados , e em outros se arruinãrão ; como o Commercio

mo-

moderado com ordem, e methodo concorreo a enriquecer humas Nações; e como o seu máo estabelecimento fôí a causa de empobrecer outras; qual fôí a sólida Politica deste Monarca, e o desordenado proceder daquelle; os homens grandes que houverão, as excellentes Composições que apparecêraõ; as guerras que justa, ou injustamente se perpetraraõ; os faques que se deraõ, as Cidades que se affoláraõ; as pazes que se traçaraõ. Na Historia, quer Geral, quer Particular achaõ os homens hum espelho vivo, onde pôdem concertar as suas acções, governar a sua vida, e serem uteis aos outros. He na verdade (1) a Historia a luz dos tempos, a depositaria dos successos, a fiel, e abonadora testemunha da verdade, a fonte pura, donde brotaõ em perennes borbotões os bons conselhos, e a prudencia; a reforma, e a faudavel norma dos costumes. Ignorar

rar esta necessária (2) Sciencia, e tudo o que nos precedeo, he fermos meninos. Finalmente he a Historia a escola (3) commum do Genero Humano, igualmente aberta, e util aos Grandes, aos pequenos, aos Principes, e a todos. E que combinações de idéas, que conhecimentos proveitosos não alcança o homem pela lição da Historia? Que emenda furda não recebe aos seus desordenados costumes pelo motejo, e reprehensão que acha nos Livros? Só hum louco me poderá negar esta proposição, e só por acinte provará falsamente o contrario.

Debalde passariaõ os dias, e as noites curvados sobre os Livros o cuidadoso, e desvelado Canonista, e o pio Theologo revolvendo os Sagrados Codigos, buscando a genuina intelligencia do Texto, se a Historia Sagrada, e Ecclesiastica lhes não aplanasse o caminho, e lhes não

mon-

(2) O mesmo in Orat. num. 12.

(3) Seneca de Clementia. Lib. 1. Cap. 19.

mondasse os abrolhos , e espinhos , com que estes Escritos estão muitas vezes cobertos , ou por culpa dos Impressores , e Copistas ; ou por falsos Commentadores , que muitas vezes sem principios cegamente se precipitaõ , e precipitaõ tambem aos outros ? Que fadigas , que desaffoços , que erros , que contradicções , e poucos , ou nenhuns conhecimentos não teria o sólido , e critico Jurisconsulto na verdadeira interpretação das Leis , ou já Civis Romanas , ou Praticas , se o necessario Estudo da Historia , da Jurisprudencia Romana , e Patria lhe não houvesse enchido o seu entendimento de conhecimentos , de noticias , da origem das Leis , e disposto o seu espirito para distinguir , e equilibrar a justiça com a equidade , que nestas Leis confusamente se achão baralhadas pela occasião de futeis , e extravagantes Expositores , que huns por ignorancia , outros por systema , e por hum espirito de elevação , e su-

pe-

perioridade torcêraõ, e adulteráraõ o verdadeiro sentido da Lei gastando immenso papel, e tempo em huma ridicula interpretação grammatical de huma ou outra palavra: arredando-se sempre da razão, e da verdade, chegando por ultimo a fallar muito, porém nada pertencente ao caso? Como não confundiria, e arruinaria os interesses da propria Nação, como não perderia as Regalias da Coroa, os Privilegios, as independencias aquelle homem público, que não soubesse a Historia Antiga do seu Paiz, a Antiga, e Moderna das mais Nações? De que desordens, de que abusos, de que quimeras não estaria recheado o pensamento daquelle que estivesse falto destes tão necessarios conhecimentos?

He pois a Historia quer Geral, quer Particular a todos necessaria, convem a todos. E como se reputa a Mestra da Vida (4), e por tal se

TOM. I.

B

de-

(4) Sousa na Vida de D. Barthol. dos Mart. Livro 1.

deva ler, e estimar, segue-se que se deve ler de maneira que não seja para passar ociosamente o tempo, e por Livros máos, superficiaes, e quiméricos; mas sim em Livros desabusados, verdadeiros, criticos, e orthodoxos; em Livros em que seus Authores tenham por alvo a verdade, e a Critica, esta Mestra, esta redemptora da Literatura. E não são estas razões assás forçosas para sólida, e radicalmente persuadir, e convencer que ninguém deve desprezar o Estudo da Historia? Eu não sei que possa alguém entrar em qualquer estudo, em qualquer contrato, e associação, sem que primeiro trilhhe o delicioso caminho da Historia! He esta huma verdade tão seguida, e abraçada, de maneira que as irrefragaveis testemunhas nada menos são do que o commum systema de todas as Nações cultas da Europa, onde com os primeiros rudimentos logo se ensaiaõ nos principios da Historia por abreviados Compendios

dios para lhes introduzir o gosto deste Estudo, e a sua importancia, e não ignorarem as notícias que correndo o tempo acharem nos Livros; o uso de todas as Universidades da Europa, onde os seus Sabios Estatutos estão recommendando a necessidade da Historia, e regulando que ella seja sempre o Preliminar da Sciencia que se aprende, para mais facil, e seguramente se entender, e se radicar; a geral voz de todos os Sabios que tem escrito sobre esta importantissima materia.

E amortecerá em peitos desejosos de gloria o louvavel ciume de saber a Historia? Não; espero que o gosto que alcançarem na lição desta Traducção criará em seus corações huns nobres estimulos que talvez (em alguns de mediana instrucção) estivessem apagados, para se applicarem fructuosamente a tão importante, e indispensavel Estudo. Não devem afracar em tão deliciosa lição. Este he aquelle ditoso seculo, em

que reina por toda a Europa a sã, e sólida Filosofia; conhecem-se os embaidores, e corruptores das Letras, e se desprezaõ. Ninguém quer parecer cobarde em deixar de suffocar taõ atrevidas linguas, em arrancar a posse de que vergonhosamente estavam todos aquelles, que intentaõ abalar o throno das Sciencias. E deixaria eu de concorrer com este meio taõ util, taõ necessario? Deixaria de mostrar hum caminho taõ ameno, e delicioso que conduz os homens sólidamente para a gloria? E ainda haverá quem afincadamente empêça os bons talentos de tantos Portuguezes que com ansia, e gosto se applicaõ ás Sciencias? Ah, não permita a Providencia que costumes mãos, e abusivos desembuçadamente grassem, e se apossem dos seus espiritos. Leiaõ, e releiaõ não por vaidade, mas por quererem profundamente instruirem-se em semelhantes Escritos, e conseguirão com bastante esplendor o honroso nome de

de homens sabios. O Monarca, o Ministerio, os homens sabios do Paiz agasalhaõ, e estimaõ quem se quer applicar, e desabusar; não lhe sejaõ ingratos, moldem-se com a sua vontade, e desejo. Saiba toda a Nação. Occupe o Povo as horas vagas do trafego da sua vida, não só em espectaculos, e divertimentos uteis, e honestos; mas tambem na lição de bons Livros. Divirtaõ o corpo, divirtaõ o espirito. Deste modo evitarão a ociosidade, os vicios, os roubos, as mortes, e a desordem. Reinará a justiça, e a humanidade nos Póvos Portuguezes, e será o resto da Nação semelhante aos Grandes, aos Nobres, aos Sabios. Não se conhecerá em Portugal a macilenta, triste, e melancolica face da atrevida, e petulante ignorancia.

INTRODUCCAO.

5

DIANTE de nós se abre hum caminho immenso. O espaço dos seculos, e do Universo he aquelle por onde nós devemos viajar; o conhecimento do Genero Humano he o termo das nossas indagações; nenhum objecto merece, sem duvida, ao homem maior curiosidade; o qual pôde contemplar com fructo em os phenomenos do Ceo, em as produções da Terra, em todas as riquezas, em todas as formosuras da Natureza, e em aquelle magnifico espectaculo, onde brilhaõ a grandeza, e a sabedoria do Creador. Porém o nascimento, os progressos, a ruina das Nações, e dos Imperios, os effeitos prodigiosos das paixões, e do genio; a variedade maravilhosa das Leis, dos costumes, dos usos, e das opiniões, os successos que tantas vezes mudáraõ a face do Mundo; em huma palavra, os objectos que a Historia lhe expõe á vista, tem correlações mais intimas com elle mesmo. O homem, ignorando-as, estaria como estrangeiro na sua Patria; não conheceria a Humanidade, e por consequencia as luzes lhe faltariaõ para cumprir o destino, que o une com os

Quanto he interessante á Humanidade a Historia.

A Historia faz conhecer o homem.

seus

Lux veritatis, magis gravitate.
Cic. de Orat. 2. 9.

seus semelhantes. A Historia, diz Cicero, he a luz da verdade ; a qual ensina a arte de bem viver. Este elogio faz conhecer todas as suas utilidades.

Seus effeitos a respeito do entendimento, e do coração.

Com effeito, ha por ventura algum erro, e alguma preocupação nociva de que a Historia não possa preservar-nos com a descripção das illusões, e das loucuras que desviáraõ, e perdêraõ os homens? Acaso ha algum vicio do qual não pinte em huma multidão de exemplos, a deformidade, e as infelicidades? alguma virtude, cujo amor não inspire, consagrando a memoria das pessoas virtuosas? alguma circumstancia unica da vida, para a qual se não applicuem utilmente as suas lições? e desde o Throno dos Reis até ao Gabinete do Filosofo, onde se achará hum Estado, que não tenha mais, ou menos que aproveitar das suas luzes?

Duas regras deste estudo ; procurar a verdade, e limitar-se na utilidade.

Porém todos se perderiaõ na immensidade destes caminhos, se caminhassem por elles á ventura, e sem principios. Duas regras importantes dirigiráõ o nosso Estudo. A primeira será de procurar em tudo a verdade ; a segunda de nos limitar na utilidade. De outro modo a mesma Historia chegaria a ser huma fonte de erros, e tudo quanto incluye de excellente se desvaneceria com a mistura das couzas frivolas-

Ainda que todos os Historiadores fa-
 ção profissão de escrever a verdade, a
 maior parte das Historias antigas estão
 cheias de fabulas. A mentira ainda algu-
 mas vezes se reproduz na penna dos Es-
 critores modernos. Basta que hum Au-
 thor conhecido publique fabulas, para
 que outros as repitaõ com huma cega
 confiança. A sua authoridade impõe; pre-
 ferem antes crer do que examinar. Assim,
 todas quantas imposturas tem produzido;
 e acreditado o interesse, a vaidade, a
 superstição, a ignorancia, o espirito de
 partido, e as preocupações populares
 se achão de tal sorte incorporadas com
 o veridico, que juntamente passão de
 hum para outro seculo. Não vemos nós
 todos os dias relações contraditorias do
 mesmo facto, pinturas oppostas da mesma
 pessoa, falsidades palpaveis, que circulaõ
 pelas conversações, e que achão lugar em
 os Livros? Julguemos por este meio dos
 innumeraveis erros, que a Antiguidade
 nos transmittio. Sómente a Revelação he
 essencialmente verdadeira; tudo o mais
 tem sido muitas vezes misturado com
 falsidades.

Se todos os Historiadores tivessem
 sido judiciosos, attentos, illustrados, e
 sinceros bastaria ajuntar as principaes pas-
 sagens das suas Obras, para formar huma
 des-

Erros in-
 numeraveis, de
 que está
 mesclada
 a Historia
 Antiga.

Origem
 dos erros,
 e das fabu-
 las em a
 Historia.

descripção fiel das Nações, e dos successos, que descrevêraõ. Infelizmente huns procuráraõ agradar com maravilhas; outros lisonjear os seus Concidadãos com quimeras; aquelles fomentar as superstições de cujas elles mesmos se aproveitavaõ; estes satisfazer odios nacionaes, ou pessoas; huns loucamente credulos publicáraõ com boa fé todas as tradições recebidas; outros artificiosamente politicos cobríraõ com sombras as verdades contrárias aos seus interesses, e ao seu partido. Finalmente faltáraõ á maior parte

He necessario pois
examinar,
e escolher.

soccorros, e a muitos sinceridade, e rectidaõ. He necessario pois acautelár-se sempre, consultar continuamente a critica, e a razão, ou seja para se preservar do erro, ou seja para averiguar, sobre tudo, entre as fabulas, e as preocupações antigas, o que merece lugar em a Historia. Estas fabulas pôdem entrar em a Historia, porém como huns monumentos da fraqueza do entendimento humano, e como provas da necessidade do exame a respeito de todas as materias, onde o sello da Verdade Divina não está impres-

O Scepticismo tão pouco racional
SO.
cionavel
comohum
excesso de
credulidade.

Demais disso em facto de Historia o Scepticismo não seria menos irracional do que huma credulidade cega. Acaso
por

por haver muitas ficções será pois necessario não admittir nada de certo? porventura basta para negar hum facto, que tenha pouca verossemelhança? não são a qualidade, e o número das testemunhas, que devem confirmar o tesremunho? Será possível que huns contemporaneos illustrados, desinteressados, enganar-se-hão, ou poderão enganar o Universo a respeito de huns successos publicos? finalmente não ensina a experiencia, que igualmente se abusa, assim nada crendo, como crendo tudo? os Annaes Egypcios, que Herodoto nos transmittio, em parte são fabulosos. Logo parece, que igualmente se deve desconfiar do que Herodoto refere a respeito dos monumentos do Egypto. Com tudo as Pyramides ainda duraõ, passados tantos seculos, as quaes depõem o favor do Historiador. Os seus Sacerdotes o tinhaõ induzido para os erros com as suas quimericas tradições; porém tudo o que o mesmo Herodoto vio era verdadeiro, e com verdade o descreveo. Sem discutir huma materia taõ fecunda, sómente accrescento que todos se pódem instruir, discorrendo mesmo sobre huns factos provaveis, cuja certeza não está estabelecida. Quanto aquelles factos são superiores ás ficções fabulosas?

Herodoto
he aprova.

Tanto importa procurar a verdade,
quan-

Deixar aos
Sabios as
indaga-
ções da e-
rudição.

quanto he necessario limitar-se na utilidade; segunda regra do nosso estudo. Que as pessoas eruditas se entreguem ao gosto de indagações, penetrem as profundidades da erudição com todas as individuações historicas: talvez que de tudo fação huma compilação de utilidades pouco sólidas; porém sempre são os arbitros do seu descanso, e os seus trabalhos devem-se respeitar, desde que resulta delles hum augmento de conhecimentos em o Mundo literario. Os Antigos Eruditos, cujas Obras presentemente são desprezadas, fizeram serviço ao Público, arroteando terras incultas, onde hoje nascem preciosas colheitas. Os Sabios modernos, fazendo maior uso da Critica, nos procuráram riquezas mais verdadeiras. Resta sómente tirar dos seus trabalhos todo o fruto possível, e pôr em obra, para as nossas precisões, aquillo mesmo, que outros não tomaão senão como o pasto de huma vã curiosidade.

— — —
 Não obstante, os seus trabalhos são proveitosos.

— — —
 Não aprender senão o que he possível, e utilisar-se para se conservar.

Ordinariamente a memoria he muito fraca para se carregar de huma vasta erudição, e o entendimento muito limitado, para perceber distinctamente huma grande multidão de objectos confundidos juntamente. Além de que, as obrigações do Estado, ou da Sociedade deixaão a poucas pessoas o tempo

po de seguir a Historia em as suas dilatadas contrariedades. Querer aprender mais do que se póde conservar he o meio de não saber nada, ou de saber mal, que vem a ser a mesma cousa. E quando se podesse conservar tudo, não yale mais aprender a pensar? raras vezes se une a exactidaõ do discernimento com os prodigios da memoria. Todos os que desejão instruir-se para seu bem, devem prescrever para si a ignorancia de muitas cousas, das quaes consolar-se-haõ se forem sabios.

Naõ posso conceber o Plano de Estudos proposto pelo douto Langlet Dufresnoy, na frente dos seus *Indices Chronologiques*. Langlet pretendeo, que se leiaõ todos os Authores originaes (boa regra quando se póde seguir). Depois mede o tempo, que aquelle estudo requer, o que faz com huma rara economia. Para Herodoto, por exemplo, consigna doze dias; dez para Thucydides; seis para Xenofonte; vinte para Tito Livio, com os supplementos; dez para Polybio; outros tantos dias para Tacito, &c. Dir-se-hia que todos estes Historiadores se pódem ler como Novellas agradaveis; e que depois de os ter folheado do principio até ao fim, deve o Leitor tellos na cabeça bem comprehendidos, e bem digeridos.

Mas

Critica do plano dos estudos de Langlet.

Mas além de não serem os Originaes para a capacidade, e intelligencia de todos, que effeitos produziriaõ humas leituras tão rapidas sem hum milagre de facilidade, e de penetração? Huma superfluidade de idéas confusas, e de palavras, as quaes longe de illuminar o entendimento, e o bom discurso, o suffocariaõ. A simples sciencia do Mundo he digna de se preferir áquella sciencia pedantesca, da qual só se pôdem esperar obstaculos para a Sociedade.

Objectos
os mais di-
gnos de
attenção.

Quando se alcança a felicidade de se poder remontar ás proprias fontes, e estudar os Originaes, importa tambem muito preferir o que he util aos objectos de pura erudição. Que será, se os meios, e o tempo nos faltaõ para hum estudo de maior extensaõ? entaõ he que a necessidade nos deve sobre tudo determinar os limites? Logo o conhecimento dos homens, e de tudo quanto interessa, principalmenve o Genero Humano; os artificios das paixões, e as variedades da fortuna; os vicios, e as virtudes dos Póvos, e das Pessoas célebres; a influencia das Leis, e dos Costumes, a Natureza dos Governos, os principios, e as considerações da Politica, as causas da grandeza, e da decadencia dos Estados; as revoluções produzidas ou pelo tem-
po,

po, ou pelas armas, ou por causas moraes; os successos acompanhados de grandes effeitos; os monumentos da loucura, e os monumentos do talento, e da sabedoria; eis-aqui o que geralmente todos tem interesse de conhecer, pois que nada ha mais proprio para formar o entendimento, e o coração, e para descobrir assim os talentos, como as virtudes sociaes. Cada qual particularmente procurará em a Historia instrucções relativas directamente ao seu estado. Porem antes de tudo, todos são homens, todos Cidadãos. Aperfeiçoemos estas primeiras qualidades, e as outras não ficarão por cultivar.

Conformando-nos com os nossos principios, e limitando-nos em cousas uteis, e verdadeiras, não perderemos o tempo em seguir huma multidão de Authores sabios, os quaes consumirão o seu tempo em as trevas da Chronologia antiga. O projecto de ajustar juntamente os diversos Historiadores, e de conciliar as Antiguidades profanas com a Historia Santa, deo a luz mais de setenta Systemas, cujo numero sómente mostra a pouca solidiez; porque se possivel fosse desenvolver estes cáos, por ventura tanta erudição, e tantos calculos não parariaõ senão em huns Systemas contradictorios?

A dif-

Incerteza
dos systemas
Chronologicos.

Differen-
ça entre os
tres Tex-
to da His-
toria Sa-
grada.

A differença que se acha entre o Texto Hebraico dos Livros Sagrados (a Vulgata), o Texto Samaritano, e a Versão dos Setenta, serve de fundamento para as supposições, e para as conjecturas. Usserio, celebre Inglez, conformando-se com o Texto Hebraico, determina o principio da Era Christã, ou o Nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo, em o anno do Mundo 4004. A maior parte dos sequazes do Samaritano, entre outros muitos, os Authores Inglezes da Historia Universal, assentão esta epoca em o anno de 4309. Os exemplares ordinarios dos Setenta, a determinão em o anno de 5270; e o Padre Pezron, amplificando o calculo dos Setenta, a põe em o anno de 5873. Deste modo, entre os Setenta de Pezron, e o Hebraico de Usserio, a differença he de 1869 annos, em menos de seis seculos. Os Chronologicos mais preoccupados dos seus Systemas errão mais em os provar solidamente, do que em destruir os dos seus adversarios. Todos tem infinitas objecções para resolver. O grande Newton, que se empenhou em aquella carreira, e que diminue ainda a duração do Mundo, já tão breve, o mesmo Newton só pôde augmentar muito as nossas duvidas.

Quan-

Quanto mais se imaginarem hypotheses, segundo algumas passagens dos Livros Sagrados, quanto mais as dúvidas se multiplicarão. A Providencia determinou que a Revelação fizesse Santos, e não Sabios. Adoremos os seus Oraculos; adoremos os seus Mysterios; mas não intentemos explicar o que achamos inexplicavel. Temamos cahir logo em o absurdo, assim como o sabio Padre Petau, o qual comprimido pelos limites do Texto Hebraico, e povoando a Terra segundo a sua imaginação muito fecunda, lhe dá em menos de tres seculos depois do Diluvio cento e sincoenta vezes mais habitantes do que hoje se supõem. (*Doct. temp. liv. 9. c. 14.*)

A Revelação deve fazer santos, e não sabios.

Idea quimerica do P. Petau.

As Historias profanas concorrem com a Biblia, para provar huma destruição quasi total, e hum novo nascimento do Genero Humano. Quasi todas representam as Nações ao principio ferozes, adquirindo pouco a pouco as Artes mais necessarias, e chegando-se para as Sciencias depois de huma dilatada barbaridade. Vê-se tambem a infancia daquellas, que pretendem remontar a seculos infinitos; o que basta para satisfazer huma curiosidade racional. Porem quando principiou o Mundo? quando despovoou o Diluvio a Terra? quando, e como se formáram

Novidade do Mundo provada com todas as Historias, ainda que as épocas sejam incertas.

as novas Nações? Em vão se esforçaria de o saber, pois que nenhum Monumento nem sagrado, nem profano determinou exactamente estas épocas.

O methodo de Bossuet he susceptible de critica em quanto ás épocas.

O illustre Bossuet, seguindo o exemplo de seus predecessores, põe com tudo a data da Creação do Mundo, e faz passar toda a Historia Antiga debaixo des épocas tiradas principalmente dos Livros Santos, o Diluvio, a vocação de Abrahaõ, Moysés, ou a Lei Escrita, &c. O mesmo Bossuet vence as immensas difficuldades, de que acabamos de fallar, e seguindo a Chronologia do Texto Hebraico, com Usserio suppõe que tudo se coordina por si mesmo em hum espaço tão estreito. Porem, por muito respeitavel que seja a authoridade destes grandes homens, não he menos difficultoso sustentar o seu systema Chronologico: ainda que fosse o mais provavel, não passará de ser senão hum systema; logo que necessidade ha de o ter? Em toda a materia, principalmente na Historia, confessemos sinceramente a nossa ignorancia, antes do que dar por verdadeiras humas cousas pelo menos duvidosas.

Se he conveniente misturar a Historia Santa com a profana,

Demais disso, a mistyra da Historia Santa com a profana, he talvez tão mal entendida, como a da Theologia he com a Filosofia. De huma parte tudo he sobre-

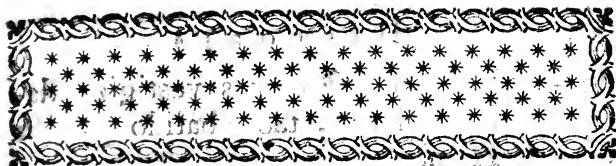
natu-

natural, da outra tudo he natural; em aquella exercita-se a Fé; nesta a razão; he necessario estudar em a Biblia a sua Religião com huma humilde docilidade; e em os Historiadores he necessario instruir-se com huma critica livre, e valerosa. Confundindo dous estudos taõ desiguaes, deve-se temer tanto alterar a simplicidade da Fé, como mudar a Historia em frivolas conjecturas.

Para evitar dous precipicios, não poremos as datas nem da Creação, nem do Diluvio; não fallaremos dos Judeos, senão quando for necessario que entrem em nosso Plano geral; exporemos succintamente, sem ordem Chronologica, e sem confundir os objectos, tudo quanto merece maior observação em os Povos antigos, até aos Gregos, e aos Romanos; cuja historia nos conduzirá para a das Nações modernas, a qual sobre tudo nos interessa.

Plano
desta O-
bra.





HISTORIA.

UNIVERSAL.

HISTORIA ANTIGA.

PARTE PRIMEIRA.

*Observações gerais a respeito dos
Povos antigos.*

A MAIOR parte das Tradições antigas fallão de hum tempo, em que os homens espalhados, vagamundos pelos matos, cercados de perigos, e de necessidades, unicamente occupados em os meios de prover a sua subsistencia, e a sua conservação, estavam quasi reduzidos ao instincto dos animaes, e seguiaõ brutalmente a inclinação da Natureza, sem conhecer nem Regras, nem Leis, nem subordinação, nem Artes, nem vinculo algum de Sociedade permanente. Ainda

Os homens ao principio ferozes em muitas Regiões.

da se vê em muitos Paizes vestígios daquelle estado feroz, tão abatido para o Genero Humano.

Principios
da Socie-
dade.

Com tudo o homem nasceo sociavel. Hum sentimento natural o chega para os individuos da sua especie. A affeição a huma mulher, e aos filhos o dispõe para humas Sociedades, e uniões mais extensas. As necessidades, e os soccorros reciprocos unem de huma, e outra parte hum numero daquelles ferozes, humas vezes para se defenderem contra a crueldade das feras, outras vezes para procurarem para si proprios o alimento necessario. Quanto mais vão vendo as vantagens daquelle uniaõ, tanto mais vão apertando os seus vinculos. Humas convenções tacitas formão os seus primeiros empenhos; huns costumes grosseiros lhes servem de politica. Ainda isto não he mais que hum principio grosseiro da Sociedade, o qual não destróe a barbaridade, e não forma os costumes; tudo se refere, tudo se limita em necessidades fysicas. Se a fome sollicita comer carne humana, se o costume faz tomar o seu gosto, todos serão talvez antropofagos sem escrupulo. A Historia das quatro partes do Mundo traz mais de hum exemplo deste horroroso attentado contra a Natureza. A quantos excessos se não cos-

Antropo-
fagos.

tu-

tuma o homem, quando he incitado pelas circumstancias, e a quem não reprime freio algum?

Para transformar pequenas Povoações soltas em Nações, para fazer dellas Imperios, em huma palavra, para civilizar os homens, foi necessário que muitas Artes nascessem humas depois de outras, e conduzissem a Agricultura, verdadeira origem das Leis Civis. Foi necessário antes, que se pozesse hum freio á foga paixão do amor, e que o cazamento fosse solidamente estabelecido; que se tivessem já as noções, e a pratica de alguma forma de Governo; que as linguas tivessem nascido, e os conhecimentos multiplicados até hum certo ponto; finalmente, que se tivesse sahido da barbaridade feroz, em que ainda hoje vivem quasi todos os Americanos. Que grande distancia não ha depois disto até á invenção da Escritura, ou da Arte de conservar a lembrança dos factos, e dos mesmos pensamentos? Esta arte he sem contradição hum dos maiores esforços do engenho cultivado com outras artes. Os primeiros Historiadores profanos não pudéram pois escrever senão muito tempo depois do nascimento dos Estados; não pudéram ter para materiaes senão Tradições vagas, e confusas. Esta a razão por
que

As Nações civilizadas com o cazamento, com a Agricultura, e com as Artes.

A Escritura inventada muito tarde: prova da incerteza das Historias Antigas.

que sómente publicáraõ hum grande numero de fabulas a respeito das antiguidades da sua patria.

Os Gregos amantes das fabulas.

Aquellas Fabulas compiladas, e amplificadas sem duvida pelos Gregos, mais amantes das maravilhas que da verdade, desfiguráraõ inteiramente a Historia Antiga. Apoderemo-nos das poucas verdades importantes que encerraõ; e renunciando as discussões inuteis, principiemos pelos Egypcios, naõ porque estes sejaõ os Povos mais antigos; mas porque offerecem huma materia mais abundante de instrucções.



EGYPCIOS.

CAPITULO I.

Historia antiga do Egypto.

O Egypto situado entre o vigesimo quarto, e o trigesimo terceiro gráo de Latitude Septentrional, he hum dos Paizes mais favorecidos da Natureza. O Ceo sereno, a terra fertil, as plantas, e os frutos taõ agradaveis, como salutiferos formão a formosura daquelle continente. Porém foi necessario haver prodigios de indus-

Vantagens do Egypto.

dustria, para que hum Povo todo nelle habitasse. O Nilo inundando o Egypto, lhe procura todas as suas riquezas, e supre as chuvas de que he privado. Aquelle rio tem sua origem em hum monte da Abyssinia, donde chega ao Egypto depois de se ter precipitado por sete cascatas com tanto estrondo, que se ouve ao longe de algumas legoas. O Nilo principia a ter a sua enchente desde o mez de Maio, e por hum crescimento quasi logo insensivel, chega áquella altura necessaria para a inundação, que dura desde o fim do mez de Junho até Outubro. Os Antigos ignorando as causas da inundação, imaginárao humas causas falsas, como sempre succede quando se pretende substituir as conjecturas aos factos. Sabemos hoje que na Ethiopia chove sinco mezes no anno, desde Abril até Setembro. Este he todo o segredo das inundações do Nilo. O precioso lodo que depõe pelos campos, produz a fertilidade do Egypto. Deste modo chegaõ a ser humas terras aridas, e areentas, as melhores que ha no Mundo; e basta sómente semear quasi sem cultura para colher em pouco tempo todas as producções naturaes. Depois de ter visto o Egypto no Verão, como hum mar, semeado de Cidades, de Villas, e de bosques; espec-

 O Nilo.

 Causas, e
 effeitos
 das inun-
 dações do
 Nilo.

 especta-
 culo sin-
 gular do E-
 gypto.

culo

culo unico, e maravilhoso ; no Inverno he visto como huma planicie risonha ; e coberta de gado, de lavradores, de arvores odorificas, de laranjeiras, limoeiros, &c. cujas flores perfumão o ar de todas as partes. Os Viajantes modernos fazem pouco mais ou menos a mesma descripção do Egypto, que os Antigos.

Chronologia fabulosa dos Egypcios.

Esta bella, e formosa Região, humada primeiras habitações do Genero Humano civilizado, devia ser a Região das fabulas. A Chronologia antiga dos Egypcios chega a seculos innumeraveis. Na verdade os Sacerdotes de Thebas, segundo a relação de Herodoto, o qual se tinha instruido em os proprios lugares, davaõ sómente onze mil trezentos e quarenta annos de duração á sua Monarquia. Porem outros apenas se contentavaõ com cem mil annos. Desde o seu primeiro Rei até Sethon contavaõ-se exactamente 341 Gerações, 341 Reis, e 341 Pontifices ; calculo, cujo absurdo parece sensivel sómente pela repetição do mesmo numero. Manethon, Sacerdote do Egypto, o qual escrevia quasi tres seculos antes da vinda de Jesu Christo, e cuja authoridade parece respeitavel ao proprio Historiador José, relata que o Egypto foi governado ao principio por Deoses,

As dynastias de Manethon, reprovadas por humas, e recebidas por outros.

ses, e por Semideoses. Vulcano, o primeiro de todos, reinou, segundo o mesmo Manethon, nove mil annos. A estas Divindades quimericas faz succeder trinta e huma Dynastias, nomeando os Principes de cada huma, e suppondo que reinaraõ successivamente em todo o Egypto por espaço de mais de sinco mil annos. Petau, e outros Sabios reprovao aquellas Dynastias como fabulosas. Marsham, e Pezron as admittem como verdadeiras. Elles conjecturaõ que em lugar de serem successivas, foraõ collateraes; isto he, que reinaraõ ao mesmo tempo, e empregao toda a sua erudição para os conciliar com a Chronologia da Escriitura. Porém, acaso huns Annaes cheios de nomes, e quasi inteiramente faltos de factos, podem merecer estudo tão profundo? Os Eruditos, como os Geometras, procuraõ muitas vezes fazer-se notaveis com humas combinações prodigiosas, que não produzem mais que admiração. Ao menos os ultimos mostraõ a verdade dos seus calculos, em lugar que os primeiros apenas fazem provaveis as suas conjecturas, quando se entregaõ ao abysmo dos seculos. O Egypto no tempo de Abrahaõ já era hum Reino, e os Hebreos nem ainda hum corpo de Nação faziaõ. Esta prova de Antiguidade he bási-

Quanto he esteril a respeito deste objecto o trabalho dos Sabios.

Antiguidade do Egypto, segundo a Escriitura.

tan-

tantemente persuasiva, tanto mais, que a Vulgata põe sómente quatrocentos vinte e seis annos entre a vocação de Abrahão, e o Diluvio.

Isis, Osiris, Hermes, &c. deificados pelos seus serviços.

Passemos pelas fabulas de Isis, de Osiris, de Tyfon, e de Hermes (chamado por outro modo Mercurio, Thoth, e Trismegistes), a quem os Egypcios attribuem quasi todas as Sciencias, e todas as Artes, cujos Livros, segundo Manethon, erão mais de trinta e seis mil e quinhentos. (1) Basta observar que Osiris conforme os Egypcios, tinha estabelecido a politica em huma Nação ainda feroz; que Isis sua mulher, e sua irmã, repartia com elle as honras Divinas; que aquelle Deos tendo emprendido civilizar os outros Povos com os encantos da Eloquencia, da Poezia, e da Musica, foi morto por seu irmão Thyfon, quando voltou de suas gloriosas viagens; finalmente, que os Deoses principaes forão homens divinizados, por terem feito grandes serviços ao Genero Humano.

Intervallo desde Menes.

Desde Menes, primeiro Rei do Egypto (a quem graves Authores suppõem ter sido filho de Cham, e Neto de Noé), até ao celebre Sesostris achamos hum inter-

(1) Os Sabios julgaõ que no Egypto houverão tantos Hermes, quantos forão os Zoroastres na Persia.

tervallo immenso, em que se collocaõ os Reis pastores Arabicos ; os quaes conquistáraõ o Egypto. Além de que aquelle espaço de tempo só merece attenção pelo palacio, ou sepultura de Osymandias, e pelo lago Meris. Em o palacio de Osymandias estava a Livraria mais antiga do Mundo, com esta inscripção : *Remedio da alma*; inscripção verdadeira, e sublime, com tanto que seja applicada ás Obras boas, sendo as outras mais depresa veneno do que remedio. O Lago cavado por ordem de Meris, em cujo centro se levantavaõ duas Pyramides, recebia as aguas do Nilo, ou para obviar os inconvenientes de huma inundaçãõ muito grande, ou para suprir a huma inundaçãõ muito pequena; porque he necessario, que o Nilo ao menos suba quinze covados, para que não haja falta das cousas necessarias. Se dermos credito a Herodoto, e a Diodoro de Sicilia, a quem seguiu Bossuet, aquelle Lago tinha tres mil seiscentos estadios, ou cento e oitenta legoas de circuito, e trezentos pés de profundidade ; exaggeraçãõ incrivel ! Pomponio Mela, hum dos melhores Geografos da Antiguidade, reduz a vinte mil passos toda a circunferencia do Lago Meris; e as Relações dos Viajantes modernos lhe daõ sómente doze, ou quinze

Livraria de Osymandias.

Lago Meris muito mal descrito pelos Antigos.

Viagem de Lucas

legoas. Aqui se vê a que erros nos expõem os Antigos, quando se admite sem exame o seu testemunho.

Fabulas
publica-
das a res-
peito de
Sesostris.

Suas Con-
quistas.

Tudo quanto elles referem de Sesostris não he mais digno de credito. O Pai daquelle Conquistador, avisado por hum Oraculo do destino de seu filho, lhe dá huma educação propria para delle fazer hum Heroe. Todos os meninos nascidos em o mesmo dia, em que nasceo Sesostris são educados nos exercicios violentos, e nos trabalhos militares. Apennas Sesostris sobe ao Throno, depois da morte de seu Pai, logo emprende a Conquista do Mundo. Mil setecentos seus companheiros moços (1) chegam a ser os Capitães das suas tropas; seiscentos mil infantes, vinte e quatro mil cavalleiros, e vinte e sete mil carros de guerra compõem todo o exercito. Huma frota numerosa cobre o mar, posto que os Egypcios aborrecão a marinha por superstição. Sesostris subjuga logo a Ethiopia, passa á Asia, penetra nas Indias mais do que Baccho, e Hercules; acommette os Scythas, Colchos, e Thra-

(1) O Author da *Origem das Leis*, &c. prova com calculo judicioso, que se aquelle numero fosse certo, segundo a supposição de Diodoro, devia haver no Egypto 60 milhões de habitantes; onde se contavaõ sómente 7 milhões.

e Thracia. Obrigado Sesostris a retroceder, ainda que sem nenhum fruto das suas victorias, acha huma conspiração trama-da contra elle por seu irmão Danao, ou Armais; Sesostris dissipa aquella conspi-ração, e sómente se occupa em fazer fe-lices os seus Estados, depois de ter le-vado tão longe a destruição, e os hor-rores da guerra. Templos magnifi-cos, canaes innumeraveis, vastas cal-çadas, sobre as quaes se edificaõ Cida-des, e particularmente boas Leis, são Monumentos da sua profunda sabedoria. Observa-se tambem, que Sesostris apren-dêra de Mercurio a Politica, e a arte de reinar.

Sua volta,
e suas
obras.

Com tudo acrescenta-se, que quan-do Sesostris hia ao Templo, mandava puchar o seu carro pelos Principes venci-cidos, onde mostrava a sua grandeza. Antes seria esta a prova de huma insigne barbaridade. Tambem se diz, que Sesos-tris para poupar o seu Povo, mandára que os Estrangeiros, e os cativos traba-lhassem nas suas Obras. Por este princi-pio mereceria maiores elogios, se a Hu-manidade não lhe reprehendesse tantas victimas de huma injusta ambição.

O seu bar-baro or-gulho.

Como as menores Relações bastão algumas vezes para os Sabios combinar hum Systema, o Padre Tournemine, e

Sesostris manda sómente trabalhar os Estran-geiros nas suas O-bras.

Conjec-tura frivo-la a res-peito de Sesostris.

Rol-

Rollin depois delle julgaõ, que Sesostris he provavelmente aquelle Rei do Egypto, o qual foi o primeiro que opprimio os Israelitas com trabalhos. Que apparencia pôde haver, para que hum Conquistador taõ altivo, e taõ formidavel, tenha podido dizer dos Israelitas: *Elles saõ mais fortes do que nós.* (Ex. 2. 1.) Parece-me que tudo quanto podiaõ affirmar, he que os Egypcios tiveraõ hum Sesostris; que aquelle Principe fez cousas memoraveis, que foi Conquistador, e Legislador; porem que a respeito da extensaõ das suas Conquistas, e das circumstancias da sua vida sómente se encontraõ Fabulas contradictorias. Depois de Sesostris, o Reino sempre foi em decadencia: fruto ordinario das grandes Conquistas.

Psammético. Illustra-se a Historia do Egypto.

Conto de Herodoto a respeito da lingua mais antiga.

A continuacão da Historia do Egypto tal como se acha em Herodoto, instruido pelos Sacerdotes do Egypto, he igualmente fabulosa. As trevas dissipão-se alguma cousa no Reinado de Psammético, 670 annos antes da vinda de Jesu Christo. Este Principe franqueou os seus portos aos Estrangeiros, a Nação entrou em commercio com os Gregos. Neste lugar he onde Herodoto põe, naõ obstante, hum absurdo singular. Certifica Herodoto que Psammetico curioso de saber qual era a Nação mais antiga do

Mun-

Mundo determinou mandar criar dous meninos de modo, que não ouvissem proferir huma unica palavra. Em a idade de dois annos, os meninos exclamáraõ juntamente, e proferiraõ *beccos*, que em Frygio significa pão, e desde entaõ os Egyptios cedêraõ o passo aos Frygios a respeito da antiguidade: experiencia muito extraordinaria, diz Rollin, *se com tudo este facto deve parecer digno de fé*. Pouco falta para que o Author Francez não adopte a Fabula de Hérodoto, cujas circumstancias amplamente refere. Hum Sabio chamado Goropio Becano disse mais, o qual tira da mesma Relação huma próva, que a lingua da Alemanha alta he a lingua mãi, porque *becker* em aquella lingua significa o padeiro.

Nechos, filho de Psammético, emprende hum canal de communicacão do Nilo com o Mar Vermelho. Este grande projecto attribue-se a Sesostris. A sua execução teria chegado a ser fatal, se for verdade, como alguns Authores pretendem, que o nivel do Mar Vermelho seja mais alto, que o terreno do Egypto. Néchos, segundo dizem, largou aquelle projecto depois de ter perdido cento e vinte mil homens em os trabalhos. Em o tempo do seu Reinado, e por sua ordem, huns navegantes Fenicios giráraõ a Africa.

Emprezas
de Né-
chos.

Amasis, celebreem o anno de 570 antes da vinda de J. C. lon o visitou; Pythagoras quasi em o Solon, e Pythoras no Egyp-to.

Apriés, seu filho, foi privado do Throno por Amasis, cujo Reinado he célebre, por favorecer o commercio, e atrahir os Gregos para o seu Reino. Solon o visitou; Pythagoras quasi em o mesmo tempo aprendeo os Mysterios dos Egypcios. Amasis, não obstante estar firme em o Throno, vio que a escuridade do seu nascimento o expunha a huma especie de desprezo. He notavel a lição que Amasis deo para dissipar esta preocupação. De huma bacia de ouro, em que Amasis lavava os pés, e que servia tambem para os seus convidados se lavarem, mandou fazer huma Estatua de Divindade, a qual foi logo hum objecto de culto, e de adoração. Amasis, tendo depois ajuntado os Egypcios, e tendo-lhes dito, que o Deos que adoravaõ anteccedentemente tinha sido hum vaso destinado para os usos mais vís, concluiu, que todos o deviaõ respeitar como Rei, qualquer que fosse a sua origem. A sabedoria do Governo contribuiu sem duvida mais para determinar a veneração dos Póvos.

Subtileza de Amasis para se fazer respeitar.

O Reinado de Psamménito, filho de Amasis, he a época da sujeição daquella famosa Monarquia. Cambyses, Rei da Persia, filho de Cyrus, a subjugou, como trataremos em outro lugar, quasi em o an-

O Egypto sujeito aos Persas.

anno de 525 antes da nossa éra. O Deos Apis foi morto, os Templos reduzidos a cinzas, e os Sacerdotes agoutados ignominiosamente. O Egypto ficou quasi sempre escravo, e tributario aos Persas, até que Alexandre derribou o Throno de Cyro. Depois o Egypto formou huma nova Monarquia, da qual trataremos a seu tempo.

Passemos ao objecto o mais curioso, e o mais util. O Governo, as Leis, a Religião, os Costumes, as Artes, e as Sciencias dos Egypcios, são objectos verdadeiramente dignos das nossas attensões. Examinemo-los como homens, que procuraõ antes principios, do que factos.

C A P I T U L O II.

Governo, e Leis dos Egypcios.

QUANDO os homens ferozes se unirão, e formáraõ Sociedades; quando a experiencia lhes ensinou que podiaõ adquirir forças, sujeitando-se a humas regras, e que com menor liberdade teriaõ maior felicidade; entaõ elegêraõ hum Chêfe, cujo poder foi limitado com certas convenções. Entre todos os Povos

Nascimẽto do Governo civil.

Governo Monarquico, o mais natural.

antigos, encontra-se, e acha-se o Governo Monarquico. A sua simplicidade o conformava com os costumes, e com as necessidades daquelles primeiros tempos. Parece que a authoridade paternal foi a origem deste Governo. Muitas familias formando huma Sociedade, governava-se como huma unica familia. Qualquer Rei devia defender, e conduzir os seus vassallos, assim como hum Pai defende, e conduz os seus filhos. Finalmente era necessario alguém que mandasse : sujeitá-
 ão-se aos Reis.

Progres-
 sos da Mo-
 narquia.

Porem o Reinado ao principio não foi mais do que huma sombra do que ao depois devia ser. Tanto mais se estabelecêraõ bem os Povos em o Governo, quanto mais docéis foraõ geralmente á obediencia. De huma parte a força, e a Politica; de outra parte o bem commum, e o consentimento dos vassallos, augmentáraõ pouco a pouco o Poder Real. Aquillo mesmo, que algumas vezes foi usurpação na origem, chega a ser justo com o sello das Leis, e com a uniaõ das vontades. Voluntariamente não se supporta o jugo da Tyrannia; porem acostuma-se a servir de boa vontade a hum Senhor, para quem se olha, como para hum Protector. A Coroa, ao principio electiva, pois que era huma dádiva do

Coroa he-
 reditaria.

Po-

Povo, não podia deixar de ser algum dia communmente hereditaria, porque a tranquillidade publica requeria huma ordem de successão. Herdou-se o Direito precioso de governar huma Nação inteira, assim como tambem se herdou o Direito de succeder aos Dominios Paternaes; e posto que nisto houvesse inconvenientes, parecêrao com razão supportaveis, para evitar maiores infelicidades.

Deste modo he que se estabeleceo no Egypto a Monarquia desde tempo immemorial. Ella ahi teve as Leis para fundamento, cujo Imperio se estendia até a respeito das menores acções do Principe. A sua Corte devia compôr-se sómente de pessoas de hum reconhecido merecimento: excellentes meio, se fosse por muito tempo praticado, para desterrar da Corte o vicio, e a lisonja. Os guizados da sua meza, o emprego do seu tempo, tudo se regulava com huma rigida prudencia. O Rei era demasiadamente respeitado para se atreverem a dar-lhe reprehensões, no caso de máo procedimento; porém era advertido indirectamente das suas culpas. Todos os dias pela manhã, quando o Rei chegava ao Templo, o grande Sacerdote pronunciava hum discurso a respeito das Virtudes Reaes, pintando com as cores mais vivas

O Rei do
Egypto
sujeito as
Leis.

Como o
a lvertia
das suas
obriga-
ções.

vas os excessos, a que podiaõ arrastar o Principe a ignorancia, e a surpresa, suppondo-o incapaz de cahir nelles voluntariamente, e amaldiçoando a todos aquelles, que o obrigassem a cahir nelles com funestos conselhos. Depois do sacrificio tambem o instruaõ com a liçaõ das melhores Maximas, e com passos da Historia os mais proprios para inspirar a virtude. A Religiaõ muito respeitada no Egypto podia fazer aquelle methodo efficacissimo. O mais bello triunfo da Religiaõ era sujeitar á obrigaçaõ o proprio coração altivo dos Soberanos. Aqui se pôde já observar que os Sacerdotes tinhaõ regulado quasi tudo em o Reino.

Poder da
Religiaõ

Uso de
julgar os
mortos,
sẽ excep-
tuar os
proprios
Reis.

O uso de julgar os Reis depois da sua morte, do mesmo modo que julgavaõ os menores Cidadãos, he geralmente louvado, como huma instituicaõ admiravel. Todos tinhaõ direito de entrar em aquelle juizo como accusadores; o Povo era Juiz: se as provas pareciaõ decisivas contra o morto, era privado da sepultura. Por este meio os Soberanos se achavaõ realmente responsaveis das suas acções para com os seus vassallos, e a idéa de huma sentença, a que estavaõ expostos, lhes devia fazer respeitar os homens, e os seus deveres: supposto com tudo (o que me parece muito duvidoso) que se
atre-

atrevessem a anniquilar a memoria de hum Principe máo , quando o seu Successor se interessasse em a defender.

A pesar da impressão , que póde produzir o temor de deixar depois de si a deshonra , aquellé saudavel costume tirava talvez a sua utilidade principalmente de huma opiniaõ frivola , e absurda.

Preoccu-
pação que
fazia util
este cos-
tume.

Os Egypcios acreditavaõ , segundo dizem , que as almas ficavaõ unidas com os corpos até á sua putrefacção : olhavaõ para a sepultura como essencial para a felicidade ; e esperavaõ , com o soccorro dos balsamos , sobreviver a si proprios seculos inteiros em as suas sepulturas. Muitas vezes o Mundo se governa com as preocupações. Que vantagem não seria , se ao menos as dirigissem para o bem publico ? a persuasaõ , que a felicidade , ou a infelicidade podiaõ depender dos vivos , chegava a ser por este modo hum dos primeiros moveis do Governo Político , ligado com hum Systema Religioso.

Attribue-se a Sesostris a distribuição do Egypto em trinta e seis *nomes* , ou divisões , as quaes Sesostris confiava aos homens mais dignos de governar. Nada he mais necessario em hum grande Estado , onde os olhos do Principe necessitaõ de outros muitos olhos. As terras
eraõ

O Reino
dividido
em repar-
tições.

Reparti-
ção das
terras.

eraõ repartidas entre o Rei, entre os Sacerdotes, e os Soldados. Huma repartição semelhante annuncia antes o despotismo, e a superstição, do que a rectidão do Governo. Era conveniente sem duvida que os defensores da Patria fossem pessoalmente interessados na sua defesa. A sua propriedade era hum motivo de valor. Porem huma propriedade tão extensa tambem devia inspirar a brandura. Os Egypcios foraõ hum povo cobarde, e quasi sempre subjugado. Huns officiaes jornaleiros, sujeitos a huma boa disciplina, valeriaõ mais do que aquelles Soldados, os quaes nasciaõ de algum modo menos para combater, do que para folgar.

Grande
poder dos
Sacerdo-
tes.

Em quanto aos Sacerdotes, os seus vastos dominios pareciaõ tão sagrados, que pretendiaõ tellos recebido da mão da propria Isis. A terça parte das terras, junta com o respeito, que a Religião lhes inspirava, e com a isenção de qualquer imposto, e de qualquer encargo, os fazia muito poderosos, para que a authoridade do Sacerdocio tivesse hum contrapeso em a authoridade civil. Razaõ, por que ninguem póde deixar de vêr as instituições publicas, senaõ como obra sua. Os Sacerdotes governavaõ os Reis, e os Povos, e estavaõ sempre á testa do Con-

se-

selho. As primeiras Dignidades, a administração da Justiça, os Archivos, e os Annâes; em huma palavra, as Leis, e as Opiniões se achavaõ de algum modo em as suas mãos. Deixo para julgar, se as suas tradições, compiladas pelos Gregos, merecem muita confiança.

Alguns Historiadores certificaõ, que nem as terras dos Soldados, nem as dos Sacerdotes, estavaõ sujeitas a algum tributo. Sobre quem cahiaõ pois os tributos? não os haveria? Por outra parte, refere Herodoto, que Sesostris tinha repartido as terras, e tinha imposto hum tributo, conforme a quantidade de terreno, que cada qual possuia. Perderíamos o nosso tempo, se pretendessemos aclarar humas contradicções semelhantes, taõ frequentes em a Historia Antiga.

Os Egypcios conhecêraõ, que a felicidade dos Povos bem governados depende sobre tudo da Administração da Justiça, sem a qual o crime não castigado arrastaria logo a ruina commum. O seu Tribunal principal compunha-se de trinta Juizes eleitos em as tres Capitães, Heliopolis, Memphis, e Thebas (porque o Egypto dividia-se em tres partes). O Principe, quando lhes dava a posse, ordenava que jurassem de lhe não obedecer, se mandasse dar alguma sentença in-

Contradição a respeito dos tributos.

Tribunal principal; modo de administrar a Justiça.

jus-

justa. O Principe provia á sua subsistencia, para que defeito algum do interesse não podesse manchar huma profissão tão nobre. Os negocios tratavaõ-se por escrito com receio, que a força, e os artificios da Eloquencia não triumphassem da equidade. O mesmo modo de pronunciar as sentenças tinha hum não sei que de augusto, e de santo; o Presidente tocava com huma figura da Verdade em aquelle, cujo direito era reconhecido. Não se duvidava, que a Verdade não dictasse a sentença. Tal he a pintura delineada pelos Historiadores, se não conforme a natureza, ao menos apparentemente conforme os principios, e as regras ordinarias. Quando tratarmos dos costumes deste Povo, levantar-se-hão duvidas a respeito dos elogios, feitos prodigamente aos seus Magistrados. A Magistratura, o proprio Sacerdocio, participão sempre do contagio publico.

Leis do
Egypto.

De todos os bens da Sociedade, as Leis são, sem contradicção, o primeiro bem, como o manancial de todos os outros. Em o tempo em que quasi Nação alguma tinha policia, já as Leis do Egypto estavaõ em vigor. Honrava-se Menes por causa do estabelecimento do Matrimonio. O irmão, e a irmã podiaõ casar juntamente; porque Osiris, e Isis tinhaõ dado

o ex-

o exemplo de huma semelhante uniaõ. Deste modo as idéas supersticiosas consagraõ aquillo mesmo, que os bons costumes deveriaõ proscrever. Permittia-se a Polygamia, excepto aos Sacerdotes. Com tudo parece certo, a pesar da pratica commun dos Orientaes, que a Polygamia não se une nem com o voto da Natureza, nem com o interesse da Sociedade; porque o numero das femeas he quasi igual ao numero dos machos, e a educação dos filhos requer que o Pai, e a Mãe sejam intimamente unidos. O adultério se castigava severamente, como hum crime dos mais perniciosos, por causa dos seus effeitos, pois que destroe o fundamento da ordem civil. O homem que o tivesse commettido, era condemnado a mil açoites, e a mulher, a ter o nariz cortado. Os Soldados culpados de cobardia eraõ castigados com a nota de infamia; devendo ser mais terrivel para o Militar a vergonha, do que a morte. O calumniador soffria a mesma pena, que soffreria o accusado, se tivesse sido convencido. Cortavaõ-se as mãos aos falsarios, e aos falsos moedeiros. Sendo o primeiro objecto da Legislação a segurança dos homens, castigava-se de morte o homicidio, ainda que fosse commettido em qualquer escravo. Todo aquelle que

Polygamia.

Cástigo do adultério, da cobardia, da falsidade, &c.

Penas contra o Homicidio, e o Parricidio.

podesse livrar qualquer homem acommettido por matadores, e o não fizesse, era condemnado igualmente á morte. Se o Homicidio não se tivesse podido impedir, devia-se denunciar o culpado sob pena de ser agoutado. A Cidade mais proxima do lugar em que se achasse o cadaver, era obrigada a fazer-lhe exequias custosas; novo motivo para vigiar na conservação dos homens. Qualquer Pai, que matasse seu filho, era sómente condemnado a estar abraçado com o cadaver tres dias, e tres noites consecutivas no meio da guarda, que o cercava: julgava-se sem duvida, que a Natureza, e opprobrio seriaõ os seus algozes. As mulheres preñhes não eraõ executadas, senão depois dos seus partos, como pedia a Humanidade. As Leis ordenavaõ conservar, e educar todos os filhos. Veremos Povos inhumanos a este respeito sem escrupulo algum, ou seja pela difficuldade da subsistencia, ou seja por outros motivos.

Educação dos filhos.

Leis a respeito dos devedores.

Todos os particulares se contemplavaõ, e se consideravaõ, como membros pertencentes ao Estado. Por consequencia os bens, e não a pessoa do devedor, respondiaõ pela divida; e não se conheciaõ aquellas violencias, que causáraõ tantas perturbações na antiga Roma. Asy-
chis

chis achou meio efficaz para manter a segurança do Commercio, ordenando que o Devedor empenhasse ao Credor o corpo embalsamado de seu Pai, e que se morresse sem ter desempenhado aquelle penhor, elle mesmo seria privado da sepultura: o que era prender os Egypcios com o seu maior interesse, huma vez que a opiniaõ tivesse entre elles todo o poder.

Huma das melhores Leis he a Lei de Amasis, pela qual todos eraõ obrigados a declarar todos os annos ao Governador da Provincia a sua profissao, e os meios com que subsistiaõ. Havia pena de morte para todo aquelle, que naõ podia dar conta do seu procedimento, nem mostrar que vivia por modos licitos. A pena sem duvida era excessiva, pois que naõ se poderia castigar de outro modo os maiores crimes, porẽm o fim desta Lei era excellente; a qual impunha a necessidade de ser util, desterrava a preguiça, a fraude, e as outras pestes da Sociedade, e fazia o Cidadao responsavel á Patria das suas accões. Solon fez huma semelhante Lei em Athenas. Seria pois acaso impossivel reduzir hoje em dia a hum trabalho decente tantos miseraveis, aos quaes sómente a ociosidade faz preguiçosos? e sem os castigos com pena de morte, contra

Lei contra a ociosidade, e contra o máo procedimento.

tra o Direito da Natureza, castigando-os com outra qualquer pena, delles não se poderiaõ tirar serviços realmente verdadeiros?

Abusos
das profis-
sões here-
ditarias.

A Lei antiga que estabelecia diversas classes de Cidadãos, inteiramente distinctos, é que obrigava aos filhos a seguir a profissão de seus Pais, certamente não merece todos os elogios, que se lhe tem dado? *Obrava-se melhor*, diz Bossuet, *o que sempre se vira fazer, e o que unicamente se exercitára desde a infancia.* Obrava-se melhor? Sim, se tivessem as disposições necessarias, e se seguissem bons modelos. Por ventura hoje em dia vê-se, que o melhor Artifice, o Artista mais famoso he aquelle que teve por berço o seu Laboratorio? que direi dos Estados, onde o estudo, a reflexão, e os talentos são de huma necessidade mais indispensavel? Huma Lei semelhante na Europa eternizaria os abusos, poria, como no Egypto, hum obstaculo invencivel para a perfeição em todo o genero, e escureceria a maior parte dos talentos, que illustráraõ, ou honráraõ o Genero Humano. A Politica verdadeira não cativa a emulação; pois anima bastantemente as Artes necessarias, sobre tudo a Agricultura, para não reccar, que as desprezem; avalia tambem os talentos, e a

A emu-
lação in-
compati-
vel cõ a
distincão
das clas-
sas.

to-

todos assignala a ordem conveniente ; porém longe de levantar huma barreira odiosa entre as classes dos Cidadãos , procura com mais diligencia unillos em hum mesmo corpo ; quanto mais que huma classe muito multiplicada far-se-hia funesta áquellas , que fossem muito pouco numerosas. A confusão dos Estados parece hum mal necessario em as grandes Monarquias ; pertence aos Legisladores prevenir os seus inconvenientes principaes. Conforme alguns Escritores , todas as profissões no Egypto se honravaõ. Outro erro. No Egypto abominava-se a profissão de pastor , posto que houvesse grande numero de rebanhos , e a vida pastoril fosse tão agradável aos primeiros homens.

Poderíamos observar outros muitos abusos em a Legislação daquelle Povo tão celebre. Diodoro de Sicilia refere , que os Ladrões tinhaõ hum Chefe , depositario de todos os roubos , que faziaõ. Dirigindo-se a elle , e especificando a natureza , e as circumstancias do furto , havia a segurança de recuperar o que se considerava perdido : sómente custava a quarta parte do seu valor. Este costume havia passado em Lei. Eis-aqui pois o roubo de algum modo authorizado , e recompensado. O testemunho de Diodo-

Lei favorável para os Ladrões.

ro he suspeito em infinitas cousas. Porém acaso os admiradores da sabedoria Egypciaca recusaõ aquelle testemunho? confessemos, que o bem, e o mal são igualmente duvidosos em muitos pontos essenciaes.

Resta-nos a examinar os abusos ainda mais estranhos, como são os da superstição.

C A P I T U L O III.

Religião, e Costumes dos Egypcios.

QUANDO a Religião sómente se considerasse como hum dos laços mais fortes da Sociedade, e hum dos motivos mais poderosos para inclinar a afeição ao cumprimento dos deveres justos, parece devia ser muito respeitavel, independentemente do amor, e do reconhecimento, que pede a Divindade. Infelizmente a superstição a abate, a degenera, e produz as maiores desgraças, abusando do maior bem. A Historia nos subministra innumeraveis exemplos da superstição, sobre os quacs não se pôde persistir demasiadamente, pretendendo-se curar os homens de huma especie de en-fer-

Utilidade da Religião.

fermidade contagiosa, de que quasi todos são as victimas.

A Suprema Intelligencia manifesta-se em as suas obras. Basta contemplar na formação do Universo, na organização dos seus habitantes, na ordem, e harmonia dos seus globos immensos, para se conhecer o seu unico Author, e para o adorar. Com tudo a primitiva Religião, tão pura, e tão simples, foi suffocada por toda a parte debaixo de hum aggregado confuso de monstruosas extravagancias. O entendimento humano em vez de se humilhar na presença do Ser infinito, que não pôde comprehender, substitue em seu lugar os fantasmas. A impostura, o terror, e a imaginação realizão esses mesmos fantasmas, e os multiplicão continuadamente. Algumas vezes tambem o absurdo, com o nome augusto de Religião, subjuga talentos superiores, e os abate á miseravel, e arrastada multidão do vulgo. Como cada qual fabrica para o seu culto Deoses ridiculos, e não tão bons como malfazentes, por isso tambem se impõem, ou para lhes ser gratos, ou para os socegar, obrigações ridiculamente barbaras. Finalmente a superstição diversificada por mil modos, he o opprobrio, e o flagello do Genero Humano.

A supers-
tição alte-
ra a Reli-
gião, e faz-
se funes-
ta.

A idéa do Supremo Ser, conservada no Egypto, apesar da superstição. De Isis. Osir.

Alguns entendimentos illustrados entre os Egypcios conservavaõ a idéa de hum Ser Supremo, que denominavaõ com diferentes nomes, e cujos attributos representavaõ debaixo de diversos symbolos. Plutarco refere esta Inscriptão de hum Templo do Egypto: *Eu sou tudo aquillo que tem sido, he, e será; mortal algum ainda não levantou o veo que me cobre.* A

Hist. Universal. 1.
373.

seguinte Inscriptão ainda subsiste: *A ti, que sendo huma, es todas as cousas, a Deusa Isis.* A unidade de Deos era hum dos Mysterios, que se ensinava no Egypto aos iniciados nos Mysterios da sua Religiaõ; porém he igualmente certo, que as fabulas insensatas do Paganismo tiveraõ a sua origem no Egypto onde o Culto Divino se manchava com infames loucuras, e a superstição chegava ao ponto de ton-tice, e de furor.

Idolatria Egypcia-ca.

Principiou-se provavelmente pelo culto dos Astros, sobre tudo do Sol, e da Lua, indicados com os nomes de Osiris, e de Isis. Esta he a origem mais natural da Idolatria. Logo que se perdia a memoria do Creador, facilmente se podiaõ tomar os Astros pelos Arbitros da Natureza, a qual os mesmos Astros animaõ, e fecundaõ. A admiração, ou o reconhecimento deificou depois os mortaes. Acaba-se adorando-se animaes; e este cul-to,

to, visto debaixo de qualquer ponto que seja, he o ultimo termo do delirio supersticioso. O silencio dos Historiadores não permite dar credito a Juvenal, quando accusa os Egypcios de adorar as mesmas plantas, taes como a cebola.

O boi Apis, Divindade principal, Animaes
Deoses. que representava Sesostris, era hum touro preto com certas malhas. As honras, que se lhe rendião, as despezas para o alimentar, a desesperação depois da sua morte, e o ardor em lhe procurar successor, pareciaõ incriveis, se em semelhante caso alguma cousa devia parecer incrível. O gato, o rato da India, o caõ, a cegonha, o falcaõ, o lobo, e o crocodilo se incluiaõ no numero dos Deoses. Conservavaõ-os magnificamente, nada se poupava para o seu alimento; as pessoas da primeira classe tinhaõ grande gloria em os servir; a pompa das suas exequias correspondia a taõ loucas profusões.

Matar, ainda involuntariamente, Excessos
de zelo
por estes
animaes. qualquer dos animaes sagrados, era dos maiores crimes. O culpado não se livrava da morte. Hum Soldado Romano foi despedaçado pelo Povo, a pesar da intercessão do Rei, e do terror do nome de Roma, por ter morto hum gato involuntariamente. Diodoro, que nos refere

este facto, accrescenta que em huma fome, os Egypcios mais depressa se comiaõ huns aos outros, do que tocar em algum daquelles animaes.

Dissen-
sões cau-
sadas pelo
culto.

Os Egypcios tambem tinhaõ a infelicidade de se desunirem nas suas opiniões, e nas suas praticas Religiosas. Alli adorava-se o crocodilo; aqui o rato da India, inimigo do crocodilo: em huma Provincia reccava-se matar hum carneiro, e sómente se comiaõ cabras; em outra respeitava-se supersticiosamente a cabra, e vivia-se com a carne de carneiros. Daqui nascem os vituperios de impiedade, os odios, e as disputas. Segundo Diodoro, este era o fruto de hum Rei prudente, o qual para prevenir as rebelliões, semeou a discordia pelas Provincias, dando a todas hum Deos particular. Supposto o facto, aquelle Principe sómente deve reputar-se inimigo do seu Povo. Entregando-o ás disputas da Religiaõ, o expunha a huma guerra intestina, e irreconciliavel.

Diversas
supersti-
ções dos
Egypcios.

Quando a superstição está arraigada entre os homens, mostra-se, e reproduz-se debaixo de mil formas horrendas. Os Egypcios, em os principios, sacrificavaõ victimas humanas. Obrigavaõ-se a não comer nem favas, nem trigo, e o seu pão era de *Olyra* (provavelmente de

ar-

arroz.) Aborreciaõ certos animaes por immundos, sobre tudo o porco. Olhavaõ com huma tal aversaõ religiosa para os Estrangeiros, que não se atreviaõ a comer com elles, nem a servir-se de qualquer movel que lhes pertencesse, nem a metter na boca qualquer pedaço de carne, cortada com a sua faca. Os Egypcios, assim homens, como mulheres flagellavaõ-se em qualquer festa de Isis, e em qualquer festa de Diana commettiaõ horrorosas indecencias. Os mesmos Egypcios consultavaõ os seus animaes Deoses, como Oraculos. Praticava-se no Egypto a circuncisaõ desde tempo immemorial; Pythagoras foi obrigado a sujeitar-se á circuncisaõ para conversar com os Sacerdotes.

Aquelles Sacerdotes, os quaes podiaõ fazer grandes serviços, por causa da cultura dos costumes, prendiaõ, e governavaõ o Povo com a superstição. Como unicos depositarios da Sciencia, faziaõ crêr tudo quanto queriaõ. O seu poder excessivo mostra, que fabricáraõ os eixos do Governo, ou que os sujeitáraõ a hum movel superior, para o interesse da sua ordem. Assim que a familia reinante se extingua, era necessario collocar hum Sacerdote no Throno: pedia-se eleger qualquer Militar, porém o eleito devia

Poder excessivo dos Sacerdotes do Egypto.

ser

———
Sacerdote
Rei.

aggregado ao Corpo Sacerdotal. Sethon, Sacerdote de Vulcano chegando por este modo ao Reinado, desprezou imprudentemente o Militar, a quem despojou dos seus privilegios. Algum tempo depois necessitou do serviço Militar. Officiaes, e Soldados não o quizerão defender. Conforme as Fabulas do Egypto, Vulcano salvou Sethon por meio de hum milagre.

———
Politica
destes Sa-
cerdotes.

Sem duvida, que os Sacerdotes do Egypto geralmente conheciaõ a ridicularia de huma parte dos erros, que ensinavaõ. A sua Theologia occulta, ainda que cheia de fingimentos, era muito superior á crença popular. Tambem tinhaõ idéas sublimes do Ser infinito. Porém de que serve huma doutrina occulta, de cuja instrucção se priva o Publico? qual he a razão de occultar ao Povo as verdades mais importantes? para que he deixallo, como bruto, em huma funesta cegueira? de que serve deshonnar a Deos com loucuras, e atormentar os homens com quimeras? Politica falsa, ou cruel! Concedo que era difficiloso illustrar hum Povo taõ supersticioso, e querendo currallo daquella superstição, podia-se reccear offendello, e enfurecello. Com tudo, com sabias, e prudentes cautelas, a benefica verdade insinua-se, por toda a par-

———
Os Sacer-
dotes oc-
cultavaõ a
verdade
por inte-
resse.

parte produz o seu effeito. Não se pôde duvidar, que os Sacerdotes fizessem hum Mysterio da sua doutrina, senão unicamente porque as superstições estabelecidas lhes eraõ uteis. O pequeno numero dos iniciados nos Mysterios da Religião, ao qual os Sacerdotes se dignavaõ instruir, só chegavaõ a obter aquella graça, depois de dilatadas experiencias. Pretendia-se, segundo as apparencias, certificar-se do sujeito, e dar maior valor aos Mysterios.

Experiencias dos iniciados nos Mysterios da Religião.

Os costumes dos Egypcios eraõ taõ extravagantes, como a sua Religião. O respeito aos Pais, e Mãis, e aos Velhos, o reconhecimento dos beneficios, os sentimentos pacificos, e o amor dos antigos costumes eraõ as suas principaes virtudes, ás quaes accrescentavaõ grandes defeitos, e muitos vicios. Preguiçosos, e cobardes, passavaõ o tempo a fiar, ao mesmo tempo que as mulheres, Senhoras em casa, se occupavaõ em os negocios exteriores. As filhas, e não os filhos, eraõ obrigadas a ter cuidado de seus Pais. Os Estrangeiros eraõ desprezados, e aborrecidos. Sómente se imaginava bom, e bello, tudo o que se praticava na sua terra: preoccupações injurias geralmente para os homens, e evidentemente, contrarias ao bem, Público.

Costumes dos Egypcios.

Vaidade nacional; odio das novidades.

Em-

Em vão celebra Platao esta extrema aversão pelas novidades; em vão grandes engenhos nos dizem ainda com enthusiasmo: *Hum costume novo no Egypto era hum prodigio, onde tudo sempre era o mesmo; e a exactidão que havia em guardar, e observar as cousas pequenas, mantinha as grandes. Razaõ por que nunca houve Povo algum, que conservasse tanto tempo os seus usos, e as suas Leis.* (Bossuet, *Discurso sobre a Historia Universal.*) Que merecimento de ter conservado as más Leis juntamente com as boas, os usos ridiculos com os costumes respeitaveis, as grossceiras superstições com os sentimentos Religiosos! Para refutar este paradoxo só basta o exemplo do Egypto, sobre o qual se pretende sustentar. No Egypto tudo era sempre o mesmo. Esta he a razaõ, porque alli se obravaõ tantas cousas mal. Os abusos não se corrigem, os costumes, as Leis, e as Artes não se aperfeiçoão senão com as mudanças. A novidade muitas vezes perniciosa, tambem he muitas vezes necessaria. Sem a novidade, nem os Egypcios, nem Povo algum teria sahido da barbaridade; sem a novidade, de que nos serviria a razaõ, cujos progressos successivos devem dirigir-se á felicidade da Sociedade? O ponto principal he innovar com prudencia,

e

A novidade
deben ui-
tas vezes
necessaria.

e com sabedoria; porque muitas vezes o abuso peor he reformar mal os abusos.

Hum uso estabelecido no Egypto, conforme Herodoto, não fará julgar favoravelmente dos costumes da Nação. Para os banquetes, e divertimentos trazia-se hum esquite, em que estava hum figura de defunto, feita de pão, e segundo alguns Authores, era hum verdadeiro cadaver. Aquella figura se apresenta a cada hum da companhia, dizendo-lhes ao mesmo tempo: *Bebe, e alegrate, porque eis-aqui o que serás algum dia.*

Figura de defunto, que trazia para os banquetes.

C A P I T U L O IV.

Artes, e Sciencias dos Egypcios.

OS Egypcios devem a sua celebridade especialmente ás Artes, e ás Sciencias. Elles forão certamente os seus inventores, e a Europa lhes deve a origem dos seus conhecimentos. Attribuia-se a Osiris a invenção do arado, instrumento, que tem sido mais util para o Genero Humano, do que todos os sabios descobrimentos, pois que a Agricultura he a mãe da Sociedade. Sendo

As primeiras Artes inventadas no Egypto.

O arado.

de

de páo os primeiros arados, sem ferro, nem outro algum genero de metal, conforme a observação de M. Goguet, a Agricultura em nenhuma outra parte podia ter principio, senão no Egypto, por causa da leveza das suas terras.

Observemos aqui hum facto admiravel, o qual depende das Artes, e da industria. De todos os metaes, o ferro foi o ultimo que se achou, e que se pôz em obra. O cobre temperado supria o ferro; as armas faziaõ-se de cobre; a mesma prata chegava a ser ordinaria, quando o ferro destinado pela natureza para tantos usos preciosos, estava ainda incognito, e encoberto. He porque as operações metallurgicas para o ferro são muito mais difficultosas a inventar do que as outras.

Reflexões
a respeito
da origem
das Artes.

Esta observação convida a fazer algumas reflexões. Acostumados demasiadamente a gozar das vantagens que se achaõ ás nossas mãos, não pensamos em os esforços da industria, que foi necessaria para as produzir, nem em a multidão prodigiosa de homêns, que dellas foraõ privados. Com tudo houveraõ seculos, e ainda ha vastas Regiões, e Paizes tambem florentes, onde nunca se conheceo o alimento mais ordinario, o paõ. Quaes foraõ os admiraveis progressos, por onde

os homens püdéraõ levantar-se daquelle estado feroz, e infeliz, para o estado de cultura, de commodidade, e de perfeição, do qual gozaõ a maior parte sem o pensar? A necessidade os fez industriosos. Para se alimentar, vestir, e cobrir-se das injurias do tempo, inventáraõ logo meios grosseiros, aos quaes insensivelmente succedêraõ os melhores methodos. O acaso favorecêo a industria, e lhe abriu muitas vezes o caminho. Não imaginemos, como hum Filosofo antigo (Possidonio) que se descobríra o segredo de fazer paõ, considerando, que os grãos de trigo comidos sem preparo se moiaõ primeiramente com os dentes; que a sua substancia se desfazia depois com a saliva; e que revolvidos em aquelle estado, e tornados a ajuntar por meio da lingua, desciaõ ao estomago, onde recebiaõ o grão conveniente de cozimento. Segundo este Systema engenhoso, a arte de moer, a arte de amassar, e a arte de cozer no forno, nasceriaõ repentinamente de huma combinação subtil de idéas! Era necessario ajuntar-lhes a invenção do fermento, mais difficultoso ainda de conceber.

As Artes nascêraõ da necessidade, e da industria.

Falso Systema de Possidonio a respeito da invenção do paõ.

Semelhantes Systemas saõ meramente subtilezas do entendimento. Primeiro que se reflectisse sobre a natureza, e effei-

O acaso contribuiu para os descobrimentos.

feitos das operações animaes, soube-se provavelmente fazer a farinha, desfazella na agua, reduzilla em massa, e cozella de qualquer modo. Huma especie de instincto, antes do que o discurso produziu as Artes de necessidade. Primeiramente forão provas grosseiras, as quaes de experiencia em experiencia chegarão vagarosamente a methodos vantajosos. Sem hum concurso de felizes acasos, talvez que não se tivessem achado as cousas mais necessarias.

O uso do fogo se ignorou por muito tempo. O mesmo fogo faltou por muito tempo aos homens, ou por melhor dizer, o meio de o conservar, e de o reproduzir. Os Gregos o suppunhaõ vindo do Ceo; testemunha a Fabula de Prometheo. Em 1525 quando Magalhães aportou ás Ilhas Mariannas, os Salvagens tomáraõ este elemento por hum animal, que comia páo. Tendo-o tocado, e tendo-se queimado, não se atrevêraõ a olhar para elle senaõ de longe: receavaõ ser feridos, ou com as suas mordeduras, ou com a sua violenta respiração. Deste descobrimento para a Metallurgia, sobre tudo para a arte de empregar o ferro, que he necessario fundir, derreter, bater, aquentar, e tornar a bater, antes de forjar com elle alguma ferramenta, o intervallo parece horroroso. Em o Perú, e no Mexico,

co, onde o ferro he abundante, não se conhecia, posto que o ouro brilhasse em os templos, e servisse á magnificencia dos Príncipes. Em huma palavra, aquillo que nos parece muito simples, e facil, e que effectivamente o chegou a ser pelo costume, deve-se admirar na origem, ou como hum dôm precioso da Natureza, ou como hum prodigio da industria.

Com tudo, a qualquer distancia que na Historia se chegue, ao mesmo tempo dos Pratiarcas, achão-se no Egypto as Artes do luxo, e do appetite. As finas sedas, os bordados, os vasos preciosos, finalmente o apparato da magnificencia, annunciavaõ os talentos do Egypcio, o qual se distinguia sobre tudo pela architectura, posto que com pouco gosto, como diremos em outro lugar. O que os Antigos contaõ das suas obras, parecia exaggeraçã, se não subsistissem ainda Monumentos, de que passo a dar huma idéa em poucas palavras.

As famosas Pyramides, que muitos Escritores suppõem edificadas antes do Diluvio, resistem ainda aos rigores do tempo, que tem destruido tantos Imperios. Daquellas Pyramides conservaõ-se tres, distantes algumas legoas do Cairo, onde antigamente ficava Memphis. A maior

As Artes
cultivadas
no Egyp-
to desde
tempo im-
memoria-
vel.

As Pyra-
mides.

maior faz hum quadrado de dous mil seiscentos e quarenta pés de circuito, tendo cada lado da base seiscentos e sessenta pés. A sua altura perpendicular he quasi de quinhentos pés. Huma plataforma quasi de dezaseis pés, de cada lado, termina a summidade. Varias pedras deste prodigioso edificio tem trinta pés de comprimento, quatro de altura, e tres de largura. Pretende-se que as obras subterranneas eraõ muito mais consideraveis. Cem mil officiaes, conforme a relação de Herodoto, trabalháraõ trinta annos consecutivos, ou em preparar os materiaes, ou em construir a obra; e huma Inscripção relatava, que em quanto aos legumes com que os tinhaõ alimentado, se tinha despendido mil e seiscentos talentos, avaliados perto de dous milhões, e oitocentos mil crusados da nossa moeda.

Plínio o Naturalista, e outros muitos declamaõ contra a louca vaidade, a qual, se lhes dermos credito, inspirára aos Soberanos aquellas ruinosas emprezas. Alguns Escritores menos judiciosos imagináraõ, que aquellas Pyramides eraõ huns armazens, edificados por José, para o trigo dos sete annos da abundancia. Eis-aqui talvez hum daquelles sonhos que caracterizaõ melhor os eruditos por Systemas. As Pyramides eraõ certamente

A Supers-
tição, e
a Politica
contribui-
raõ para a
construc-
ção das Py-
ramides.

sepulturas, onde se conjectura, que os Reis, inteirados das preocupações da Nação, queriaõ eternizar a sua vida, segurando aos seus cadáveres huma habitação inaccessivel, e exposta á experiencia dos Seculos. Com aquella superstição se unio provavelmente o motivo de prevenir Guerras Civís, impondo ao Povo hum trabalho dilatado. Talvez tambem, que sendo natural dos Egyptcios o gosto dos grandes corpos de materia solida, bastasse hum primeiro exemplo para ter imitadores. Seja qualquer que for o motivo, observa-se utilmente que aquelles Monarcas, que mandáraõ edificar as Pyramides, fizeraõ-se taõ odiosos por causa do tributo do trabalho sem salario, com que opprimiraõ os seus vassallos, que não podêraõ gozar das suas sepulturas, nem fazer memoraveis os seus nomes. Não he necessario pois julgar do Governo do Egypto pela idéa, que delle daõ os Escritores, seguindo algumas Leis boas, que muitas vezes não se observavaõ.

Os Edificadores abominados por causa das suas vexações.

O supersticioso desejo de conservar os cadáveres era huma das mais fortes paixões dos Egyptcios. Razaõ porque ninguém já mais os igualou na Arte de embalsamar os mortos. Os seus corpos embalsamados duravaõ sempre; dos quaes estaõ cheias as grutas abertas nas rochas.

Corpos ãbalsamados dos Egyptcios.

Que

Preoc-
cupação
a respei-
to da se-
pultura.

Que cousas não inspira a preocupação? Respeitar até as cinzas de seus Pais he hum sentimento louvavel, e natural; porém aqui obra muito mais a superstição do que o sentimento. Rollin diz a este respeito, *que o uso de queimar os corpos he cruel, e barbaro, pois se apressão a destruir o que fica das pessoas as mais amadas.* O mesmo Rollin considera, que não se imaginou cousa melhor do que os enterros ordinarios: como se houvesse maior humanidade em entregar aquelles restos preciosos aos bichos, e á podridão. Tantos juizos falsos são uteis para se observar; os quaes nos devem ensinar a usar da nossa razão, sem sermos escravos das opiniões alheias.

Os Egy-
pcios não
tinhaõ
gosto.

Tambem he huma preocupação muito ordinaria, louvar o gosto dos Egypcios. Conforme Bossuet, *os Egypcios sómente amáráõ hum atrevimento regulado; só procuráraõ a novidade, e a admiração na infinita variedade da Natureza.* Porém a sua paixão para os Colossos, acaso não desmente aquelle elogio? Ainda se vê huma cabeça de Esfinge, a qual tem trinta a sinco pés de circuito, e vinte e seis de altura. Em aquelles espantosos corpos de materia sólida, que o tempo respeitou, não se acha nem risco, nem proporções, nem belleza. O seu principal me-

merecimento consistia em fazer tudo agigantado.

Naõ descreveremos o Labyrintho, Palacio famoso, cuja construcção se attribue a doze Reis, os quaes reinavaõ ao mesmo tempo, quasi no anno de 600, antes da vinda de Jesu Christo. Em hum circuito sómente se incluiaõ, segundo dizem, tres mil salas, communicando-se todas huma com as outras por meio de infinitos rodeios. Os Obeliscos saõ mais conhecidos. Em o Egypto haviaõ muitos feitos inteiriços de cento e oitenta pés de altura. O Obelisco de Ramessés, muito maior, tinha sido trabalhado por vinte mil homens, se dermos credito aos Antigos. Este Obelisco vê-se em Roma, para onde o mandou transportar o Imperador Constancio, e onde Sixto V. o restabeleceo. Em quanto ás maravilhas, que se contaõ da Cidade de Thebas, e as cem portas, que lhe dá Homero, por cada huma das quaes podiaõ sahir dez mil Soldados (posto que Herodoto só conta quarenta e hum mil Soldados em todo o Egypto), he esta huma exaggeração fabulosa, que deshonoraria a Historia. Contentemo-nos em admirar huma cousa verdadeiramente admiravel, a industria dos Egypcios em tirar do centro das montanhas as pedras prodigiosas, que empre-

Labyrintho.

Os obeliscos.

Thebas.

Industria em transportar enormes pedras.

gavaõ, em as transportar para muito longe, por meio dos canaes do Nilo, e em as suspender no ar com muito menos soccorros, que nós temos.

Sciencias.

As Sciencias unidas com as Artes.

Os progressos em as Artes, provaõ habilidade em as Sciencias. Entre humas, e outras ha huma uniaõ intima, e hum correspondencia necessaria. Onde florecem as Artes, hum numero de engenhos felizes excitaõ-se para as meditações, e para as profundas indagações, em que consagraõ o seu tempo com ardor, e adquirindo luzes, as quaes logo se espalhaõ, abrem para as Artes novas origens de perfeição, e de riquezas. Não se pôde duvidar, que os Egypcios não tivessem principios de Mecanismo, de Geometria, e de muitas partes das Mathematicas, quando os vemos medir justamente as terras, distribuir as aguas do Nilo por infinitos canaes, medir exactamente o crescimento daquelle rio, fabricar, e empregar todas as qualidades de maquinas, e sobre tudo medir o tempo, e calcular a revolução dos Astros.

Neceffidade da Astronomia.

Se a Astronomia teve a sua origem entre os Egypcios, ou entre os Caldeos, ou em outra qualquer parte, he questão certamente impossivel de decidir, e que importa pouco examinar. Os dous Povos, os mais antigos, cultiváraõ aquella

la Sciencia necessaria, não sómenre para a Geografia, para a Navegação, e para a Chronologia, porém para a Agricultura, e para a ordem da vida civil; porque tanto as operações do Lavrador, como os negocios da Sociedade, e os exercicios do culto, não se regulaõ senão por huma divisaõ exacta do tempo, e pelo conhecimento do movimento periodico dos Corpos Celestes. Parece que os Egyptios foraõ os primeiros que tiveraõ o anno de doze mezes. A observação das fazes da Lua produzio facilmente aquelle descobrimento. Logo ao principio, o anno foi puramente Lunar, de trezentos sincoenta e quatro dias, taõ differente do verdadeiro anno Solar, que em menos de dezasete annos a ordem das Estações se transtornava absolutamente. Foi necessario consultar o Sol, observar a sua volta para certas Estrellas fixas; foi necessario medir o anno pelo curso deste Astro. Como era difficultoso acertar, fez-se o anno de trezentos sessenta dias sómente, dando-se trinta dias a cada mez. No fim de trinta e quatro annos humas Estações tinhaõ tomado o lugar das outras. Finalmente, depois de novos estudos, formou-se o anno de trezentos sessenta e sinco dias, e os Astronomos do Egypto descobrirão que a revolução do Sol era

Anno Lunar, e anno Solar, descobertos pelos Egyptios.

Até onde
se esten-
dia a sua
Astrono-
mia.

maior algumas horas. Os Egypcios conheciam o Zodiaco, o qual dividiram em doze Signos, de trinta grãos; descobrimento tão antigo, como difficiloso. Os mesmos Egypcios eram instruidos do movimento dos Planetas, e da causa dos Eclipses; calculavam os Eclipses do Sol, e figuravam ser a Lua como huma terra etherea. Provavelmente tinham adquirido a idéa da pluralidade dos Mundos, e do movimento da Terra; pois que os Pythagoricos, instruidos na sua Escola, nos transmittiram as noções daquelles dous Systemas. Huma prova ainda subsistente das suas instrucções, he que os lados da Pyramide principal correspondem precisamente aos quatro pontos cardeaes.

A supersti-
ção lhes
fazia abor-
recer o
mar.

Quantos mais motivos ha para admirar, que os homens, sem olhos, sem pendulas, e sem algarismos Arabicos, tenham podido elevar-se a tão altos conhecimentos; quanto menos se concebem as nescias preocupações, que offuscavam a sciencia dos Egypcios. Ainda que attribuissem a Isis a invenção dos mastros, e das vélas, com tudo abominavam por huma vã superstição o Mar, e a Marinha. Os Egypcios viao em o Mar o emblema de Tyfon, o inimigo de Osiris. De hum semelhante delirio Theologico, nascia a aversão áquelle Elemento. Os Sa-
cer-

cerdotes tinhaõ tal horror ao Mar, que não comiaõ nem peixe, nem sal. Logo he huma conjectura provavel, que as Colonias Egypciacas passáraõ para a Grecia em navios Phenicianos. Sesostris, segundo a Historia, foi o primeiro que se atreveo a vencer esta preocupação, armando huma frota. Aquelle Conquistador mandou levantar o Mappa dos Paizes, por onde tinha viajado. Sem Sesostris, a Geografia, hum dos principaes estudos dos Sacerdotes, comprimir-se-hia em os limites do Reino. Por ventura, não he natural pensar que humas opiniões tão ridiculas tivessem hum fim de Politica? Communicando-se com os Estrangeiros, podiaõ-se mudar os costumes: podiaõ chegar a ser menos flexiveis ao jugo dos Sacerdotes.

Geografia
cultivada
no Egyp-
to.

O genio supersticioso dos Egypcios se encontra até na sua Medicina; a qual consistia ao principio em diversas receitas, as quaes se transmittiaõ de Pais a filhos, e que se applicavaõ sem dúvida á sofre. Os enfermos eraõ expostos, a fim que os passageiros os podessem socorrer com os seus conselhos. Recolhendo-se, e depositando-se em os Templos as réceitas, fez-se destas hum corpo de Medicina. Livros Sagrados continhaõ os preceitos, que era necessario seguir para o curativo das en-

A sua Me-
dicina su-
persticio-
sa.

fer-

fermidades. Se os Medicos se apartassem delles, e os seus enfermos morressem, eraõ castigados com pena de morte. Sómente esta Lei devia matar huma grande quantidade de enfermos. Era prohibido, conforme o testemunho de Aristoteles, abalar os humores, ou purgar antes do quarto dia. Operações magicas punhaõ o cumulo áquelles abusos; ao menos tudo contribue para se crer.

— Os Egypcios não se atreviaõ a anatomizar os cadáveres.

A Arte de embalsamar os corpos taõ aperfeiçoada no Egypto, mostra que a Botanica era cultivada com successo; porém não a Anatomia, por mais que digão a seu favor os Panegyristas dos Egypcios. Os cadáveres não eraõ anatomizados, nem taõ pouco se abria a cabeça para os embalsamar; olhavaõ para elles religiosamente, sem procurar conhecimento algum util. Ainda mais, qualquer que tocasse em corpo humano, era digno de horror; e os que faziaõ a operação, fugiaõ desde logo, temendo que os matassem. Esta preocupação ainda se conserva entre os Chinezes, dos quaes observaremos a singular semelhança com os Egypcios. A Historia dos Povos he quasi sempre a da fraqueza do entendimento humano, a pesar dos prodigios de sagacidade, e de industria que nos offerece.

Da-

Da Filosofia Egypciaca sabe-se pouca cousa. Humas vezes se confundia com a Theologia, outras vezes unia-se com a Moral, mais importante que todas as especulações. A sua Filosofia remontava até ao primeiro Ser. Os Egypcios o representavaõ em a figura de hum homem com o Sceptro na mão, e de cuja boca sahia hum ovo. Aquelle ovo, Symbolo do Mundo, se encontra entre os Caldeos, os Persas, os Indios, os Gregos, e os Chinezes. Huma idéa tão singular passou provavelmente de Povo em Povo. Todos podéraõ reconhecer por meio da razaõ o Arquitecto do Universo; porém representar a sua obra na figura de hum ovo, he o que a propria imaginação não póde inventar em muitos Paizes.

 Filosofia:

 Ovo, Symbolo do primeiro Ser.

Antes de concluir este Artigo, digamos huma palavra da invenção admiravel, por meio da qual se pintou o pensamento, e a palavra, se conservou a memoria das cousas antigas, e se communicou a todos os seculos hum montão de verdades, e de erros, dos quaes estão cheios os Archivos do Mundo. A Escritura na sua origem, foi huma representação dos objectos materiaes. Delineava-se a figura de huma arvore para expressar huma arvore, e differentes figuras, para expressar huma acção completa.

 Invenção da Escritura.

plicada, ou huma mistura de muitas cousas. Este methodo não podia ser de grande uso. Foi necessario que resumissem, e simplificassem aquelle methodo, inventando sinaes, que expressassem os movimentos da alma, as operações do entendimento, &c. finalmente Symbolos, que fossem communs para diversos objectos. Taes eraõ os Jeroglyficos. Por espaço de muito tempo não se conheceo outra Escritura. Os Sacerdotes Egypcios conserváraõ o seu uso ainda depois da invenção dos caracteres alfabeticos, a fim de poder occultar a sua Sciencia aos olhos do vulgo.

Jeroglyfi-
cos.

Caracte-
res alfabete-
ticos.

Nada ha mais simples na apparencia, nem de mais engenhoso com effeito do que esta ultima invenção. Hum numero pequeno de sinaes, representando separadamente cada vogal, e cada consoante, exprime sem trabalho todos os pensamentos, e inclue distinctamente em hum espaço muito pequeno, o que infinitos Jeroglyficos só podiaõ fazer com muita confusão, e com muita escuridade. Ignora-se a epoca do seu descobrimento, donde segue-se ser muito antigo; porém conjectura-se, que todos os caracteres alfabeticos se derivaõ da mesma origem, não obstante a sua grande differença. As nossas letras modernas vem dos Latinos;

Conjectu-
ra-se q os
caracteres
alfabeti-
cos nas-
cem to-
dos da
mesma o-
rigem.

as

as Latinas dos Gregos; as Gregas dos Phenicios, cujos caracteres são os mesmos, que os dos Samaritanos. Todas aquellas Linguas tem hum alfabeto, o qual segundo as apparencias tambem era o alfabeto do Egypto. (Vid. *a Origem das Leis, das Artes, e das Sciencias*, Part. 1.)

Combinando as individuações que acabamos de examinar, concluir-se-ha, que os Egyptios tinhaõ o genio da invenção, porém pouco gosto, e pouco discernimento; que depois de ter dado grandes passos nas Artes, e nas Sciencias, ficáraõ no meio do caminho sem nunca alcançar o fim; que foraõ os Mestres da maior parte das Nações, e escravos dos seus proprios usos; que tinhaõ Leis boas confundidas com abusos enormes; que a sua Religião degenerava em absurda superstição, o seu amor da paz em cobardia, a sua estimação da Patria em nescio orgulho; as suas idéas falsas de grandeza só produziaõ commummente cousas agigantadas; finalmente julgando-se com imparcialidade, devem-se abater muito os elogios, que lhes deraõ prodigamente os Gregos, e os seus Copistas. Porém acaso pôde-se dizer juntamente com hum Author moderno, *que nesta Nação só haviaõ duas cousas mediocres; a*

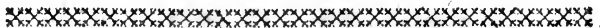
Os Egyptios foraõ muito admirados.

Hum Moderno abate os Egyptios demasiadamente.

primeira he, que os que adoravaõ hum boi, nunca quizerãõ constranger a mudar de Religiaõ aquelles que adoravaõ hum macaco; a segunda he, que sempre fizeraõ sabir frangãos dos ovos em fórnos ? Huma galantaria não

Dict. Phil.
Artigo A-
pis.

desfaz os Monumentos da Historia. De mais disso, entre obrigar a qualquer homem a mudar de Religiaõ, e o aborrecer por não seguir o mesmo culto; ou o despedaçar por matar involuntariamente hum gato, hum caõ, &c. a differença he muito pequena, para com ella se honra-rem os Egypcios.



CHINEZES.

Antigui-
dade pro-
digiosa
que os Chi-
nezes se
attribuẽ.

AS correlações singulares dos Chinezes com os Egypcios, nos offerecem neste lugar huma materia curiosa de observações, as quaes só tocarei. Tanto as Antiguidades da China, como as do Egypto perdem-se em hum abysmo de fabulas; onde se vê huma serie de periodos, e de Dynastias imaginarias, que incluem milhões de annos. Antes de Fo-hi, o Fundador da Monarquia, vê-se; na China

os homens vivendo como brutos , andando vagabundos de huma , e outra parte pelos matos , sómente cuidando em dormir , e em faltar-se , devorando até as pennas , e pello dos animaes , cujo sangue bebiaõ ; ignorando o Matrimonio , e toda a qualidade de Leis , e de Sciencias. Naõ obstante a origem das Artes na China remonta além dos tempos conhecidos.

Hoje os verdadeiros Sabios da China naõ adoptaõ huma Chronologia fabulosa. Confessaõ que no anno 213 antes da vinda de Jesu Christo , hum dos seus Imperadores (Chi-hoam-ti) mandou queimar todos os Livros Historicos , porque os Eruditos tiravaõ delles exemplos contra o seu fasto , e contra as suas construcções. Hum corpo completo de Historia appareceo cento sincoenta annos depois daquella época. O Author da Obra naõ dissimula , que naõ pôde achar certeza alguma , além do termo de oitocentos annos. Com tudo , as observações Astronomicas , reprovadas por huns , e sustentadas por outros , remontaõ a muitos annos mais. Os Chinezes põem a primeira de todas cento sincoenta annos antes de Yao , hum dos seus Imperadores , cujo Reinado , segundo M. Fréret , precedeo a nossa era quasi 2145 annos

Quanto
he suspei-
ta a sua
Historia
antiga.

A sua pri-
meira ob-
servação
Astrono-
mica.

nos (1). Sem entrar nestas discussões, sem pronunciar sobre a authenticidade dos annaes Chinezes (taõ respeitaveis aos olhos dos Authores Inglezes da Historia Universal, os quaes confundem Noé com Fo-hi, o primeiro Monarca da China), exponhamos aqui outro systema mais interessante, porém que não passa de ser hum systema.

Systema de M. de Guignes, da Academia das Inscriptões, e Bellas Letras, sustenta que hum Coloniza Egypciaca se estabelecêra na China em o anno de 1122 antes de Jesu Christo; que lhe transportára a Historia do Egypto, que se enxertou com a Historia verdadeira Chinezã; e que as duas primeiras Dynastias dos annaes da China são aquellas dos Reis de Thebas, em o Egypto superior. De Guignes observa que o Fundador da terceira se representa como hum conquistador, que divide as Provincias, que dá soberanias a Capitães, e aos seus amigos; accrescentando que, pela confissão propria dos Chinezes, ha Povos para o Occidente, e além do mar Caspio, cuja origem lhes

(1) Esta Observação chegaria ao Diluvio, seguindo a Chronologia do Hebreo, o qual o colloca em o anno 2348 antes da nossa era. Porém conforme o Samaritano, ser-lhe-hia posterior quasi 700 annos.

lhes he commum. Finalmente insiste sobre a conformidade dos caracteres Chinezes com as letras Egypciacas, e Fenicias, pretendendo que aquelles caracteres são humas especies de Monogrammos formados daquellas letras.

Seja o que for (porque outros Sábios accommettêraõ particularmente o ultimo Artigo do seu systema), não se pôde negar, que ambos os Povos não tenham entre si huma semelhança notavel em muitas cousas. A Escritura Chinezã he com pouca differença da mesma natureza, que os Jeroglyficos antigos do Egypto; os costumes, e os usos Chinezes são muito mais semelhantes aos dos Egypcios. O mesmo respeito para os Reis, para os Pais, e Mães; a mesma prevenção a favor do merecimento nacional, e contra os Estrangeiros; a mesma applicação á Agricultura, os mesmos progressos nas Artes, e nas Sciencias, sem gosto, nem perfeição; o mesmo amor da tranquillidade, e da paz; a mesma civilidade, cheia de ceremonias indispensaveis; o mesmo amor supersticioso para os usos antigos, e por consequencia os mesmos embaraços no genio. Assim os Chinezes, como os Egypcios, só admiraõ o que elles fazem, e fazem sempre o que tem feito desde tempo immemorial.

Semelhã-
çados Chi-
nezes com
os Egyp-
cios.

Em

Testem-
nho de An-
son a res-
peito dos
Chinezes.

Em a viagem do Cavalleiro Anson se lem particularidades, que pintaõ o seu character. Assim que aquelle Almirante chegou ás costas da China, hum numero incrível de barcos de pescadores rodeáraõ a náo, superior a todas as forças navaes do Imperio, sem que ninguem daquella gente parecesse dar attençaõ a hum objecto digno certamente de os admirar. O Author assevéra que os Chinezes deraõ mais de huma prova semelhante de indifferença. *Eu não sei, diz o dito*

Viagem do
Cavalleiro
Anson, L.
3. c. 6.

Cavalleiro, se aquella disposiçaõ da alma he entre elles hum effeito de temperamento, ou de educaçaõ; porém seja qual for a sua causa, parece-me ser o sinal de hum character muito baixo, e muito desprezível, e não concorda com os elogios, que tantos Authores daõ ao genio daquella Naçaõ, e que por isso os julgo muito excessivos. Anson descreve depois os Chinezes como hum Povo

Ibid. c. 10.

velhaco, hypocrita, ladraõ, e cobarde; cuja Moral, e Governo saõ mais dignos de vituperios que de louvores. Escriitores judiciosos pensaõ hoje do mesmo modo, não obstante os magnificos elogios, que diversos Missionarios deraõ prodigamente aos Chinezes.

Em a Chi-
na habons
princi-
pios; po-
rém mala-
bragados.

Sem attribuir esta semelhança com os Egypcios a huma causa muito duvidosa, ao estabelecimento de huma Co-
lo-

lonia Egypciaca nos confins da Asia, observo ainda hum ponto importante. Em o Governo Chinez ha, assim como tambem em o Governo do antigo Egypto, principios admiraveis de sabedoria; e se o Monarca, e os Mandarins cumprirem com o seu dever, a China poderia servir de modelo a todas as Nações. Porém em primeiro lugar, a Seita de Foe, prégada pelos Bonzos (especie de Monges do Paiz), corrompeo por meio de huma louca superstição a Moral sã, e a Religião pura de Confucio. Em segundo lugar os Mandarins, aquelles Governadores, aquelles Magistrados tão famosos, desprezados continuamente por interesseiros, fazem hum commercio infame da justiça, e do bem público. Tudo depende do Imperador, as mesmas Leis, das quaes só elle he o interprete. O Imperador, conforme Montesquieu, he hum despotico, a quem mais depressa a força dos usos antes do que a força da Legislação impede ser tyranno.

Se o Imperio da China, o mais rico do Universo, subsiste ha milhões de annos, sempre governado pelos mesmos principios, ainda que conquistado duas vezes pelos Tartaros, eis-aqui as razões principaes daquella maravilhosa estabilidade. A opulencia do Imperador, cujas rendas impor-

taõ

Causas da
antiga es-
tabilidade
do Gover-
no Chinez.

tao em quatrocentos milhoes de cruzados , naõ lhe deixa desejo algum de mudar a constituição , nem motivo algum de commetter injustiças escandalosas. Os Letrados, os quaes saõ os unicos , que conseguem os Cargos, estaõ sujeitos a hum estudo frivolo ; pois que a vida humana naõ basta para conhecer os caracteres da Escriptura, em numero quasi de oitenta mil. Aquelles Letrados naõ pódem pois ter grandes intentos : ordinariamente limitaõ-se em fazer a sua corte como escravos, e talvez a sua fortuna, como ladrões. Finalmente o Povo , occupado todo na Agricultura, em ganhos fracos , em ritos, e em ceremonias ; inclinado por gosto aos usos antigos, por costume, e por principios ao antigo Governo ; faz consistir a sua felicidade em viver, e em obedecer ; incapaz de se mover , com tanto que lhe deixem os seus costumes, e os seus modos , os quaes unem, e ligaõ a constituição do Estado. Os Chinezes fazem hum espectaculo unico no Mundo , ou por causa da duração do seu Imperio, ou por causa da diversidade das suas Maximas. Porém o seu exemplo, e o dos Egypcios provaõ que a servil sujeição dos costumes nacionaes, contribue para perpetuar em huma Nação toda a equalidade de abusos, e para
a pri-

a privar de infinitas vantagens. (Vide Mably , *Duvidas a respeito da ordem natural* , &c.)

Para não perder a occasião de dar a conhecer hum grande homem , honrado ha mais de dois mil annos em a sua patria , e cujos descendentes tem unicamente a nobreza hereditaria , acrescentaremos neste lugar algumas palayras a respeito de Confucio, Filosofo o mais respeitado , que tem existido no mundo , pois que nelle fez o maior bem possivel. Confucio nasceo de huma Familia illustre , quasi 550 annos antes de Jesu Christo. Desde a idade de quinze annos preferio o Estudo das Letras, e da Filosofia a todos os prazeres da Mocidade. O seu merecimento o elevou ás honras. Feito Mandarino , e Ministro de Estado , vio de perto os vicios de huma Corte voluptuosa , e não lhe podendo dar remedio com os conselhos , retirou-se para ensinar a Moral a huns homens dignos de a ouvir. Em pouco tempo teve , segundo dizem , mais de tres mil discipulos , muitos dos quaes adquirirão grande reputação de sabedoria. A sua Filosofia consistia menos na especulação , do que na prática : razão porque deitou mais depressa Sabios , que Discursistas. Algumas das suas Maximas darão idéa da sua Filosofia. Eu as tiro da

O Filosofo
Confucio.

Encyclopedia , artigo *Chinezes* , sem as poder contestar.

Maximas
de Confu-
cio.

1 O Filosofo he aquelle , que tem hum profundo conhecimento das cousas , e dos Livros , que péza tudo , que se sujeita á razão , e que caminha com passos certos , e seguros pelos caminhos da Verdade , e da Justiça.

2 Ha huma certa razão , ou rectidão Celeste , cuja foi dada a todos : ha hum supplemento humano áquelle dom , quando se perdeo. A razão Celeste he do Santo ; e do Sabio he o supplemento.

3 O Sabio he o seu Censor mais severo ; he a sua testemunha , o seu accusador , e o seu juiz.

4 A caridade he aquelle amor , constante , e racional , que nos sacrifica ao Genero Humano , como se não fizesse connosco senão hum só individuo , e que nos acompanha , ou nas suas infellicidades , ou nas suas prosperidades.

Se os Chinezes tivessem sido conhecidos pelos Gregos , occupariaõ huma grande parte na Historia Antiga , onde com tudo não se achão nomeados. Remetto para a Historia Moderna algumas individuações a respeito daquelle Povo , hoje em dia célebre.

ASSYRIOS, E BABYLONIOS.

C A P I T U L O I.

Antiguidades destes Póvos.

AS trévas, que cobrem a Historia do Egypto, não são nada em comparação das trévas, que escondem as Antiguidades dos primeiros póvos da Asia; onde apenas se vê apparecer huma sombra de verdade. Se nos referirmos á multidão dos Historiadores, Ninive, e Babylonia, posto que pouco remotas huma da outra, erão duas Cidades immensas, Capitães de dois grandes imperios. Porém se, remontando as origens, pezarmos os testemunhos, e consultarmos a Crítica sem prevenção, nem teima, mostrar-se-ha, que os Assyrios, e os Babylonios foraõ logo confundidos, e formáraõ huma só Nação, unidos debaixo do mesmo Imperio, e ambos aquelles nomes não indicavaõ muitas vezes senão o mesmo Estado.

Os Assyrios, e os Babylonios, confundidos em hum mesmo Estado.

Para espalhar, e perpetuar Fabulas, bastou em todo o tempo, que hum Au-

Ctesias Author das Fabulas a respeito da Assyria.

Copiado
por Diodoro.

thor famoso as publicasse, e que outros Escritores, como succede sempre, depois as repetissem. Ctesias de Gnide, Medico de Cyro o Moço, he o pai de todas as falsidades, tantas vezes escritas a respeito do Imperio Assyrio. Diodoro de Sicilia, contemporaneo de Cesar, copiou as Relações de Ctesias; varios Historiadores, que depois se seguirão, copiárao Diodoro; huma origem corrupta infestou quasi todos os canaes da Historia. Que valor póde pois ter a authoridade do Medico de Cyro? Aristoteles o julgava indigno de credito. Todos confessão, que a sua Historia da India estava cheia de ficções, as quaes attestava afoutamente como testemunha ocular. Convencido de imposturas a este respeito, não as devia impôr pelo que pertence a outros objectos, e tanto menos o devia, que a sua propria Historia de Assyria tinha caracteres cheios de conhecidos absurdos. Ouçamos por hum instante Ctesias, e Diodoro: ponhamos de parte toda a preocupação, e não temamos ser nós mesmos os Juizes.

Relação
de Ctesias, e de
Diodoro a
respeito
de Nino.

Nino, possuido do furor das Conquistas, subjuga Póvos infinitos desde o Egypto até á India. Suspende as suas expedições para fundar Ninive, a que Diodoro colloca não sobre o Tigre, porém

sobre o Eufrates : erro do Copista talvez , que merece observar-se. Ninive levanta-se rapidamente ; as suas muralhas tem cem pés de altura ; mil e quinhentas torres altas ornaõ , e defendem aquellas muralhas ; a circumferencia da Cidade he de quatrocentos e oitenta estadios , avaliados em vinte sinco , ou trinta legoas. Seguindo tambem a reduccaõ dos estadios proposta por Mr. de l'Isle , Ninive he ainda sete vezes maior que Paris.

Depois de acabada aquella obra, Nino torna a tomar as armas , na frente de hum milhaõ de Combatentes. Semiramis , mulher de hum dos seus Officiaes , distingue-se no Exercito por causa das suas heroicas façanhas. O Rei casa com Semiramis , e lhe deixa a Coroa. A ambiciosa Princeza tambem pretende immortalizar-se ; edifica Babylonia em poucos annos : Babylonia mais soberba do que Ninive , tem muralhas taõ grossas , que seis carros podem rodar por ellas emparelhados. Os caes , e a ponte sobre o rio Eufrates , os jardins suspensos , os prodigios de Architectura , e Escultura , o Templo de Belo , em o qual havia hum Estatua de ouro de quarenta pés de altura ; tudo he obra de Semiramis. A mesma Semiramis manda edificar outras

A respeito
de Semira-
mis , e de
Babylonia.

Ci-

Cidades; vai conquistar Reinos; marcha contra o Rei da India, com tres milhões de homens de Infantaria, quinhentos mil de Cavallaria, cent mil carros, &c. Para suprir os elefantes que lhe faltaõ, imagina o seguinte, e admiravel estratagema. Mataõ-se por ordem sua trezentos mil bois pretos; com as suas pelles preparadas, e feitas com a fórma de elefantes, cobrem-se outros tantos camelos, que se fazem marchar em ordem de batalha. O estratagema não teve bom exito; a Heroína foge derrotada, e ferida; morre algum tempo depois nos seus Estados.

Nadas de
memora-
vel na His-
toria da
Assyria
depois de
Ninyas.

Ninyas seu filho, só he fantasma de Rei. Depois deste Principe, não se apresenta hum só facto digno de se citar, em o espaço de mais de oitocentos annos, até ao Reinado do voluptuoso Sardanapalo. Este Principe, sitiado por Arbace, Governador dos Medos, queimou-se, segundo dizem, com as suas mulheres, e com os seus thesouros juntamente. Aqui acabou a Monarquia dos Assyrios, á qual Ctesias, e Diodoro daõ quatorze seculos de duraçaõ, ao mesmo tempo que Herodoto só lhe dá quinhentos e vinte annos. Supprimo toda a reflexaõ a respeito daquella Relaçã, porque julga-se ter lido contos de fadas.

Nem-

Nemrod, bisneto de Noé, fundou, segundo a Escritura Sagrada, o Imperio de Babylonia. Como Berosé, Sacerdote Caldeo, o qual escrevia, assim como também Manethon, no seculo de Alexandre, dá a este Imperio huma prodigiosa, e incrível duração, jactando-se de ter descoberto memorias, que chegavaõ a cento e sincoenta mil annos. Porém Berosé, em lugar de factos, enche os seus Annaes sómente de nomes suppostos de Principes; e a fim de dar huma côr á sua impostura, diz que Nabonassar na consideração de passar pelo primeiro Soberano de Babylonia, supprimio todas as Historias da Nação.

Antiguidades de Babylonia, conforme Berosé.

A época de Nabonassar se fixa no anno de 747, antes de Jesu Christo: em cujo tempo principiaõ as Observações Astronomicas dos Caldeos, que Ptolomeo nos transmittio. As Observações que se pretende terem sido mandadas por Callisthenes a Aristoteles, e que abraçavaõ hum espaço de 1907 annos, parecem muito duvidosas. Os Astronomos antigos não fallaõ dellas. Simplicio, Filosofo do sexto seculo, sómente faz dellas menção sobre a fé, e a palavra de Porfyrio. He para admirar, que Rollin admitta as suas Observações; as quaes em a sua Chronologia chegariaõ ao tempo do Diluvio.

Época de Nabonassar 747 annos antes de J.C.

Observações Astronomicas.

O Impe-
rio Assy-
rio pouco
antigo,
segundo
os Ingle-
zes.

Os Authores Inglezes da Historia Universal pretendem que a Historia verdadeira da Assyria, só se deve tirar da Biblia, e principia em Phul, o qual fundou o Reino 771 annos antes de Jesu Christo. Os seus Successores, particularmente Salmanasar, e Sennacherib forão os flagellos da Judéa. Os mesmos Sabios conjecturaõ, que Nabonassar he o Nino de Ctesias; que Semiramis (supposto ter havido huma Rainha deste nome) era sua mulher; e que he necessario attribuir as grandes obras de Babylonia a Nabuchodonosor, taõ célebre por causa da tomada de Jerusalem, e pelos prodigios, que a Escriitura refere a seu respeito. Porém acaso póde-se dar credito, que as tradições a respeito da Antiguidade daquelle Imperio sejaõ inteiramente falsas, pondo sobre tudo, os Livros Santos assim a fundação de Ninive, como a fundação de Babylonia, pouco tempo depois do Diluvio?

Tudo o que os Sabios imagináraõ, ou para averiguar a verdade, que póde haver entre as Fabulas antigas, ou para conciliar os Historiadores Profanos com os Livros Santos, nos opprimiria o entendimento com huma inutil, e pezada erudição. Depois de Sardanapalo, desaparece quasi em a Historia Profana, o

Im-

Imperio dos Assyrios, e Babylonios; entã he que exactamente Ninive, e Babylonia apparecem claramente na Historia dos Judeos. Só esta difficuldade deo materia para se publicarem innumeraveis Volumes de Systemas, e de conjecturas, sem que por isso esteja nem mais exaurida, nem mais illustrada. Consagraremos o nosso tempo ás indagações mais uteis. Tudo quanto a Providencia encobrio com trévas impenetraveis, não he da importancia do Genero Humano.

C A P I T U L O II.

Religião, Sciencias, Costumes dos Babylonios.

A Mesopotamia, situada entre o Tigre, e o Eufrates em hum dos melhores climas da terra, disputa ao Egypto a vantagem de ter sido o berço das Artes, e das Sciencias. As vastas planicies de Babylonia, debaixo de hum clima puro, e agradável, no centro de todas as riquezas da Natureza, erãõ particularmente favoraveis para as Observações Astronomicas. Tambem os Babylonios, ou por melhor dizer os Caldeos, seus Sacerdotes, dos quaes a Caldea tomou o nome,

A Astro-
nomia an-
tiquissi-
ma entre
os Cal-
deos.

me, passão communmente pelos primeiros Astrónomos, apezar das pretensões dos Egypcios, os quaes se attribuião a superioridade em todo o genero, aos quaes os Gregos a concedêrao sem pensar, porque se haviaõ instruido em as suas escolas. Pois que a Mesopotamia foi naturalmente povoada antes do Egypto, e não sendo inundada como elle, alguma razão ha para se lhe suppôr a origem dos conhecimentos scientificos em preferencia a outra qualquer terra.

Tal he infelizmente a inclinação do espirito humano para a superstição, que os seus primeiros passos em o caminho das Sciencias, quasi sempre o conduzião áquelle principio. Os Caldeos adorárao logo os Astros, como Deoses. O Povo, sem duvida, por taes os julgava; a gente instruida os suppunhaõ governados por algumas Divindades subalternas. Dava-se ao Sol o nome de Belo (1), e á Lua o nome de Nebo. Estas eraõ as Divindades principaes.

Astrologia Judicial.

Daquelle culto devia nascer a opinião, que os Astros tinhaõ huma influencia necessaria sobre o destino, e a conducta dos homens. A Astrologia Judicial foi huma consequencia daquelle principio.

(1) Belo, ou Baal, significação Senhor.

cipio; Sciencia absurda, que foi acreditada pelos Sacerdotes, com tão grande vigilancia, que lhes dava hum imperio seguro sobre o entendimento dos Póvos. As suas Observações Astronomicas se referião quasi unicamente áquella opiniaõ. Razaõ porque Képler descreve judiciosamente a Astrologia Judiciaria, como a filha insensata de huma mãi sábia, e prudente, de huma mãi, que della necessitava para se sustentar. Huma curiosidade preguiçosa, e huma credulidade estúpida, fizeraõ a fortuna da Astrologia. Pretendia-se saber o futuro, livrar-se das infelicidades, com que eraõ ameaçados, ou procurar os bens, que se desejavaõ. Todos pois concorriaõ aos Sacerdotes, cujas operações magicas promettiaõ infinitos milagres.

A Astronomia, cultivada nesta consideração, só póde ser defeituosa. Os Caldeos, conforme Diodoro, não eraõ bastantemente habéis para prognosticar os Eclipses do Sol. Com tudo chegáraõ a conhecer o movimento proprio dos Planetas, do Occidente para o Oriente; a dividir cada Signo do Zodiaco em trinta grãos, e cada grão em trinta minutos; a compôr o anno de trezentos sessenta e sinco dias, aos quaes tambem accrescentavaõ as sinco horas, e alguns minutos de mais; e a observar os Cometas, como

Progres-
sos dos
Caldeos!
na Astro-
nomia.

mo Planetas muito excentricos á Terra.

—
A circun-
ferencia
da Terra.

Os Caldeos tambem calculáraõ, segundo dizem, que hum homem caminhando sempre em hum bom passo, seguiria o Sol ao redor do Globo, e chegaria ao mesmo tempo ao ponto Equinoccial. Effectivamente a huma legoa por hora, faria o homem oito mil setecentas e sessenta legoas em trezentos sessenta e cinco dias: logo a circunferencia do Globo he quasi de nove mil legoas (1). Tambem se

—
Quadrantes Sola-
res, ou
Relogios
do Sol.

attribue aos Caldeos a invenção dos Quadrantes, ou dos Relogios do Sol, que se encontraõ desde o tempo de Achaz, sinco annos antes da éra de Nabonassar. Se a doutrina dos Caldeos se representa differentemente por diversos Authores, he porque as suas Escolas não concordão entre si, e porque huma opiniaõ particular algumas vezes toma-se pela doutrina geral. Huma torre alta no centro do Templo de Belo, lhes servia de Observatorio.

—
Observa-
torio.

—
Cosmogonia dos
Caldeos.

(Veja-se a *Origem das Leis*, &c. part. 3.) Não contentes de observar os Astros, e a Natureza, os Caldeos esforçavaõ-se a chegar até á origem das cousas, a qual não se póde conhecer senão por huma Revelação certa. A sua Cosmogonia era hum

(1) Achilles Tacio, que refere este facto, he pouco antigo para o estabelecer.

hum tecido de extravagancias ; a qual suppunha , que Belo depois de ter formado o Mundo , e produzido os animaes , se tinha feito cortar a cabeça ; e que com o sangue da sua ferida , os outros Deoses desfizerão o barro , donde sahirão os homens dotados de intelligencia , e com huma porção da Divindade. Conforme Berosé , todas as Fabulas dos Caldeos , eraõ huma Allegoria mysteriosa para explicar o modo , como o cháos se desenvolvêra , e se ordenára , donde resulta , que o Deos Supremo empregára outro Deos para a formação do Universo ; doutrina quasi geral em todo o Oriente.

As suas
Fabulas
eraõ alle-
goricas.

O que se pôde especialmente reprehender aos Caldeos , he a cega submissão que rigorosamente pretendiaõ dos seus Discipulos , obrigando-os a pensar como elles. Diodoro , neste particular , os põe superiores aos Gregos , aos quaes a liberdade de pensar , fazia fluctuosos , e indecisos. Resta a saber , se vale mais descansar na escravidão das preocupações , do que exercitar a sua razaõ , e procurar a verdade por si mesmo , com o perigo de se enganar , como os seus Mestres. Sem huma sábia ousadia , o entendimento humano seria ainda o divertimento de todas as quimeras antigas. *Os Discipulos devem crer.* O Chanceller Ba-

Os Cal-
deos exi-
giaõ huma
submissão
cega de
seus Dis-
cipulos.

con

con não desaprova aquella Maxima; á qual pretende que se ajunte a seguinte: *Depois do ensino, deve-se usar da sua razão.* (1)

O Diluvio
de que
trata Be-
rose.

Observemos, que Berosse falla de hum grande Diluvio, succedido no tempo do decimo Rei de Caldea; do qual refere algumas circumstancias muito semelhantes ás da Escritura. Aquelle Rei construiu huma Náo por ordem de Saturno, em a qual se encerra assim elle, como a sua familia, com os animaes, e os provimentos necessarios. Depois do Diluvio, deixa voar os passaros, os quaes tornão em quanto não achaõ terra secca, e habitavel. Eis-aqui huns passos singulares de huma Tradição muito espalhada.

As Artes,
o luxo, e
os vícios
unidos.

As Artes floresciaõ em Assyria, e em Babylonia, desde tempos immemoriaes. O luxo, a effeminação, e os vícios reinavaõ igualmente; ou porque a cultura das Sciencias, e das Artes viesse depois da corrupção dos costumes, ou porque contribuisse de hum modo indirecto, pelo abuso que dellas fazem os homens viciosos. Huma prática infame deshonorava aquelle mesmo culto, se dermos credito a He-

a Herodoto, e a Estrabaõ. Todas as mulheres, dizem elles, eraõ obrigadas pela Lei, a prostituir-se huma vez com algum estrangeiro no Templo de Mylitta, ou de Venus. Porem esta infamia, taõ reprehendida aos Babylonios, e que Voltaire nega como absurdo, e impossivel, Goguet a representa mais depressa como huma prova de cegueira, do que de dissoluçaõ; e julga, conforme os Antigos, que huma preocupação supersticiosa a estabelecêra na consideração de conservar a virtude das mulheres; porque não ha extravagancia alguma, que a superstição não produza, e não consagre. Venus se reputou por huma Divindade malfeitora, e inimiga da honra do sexo; a qual pretendiaõ pacificar por meio daquelle sacrificio. O estrangeiro, a quem qualquer mulher se abandonava religiosamente, devia dizer, dando-lhe alguma moeda de ouro, ou de prata : *Imploro a Deosa Mylitta em teu favor.* Herodoto certifica, que os Babylonios depois de ter dado satisfação á Lei, eraõ modelos da castidade conjugal. Justino diz o mesmo das mulheres de Chypre, e Eliano das mulheres de Lydia, onde a mesma Lei estava em vigor. Apressavaõ-se em as casar. Os costumes corrompêraõ-se prodigiosamente em Babilonia, depois da conquista-

Lei vergonhosa da prostituição.

Motivo desta Lei.

Herod. l. 36.

quista de Cyro, e a indigencia foi a sua causa principal.

Costumes
dos Baby-
lonios.

As mulheres de Babylonia, contra o uso dos outros Póvos da Asia, viviaõ familiarmente com os homens, e comiaõ com os estrangeiros. Os costumes da Nação eraõ mais suaves para elles. A horrorosa descripção, que delles se vê na Escritura, parece contradizer o testemunho dos Historiadores Profanos; porém os rigores, que os Judeos haviaõ soffrido em Babylonia, davaõ motivo para a força das suas queixas. Conforme Berosse, os Babylonios celebravaõ cada anno huma Festa de cinco dias; em a qual os escravos se faziaõ Senhores, com direito de mandar, e de serem servidos pelos seus mesmos Senhores.

Uso singular no
casamento das
mulheres.

Para favorecer a Povoação, objecto importante da Politica, vendiaõ-se em leilão as mulheres mais formosas; depois offerecia-se huma quantia de dinheiro a quem quizesse cazar com as feias, com rebate; de forma que estas cahiaõ sempre no poder daquelles, que se contentavaõ com o menor preço. Sem duvida, que isto se deve entender unicamente da infima plebe. Todas as mulheres se achavaõ casadas por este meio. He difficiloso ter bom agouro daquelles casamentos, que se fazem pelos destinos sem consul-

sultar a razão, e sem conhecer as pessoas. Porém que devemos pensar dos nossos, quando o dinheiro unicamente os decide, e quando o merecimento sem dote de nada vale? Entre os Babylonios, se os corações não se podessem unir, separavaõ-se tornando a dar a quantia recebida. Os Babylonios não imaginavaõ, que huns laços indissoluveis se podessem formar levemente. Tinhaõ hum Tribunal estabelecido para casar as mulheres, e para castigar os adulterios: o que prova que a uniaõ conjugal era sagrada entre elles, e que os costumes não se podiaõ corromper senão desprezando as Leis.

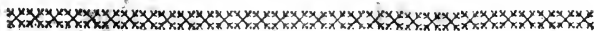
Divorcio.
Castigo do
adulterio.

Em a Historia dos Persas trataremos ainda de Babylonia. Seria inutil fallar dos Syrios. Sem algumas passagens da Escriitura, ignorar-se-hia que existiraõ antigos Reis da Syria, e particularmente Reis de Damasco, Capital daquella Regiaõ. A Historia Profana confunde a Syria com a Assyria, até á destruiçaõ do Imperio de Alexandre. Sabe-se sómente por huma Obra de Luciano, quaes eraõ as superstições, que nella se praticavaõ. Os Sacerdotes da Deosa da Syria faziaõ-se voluntariamente eunucos; os quaes são famosos debaixo do nome de *Galli*. A sua Deosa, segundo alguns Sabios, era a Ve-

Syria.

Supersti-
ções Sy-
riacas.

nus celeste de Babylonia ; conjectura que nada nos póde interessar.



F E N I C I O S .

Idéa das
Nações
commer-
ciantes,

HUM dos mais bellos espectaculos da Historia, quando se preferem as Artes pacificas ás sanguinolentas expedições dos Heroes, he vêr hum Povo industrioso vencer os obstaculos da Natureza ; suprir com o seu animo, e com o seu genio a tudo o que lhe nega huma terra ingrata ; domar o mais terrivel dos elementos ; abrir huma estrada por meio das ondas, e fazer de algum modo tributarias as Nações remotas, não sómente sem usar de violencia a seu respeito, mas ainda trazendo-lhes effeitos incognitos. Taes forão os Fenicios, chamados na Escritura Cananeos, isto he, Mercadores ; Povo célebre pela sua antiguidade, pelo seu commercio, pelas suas empresas maritimas, e os quaes com tudo a maior parte dos nossos Historiadores se contentão de apenas nomear.

Necessi-
dade do
commer-
cio.

Sem o Commercio não subsistiria a Sociedade. O superfluo de huns deve servir para o alimento dos outros. Com as

cou-

cousas que ha demasiadas, se compraõ aquellas de que se carece; ou não havendo nada, vende-se seu trabalho, e vive-se do que este produz. Em os primeiros tempos, em que assim os desejos, como as necessidades, estavaõ comprimidos com limites muito apertados, todo o negocio consistia em trocas simples. O Pastor dava ao Lavrador algumas rezes do seu gado; o Lavrador dava ao Pastor alguma parte da sua colheita, e os mais á proporção. Fazendo progressos o negocio, empregáraõ-se materias de pequeno volume para representar as fazendas, e para servir de preço commum. Para este fim eraõ sobre tudo proprios os metaes, como mais duraveis, e mais faceis para se transportar: os quaes chegáraõ a ser os sinaes representativos dos verdadeiros bens, que a terra dá, e que a industria põe em praxe: já desde o seculo de Abrahão vemos os metaes destinados para semelhante uso. Porém huma Arte mais maravilhosa devia estender, e animar o Commercio. Esta he a Navegação.

Os Fenicios praticavaõ a Navegação desde tempos immemoriaes. Habitadores de huma terra esteril, sobre as costas do Mediterraneo, sentíraõ a necessidade de conservar, e de poupar os seus

Seus progressos.

A Navegação anti-quissima entre os Fenicios.

recursos. Concebêraõ que o Mar, o qual separa as Nações, tambem as podia unir; e depois de differentes ensaios expuzeraõ a sua vida, sobre hum lenho fragil, á discrição dos ventos, e das ondas, para irem buscar a outros Climas, o que a Natureza em os seus lhes negava. Os bosques do Monte Libano, e a commodidade dos seus portos eraõ vantagens preciosas, das quaes souberaõ aproveitar-se. Não se duvida, que o seu Commercio fosse já extenso em os primeiros Seculos depois do Diluvio; o que he tanto mais admiravel, que a Navegação suppõe quasi sempre progressos na Astronomia, e em muitas Artes difficultosas. Os Fenicios não podiaõ ter outros guias senaõ os Astros. Applicáraõ-se logo á Ursa grande, e finalmente a huma Estrella da Ursa pequena, muito mais visinha do Pólo. Quem poderia crer, que algum dia, os Navios se dirigiriaõ sobre o Oceano por meio de huma agulha? Que transportassem os navegantes de humas para outras terras, já era hum grande prodigio.

A Obser-
vação dos
Astros os
dirigia.

Grande
extensão
do seu Cô-
mercio.

Ao mesmo tempo, que os Egy-
pcios aborreciaõ o Mar supersticiosamen-
te, os Fenicios o corriaõ com audacia,
e com a maior utilidade. As Ilhas de
Chypre, e de Rhodes, a Grecia, a Si-
cilia, e a Sardenha, viraõ multiplicar as
Co-

Colonias dos Fenícios; os quaes chegá-
rao até ás costas Meridionaes da Hespa-
nha; -passárao o estreito, e penetrárao no
Oceano. Cadiz chegou a ser o depósito
das suas mercadorias. A Betica, e o resto
da Hespanha lhes derao immensas rique-
zas; dalli tiravao o mel, a cera, o pezo,
o ferro, o chumbo, o cobre, o estanho,
&c. Os Fenícios foraõ obrigados a pôr
nas suas ancoras, em lugar do chumbo,
que havia nellas, prata, que lhes sobe-
java. Pouco tempo depois da guerra de
Troia, conforme Estrabaõ, os Fenícios
já tinhaõ estabelecimentos nas Cõstas Oc-
cidentaes da Africa. A Escritura fallá das
frequentes viagens, que as Frotas de Sa-
lomaõ faziaõ, conduzidas pelos Fenícios
para a terra de Ophir, e de Tharsis (as
quaes se julgaõ ser do Reino de Sofala na
Ethiopia), donde voltavaõ no fim de três
annos, carregados de oiro, de prata, de
marfim, de pedras preciosas, e de ou-
tras qualidades de mercadorias. Negocia-
dores de todos os Póvos conhecidos,
occultavaõ com cuidado o segredo da
sua Navegaçaõ, cujo lucro receavaõ di-
vidir. Ciume natural dos Negociantes;
porém contrario ao bem commum da hu-
manidade.

Nada he mais memoravel, que a
empresza, que os Fenícios executáraõ em

A sua via-
gem á ro-
da da Afri-
ca, no tem-
po de Ne-
cíoz.

o anno de 610, antes de Jesu Christo, para satisfazer a curiosidade de Nechos, Rei do Egypto. Aquelle Principe mandou que partissem do Mar Vermelho, com ordem de costear as Costas de Africa sobre o Oceano, e de entrar no Mediterraneo pelas Columnas de Hercules, ou estreito de Cadiz. Em o terceiro anno, chegáão com effeito á embocadura do Nilo.

Fórma dos
seus Navios.

Os seus Navios mercantes eraõ quasi redondos; porque apartando-se das Costas o menos que possivel fosse, não se lhes podia dar huma certa profundidade, á qual era necessario suprir com a largura. Os Fenicios tinhaõ outros Navios compridos, e pontudos, para as expedições navaes. Não sei o que merece maior admiração, se a superioridade prodigiosa da nossa Marinha a respeito daquella deste antigo Povo, se a grandeza das suas emprezas maritimas, executadas com meios tão fracos, e por meio de tantos obstaculos.

Tintura
dos Fenicios.

Sabe-se quanto eraõ preciasas as sedas, e as tintas dos Fenicios. A sua purpura, foi para assim dizermos, huma dadia da sôrte. Hum caõ de gado, opprimido pela fome, quebra hum marisco; o sangue que delle sahe, lhe tinge a guela; aquella cõr admiravel salta aos olhos;

olhos; chega-se ao fim de a pôr na seda, e a reservaõ para o ornamento dos Monarcas. Huma multidão de descobrimentos importantes nascem de huma semelhante origem. A observação da Natureza produzirá sem dúvida outros muitos descobrimentos. A Natureza he inexaurível.

Quanto temos dito a respeito das Sciencias dos Egypcios, deve-se applicar em parte aos Fenicios. Hum Povo navegante, e commerciante não podia deixar de ter conhecimentos da Geometria, da Mecanica, da Arithmetica, da Geografia, &c. Pouco a pouco as adquirirão, e sem dúvida que huma prática muito imperfeita supria á sua Theorica. Commummente se attribue aos Fenicios a invenção da Escritura alfabetica. Finalmente os mesmos Fenicios parecem superiores aos Egypcios pela força do engenho. Estes, escravos das suas preocupações, e dos seus costumes, suspendêraõ-se no mesmo ponto, em que tudo parecia convidallos para a perfeição, e descobrimentos: aquelles fizeraõ continuamente novos esforços para chegar ao seu fim, e todos os seus passos foraõ de algum modo bem succedidos.

O insaciavel desejo do lucro contri- buio talvez tanto para este fim, como o seu

Suas Sciências.

Os Fenicios mais industri-
osos, que os
Egypcios.

Effeitos
do Insaciavel desejo
do lucro.

seu modo de discorrer. Esta paixão offende os costumes; inspira a má fé, como se vê entre os Fenícios, da qual são accusados: e as riquezas, que amontoa, produzem muitas vezes a corrupção. Poderém a insensibilidade, e a miseria não produzem menores desgraças. Se os vícios reinaõ em huma Nação industriosa, e rica pelo meio do Commercio, a humanidade consola-se ao menos á vista dos prodigios, que o trabalho nella obra, dos recursos, e dos prazeres, que lhe procura, e finalmente da felicidade que espalha pelos Estados, ainda os mais penosos, e na apparencia as mais infelizes.

—
A preguiça he peor.

—
Sidon,
Tyro.

—
Fundação
de Carthago.

Sidon, primeira Capital da Fenicia, teve por muito tempo o Imperio do Mar. Succedeo-lhe a famosa Tyro. Em outro lugar fallaremos de Carthago, Colonia de Tyro, fundada em o anno de 890, antes de Jesu Christo. Carthago foi devedora do seu nascimento á crueldade, e á avareza de hum Principe. Pygmaliaõ, Rei de Tyro, tendo mandado matar ao esposo de Elissa, ou Dido, sua irmã, para se fazer senhor dos grandes bens, que possuia, aquella valerosa Princeza fugio com os thesouros de seu marido, e fundou nas Costas de Africa a famosa Cidade, a qual veremos fazer tremer a mesma Roma. Os Carthaginezes prosperá-

ráraõ assim como os Fenicios, por causa do Commercio; porém a sua ruina servirá de exemplo ás Nações commerciantes, que entregando-se ao gosto das conquistas, se expõem a acabar totalmente.

A actividade do negocio não preservou a Fenicia das superstições, posto que pareça ter sido menos sujeita a ellas que o Egypto. O culto de Venus em Byblos, era misturado com toda a qualidade de vicios. Sacrificios humanos eraõ huma prática Religiosa. Adoptavaõ-se Tradições absurdas a respeito de Adonis, por outro nome Osiris, ou Thammuz. Quando o rio Adonis apparecia tinto de sangue, phenomeno muito natural, pois que algumas vezes arrasta huma qualidade de barro vermelho, as mulheres choravaõ amargamente a morte do Adonis de Venus; e mostravaõ a sua dor com sacrificios funebres, e tambem com flagellações. Em o dia seguinte, suppondo-o resuscitado, e subido ao Ceo, rapavaõ-se a cabeça, como os Egypcios, quando tinhaõ perdido o seu Deos Apis. As mulheres que quizessem conservar os seus cabellos, deviaõ, segundo dizem, prostituir-se, e o producto do vicio applicar-se para o Templo.

Supersti-
ções dos
Fenicios.

Culto de
Adonis.

A verdadeira Religião faz o homem superior a elle mesmo, e a supersti-
tição

Os exem-
plos dasu-

perstiçãõ uteis para applicar á verdadeira Religião. tiçãõ faz o mesmo homem inferior aos brutos. Mil exemplos semelhantes nos inculcarãõ aquella maxima, da qual devem resultar duas vantagens: A primeira, de nos applicar ao culto perfeito; que o Christianismo ensina; e a segunda, de nos preservár das illusões, e das loucuras, que ultrajaõ a Divindade, degradando a Natureza Humana.

Obra de Sãchoniato, a mais antiga depois das de Moysés. Sanchoniaton de Beryta em Fenicia, Author o mais antigo, depois de Moysés, de quem se conserva alguma Obra, escrevia as Antiguidades da sua Terra, no tempo quasi de Josué, segundo os melhores Escritores; e chegava até á origem do Mundo. Em a sua Cosmogonia, tão fabulosa, como todas as que são a obra da imaginação humana, se achão alguns luminosos raios de luz. Sanchoniaton admite hum cháos tenebroso, e hum espirito, o qual põe a ordem em o Universo (*Pneuma*). As suas idéas a respeito de tudo o mais, nada tem de commun com a Biblia. Este Author não falla nem da decadencia do Homem, nem tão pouco do Diluvio, nem da dispersão dos Povos. Tem-se pois adiantado muito levemente que Sanchoniaton tivesse conhecimento dos nossos Livros Sagrados. Eusebio, o qual conservou hum Fragmento precioso da sua Obra, traduzido por

Sua Cosmogonia.

Opiniões perigosas a respeito deste Author.

Phi-

Philon de Byblos, o accusa de se inclinar para o Atheismo: cem Escriitores repetirão a mesma cousa, sustentando não obstante, que o seu intento era acreditar a Idolatria. Estas duas accusações parecem contraditorias; e he mais provavel que o Author referisse simplesmente as opiniões Theologicas do seu Paiz, taes quaes elle mesmo as cria. Sanchoniaton falla de hum primeiro Homem, e de hum primeira Mulher, muito differentes de Adaõ, e de Eva: attribue aos seus descendentes a invenção das Artes; a hum, de fazer o fogo, a outro, de edificar cabanas; e assim da caça, da pesca, dos instrumentos de ferro, &c. A sua Historia funda-se sobre os Escritos de Thaaüt, a quem os Gregos chamáraõ Hermes, e os Latinos Mercurio. A sua Obra se reputa hoje como authentica; e entre tantas Fabulas, ou Allegorias escuras, se vê nella com interesse a infancia do Mundo. Veja-se a *Origem das Leis*, &c. Dissert. 1.

Infancia
do Gene-
ro Huma-
no, segun-
do Sãcho-
niation.



HEBREOS, OU JUDEOS.

Principio
da Nação
Judaica.

OS Hebreos não formáram hum corpo de Nação, e não tiverão estabelecimento fixo, senão muito tempo depois dos Povos, de que acabamos de fallar. Até á sua saída do Egypto, tinhaõ sido pastores vagabundos, ou escravos. Os seus Livros são a base da Fé Christã; em os quaes devemos humildamente adorar as maravilhas do Creador, e os Mystérios incompreensiveis da sua Providencia. Este he o primeiro estudo do Christão. Porém nem o Pentatheuco, nem as outras partes da Biblia, pôdem, como já assim fica dito, misturar-se indifferente-mente com as Historias Profanas, sem que todas as idéas se confundaõ. Hum Governo Theocratico, dirigido por ordem immediata do Supremo Ser; huma continuação de milagres, que transtornaõ a ordem da Natureza; huma série de acções extraordinarias, cujas se explicaõ com principios sobrenaturaes, por ventura são proprios para exercitar o Discurso, e a Critica, e para dar idéas justas da Politica humana, e da vida sociavel? Os Judeos por
mui-

Governo
theocrati-
co total-
mente di-
verso dos
outros.

muito tempo mettidos na escuridade, confinados em hum pequeno canto da terra, separados por principios dos outros Povos, quasi sempre escravos de qualquer que os accommettia; objecto do desprezo, e da aversão dos seus visinhos; Nação grosseira, barbara, supersticiosa, e infiel ao verdadeiro Deos, que a cumulava de suas graças. Os Judeos, com luzes, e com Leis vindas do Ceo, mereciaõ com tudo apenas ser comprehendidos no numero das Nações civilizadas.

Obscuridade dos Judeos, entre as Nações antigas.

Seu caracter.

Considerando os Hebreos em o ponto de vista o mais interessante para o entendimento humano, he necessario limitar-se em alguns pontos singulares das suas Leis, e dos seus costumes. Não he este o lugar para fallar daquelles Preceitos Divinos, que todos conhecem desde a infancia.

As Leis da Religião estavaõ unidas com as Leis civis; ou para melhor dizer, tudo era dever de Religião, porque tudo era prescrito da parte de Deos, ou por melhor dizer, por elle mesmo. Porém como o temor de Deos, aquelle freio salutarifero, não reprime sempre as paixões, e os Judeos não se conduziaõ senão pelos sentidos, e não dilatavaõ as suas idéas para a vida futura, haviaõ terriveis ameaças,

Leis da Religião misturadas com as Leis civis.

Severidade das Leis Judaicas.

ças, e grandes penas contra os transgressores. Aquelle que violasse o Sabbado era apedrejado; o qual era violado não sómente permittindo-se algum trabalho, porém comprando alguma cousa, ou accendendo lume. Os filhos que desobedeciaõ obstinadamente a seus Pais, eraõ castigados com pena de morte. Qualquer adultero podia ser no mesmo instante apedrejado, sem forma alguma de processo. Semelhantes execuções chamavaõ-se, *Sentenças de zelo*: acaso aquellas sentenças não chegariaõ a ser algumas vezes sentenças de odio, ou de fanatismo? Os devedores que não podiaõ pagar, eraõ reduzidos a ser escravos. (1) A pena de morte era ordinaria para culpas, que em outra qualquer parte seriaõ leves culpas.

Ceremonias legais em grãde numero.

Expiacões infinitas, ceremonias legais, e preceitos, cujo fundamento ignoramos, serviaõ para subjugar aquelle Povo inconstante. Era prohibido comer varios animaes, taes como o porco, a lebre, o coelho, os insectos rasteiros, e os peixes sem barbatanas, e sem escama. Aquelles animaes se reputavaõ por impuros, e todo aquelle que tocasse nelles depois de mortos ficava manchado. As cinzas de huma vitelinha russa deviaõ

ne-

(1) Porém aquella escravidão cessava em cada Jubileo.

necessariamente ser empregadas em a maior parte das expiações. Aquillo que se chamava as *aguas de ciúme*, em uso, quando qualquer homem suspeitava sua mulher de infidelidade, parece ter muita correlação com as nossas provas judiciaes antigas. Hervas amargosas misturadas com agua santa, huma fôrma de Maldição, e Ceremonias Religiosas faziaõ inchar, e arrebentar os culpados (*Num. 5. 24. &c.*) Todas aquellas práticas se aboliraõ pela Lei da Graça, assim como tambem a circuncisaõ, ordenada taõ expressamente aos Judeos; entre os quaes se encontraõ sacrificios humanos, como entre outras muitas Nações.

Aguas de
ciúme.

O seu anno Sabbatico cahia de sete em sete annos; em cujo anno se suspendiaõ os trabalhos da Agricultura; as colheitas se abandonavaõ aos pobres, aos orfãos, e aos estrangeiros; dava-se liberdade aos escravos; e perdoavaõ-se as dívidas aos Israelistas. O mesmo succedia no tempo do Jubileo, que se celebrava de sincoenta em sincoenta annos. Todos naquella época tornavaõ a entrar na posse dos seus bens, de qualquer modo, que tivessem sido alienados. O desejo de perpetuar as familias era o motivo daquella Lei, a qual não se poderia conciliar em huma Nação, populosa, e rica, com o

Anno Sab-
batico; e
Jubileo.

cur-

Cidades
de refu-
gio.

curso dos negocios civís. Havia seis 'Cidades de refugio, as quaes porém não servião senão para preservar dos rigores da justiça, no caso de homicidio involuntario. Os assassinos devião ser arrancados do mesmo Altar, para soffrer a pena de morte. Que os asylos tenhaõ chegado a ser a protecção do crime, he hum abuso incomprehensivel.

Reparti-
ção dos
Sacerdo-
tes.

Posto que a 'Tribu de Levi estivesse dispersa entre as outras, segundo a Profecia de Jacob, e que os Sacerdotes, e os Levitas não podessem ter para sua repartição senão os dizimos, as offertas, e o resgate dos primogenitos, conforme huma Lei do Deuteronomio, parece que os Ministros da Religião tinhaõ realmente boa repartição; pois possuião quarenta Cidades, e recebião varias especies de dizimos; as primicias, e as offertas eraõ consideraveis. Podiaõ-se commutar em dinheiro as Promessas feitas a Deos, excepto o gado, as terras, e os frutos da terra. Aquelles votos augmentavaõ as riquezas Sacerdotaes. O Summo Sacerdote tinha huma excessiva authoridade, até em os negocios civís. Moysés ordena, que em todas as difficuldades se recorra aos Sacerdotes, e ao Juiz, e que todos estejaõ pela sua decisão, sob pena de morte. (*Deuter. 17. 8. &c.*) De todos aquelles

Sua au-
thorida-
de.

les diversos Regulamentos proprios para a theorica, tirárao-se muitas consequencias falsas, e contrarias ao Governo Politico; como se a Lei Nova fosse a Lei de Moysés, e como se fosse necessario ser Judeo para ser Christaõ.

Todos os Estrangeiros, a sua Lingua, as suas Artes, as suas Historias, e as suas Sciencias, eraõ para os Judeos hum objecto ou de desprezo, ou de horror. Os mesmos Judeos ignoravaõ inteiramente a Navegação, e a Astronomia, ainda depois que voltáraõ de Babylonia; e olhavaõ para os Eclipses supersticiosamente, e não tinhaõ palavras, que expressassem aquelle phenomeno. Com tudo não se pôde duvidar, que não tenhaõ tirado do Egypto huma parte dos seus conhecimentos naturaes, e dos seus costumes. Os Judeos occultáraõ sempre os seus Livros Sagrados a todas as mais Nações. Quando Ptolomeo Philadelfo obteve huma Versaõ delles, estabelecêraõ jejuns em memoria daquella pretendida infelicidade. Huma barreira invencivel parecia separar os Judeos de todas as partes do Mundo, onde a Razaõ, e a Politica se haviaõ cultivado.

Ignorancia dos Judeos em as Sciencias.

Os Judeos occultavaõ os seus Livros Sagrados,

Ha algum motivo para se crer, contra o sentimento mais commum, que a Poesia dos outros Póvos não procedo

Origem da Poesia.

deo da Religião; pois que as Canções dos Salvagens só celebrão os louvores, e as façanhas dos seus Compatriotas; e tambem se citaõ Nações pequenas sem culto, onde se encontraõ Poetas. A Poesia provavelmente foi inventada ou por causa das vivas paixões, ou por causa do desejo de imprimir os Fastos na memoria. Porem os Hebreos logo consagrãõ a Poesia para uso mais santo. Os seus Canticos, e os seus Psalmos elevaõ a alma até ao Throno do Eterno. A maior parte dos Sabios não pensaõ como o Clero, que aquelles Poemas fossem verificados.

Se o Hebraico he a lingua mãi.

Naõ ha tão pouco provas sufficientes, que o Hebraico seja a lingua mãi do Mundo todo; esta opiniaõ foi estabelecida, segundo a observação de Falconet, por hum zelo de Religião mal entendido. O Commercio antigo dos Fenicios, a dispersaõ dos Judeos, as Conquistas dos Arabes, e finalmente as Cruzadas, tem provavelmente introduzido em as Linguas Occidentaes as palavras Orientaes, que nellas se encontraõ. (*Memorias da Acad. das Inscript. t. 20.*)

Os Póvos, com quem os Judeos tiveram guerra, Moabitas, Amonitas, Madianitas, Edomitas, Amalecitas, Cananeos, e Filisteos, merecem ser pouco

co-

conhecidos. Quasi todos, posto que Idolatras, estavam sujeitos á circuncisaõ.

XX

MEDAS, E PERSAS.

CAPITULO I.

Dos Medas antes de Cyro.

AMBAS estas Nações se devem unir em hum unico Artigo, porque formáraõ no tempo de Cyro hum unico Imperio muito célebre. Antes de Cyro, tudo são trévas, tudo incerteza. Os Gregos em materia de Antiguidades são pouco dignos de credito. Vãs Tradições, ás quaes muitas vezes ajuntavaõ os seus proprios delirios, chegavaõ a ser em as suas penas Monumentos Historicos. Se Ptolomeo, insigne Geografo, dava ao Mar Caspio vinte tres grãos e meio do Oriente para o Occidente, posto que tivesse menos de quatro grãos em a sua maior extensão; quantos erros devêraõ com maior razaõ inundar a Historia, quando esta se escrevia, sem exame, e sem crítica, á

Historias
antigas fabulosas
antes de
Cyro.

satisfação de todos aquelles, que proviaão de Fabulas os Escritos.

Os Medas
sacodem o
jugo dos
Assyrios.

Naõ nos demoremos em aquellas que Ctesias, e Diodoro, seu copista divulgáão a respeito dos antigos Medas. Humã unica observação nos será sufficiente. Ou seja porque Arbace, Governador da Media, sujeita aos Assyrios, se tenha aproveitado da negligencia de Sardanapalo para excitar humã rebelliação contra aquelle Principe; ou seja porque outra qualquer causa tenha produzido o mêmso effeito, os Medas sacudindo o jugo, viverão logo em a Anarchia, tão funesta quasi como a escravidão. Os mesmos Medas não tardarão muito tempo, que não sentissem, que humã liberdade sem freio, he humã origem inexhaurivel de infelidades: e para as evitar, elegêãõ hum Juiz chamado Dejoces, o qual dissipou as perturbações, e restabeleceo a boa ordem por meio das Leis, e da Justiça. Depois de humã sabia, e prudente administração, Dejoces retirou-se repentinamente, talvez com a idea de se fazer desejar, e de se elevar muito mais. A liberdade não deixou de arrastar logo as antigas desgraças; e vendo que sómente Dejoces era capaz de as dissipar, o elegêãõ Rei em o anno de 600, antes de Jesu Christo.

Os Medas
elegem
Dejoces
para Juiz,
e depois
para Rei.

Soberbo então Dejoces da sua grandeza, ou julgando necessitar do Despotismo para conter os seus vassallos, affectou huma grande severidade; fechando-se em hum Palacio inaccessivel, ordenou, conforme Herodoto, que o Privilegio de o verem, sómente fosse concedido aos seus criados; que outra qualquer pessoa se dirigisse aos seus Ministros, e que se castigasse todo aquelle, que se atrevesse ou a escarrar, ou a rir na sua presença. Montesquieu observa, que aquelle era o meio de fazer respeitar não o Rei, mas sim o Carácter, e a Dignidade Real. Por ventura não era aquelle tambem o meio de fazer aborrecer o Rei, e o Reinado?

O seu
Despotis-
mo.

Ecbatana, Capital do Reino, edificada por Dejoces, tinha, segundo dizem, sete circulos de muralhas, as quacs se levantavaõ humas sobre outras, da altura das ameias; cujas ameias eraõ de diferentes cores, brancas, pretas, encarnadas, azuis, alaranjadas, e as ultimas prateadas. Esta descripção de Herodoto parece-me da mesma natureza, que aquella, que se vê em Diodoro da montanha de Bagistaõ na Media; montanha aberta artificialmente, e lavrada com grande quantidade de figuras, por ordem de Semiramis, a qual era representada no meio de cem guardas.

Fabulas
a respeito
de Ecbatá-
na, e a
respeito
do monte
Bagistaõ.

Diodoro dá huma lista dos Reis Medas, dos quaes Herodoto não falla. Dir-se-hia que ambos estes Authores escreviaõ Historias totalmente diversas. Pouco nos importa ter conhecimento daquelles Principes até Cyro.

Immuta-
bilidade
das Leis.

Educação
dos Prin-
cipes.

Polyga-
mia estra-
nha.

Os costumes, as Leis, e a Religiaõ dos Medas, eraõ pouco mais ou menos semelhantes aos Costumes, ás Leis, e á Religiaõ dos Persas, dos quaes farei a descripçaõ. Huma cousa, em que os primeiros se distinguem, he que entre elles a authoridade Real não podia mudar, nem revogar huma Lei já estabelecida, e que a educação dos Principes se confiava sómente ás mulheres, e aos Eunucos. Por este modo era immudavel hum abuso mudado em Lei! por este modo, a educação dos Principes os devia, por assim dizer, converter em mulheres! A Polygamia entre os Medas era não sómente permittida, mas tambem se ordenava. Estrabaõ refere, que nos Paizes montanhazes os Medas eraõ obrigados a sustentar ao menos sete mulheres: e que huma mulher, para não ser desprezada, devia ter ao menos sinco maridos. (*Estrab. l. 11.*) Porem como he possivel que lhe possamos dar credito, sem suppôr as mulheres, e os maridos communs? e neste caso, qual he a apparencia que fica
de

de casamento? Por muito tempo se deo credito a tudo quanto os Antigos dizem: hoje em dia se formão as dúvidas a cada passo.

C A P I T U L O II.

Imperio dos Persas; Cyro, e os seus primeiros Successores.

OS Persas são huma das Nações mais antigas, pois que já no mesmo tempo de Abrahão, segundo os Eruditos, faziaõ huma Potencia. Porém não se fizeraõ célebres, e verdadeiramente formidaveis senão no tempo de Cyro. O seu Reinado he huma grande época, no anno do 560. antes de Jesu Christo. Parece, que nada deveria ser melhor conhecido; e com tudo a incerteza reduplica, até ao extremo que o nascimento, as expedições, e a morte deste Conquistador, são huns Problemas Historicos, que não se podem resolver.

Antiguidade dos Persas.

Época de Cyro, no anno de 560, antes de J. Christo.

Herodoto, Ctesias, e Xenofonte, os quaes escreviaõ hum seculo quasi depois de Cyro, se contradizem como a respeito de huns factos remotos de muitos seculos. A quem se dará credito?

Nada ha mais incerto do que a sua Historia.

— — A *Cyropedia* de Xenofonte he evidentemente antes a Obra de hum Filosofo, do que de hum Historiador; especie de Novella Moral, e Politica, composta para a instrucção dos Principes, e das Homens de Estado. Não se deixa de tirar della o fundamento de huma Historia; os seus factos são suppostos certos, porque o Author teve a vantagem de se instruir em o mesmo Paiz, e sobre tudo, porque as suas Relações concordão melhor com o Texto da Escritura. Porem estas razões reduzem-se a humas fracas probabilidades muito remotas da certeza. Por ventura, não he cousa bem singular, lisonjear-se de descobrir certamente a verdade em huma Obra, cheia em parte de ficções? Seguindo o douto Freret, accrescento que a conformidade de Xenofonte com a Escritura he imaginaria; que antes lhe he opposto; e que a sua Historia da expedição de Cyro o Moço destroe a sua mesma *Cyropedia*, provando que Cyro tomára o Imperio dos Medas por huma victoria, que alcançára contra Astyage seu avô: o que se conforma com a relação de Herodoto., e de Ctesias. (*Mem. da Acad. das Inscr. t. 7.*)

Consequentemente, recommendando-se muito a leitura da *Cyropedia*, cujo extracto fez Rollin em a *Historia Antiga*,

Cyropedia
de Xenofonte

Não se lhe
póde dar
credito.

tiga, e os Inglezes em a Historia Universal, não a posso admittir juntamente com elles, como huma origem de individuações Historicas, dignas de fé. Algumas Observações justas são preferiveis a relações incertas.

Cyro, a quem se julga ser filho de Cambyzes, Rei da Persia, e de Mandane, filha de Astyage, Rei dos Medas, foi certamente o fundador de hum vasto Imperio estabelecido com as suas Conquistas. Cyro derrotou os Babylonios na famosa batalha de Thymbrea: e derrubou a sua Monarquia, apoderando-se de Babilonia depois de hum dilatado sitio: o mesmo Cyro tendo desviado as aguas do Eufrates, penetrou pelo canal deste rio até ao centro da Cidade, onde achou tudo engolfado nas delicias de huma festa. Em 536 antes de Jesu Christo, Cyro publicou o famoso Decreto a favor dos Judeos, captivos havia setenta annos, aos quaes permittio que voltassem para Jerusaleem. Adiantando depois as suas Conquistas, limitou o seu Imperio para o Oriente, no rio Indo; para o Norte, no Mar Caspio, e no Mar Negro; para o Occidente, no Mar Egco; e para o Meiodia, na Ethiopi., e no golfo da Arabia: Imperio o mais vasto que se conheceo até aquelle tempo.

Factos
princi-
paes , a
respeito
de Cyro.

Este

—
Contra-
dicções a
respeito
da morte
de Cyro.

Este Heróe, conforme Xenofonte, morreo na sua cama, depois de hum glorioso Reinado de trinta annos. Segundo Herodoto, Cyro foi derrotado, e morreo em hum batalha contra Tomyris, Rainha dos Massagetas, a qual mergulhou ella mesma a sua cabeça em hum pia cheia de sangue: *Farta-te de sangue*, disse ella, *pois que sempre tivestes sede delle*. Diodoro de Sicilia, refere que aquella Princeza o mandára crucificar. Ctesias, diz que morrêra de hum ferida que recebêra, para a parte da Hyrcania. Outros Escriitores mataõ a Cyro de outro differente modo. Eis-aqui o que he a Historia, quando sómente tem por fundamento as Tradições.

—
Cyro to-
talmente
diverso
em Xeno-
fonte, e
em Hero-
doto.

Ô Cyro de Xenofonte he o modelo dos homens, e dos Principes. Cyro só combate pela defeza de seu tio Cya-xares, filho de Astyages, com cuja filha unica se desposa; e ganha todos os corações por causa da sua moderação. Panthea, sua prisioneira, Princeza moça, e agradavel, encontra em Cyro hum protector da sua virtude, e o reconhecimento attrahe ao Rei Abradate, marido de Panthea, a servir debaixo dos seus Estandartes. O Cyro de Herodoto he todo diverso. Cyro arma-se contra Astyages, seu avô, e lhe tira a Coroa violentamente.

De-

Depois de vencer a Creso , Rei de Lydia , o condemna sem humanidade a ser queimado vivo. Creso exclama no cada-
falso , *Solon , Solon !* Perguntaõ-lhe a quem invoca ; Creso responde , que hum Filosofo chamado *Solon* , lhe dissera em outro tempo , á vista das suas immensas riquezas , que *nenhum homem se póde chamar feliz em quanto vive , por não poder prever o que lhe succederá antes da sua morte*. Verdade , accrescenta Creso , que horrorosamente experimento. Aquellas palavras penetraõ a Cyro , reflectindo sobre a instabilidade da fortuna , revoga huma sentença barbara , cuja idéa era sufficiente para rebellar o seu coração. O Cyro de Herodoto he , como quasi são todos os Conquistadores , hum flagello do Genero Humano ; o Cyro de Xenofonte he o Bemfeitor das Nações , por elle mesmo vencidas.

Talvez que o verdadeiro Cyro tenha sido hum ambicioso astuto , homem sufficientemente Grande , e Principe sufficientemente bom , para merecer elogios , a pesar das injustiças da ambição. A disciplina que Cyro introduzio nas suas Tropas , as armas , que lhes deo para combater de perto em lugar do arco , e da frecha , das quaes antes d'elle se serviaõ , contribuíraõ sem duvida muito para as suas Conquistas.

Se

Creso.

O que se póde conjecturar do caracter de Cyro.

Se examinarmos como Criticos a Historia dos seus primeiros Successores, achar-se-haõ nella tambem Fabulas, que a fazem muito incerta. Indicaremos sómente os factos mais notaveis.

Conquista
do Egypto
em o anno
de 525.

Camby-
ses.

Raras vezes a gloria dos Pais chega aos filhos; porém a mesma gloria cobre estes com infamia, quando elles a denigrem com as suas acções. Cambyses, filho de Cyro, parece hum monstro no mesmo Throno, em que seu Pai havia brilhado. Nenhuma cousa se vê no seu procedimento, senaõ hum furor insensato. O seu odio contra Amasis, Rei do Egypto, inspira-lhe o intento de assolar, e de sujeitar aquelle Reino. Cambyses, chegando á fronteira, sabe a morte de Amasis, a quem succedeo Psammenito. Continúa a sua marcha, alcança hum grande victoria contra os Egypcios, e faz-se aborrecer por causa dos seus excessos. Herodoto diz ter visto as caveiras de que ainda no seu tempo estava juncado o campo da batalha; as caveiras dos Egypcios duras como pedras, porque rapavaõ as cabeças dos meninos, para que os ossos se endurecessem com o Sol; e as caveiras dos Persas molles, e frageis, porque traziaõ turbantes desde a infancia. Porem nada suprio ao valor, que faltava aos Egypcios.

A superstição adiantou a sua ruina, se he possível referir-se á Historia daquelles tempos. Diz-se, que Cambyzes, querendo tomar Pelusa de assalto, pôz na primeira fileira das suas Tropas huma multidão de gatos, de cães, e de outros animaes sagrados no Egypto. Os Egypcios, temendo offender os seus Deoses, não atiráraõ sobre o inimigo, e a Praça foi tomada sem resistencia. Huma idéa supersticiosa bastava para extinguir os sentimentos mais vivos da Natureza, o amor da Pátria, e o desejo da sua propria conservação. O Egypto foi sempre ao depois escravo dos Estrangeiros, que desprezava.

A superstição dos Egypcios adiantou a sua ruina.

Cambyzes, resolutto a subjugar tambem a Ethiopia, Paiz barbaro, onde a força do corpo era o maior merecimento, mandou espias disfarçadas com o titulo de Embaixadores. Porém o Rei da Ethiopia, penetrando o seu intento, mandou partir os Embaixadores, aos quaes pedio, que levassem da sua parte o seu arco a seu amo, ao qual aconselhassem de declarar a guerra aos Ethiopes, quando os Persas fossem assaz fortes para armar aquelle arco tão facilmente, como elles. *Dai graças aos Deoses, accrescentou elle, de não introduzir em os nossos corações o desejo de nos estender.* Cambyzes, transporta-

Expedição da Ethiopia.

tado de colera, marchou logo, sem providimentos, sem ordem, e foi obrigado a retroceder vergonhosamente.

Casamen-
to incestuoso de
Camby-
ses, appro-
vado pelos
Juizes.

Cambyses mandou assassinar seu irmão Smerdis, o qual unicamente tinha podido armar o arco do Rei da Ethiopia. Cambyses casou com sua propria irmã, depois de ter consultado, por formalidade, a respeito daquelle incestuoso casamento, os Juizes do seu Reino, cuja servil baixeza não podia deixar de condescender com os seus desejos. A sua resposta foi, *que na verdade não havia Lei alguma, que permittisse ao irmão casar com a irmã; porém que havia huma Lei, a qual permittia aos Reis da Persia fazer tudo quanto quizessem.*

Crueldade
de Camby-
ses, e bai-
xeza de
hum vali-
do.

O seguinte passo descreve ainda melhor o Despotismo, e a escravidão. Cambyses pergunta hum dia ao seu valido, que discursos se faziaõ a seu respeito em as conversações particulares. *Admiraõ-se as vossas grandes qualidades, respondeo Prexaspes, (este era o nome do Cavalleiro) porém pretende-se que vós gostais excessivamente de vinbo. Imaginaõ-se sem duvida, replicou o Rei, que o vinbo me faz perder a razão: tu mesmo logo o julgarás.* Cambyses no mesmo instante bebe com excesso. Depois ordena ao filho de Prexaspes, que se ponha no fim da sala, com a mão esquerda

da na cabeça. Pega em hum arco , arma-o , e adverte-lhe que olhe attento para o coração do mancebo , e depois de o traspassar effectivamente , diz para o Pai de hum modo triunfante : *Acaso tenho a mão certa?* Aquelle vil Cortesaõ responde , como se fora insensivel : *Apolo não teria acertado melhor.*

Cambyses voltava para a Persia , quando soube que huns conjurados lhe tinham dado hum Successor. Cambyses respirava vingança. A sua propria espada o ferio accidentalmente , e livrou o Mundo de huma horrorosa tyrannia. O novo Rei era hum Mago , hum Sacerdote indigno do Throno ; o qual se annunciava pelo Principe Smerdis , aquelle irmão de Cambyses , ao qual o mesmo Cambyses mandára matar. A impostura se descobrio Alguns Cavalleiros tendo formado huma conspiração , matáraõ cruelmente o falso Smerdis ; e Dario , filho de Hystaspes , hum dos Conspiradores , chegou a ser Senhor do Imperio. Por ventura póde-se dar credito , segundo o parecer de Herodoto , que o rinchar do cavallo de Dario , fosse quem decidisse da sua sorte?

Aquelle Monarca sitiou Babylonia , a qual levantára o Estandarte da rebelião. A desesperação inspirou aos sitiados huma atroz resolução. Extermináraõ todas

————
Morte de
Camby-
ses , no
anno de
522.

————
O falso
Smerdis.

————
Dario I.
Zopyro
contribue
para que
Dario to-
me Baby-
lonia em
o anno de
510.

das as bocas inuteis, mulheres, crianças, e velhos. Dario estava quasi para renunciar a empreza, quando Zopyro, hum dos principaes Cavalleiros Persianos, se dedicou, segundo dizem, com huma generosidade sem exemplo, á gloria, e ao interesse de seu amo. O mesmo Zopyro tendo cortado o nariz a si mesmo, as crelhas, e despedaçado todo o seu corpo, refugiou-se á Cidade, como huma victima da crueldade de Dario. Os Babylo-nios entregando-lhe a sua confiança o puzeraõ na frente das Tropas. Zopyro derrotou quinze, ou dezaseis mil Persas em diversas sortidas, e finalmente entregou as portas de Babilonia, cujas rendas lhe foraõ concedidas pelo Rei.

———
Tyrannia
de Dario.

Dario naõ merecia semelhantes sacrificios, julgando por huma acção tyrannica, que refere depois Herodoto. Tendo a ambição armado a Dario contra os Scythas, que habitavaõ entre o Tanais; e o Danubio, hum velho respeitavel, por nome Ebaso, lhe pede, que lhe deixe para sua consolação hum dos seus tres filhos, em quanto os outros dous combatessem em aquella guerra. *Hum só naõ te basta*, responde Dario, *eu tos deixo todos tres*, e desde logo os mandou matar. Com que zelo se serviriaõ huns tyrannos, que se divertem com a vida dos seus vassallos?

Os

Os Scythas (hoje em dia Tartaros) —
 eraõ huma Nação pobre, valerosa, e in- A sua in-
 domavel, fazendo consistir a sua ventu- felice expe-
 ra em a sua liberdade. Conta-se, que os dição con-
 Scythas mandáraõ a Dario hum passaro, tra os Scy-
 hum rato, huma rã, e sinco frechas. Hum thas.
 Cavalleiro do Exercito explicou o enigma
 do modo seguinte : *Se os Persas não vo-
 rem como os passaros, ou não se occultarem
 na terra como os ratos, ou não se metterem
 na agua como as rãs, não escaparão ds fré-
 chas dos Scythas.* No Oriente se costumava
 empregar figuras allegoricas; porém he
 evidente que esta figura foi inventada tar-
 de, e nada da melhor a conhecer a in-
 clinação dos Historiadores da Antiguidade
 para as Fabulas, e para as Maravilhas.
 Seja como for, a imprudente expedição
 de Dario foi com effeito infeliz. Obriga-
 do a retirar-se, depois de ter perdido
 muita gente, Dario aprendeo que os ho-
 mens livres não se subjugaõ tão facilmen-
 te, como se opprimem os escravos.

A Historia dos Persas se achará da-
 qui em diante unida com a Historia da
 Grecia, onde referiremos os successos
 mais célebres. Fica - nos para descrever
 aquella Nação, a qual he hum dos prin-
 cipaes espectaculos da Antiguidade.

CAPITULO III.

Governo, Leis, Usos, e Costumes dos Persas.

O Despotismo teve a sua origem na Asia.

NA Asia, especialmente entre os Medas, e os Persas, he onde se vê nascer o Despotismo, aquelle Governo odioso, em o qual a fortuna, e a vida de todos estão sujeitas á vontade absoluta de hum só homem. A Monarquia temperada com Leis sábias, cuja execução se conserva pelo Monarca, e das quaes elle mesmo faz a regra da sua conducta, he o melhor, como o mais antigo de todos os governos, se o julgarmos pela tranquillidade dos Póvos. Os Platões, os Aristoteles, e os Plutarcos não pôdem deixar de o reconhecer, não obstante as prevenções Republicanas. Porem que qualquer homem se erija como Deos, que pize aos seus pés os outros homens, e que faça das suas fantesias a Lei Suprema, sem respeito aos Direitos naturaes da Humanidade: he o mais alto ponto da violencia, e da usurpação; e he a obra, ou da espada sempre prompta para degollar, ou da cobardia infame sempre

pre prompta para receber as cadeias.

Por ventura, pôde existir huma forma de Governo, em que os Póvos estejam a discrição do Principe, de modo que não haja nem propriedade determinada, nem segurança pessoal? O despotismo, sem dúvida, encontra por toda a parte alguma barreira, se não em as Leis fundamentaes, ao menos em os usos, em os costumes, em o interesse geral, e em o seu particular interesse. Sem duvida, que também a paixão dos Gregos pela liberdade, e o seu odio aos Persas, os fizeraõ exaggeradores a respeito do Despotismo Asiatico. Com tudo ha muita verdade entre aquellas mesmas exagerações. O Estado actual da Asia confirma, a diversos respeitos, o testemunho dos Antigos.

Se este
Governo
pôde ex-
istir sem
limites.

O Despota dos Persas (porque não se pôde designar por outro nome) fazia-se intitular *o Grande Rei, o Rei dos Reis*. Era necessario prostrar-se na sua presença, como na presença de qualquer Divindade. Temos visto até que extremo de baixeza estavaõ reduzidos os seus Cortesaõs. Qualquer leve desattenção os expunha ao ultimo supplicio. Xenofonte refere que Cyro, o Moço, mandára matar dous Cortesaõs, por terem tirado na sua presença as mãos das suas mangas. Comparando-se

Idea do
Despotis-
mo Persi-
anno.

— — áquelles Idolos terriveis, hum Principe
 Quanto he superior hum bom Rei Des-
 pota. affavel, e benefico; cercado de seus
 vassallos, como hum Pai da sua familia;
 inspirando com a sua vista tanto amor
 como respeito; extrahindo da santidade
 das Leis a força do seu Governo; não
 empregando o terror senão contra o cri-
 me; e recebendo antes as homenagens
 do coração, do que as da obrigação: fa-
 cilmente se julgará de qual parte existe a
 imagem do Ser Supremo, o qual tendo
 creado os homens iguaes, não quiz esta-
 belecer alguns homens arbitros dos ou-
 tros, senão para fazer a todos felices.

Boa edu-
 cação dos
 Principes
 na Persia. — — Com tudo a educação dos Princi-
 pes destinados para o Throno, tal como
 Platao a descreve, devia produzir homens
 grandes, e bons Reis. Na idade de
 sete annos formavao-se os Principes nos
 exercicios do corpo, depois que os princi-
 paes Eunucos, ou Officiaes do Palacio ti-
 nhao introduzido na sua alma os primei-
 ros principios dos costumes. Na idade de
 quatorze annos se entregavao ao poder
 de quatro homens distinctos pela sua sa-
 bedoria. O primeiro ensinava-lhes a *Ma-
 gica*, ou a Religiao, e a sciencia do Go-
 verno; o segundo exercitava-os a dizer
 a verdade, e administrar a justica; o ter-
 ceiro a domar as suas paixões com a tem-
 perança; e o quarto a elevar-se por
 meio

meio do valor, e a não temer os perigos. (*Plat. in. Alcib. I.*)

Sem examinar se valia mais separar aquelle objectos de instrucção, do que os unir em hum bom Systema de Politica, e de Moral; he certo que os frutos de huma educação semelhante, supposto que della se usasse depois de Cyro, (o que me parece incrivel) se perdia logo com a paixão cega do Despotismo, no centro do luxo, da frouxidão, da sensualidade, e no meio dos objectos os mais proprios para corromper o entendimento, e o coração. Os Reis da Persia engolfados em o orgulho, e nos prazeres, esqueciaõ-se inteiramente de que eraõ homens. Elles mesmos se adoravaõ, pretendendo a adoração dos seus escravos. A Xerxes attribue-se hum Decreto, pelo qual prometia huma grande recompensa a qualquer que inventasse algum prazer incognito. Se hum Decreto semelhante pôde existir, por elle vemos que cousa he hum Despota, concentrado no seu serralho, onde se contempla como o centro do Universo.

Causas
que faziaõ
inutil a-
quella e-
ducação.

Decreto
infame de
Xerxes.

Em quanto ao Governo, e á Legislação dos Persas, haviaõ cousas excellentes, as quaes o Despotismo certamente fez degenerar em abusos. O Reino se dividia em Provincias. Os Governadores

Satrapas,
estabele-
cimento
dos cor-
reios.

ou

ou Satrapas deviaõ receber directamente as ordens do Rei, e dar-lhe conta de tudo. Para facilitar a correspondencia, tinhaõ-se estabelecido correios, os quaes levavaõ os despachos de dia, e de noite. Cyro se reputa ser o Author do estabelecimento das Postas, o qual se conheceo muito tarde no Ocidente. Veremos a Universidade de Pariz no mesmo tempo da sua grande fama sustentar correios, muito antes que os Reis os tivessem para os negocios de Estado.

As Províncias visitadas pelo Rei, ou por Commissarios.

O Rei da Persia, receando que os Satrapas abusassem da sua authoridade, visitava as Provincias em pessoa, ou mandava illustres Commissarios, aos quaes ordinariamente davaõ o nome de *olhos, e ouvidos do Principe*. Pratica admiravel, com tanto que a relação daquelles olhos, e daquelles ouvidos fosse ao mesmo tempo fiel, e efficaz. Hum Official da Corôa se encarregava de dizer todas as manhãs ao Monarca, quando o acordava: *Principe, levanta-te, e cuida nas funções para as quaes Oromazes (1) te collocou no Throno*. Estas excellentes formalidades nada provaõ. Quando no coração não falla o dever, não se ouvem as lições da Sabedoria.

Os

Advertência feita todos os dias ao Rei.

(1) Oromazes, ou Orosmales, era o nome de Deos entre os Persas.

Os contractos, e as rendas Reaes se contemplavaõ justamente como hum ob-
 jecto essencial da administração politica :
 sem as quaes tudo afrouxa, e se dissol-
 ve em hum grande Estado. Cada Provin-
 cia tinha o seu Thesouro, para onde se
 conduziaõ as contribuições, que eraõ
 immensas, se julgarmos pelas quantias,
 que Alexandre achou em muitos lugares;
 por exemplo, em Suza, sincoenta mil
 talentos de prata em barras. Em os
 Reinados de Cyro, e de Cambyses, o
 Povo se taxava voluntariamente para a
 conservação do Rei, e do exercito. Da-
 rio, filho de Hystaspes, impôz tributos
 annuaes, por causa dos quaes lhe deraõ o
 nome de *Mercador*. As terras dos Persas
 não pagavaõ impostos; porem tirava-se
 dinheiro, e frutos das Provincias (prova-
 velmente das Provincias conquistadas).
 Rollin observa, que aquelle uso de rece-
 ber em effeitos huma parte das contri-
 buições, indica muita sabedoria, mode-
 ração, e humanidade; porque as terras
 remotas do Commercio não pôdem re-
 duzir os seus frutos a dinheiro senão com
 grande perda. A observação poderia ser
 justa, suppondo-se que se tirasse sómen-
 te dos Povos aquillo que requeressem as
 necessidades reaes do Estado. He
 difficiloso de o suppôr; pois que duas

Adminis-
 tração dos
 contratos,
 e das ren-
 das Reaes.

Natureza
 dos impos-
 tos.

Pro-

Provincias, em tempo de guerra, foraõ taxadas, além dos impostos ordinarios, em huma quantidade de trigo sufficiente para a conservação de centõ e vinte mil homens.

A Povoação
anima-
da.

Dous objectos da maior importancia essencialmente unidos, a Povoação, e a Agricultura, attrahiaõ os cuidados do Governo. As ideas Religiosas serviaõ á Politica a este respeito. Os Persas contemplavaõ huma posteridade numerosa, como huma benção do Ceo, e o Rei recompensava todos os annos aquelles que tinhaõ muitos filhos. Para que a Povoação seja hum bem, he necessario que a terra produza o alimento dos homens.

Xen. Econ.

A Agricultura, esta sustentadora do Genero Humano, esta fonte de abundancia, de saúde, e de prazeres innocentes, esta conservadora dos costumes, e esta escola de todas as virtudes, como Xenofonte a descreve; a Agricultura se honrava especialmente, e se excitava assim na Persia, como no Egypto. Fecundar a terra, era na Persia hum merecimento proprio de Religiaõ. Dava-se conta ao Rei do modo como se cultivava; o qual castigava a negligencia de huns, e recompensava o trabalho de outros. O mesmo Rei comia com os Lavradores em hum dia do anno. (*Hydes, Rel. Pers.*) Cyro o Moço, tinha plantado muitas arvores
com

com a sua propria mão. Não seria esta huma materia de elogio, sem o motivo que fazia respeitavel aquelle divertimento. Ainda hoje em dia se vê na China o mesmo Imperador manejar o arado em hum dia de cerimonia, para dar exemplo aos seus vassallos. Ceremonia talvez mais digna do Throno do que a maior parte daquellas, em que se expõe todo o fasto do Reinado, pois que produz maiores felicidades, e bens mais sólidos.

Seria necessario riscar em os Annaes do Mundo até o nome da guerra, se o esquecimento das infelicidades, causadas pela mesma guerra, podesse prevenir outras semelhantes. Porem as paixões, que em todo o tempo produzirão aquelle flagello, sempre o farão renascer. Posto que o homem não tenha nascido certamente para combater os seus semelhantes, assim como o lobo, e o tigre parecem nascer para devorar outros animaes; e posto que não se faça cruel senão abafando a voz do seu coração; a guerra se acha necessariamente unida com a Constituição Politica. O Principe mais justo, e mais humano algumas vezes se acha reduzido a emprender a guerra por culpa dos seus visinhos, ou das Potencias ambiciosas. O Principe deve ter guerreiros para defeza dos seus Direitos,
e dos

Cruel necessidade da guerra.

e dos seus Povos; aos quaes deve exercitar no officio das armas, disciplinar, e fazer amantes da Patria, e formidaveis aos inimigos.

Os Persas
bons Sol-
dados no
tempo de
Cyro.

Os Persas, no tempo de Cyro, eraõ

Armados
em todo o
tempo.

bons Soldados. Acostumados desde a mocidade a huma vida aspera, laboriosa, e aos exercicios da guerra, sustentavaõ a fadiga, e desprezavaõ valerosamente os perigos. Desde que os Persas eraõ capazes de tomarem as armas, o serviço militar chegava a ser para elles huma obrigação, até huma idade adiantada. Entre os Persas observa-se o uso de estarem armados em todo o tempo, ainda em tempo de paz: uso perigoso, que já mais conhecêraõ nem Gregos, nem Romanos, e que foi introduzido na Europa pelos Barbaros da Germania.

Preoccu-
pação, e
usos a res-
peito da
guerra.

Os Persas tinhaõ huma opiniaõ fundada provavelmente sobre huma idéa Religiosa, que morrendo em as batalhas, chegavaõ a alcançar a eterna felicidade. Outras Nações guerreiras tiveraõ a mesma preocupação, muito propria para fomentar o ardor marcial. As mulheres, e os meninos seguiaõ o Exercito: outro motivo de valor. Porém quantos inconvenientes se não seguem de hum cortejo semelhante! o qual era igual ao acompanhamento dos seus carros armados de

fou-

fouces, raras vezes uteis, e continuamente nocivos. A Cyropedia dará lições para o Militar. O nosso Plano nos prohi- be maiores individuações. Depois de Cy- ro a frouxidão enervou logo os seus vas- sallos; e o seu número já mais suprio a falta de disciplina. Todos os Povos con- quistadores experimentárao na Asia a mes- ma revolução.

Em o Imperio da Persia, parece que a Justiça esteve em todo o seu vigor ao menos por hum certo tempo. Cambyses, tendo condemnado á morte a hum cer- to Juiz, o qual se deixára corromper, mandou estender a sua pelle no mesmo Tribunal, em que o filho daquelle Juiz, devia succeder a seu Pai. A administra- ção da Justiça não se confiava senão a homens de idade madura, porque não se imaginava que a Mocidade fosse propria para humas funcções tão augustas. O accusado era confrontado com o accusa- dor; o qual no caso de accusação falsa, padecia a pena do crime, que imputava ao accusado.

Huma Lei antiga prohibia ao Prin- cipe castigar de morte qualquer crime, sendo o primeiro; toda a vida do culpa- do se devia examinar; e se o bem excede- desse ao mal, castigava-se menos severa- mente. (*Herodoto* I.) Com effeito pare- ce,

Justiça.

Acção de
Camby-
ses.

Confron-
tação.

Naõ se cas-
tigava de
morte ne-
hum cri-
me, sendo
o primei-
ro.

ce, que excepto hum pequeno numero de crimes atrozes, os quaes suppõem sempre hum coração malevolo, e os quaes requerem hum exemplo terrivel, nenhuma culpa, a que a fraqueza humana está sujeita, deveria extinguir inteiramente os merecimentos de huma vida virtuosa. Ha tantos meios de castigar, sem perder Cidadãos, cujos serviços poderiaõ reparar as culpas!

Cuidado
dos costu-
mes. Se dermos credito á Cyropedia, a Legislação dos Persas era admiravel, não se limitando em castigar os crimes, por-
rem impedindo a tentação de os com-
metter, e inspirando o horror do vicio,

Educação
dos meni-
nos. e o amor da virtude. Esta legislação ze-
lava a educação publica dos meninos,
a mais propria para os fazer bons Cida-
dãos. Até á idade de dezasete annos, os
meninos estavaõ fóra da casa paternal,
entregues ao poder de Mestres respeitaveis,
occupados sómente do cuidado de os fazer justos, sábios, e valerosos. Aquel-
les que não tinhaõ sido creados em huma
escola taõ boa, eraõ excluidos dos em-
pregos, e das honras. Com tudo, por
outra parte parece, que os Pais deviaõ
cuidar na educação de sua familia. *Se
vós quereis ser santos, diziaõ os Livros Sa-
grados, instrui os vossos filbos, porque todas
as suas boas acções vos serãõ imputadas.*
(Hy-

(Hydes.) A este motivo de Religião, a razão accrescentava outros sem dúvida muito mais sensiveis.

Vícios raras vezes castigados na Sociedade não escapavaõ á vigilancia das Leis. Qualquer ingrato podia ser citado em juizo, e era condemnado a huma pena. Entre nós as Leis não castigaõ senão aquella acção, que accommette directamente a pessoa, e a propriedade dos Cidadãos. O sentimento da honra, e o temor do opprobrio supririaõ esta falta, se de huma parte aquelles sentimentos estivessem bem impressos na alma, e se de outra parte a corrupção não unisse a certos vícios mais depressa gloria, do que infamia.

Os vícios
castiga-
dos.

O direito de vida, e de morte, que os Pais tinhaõ sobre os seus filhos, direito inhumano, estabelecido entre muitas Nações antigas, se moderava com a prohibição de usar d'elle por culpas leves, ou por hum unico crime. Além de que, como os filhos respeitavaõ infinitamente seus Pais, estes tinhaõ poucas occasiões de o exercitar. Considerava-se o parricídio como huma cousa impossivel em a Natureza, e não havia Lei alguma contra aquelle crime.

Direito
dos Pais.

O amor da verdade era huma virtude, que caracterizava os Persas; para

Amor da
verdade
entre os
Persas.

com elles o mentir era infamia ; viver de emprestimo tambem era 'outra infamia, porque a baixeza, e a mentira pareciao inseparaveis de huma semelhante vida. O Povo que tivesse a verdade como regra do seu procedimento , e dos seus discursos , seria tao feliz , como respeitavel. Porem onde domina o interesse , onde os costumes estaõ corrompidos , he impossivel que a falsidade naõ derrame o seu contagio. Os Persas o experimentaõ sem duvida , tanto que se entregáraõ ao luxo , e por consequencia áquelle desejo insaciavel das riquezas , o qual anniquila todas as virtudes.

Eunucos. O uso odioso dos Eunucos para servirem de guarda das mulheres, se attribue á sua dissoluçaõ ; uso ordinario em toda a Asia. Os Persas saõ reprehendidos naõ sómente por causa da Polygamia, e da mancebia, ou concubinato excessivo ;

Casamentos incestuosos. mas por causa dos casamentos incestuosos com suas proprias filhas, e com suas proprias Mãis ; o que se deve talvez restringir a hum pequeno número de exemplos , pois tanto lhe repugnaõ o pejo, e a Política. (1) Conforme Plutarco, Artaxerxes

Lisonja, que os ap-
prova.

(1) Filon pretende que a Religiao de Zoroastres recommendava o casamento com as Mãis. A Religiao do Egypto authorizava o casamento com as irmãs.

xes Mnemon casou com huma das suas filhas pelo conselho de 'sua Mãi, a qual não se envergonhou de lhe dizer, lisonjeando a sua criminosa paixão: *Vós sois aquelle, que Deos concedeo aos Persas, como a Lei unica, e como a regra da honestidade, ou da dishonestidade, da virtude, e do vicio.*

Tal chegou a ser com o tempo a vergonhosa escravidão dos Persas, que poderão algumas vezes adorar o crime na pessoa do seu Soberano: não se envergonhavaõ de serem seus escravos. Certifica-se que os Persas lhe agradeciaõ de se ter lembrado dell'es, depois de ter sido açoutados por ordem sua. Nós o podemos crer, pois que a China offerece exemplos da mesma natureza.

Escravidão vergonhosa dos Persas.

Os Filósofos antigos consideraõ aquella escravidão, como huma das causas da ruina dos Persas; porque de que esforço he capaz hum Povo, ao qual não fica, nem ainda hum sentimento de liberdade? Aquelles Sabios accrescentaõ-lhe outras causas; o luxo, principio da corrupção geral; a pessima educação dos Principes, origem dos vicios do Governo; e a falta da boa fé, d'onde nascem a adulação, a perfidia, e os crimes destruidores da Sociedade. Os Persas tinhaõ degenerado extraordinariamente, porque adquiriraõ

Causas da ruina deste Povo.

Cyro os fez degenerar.

muito poder , e infinitas riquezas. He singular, que os admiradores de Cyro , sem perceberem a contradicção das suas idéas, convenhão que o mesmo Cyro fosse em parte o author daquella mudança. Cyro depois das suas victorias, affectou a magnificencia dos Medas ; permittio, e desejou que se prostrassem na sua presença para o adorar ; e abandonou inteiramente a educação de seus filhos, posto que instruido por experiencia das vantagens de huma boa educação. Cyro foi pois, assim como Alexandre , com qualidades heroicas, hum modelo perigoso para os Principes.

CAPITULO IV.

Religião dos Persas.

DE todas as Religiões, inventadas pelos homens, nenhuma se chega mais para a verdadeira, e não he menos supersticiosa do que a Religião dos Persas, a qual subsiste ainda entre os Parsis, ou os Guebres, seus descendentes. Herodoto com outros muitos Escritores, a conhecêrao muito mal, assim como infinitos outros objectos, de que fallaõ me-
ra-

Os Persas
adoravão
hum só
Deos.

ramente guiados pela authoridade de humas relações infieis. Estes representaõ os Persas, como Idólatras, adorando o fogo, o Sol, e Divindades fabricadas pelas mãos dos homens. Porém a Critica dissipou aquelle erro. Temos provas certas, como os Persas reconheciaõ a Unidade de Deos, e que o seu culto só a elle directamente se referia. O seu Mithra, ou o Sol, o seu Fogo Sagrado que conservavaõ cuidadosamente, não eraõ senão Emblemas do poder do Creador. Os Persas não queriaõ Templos, e pretendiaõ, que encerrar a Divindade em hum circuito de paredes, era insultalla; desprezavaõ as Imagens, julgando-as indignas do Ser invisivel; e abominavaõ as superstições do Sabeismo, isto he, a Idolatria dos Caldeos.

Os Persas não queriaõ nem Templos, nem Estatuas.

Zoroastres, ou Zerdusht seu célebre Legislador, cuja época he difficultosa de se determinar, tinha vindo, segundo elles diziaõ, purificar a sua Religiaõ dos erros, que os Sabenianos lhe haviaõ introduzido. (1) De Zoroastres he que os Persas recebêraõ a doutrina dos dous principios, não semelhante áquella, que os

Zoroastres.

Doutrina dos dous Principios.

TOM. I.

L

Ma-

(1) A opiniaõ commum he, que Zoroastres vivia no tempo de Dario, filho de Hystaspes, e que reformou a Religiaõ, estabelecida por outro Zoroastres muito mais antigo.

Maniqueos depois ensinárao, porém sem absurdos contradictorios. O fim daquelle doutrina he explicar a origem do mal, de modo que Deos não pareça o seu Author. Conforme os Persas, o Bom Principio, Ser Supremo, Eterno, Independente, a que chamao *Oromazes*, creou a luz, e as trevas. *Arimanes*, Principio Máo, extrahe a sua origem das trévas; e ainda que opposto em tudo ás idéas de *Oromazes*, contribue a pesar seu para a sua gloria. Donde vem a mistura do Bem, e do Mal. Esta contestação dos dous Principios durará até ao fim do Mundo. Entao haverá hum resurreição; a luz, e as trevas separar-se-hão; os bons, e os máos terão o premio que merecem.

O *Sadder*,

O *Sadder*, antigo Livro Sagrado dos Persas, o qual o sabio Thomas Hyde fez conhecer na Europa, inclue idéas sublimes juntas com excellentes regras de Moral. A recta, e boa razão póde em todo o tempo, e em todo o lugar conduzir o Homem para tudo o que faz a humana Sabedoria, encerrada em os limites da Natureza. As obrigações prescricas aos Magos, ou aos Sacerdotes, erao dignas de hum Estado feito para dar o exemplo, e a lição aos Profanos. Mostremos pois alguns preceitos concernentes

Preceitos
para os
Magos.

tes ao Summo Sacerdote: 1. O Summo Sacerdote deve preservar-se de toda a mancha, porque Deos o elegeo para ser Santo. 2. Deve receber o dízimo do Secular, como Esmoler do Omnipotente, para distribuir pelos pobres o tributo pago pelos ricos. 3. Deve ser versado não sómente em o conhecimento da Lei, porém em todas as Sciencias, por ser nomeado para instruir todos aquelles, que seguem a Religião. 4. Deve applicar-se especialmente a discernir a verdade do erro. 5. Deve só temer a Deos, e aborrecer sómente o peccado. 6. Posto que o Summo Sacerdote possa ser honrado com algumas revelações Celestes, não as deve publicar, porque embaraçariao o Povo, o qual deve estar pela Lei Escrita. (Veja-se a *Hist. Univers. t. 3.*, ou Hyde, *Rel. Veter. Pers.* 13.)

Quando os Magos observavao aquellas regras, se mostravao capazes de serem os dignos Ministros da Religião, os verdadeiros Magistrados dos costumes; tanto mais respeitaveis, quanto se dirigia inteiramente para o bem Publico a sua authoridade a respeito dos espiritos. A sua vida era austera sem extravagancia. Diogenes Laercio os descreve vestidos simplesmente, deitando-se no chaõ, não vivendo senão de hervas, de queijo, e

Vida austera dos Magos.

Sua au-
thoridade
excessiva.

Sua Scien-
cia myste-
riosa.

Como os
Sacerdo-
tes antigos
adquiri-
raõ grande
poder.

de paõ, e fazendo a sua occupaçoõ principal em orar a Deos, e exhortar os homens para a Justiça. Porém semelhantes aos Sacerdotes Egypcios, e Caldeos, os Magos adquirirão grande poder, para se conterem nos limites das funcções Religiosas. Os Reis, e os Principaes do Estado eraõ educados com as suas lições; nenhum negocio importante se decidia sem o seu conselho; e Plinio certifica que ainda no seu tempo *elles davaõ Leis aos Reis dos Reis*, Liv. 30. C. i. Como o credito dos Magos se fundava principalmente em a sua Sciencia, faziaõ della hum mysterio. Nenhum Estrangeiro podia participar daquella Sciencia sem a licença do Principe: este favor foi concedido a Themistocles, quando estava ao serviço dos Persas contra a sua Patria. Os Filósofos Gregos respeitavaõ muito a Escola dos Magos. Pythagoras, segundo dizem, tirou della huma parte da sua doutrina.

Recorramos pelo entendimento a Persia, a Caldea, o Egypto, e a India; e daqui voltemos para a Germania, e Gaulezes: acharemos por toda a parte quasi o mesmo espirito, e o mesmo procedimento na Ordem Sacerdotal. Todos os Sacerdotes antigos, que formavaõ huma classe distincta dos outros Cidadãos, tambem tinhaõ os seus interesses á parte,

te, de que eraõ muito ciosos. Depositarios da Religiaõ e da Sciencia, Arbitros dos Reis, e Oraculos dos Povos, como não abusariaõ muitas vezes do seu poder; de hum poder taõ util, quando sómente tem por alvo a santidade dos costumes; mas taõ funesto quando chega a ser o instrumento das paixões? Não ter sabido determinar os limites entre a Authoridade Civil, e as funcções Religiosas, nem honrar o Sacerdocio á proporção das vantagens, que procura, e sem dar áquelles que o exercitaõ meios, e motivos para o inverterem contra o interesse Publico, era a culpa dos Governos, ou da ignorancia humana. Tanto mais veneravel he o Ministerio Sagrado, quanto mais importava prevenir os seus abusos. Porém a Religiaõ tendo sido hum dos primeiros fundamentos da vida civil, não nos devemos admirar, que os seus Ministros depois de terem dirigido as opiniões, e os costumes tenhaõ tido o segredo, e por consequencia o desejo, ou de governar os Estados, ou de attrahir a si mesmo a sua substancia.

As Historias Orientaes da Persia celebrãõ hum antigo Rei chamado Hushang, a quem se attribue o primeiro Codigo das Leis, a divisãõ do Imperio em Províncias, e a invenção da maior parte dos

ins-

Fragmẽto
notavel de
hum Livro
antigo do
Persas.

instrumentos da Agricultura. Pretende-se ser elle o Author de hum Livro intitulado: *a Sabedoria de todos os tempos*. Este Livro está cheio de enthusiasmo, e de maximas excellentes. O fragmento que d'elle entro a transcrever, seguindo os Authores Inglezes da Historia Universal, dará huma idéa da Sabedoria dos Orientaes. Os grandes Reis são Deoses da terra, tão superiores em poder, em sabedoria, e em bondade, aos mais homens, quanto Deos lhes he superior. Porém esta elevação não os deve com tudo favorecer para tratar os seus vassallos rigorosamente. Raras vezes se ouve o estrondo do trovão; porém o Sol todos os dias brilha. Por hum acto de vingança, Deos nos dá mil sinaes de bondade. Os Reis o devem imitar, fazendo todo o bem que poderem. Que se lembrem, que arbitros de mandar tirar a vida, não tem poder para a tornar a dar. Logo acautelai-vos das sentenças precipitadas, e preveni arrependimentos incapazes de reparar o mal. Os Ministros são instrumentos entre as mãos dos Reis. Destes pois, e não daquelles he que se queixaõ os Povos maltratados. Eleja hum Rei bem os seus Ministros: porque tão inutil lhe seria, a fim de socegar o Povo, desculpar-se com elles dos seus grandes crimes, como a hum matador allegar ao Juiz, que não fora elle; mas sim a sua espada que ma-

A respeito
das obri-
gações
dos Reis.

tára o seu visinba. *Principes mds tiveraõ algumas vezes bons Ministros; porém Principes virtuosos, não conserváraõ muito tempo Ministros mds, &c.* Por muito antiga que esta Obra possa ser, não chega certamente a Seculos muito remotos. Os homens tem o furor de realçar, por huma antiguidade fabulosa, o preço daquellas mesmas cousas, das quaes a razão deveria fazer todo o merecimento.

I N D I O S .

SE pela belleza, e fertilidade da terra, em que qualquer Povo habita, se deve julgar da sua antiguidade, os Indios, especialmente para a parte do Ganges, são talvez a primeira das Nações bem governadas pela sua Politica. Os Monumentos confirmaõ esta conjectura; e posto que o Fragmento de Ctesias a respeito da India esteja cheio de mentiras; posto que as Historias Orientaes desta Regiaõ sejaõ ainda mais fabulosas, sabe-se que os Antigos hiaõ á India para se instruirem, e Sabios judiciosos julgaõ ainda hoje, que os Egypcios, e depois os Gregos, tiráraõ da India a sua Filosofia, e a sua Re-

Antigui-
dade dos
Indios.

ligião. Não se póde duvidar que a doutrina da Metempsychosis, (a Transmigração das almas) não seja originaria da India. Este he hum titulo sufficiente da sua antiguidade. Desde tempos immemoriaes crêo-se na Asia, e no Egypto, que as almas passavaõ de hum para outro corpo.

Divisaõ
das Clas-
ses.

Vigiado-
res.

Lavrado-
res.

Conforme Ariano, Author veridico, todos os Indios eraõ livres, e divididos em sete Classes, as queas já mais se confundiaõ com os casamentos. Havia humma Classe de *Vigiadores*, destinada para dar conta ao Principe do procedimento dos outros. A Classe dos Lavradores gozava de hum Privilegio proporcionado á importancia da Agricultura; que consistia em os não tirar nunca dos campos para os empregar em outra qualquer cousa; em tempo de guerra, todos cumpriaõ humma Lei inviolavel de não entender nem com a sua pessoa, nem com os seus bens: sabia-se que tudo falta, quando a terra não he cultivada; e que esta o não póde ser, como he necessario, se os cultivadores não forem favorecidos. A Classe dos Brames, ou Brachmanes, da qual particularmente fallaremos, tinha a preeminencia sobre todas as outras, porque a Religião, e a Sciencia estavaõ no seu poder: os Brachmanes gozavaõ do Imperio do

do Sacerdocio. Aquella separação das *Castas*, ou das diversas ordens de Cidadãos, ainda em o nosso tempo subsiste. Virão-se os inconvenientes, que dellas são inseparaveis. Crer que tudo se deve aperfeiçoar, quando os filhos não podem ter senão a profissão de seus Pais, he huma preocupação frivola. A experiencia provou, que assim na Asia, como no Egypto, nada se aperfeiçoava. Além de que as *Castas*, ou as diversas ordens abominão-se mutuamente, ainda por principio de Religião; o que he hum enorme vicio na Sociedade.

Inconvenientes
deste uso.

A India era, em grande parte, devedora da sua celebridade aos Brachmanes; os quaes tão respeitados, como os Magos na Persia, e como os Sacerdotes do Egypto, isentos de tributos, consultados na Corte, dominando sobre os Povos, applicavaõ-se á Astrologia, faziaõ-se Profetas, craõ Theologos, e Philosophos; e a sua doutrina, praticada com a austeridade dos costumes, excitava a mesma admiração dos Estrangeiros. Viaõ-se os Brachmanes aturar em pé o Sol mais ardente, e fazer experiencia nos seus corpos dos soffrimentos, e das dores as mais fortes; desprezando aquelles, que não morrem senão de enfermidades, e de velhice; e fazendo-se queimar vivos,

Sciencias,
e Costumes dos
Brachmanes.

Os Brachmanes morrião voluntariamente.

vos, quando a vida lhes chegava a ser peizada, assim como fez Calano á vista do exercito de Alexandre. Muitos não usavaõ de vestidos, pela qual razaõ lhes deraõ o nome de *Gymnosofistas*.

Doutrina
da Metē-
psychosis.

A Metempsychosis, ou Transmigração era hum dos pontos fundamentaes da sua doutrina. Persuadidos, que as almas humanas passavaõ para o corpo dos animaes, não comiaõ qualidade alguma de carne. Ao menos aquella falsa opiniaõ apoupava o sangue dos animaes; a qual tambem tinha a vantagem de reprimir as paixões do homem, ou pela temperança, ou pelo temor; porque receava-se, como a pena do vicio, de ser depois da sua morte hum animal immundo, ou aborrecido. Ha tantas preocupações nocivas no Universo, que se deve huma especie de respeito aquellas, que produzem o bem.

Theologia dos
Brachmanes.

Conforme o testemunho de Estrabaõ, os Brachmanes criaõ que o Mundo teve principio, e que ha de acabar; que o Ser Supremo o enche com a sua presença; que nos primeiros tempos, o leite, o vinho, o azeite, e o mel corriaõ de fontes; porém que os homens tendo abusado da sua felicidade, Deos os privára de tudo, e os condemnára a viver do seu trabalho. O Vedam, antigo Livro Sagrado dos Brachmanes, contém os

O que o
Vedam
ensina.

mes-

mesmos principios com huma mistura de Fabulas absurdas. Hum Ser Supremo, Espirito puro, e perfeito: Intelligencias do mesmo Ser originadas, humas das quaes se degradárao, peccando: aquelles máos espiritos, chamados *Deoutas*, desterrados para hum Mundo material, onde são a causa do mal; Vistnou tomando huma fórma humana, para livrar os homens da tyrannia dos *Deoutas*; e huma serie de transmigrações, e de provas, depois do que as almas unidas com a sua origem gozarão de huma felicidade eterna: tal he o fundamento da Theologia Indiana, da qual Pythagoras extrahio os seus Dogmas principaes. Brachma, o qual deo o seu nome aos Sacerdotes da India, he hum dos primeiros Genios empregados para reger o Mundo. Em quanto a Vistnou encarnado, he o mesmo a quem os Chinezes âdoraõ debaixo do nome de *Fo*, ou de *Foe*; os Japonezes debaixo do nome de *Amida*, &c. Os delirios, e as extravagancias da India penetrárao por todas as partes. Platao adoptou huma parte delles. Origenes pretendeo concordar aquelles delirios com o Christianismo, com o qual se acha, á primeira vista, alguma semelhança, *que desapparece, assim que se examina*, diz M. Bougainville, *porém que prova ao menos, que a Religião da India,*

 Brachma.

 Vistnou.

assim como todas as outras, teve por base na sua origem as primeiras verdades, conhecidas geralmente por todos os homens, e as quaes fazem o corpo da Revelação Natural, tão antiga, como o Universo. (Memorias da Academia das Inscriptões, tom. 18.)

Ignoran-
cia da As-
tronomia,
entre os
Indios.

Aquelle Povo imagina, que a terra he como huma superficie plana, no meio da qual se levanta hum monte; em torno do qual, faz girar o Sol, a Lua, as Estrellas, e outros os Planetas. Superior ao Ceo dos Planetas, se imaginaõ haver outros seis Ceos; habitação feliz, onde habitaõ as Intelligencias da segunda ordem, puras, ou purificadas. Não se pôde mostrar maior ignorancia da Astronomia. O entendimento humano se alimenta sempre com Fabulas, antes de observar a natureza. Os Indios eraõ capa-

O seu talẽ-
to proprio
para invẽ-
tar.

zes de exceder nas Sciencias, se humas profundas contemplações não tivessem como absorvido o seu talento. Attribue-se aos Indios a invenção dos jogos de xadrez, e dos Algarismos Arabicos. O seu periodo actual, precedido de outros muitos inteiramente fabulosos, remonta, segundo o calculo de M. Freret, ao anno 3102 antes de Jesu Christo. (*Mem. da Acad. das Inscript. Ibid.*)

As Mulhe-
res quei-

A superstição pôde unicamente estabelecer, na India hum antigo uso, ainda subsis-

subsistente, do qual se horroriza a Natureza. Depois da morte de qualquer homem, huma das suas mulheres tem o direito de se queimar viva, na sua propria fogueira. As mulheres algumas vezes disputão entre si aquella vantagem; para a qual são exhortadas pelos Brachmanes, como para huma obra meritoria. De quantas cousas não são capazes humas imaginações, esquentadas por causa de algum delirio supersticioso? Deos he transformado em tyranno: julga-se honrar a Deos com a effusão do sangue humano: encontra-se a santidade em os excessos, ou da loucura, ou do furor; ao mesmo tempo que a Religião não respira senão doçura, e sabedoria. A causa de tantas infelicidades diffundidas em diversos tempos por toda a face do Universo, he porque os homens quasi nunca consultáraõ a razão, á respeito de hum objecto da maior importancia.

maõ-se
por su-
perstiçaõ
na foguei-
ra de seus
maridos.

SCYTHAS, E CELTAS.

DEixamos para os eruditos a Historia dos Scythas (hoje os Taitaros), e a Historia dos Celtas, antigos habitadores

Reflexões
a respeito
dos Scy-
thas, edos
Celtas.

res das Gaulas, chamados Gomeritos, como descendentes de Gomer, neto de Noé. Que se póde saber das antiguidades de Povos sem Litteratura, e sem Monumentos; de Povos vagabundos, os quaes não viviaõ senão dos seus rebanhos, ou de roubos? Bastará descrever o seu caracter, quando apparecerem em scena.

Grande
barbarida-
de dos
Scythas.

Julgando segundo as descripções de Justino, e de Horacio, os Scythas tinhaõ virtudes, e costumes, dignos de se proporem para modelos. (1) Porém se os Scythas ignoravaõ inteiramente a Agricultura, que dá o nascimento á vida civil; se, como diz Herodoto, as suas filhas não se podiaõ casar, sem matar hum inimigo com as suas proprias mãos; se era para elles hum gosto, beber em os craneos daquelles, cujo sangue derrama-
vaõ; sem fallar das victimas humanas, que sacrificavaõ aos seus Deos; certamente eraõ mais dignos de horror, do que de estimação. A sua Moral, e a sua Politica eraõ aquellas mesmas dos salteadores; os quaes observaõ entre si certas Leis; porque os principios da equidade natural existem em todos os homens, e formaõ os laços de toda a Sociedade.

Ve-

(1) Parece que o nome de Scythas era commun a muitos Povos, cujos costumes podiaõ ser muito diferentes.

Veremos os Scythas, conhecidos com diversos nomes, inundar de sangue as melhores Regiões do Universo. Os Celtas, pouco menos ferozes, posto que com os mesmos costumes, far-se-hão celebres no tempo dos Romanos. Quasi todos os Povos da Europa parecem ter sido de geração Celtica, julgando pela semelhança dos costumes, dos usos, e das opiniões. Este he hum ponto pouco importante de examinar. Além de que todos os homens tanto mais se assemelham, quanto mais chegados estão ao estado da Natureza, e quanto menos alterado, ou modificado he o seu character natural com as instituições civís. A este respeito ver-se-hão relações vivas, e tocantes entre o antigo, e o novo Mundo.

OBSERVAÇÕES GERAES

A respeito dos Povos antigos da Asia.

O tempo se perderia se estudassemos a Historia dos Povos antigos da Asia Menor, dos Frygios, dos Troianos, dos Lycianos, dos Lydios, dos Missienses, &c. pois que nenhuma outra cousa acharia-

—
Povos da
Asia Me-
nor.

riamos nellas, senão muitas Fabulas, e pouca utilidade. Não ignoramos, que no tempo da guerra de Troia, quasi doze Seculos antes da nossa Era, a opulencia, e as artes de luxo já distinguiaão aquellas famosas Regiões, enriquecidas por causa do Commercio. Os Frygios particularmente negociáraão com grande successo. O que os Poetas contaão de Midas, de Tantalos, e de Priamo; o que Herodoto diz dos thesouros de Creso parece ter algum fundamento de verdade; e a ficção, ou a exaggeração suppõe neste genero factos realmente verdadeiros. Homero não teria dado tanta magnificencia ao palacio de Priamo, nem tão grande fasto aos Troianos, se naquella Paiz não abundasse o ouro.

Os Asiaticos deviaão ser subjugados.

Basta esta observação, depois da descripção das Nações principaes da Asia, para julgar que os Asiaticos geralmente corrompidos por causa da brandura, e da frouxidaão, deviaão cedo ou tarde soffrer hum jugo estrangeiro. Os seus thesouros, e as vantagens do seu clima eraão hum attractivo para os Conquistadores; armas douradas, sustentadas por mãos fracas, eraão huma defeza muito fraca. Priamo queixa-se em Homero, que seus filhos passaão todas as noites em bailes, e banquetes; e quando? quando o inimigo es-

tá

tá á porta. De mais' disso, tendo os Asia-
ticos perdido o sentimento da liberdade
não se podiaõ interessar muito no bem
público: os escravos facilmente mudaõ
de Senhor.

Huma cousa bem notavel, no meio
do fasto daquelles antigos tempos, he a
simplicidade de costumes, que subsistia
em as proprias Cortes. Os magnificos
adornos, os sumptuosos moveis, os per-
fumes, a multidaõ de escravos, não im-
pediaõ aos Grandes o exercitar as suas
mãos em obras, que nós contemplamos
como obras servís; do que Homero traz
infinitos exemplos. Os mesmos filhos de
Priamo preparaõ o carro de seu Pai,
põem-lhe as mulas, e os cavallos, e lhe
carregaõ a mala. As mulheres não se
mostraõ publicamente senaõ cobertas:
trabalhaõ em os seus aposentos; e vaõ
lavar ao rio os seus vestidos. Em
Moysés achaõ-se retratos semelhantes.
Não estar o luxo nem muito apurado,
nem muito conhecido, he porque as Ar-
tes não estavaõ aperfeiçoadas, e porque
a força dos primeiros usos só se perde
de hum modo insensivel. Aquella antiga
simplicidade de costumes mereceria maio-
res elogios, se tivesse sido o fruto da ra-
zaõ, e da sabedoria, antes do que fru-
to das circumstancias; porcm aquella mes-

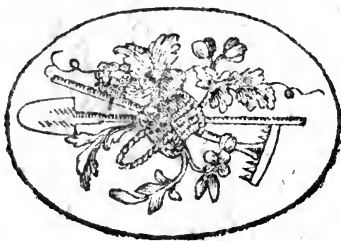
Simplici-
dade anti-
ga de cos-
tumes.

Esta sim-
plicidade
não tinha
a virtude
por ori-
gem.

ma simplicidade estava confundida com muitos vícios, e com huma ignorancia muito crassa, para excitar huma justa admiração: o que se póde julgar pela mesma Historia dos Patriarcas.

A Europa
superior á
Asia.

A Asia foi o berço do Genero Humano, da Sociedade, das Artes, e das Sciencias. Tudo o que nós vamos ver agora na Europa, além das correlações com o nosso modo de pensar, e de viver, tem maior motivo para nos interessar por causa da natureza dos objectos. Todos os engenhos do entendimento humano se manifestaráõ aos nossos olhos, tratando da Grécia; e a grandeza Romana estenderá tambem a esfera das nossas idéas, das nossas considerações, e dos nossos sentimentos.



HISTORIA UNIVERSAL.

HISTORIA ANTIGA. PARTE SEGUNDA.

HISTORIA GREGA.

COM o nome da Grecia, o nosso entendimento parece descansar das suas fadigas. Depois de ter recorrido tantos espaços tenebrosos, sem caminhos certos, o nosso mesmo entendimento principia a ver a brilhante luz da Historia; descobre verdadeiros Heroes, Sabios célebres, engenhos immortaes, Chefes de obra de perfeição; e prova com anticipação o gosto de admirar os esforços da liberdade, e os recursos da Politica. Porém antes de chegar ao termo a que aspiramos, se apresenta as antiguidades dos Gregos, como huma terrivel barreira.

Idéa geral
da Historia
Grega.

— Fabulas
deste Po-
vo.

Nenhum Povo publicou tantas Fabulas a respeito da sua origem. Cada Cidade deste pequeno continente da terra louva os seus Deoses, os seus Semideoses, dos quaes conta cousas extravagantes, e inteiramente desfigura a Historia com infinitos absurdos. Esta he para os Sabios a materia de todas as qualidades de Systemas, e de conjecturas. Ignoremos, sem vergonha, tudo o que não se poderia aprender senão com prejuizo dos conhecimentos essenciaes. Algumas observações uteis a respeito dos primeiros Gregos, devem bastar para a nossa curiosidade.

XX

LIVRO I.

Desde os tempos fabulosos até á guerra contra os Persas.

CAPITULO I.

Dos tempos fabulosos, e heroicos.

— Osprimei-
ros Gre-
gos forão
huns Sal-
vagens.

A Antiguidade dos Gregos se reconhece geralmente. A commun opiniaõ os faz descender de Javan, filho de Japhet;

phet; opiniaõ, que seria muito inutil querer profundar. Os Gregos eraõ, nos seus principios, verdadeiros salvagens, os quaes quasi nada tinhaõ de homens, nem razãõ, nem sentimentos, nem Sociedade. Os seus primeiros descobrimentos foraõ aprender a edificar cabanas, a alimentar-se com bolotas, e a cobrir-se de pelles. Longe de ter a menor idéa de Policia, ignoravaõ o mesmo Matrimonio, e viviaõ como animaes ferozes. Hum espectáculo semelhante he humilde para o Genero Humano; porém ao mesmo tempo nos ensina quanto devemos ás Leis, e ás Artes, sem as quaes estariamos ainda embrutecidos naquelle estado.

*Pausan. in
Arcad.*

Em o anno de 2000 antes da nossa Era, huma Colonia, talvez Egypciaca, conquistou a Grecia, onde espalhou provavelmente as primeiras noções do Culto Religioso, hum dos meios, que contribuiu mais para civilizar os homens. Julga-se, que os famosos Titães, Saturno, Jupiter, &c. adorados depois por Deoses, eraõ os Chefes daquella Colonia; a qual fez poucos progressos. Os antigos costumes subsistiaõ ainda, quando novos Estrangeiros se estabelecêraõ na Grecia, juntáraõ as familias vagabundas, mostráraõ-lhes as vantagens da vida Social, e fundáraõ algumas Cidades, ou

Estrangeiros se estabelecêraõ na Grecia.

pa-

para melhor dizer algumas Povoações, cujos nomes algum dia deviaõ ser célebres. Os Reinos de Athenas, de Argos, de Esparta, e de Thebas nascêraõ no centro da barbaridade.

Obsta-
culos aos
progressos
da Socie-
dade na
Grecia,

Diversas revoluções Fysicas, Diluvios, Terremotos, os quaes parecem ter separado do continente algumas Ilhas do Mar Egeo, ou Archipelago, retardáraõ muito na Grecia o estabelecimento fixo das Sociedades, e a cultura dos costumes. As invasões, e os roubos perpetuos lhe causavaõ maior obstaculo. A Athica, Patria dos Athenienses, sendo huma terra esteril, experimentou menos aquellas ultimas infelicidades. Razaõ por que os Athenienses se gloriavaõ de serem descendentes da terra em que habitavaõ (*Autocthonos*).

Fundação
de Athe-
nas por
Cecrope.

Autocthonos). Cecrope, Egypcio, se estabeleceu na Athica 1582 annos antes da nossa era. Casou com a filha do Rei Acteo, e succedeo no Throno. Cecrope fundou a Cidade de Athenas, conhecida logo com o nome de Cecropia; e humanizou aquelles Povos ferozes, ou dando-lhes huma Religiaõ, ou sujeitando-os ás Leis da uniaõ conjugal, de tal sôrte ignorada até áquelle tempo, que os filhos traziaõ o nome de sua Mãi. Outras Leis se estabelecerãõ: formáraõ-se Tribunaes. O Areopago, destinado para castigar os homi-
ci-

Cecrope
estabele-
ceu o A-
reopago.

cidios, he o Monumento mais famoso de Cecrope. Nenhum Tribunal teve tão grande reputação: onde as sentenças se davão de noite, em Praça publica, sem que se permittisse dar ouvidos á eloquencia. Huma simples exposição do facto decidia os Juizes; e nunca, segundo Demosthenes, deraõ sentença alguma, que não fosse sentença de equidade.

Deste modo, huns Estrangeiros lançaraõ na Grecia os fundamentos da vida civil. O Egypcio Danao, Senhor do Reino de Argos, lhe introduzio a Agricultura, e as Artes do Egypto. O Fenicio Cadmo, estabelecido na Beocia, povoou Thebas, ensinou a Arte de cultivar a vinha, e a Arte de trabalhar, e de fundir os metaes: finalmente ensinou a Escritura alfabetica, origem preciosa dos mais vastos conhecimentos.

Danao, e
Cadmo
introdu-
zem as
Artes na
Grecia.

Os Gregos, apaixonados pelas Fabulas deraõ áquellas humanas invenções huma origem sagrada: e pretendiaõ que tudo lhes viesse dos Deoses, não por reconhecimento, mas por vaidade. A sua tenebrosa Mythologia escurece, e desnatura tudo; de maneira, que os primeiros Deoses, dos quaes os Egypcios, e os Fenicios se serviaõ, não se pôdem conhecer. Porém, entre aquellas trevas se vêem os esforços da barbaridade contra

Paixão dos
Gregos
pelas Fa-
bulas.

Os Gregos
oppor-
raõ-se lo-
go á Agri-
cultura.

os Bemfeitores do Genero humano. Triptolemo, o companheiro de Ceres, se expôz muitas vezes a perder a vida, inspirando aos Gregos o gosto da Agricultura; em o mesmo perigo esteve Baccho, por lhes manifestar as vantagens da vinha. A razão de tudo he porque tanto mais infelizes, e ignorantes são os homens, quanto mais estupidamente são cegos a respeito dos seus verdadeiros interesses. Hum trabalho vantajoso os desgosta, Leis salutíferas lhes parecem hum jugo intoleravel; e preferem mais depressa a vida licenciosa, a ociosidade, e os horrores de hum estado bruto, aos bens infinitos da Sociedade, cuja oppressão receão, e temem; do que a America ainda hoje dá exemplos. Por toda a parte, entre os mesmos Póvos bem cheios de Policia, os homens suspirão pela felicidade, e desprezaõ muitas vezes os meios de a alcançar.

Liga, e
conselhos
dos Am-
phyctiões

Com tudo os Gregos divididos, e sujeitos a huma multidão de pequenos Reis, sempre em guerra huns contra os outros, julgáraõ, que não podiaõ ter força, nem segurança, senão unindo-se todos. Amphyction, pouco tempo depois de Cecropê, e do Diluvio de Deucalion, principiou hum estabelecimento, que chegou a ser hum Chefe de obra de Po-

Politica. Dóze Cidades se uníraõ para seu commum interesse. Os seus Deputados devíã ir duas vezes cada anno a Thermopylas; e formavaõ o conselho dos Amphyciões taõ célebre na serie da Historia. Os Amphyciões julgavaõ na ultima, e decisiva instancia os negocios dos Confederados. A força das armas se empregava contra os rebeldes. A Religião servio de alicerce áquella respeitavel liga. O conselho se encarregava especialmente da defeza do templo de Delfos, onde concorriaõ de todas as partes a fim de consultar Apollo. Que influencia não tinha aquelle motivo em humas almas supersticiosas? Não se podia usar delle para melhor fim.

He necessario deixar aos Poetas a narração da guerra de Thebas, da expedição dos Argonautas, e do sitio de Troia. Os Factos Historicos estaõ aqui como submergidos em as Fabulas. Limito-me sómente em hum pequeno numero de reflexões.

A Guerra de Thebas, onde sete Reis se uniraõ contra Eteocles, he hum terrivel Monumento do odio fraternal. Dois Irmãos disputaõ entre si a Coroa, e acabaõ matando-se hum ao outro, depois de terem inundado a sua Patria de sangue. A destruição da Cidade he o fruto da

Guerra de
Thebas.

da sua contenda. Posto que a injustiça de Eteocles parecesse justificar a Polynices, todos os Anciãos julgáram que Polynices era indigno de sepultura, por ter atea-do o fogo da guerra na sua Patria: tanto se levantão contra a ambição, e contra o interesse pessoal os sentimentos da humanidade.

Expedi-
ção dos
Argonau-
tas.

A viagem dos Argonautas para Colchos, a respeito da qual se fizeraõ mil conjecturas, foi huma empresa tanto mais afouta, quanto menos eraõ os recursos, que os Gregos tinhaõ para a navegação. Os mesmos Gregos muito ignorantes da Astronomia, dirigiaõ-se sómente pela Ursa grande; e não tinhaõ conhecimento provavelmente nem das ancoras, nem da sonda. Os seus navios, ou as suas barcas facilmente se puxavaõ para a praia. Com tudo, se dermos credito a Eustathes, célebre Commentador de Homero, o Commercio do Mar-Negro era o alvo da sua expedição. Supposto o facto, devemos admirar huma empresa taõ grande, tentada com meios taõ pequenos.

Guerra de
Troia.

A empresa, que os Gregos executáraõ na Asia poucos annos depois, faz huma Epoca famosa. Toda a Grecia unio os seus esforços para vingar a injuria de hum Grego. As riquezas de Priamo, e a grandeza de Troia, não podéraõ triunfar da-

daquella uniaõ. O poder Asiatico não pôde resistir pela primeira vez ao valor Europeo, e o exemplo de Paris ensinou aos Principes, que huma paixaõ pôde arrastar a ruina de hum Estado. Ordinariamente todos dizem, que Troia fora tomada no anno de 1184, antes de Jesu Christo. Porém segundo a Chronologia dos Marmores no anno de 1209. Aquelles Marmores antigos determinam as épocas desde Cecrope até ao tempo de Philippe: em quanto á Chronologia antiga não temos regra mais certa; aquelles Marmores, com tudo, não foram abertos senão 264 annos antes da nossa era.

A expedição de Troia, tão gloriosa para os Gregos, igualmente lhes foi nociva, assim pelas desordens occasionadas por huma ausencia dilatada dos Reis, como pelas emprezas dos piratas, e dos salteadores, os quaes se aproveitaram da occasião para accommetter os Póvos. Quasi oitenta annos depois se experimentaram infellicidades ainda mais funestas. Hercules, a pesar das suas façanhas, foi excluido da Coroa de Mycenae. Os Heraclides, seus descendentes, viram-se constrangidos a deixar a Grecia, onde o odio os perseguia. Os mesmos Heraclides tornaram a entrar no Grecia armados, quando a sua patria dilacerada, e despe-

Troia foi tomada em 1209, segundo os Marmores de Arundel.

Infellicidades succedidas depois da tomada de Troia.

Os Heraclides.

daçada devia ser necessariamente o despojo violento do mais forte. Argos, Esparta, e Mycenae foram reduzidas á sujeição. O terror derramou-se por todos os lados. Então muitas Colonias passaram o Mar, e se estabeleceram nas Ilhas, e nas Costas da Asia Menor. As Colonias dos Jonienses, dos Eolios, e dos Dorios são as mais célebres.

Colonias
Asiaticas.

Leis de
Minos em
Creta.

Desde muito tempo, Minos Rei de Creta, a quem os Poetas fizeram Juiz dos Infernos, tinha-se inculcado por inspirado para estabelecer novas Leis. Porém se a humanidade nos serve de regra, aquellas Leis, posto que Lycurgo as adoptasse para modelo, nos parecerão pouco dignas de huma origem milagrosa; porque se referião principalmente á guerra, e nunca impedirão nem as perturbações, nem as discordias civis. Minos formou valerosos guerreiros, os quaes foram Cidadãos turbulentos: e não permittio á Mocidade revogar em duvida a sabedoria dos principios, que se lhes inculcava. Isto he o que Platon acha admiravel, porém isto he tambem o que arraiga as preocupações, e os abusos, assim como os bons principios. Acaso, o respeito das Leis não póde unir-se com o uso do bom juizo? Em Creta prohibia-se o celibato. Certifica-se, contra toda

da a probabilidade, que o Legislador authorizára vícios contra a Natureza, a fim que os Pais não tivessem muitos filhos. Sómente por este motivo, Minos mereceria hum segundo lugar nos Infernos.

C A P I T U L O II.

Barbaridade dos Seculos heroicos ; Superstições, &c.

OS Seculos heroicos foram tempos de barbaridade. Podemos referir ao Pintor dos costumes antigos. Homero he, a este respeito, hum Historiador excellente ; e extrahimos das suas mesmas Fabelas os verdadeiros conhecimentos, que tem motivos para o nosso interesse.

Os Seculos heroicos foram barbaros.

Todos aquelles Reis, que imaginamos tão poderosos, tinham hum fraca authoridade sobre os seus vassallos ; deliberavaõ em hum Conselho particular ; hum Assembleia geral ou confirmava, ou não approvava a decisaõ. As prerogativas do Principe eraõ, ser o primeiro em votar, ouvir as queixas, sentenciar as differenças, e mandar as tropas : accrescentemos-lhe a prerogativa de ser Presidente da Religiaõ. Erectheo,

Poder limitado dos Reis.

Os Reis eraõ Presidentes da Religiaõ.

Rei de Athenas, foi o primeiro que separou o Sacerdocio do Imperio, a favor de Butes, seu irmão: exemplo, que não parece ter tido imitadores (1). Em huma palavra, o Governo dos Gregos era o mesmo, que o Governo de quasi todas as Nações barbaras, mais depressa governadas pelos seus usos, do que pela authoridade dos seus Chefes, de quem dependem em poucas cousas.

Os Gregos
ignoravaõ
o Direito
das Gen-
tes.

Idéa deste
Direito.

Os Gregos occupavaõ-se principalmente na guerra, sem conhecer o Direito das gentes, necessario ou para suavizar, ou para emendar os seus horrores. Aquelle Direito, fundado em os primeiros principios da Natureza, e da Moral, he o mesmo que o direito da propria Humanidade, ao qual he necessario accrescentar as convenções reciprocas das Nações entre si. Hum Povo tem para com outro Povo as obrigações de hum homem para com outro homem. O motivo da sua propria conservação póde authorizar a violencia; porém aquelle que mata sem que a sua vida seja accommettida, aquelle que rouba violentamente o bem alheio, he hum salteador, ou hum assassino, digno

(1) O que he contrario ás regras da boa, e recta politica, a qual não deve ser senão o systema mais proprio para fazer a felicidade dos Povos.

gno da abominação, e da vingança pública. Do mesmo modo, toda a guerra injusta he hum attentado tanto mais atroz, quanto mais são os homicídios, e os roubos que produz; e toda a guerra he injusta, quando as paixões a fazem emprender, ou quando excede os limites prescritos pela equidade natural. As almas sensíveis sempre ouvirão com horror aquella palavra, a qual se deriva, segundo alguns julgaõ, da lingua dos Cannibales, o *Direito de quem pôde mais*. Este era com tudo o Direito dos Gregos.

Duvida-se, que os Gregos tivessem alguma idéa geral de virtude; porque a palavra *arete*, a qual a exprime, não significava naquelle tempo senão valor. Em aquelle estado de guerra, e de invasões continuadas, o valor, sem contradicção, devia suprir de algum modo ás virtudes. Ferozes nos combates, ferozes depois da victoria, os Gregos tratavaõ os seus prisioneiros como victimas consagradas á crueldade. As mulheres, as Princezas reduzidas á escravidão experimentavaõ tratamentos mais insupportaveis do que a mesma morte. As represalias não podiaõ deixar de ser horrorosas. Quantos Seculos tem passado, antes que os homens julgassem, que o seu interesse he fazer bem aos seus semelhantes,

O que os Gregos chamavaõ virtude.

Ferocidade de guerra: crueldade para com os vencidos.

tes, ou fazer-lhes o menor mal que podem, quando infelizmente são obrigados a offender!

Ignorância da Arte Militar, provada cō o sitio de Troia.

Aquelles Heroes, aquelles grandes Capitães da Iliada, ignoravaõ tanto a Arte militar, que o sitio de Troia não tem semelhança alguma de sitio. O seu campo ficava muito distante da Cidade; o livre espaço, que havia entre o campo do exercito, e a Cidade, servia de campo de batalha. Não se via, nem circunvallações, nem ataques, nem escalas, nem máquinas de guerra. Em os combates, tudo era á força de corpo; a destreza só se mostrava em lançar frechas; a primeira accaõ de espada na mão, ordinariamente decidia da sorte dos guerreiros. Os seus carros faziaõ muitas vezes inuteis os conductores, e não podiaõ servir, em mil encontros, senaõ para embaraçar os combatentes. Não havia outra cavallaria. Finalmente a arte principal da guerra era armar qualquer laço, ou formar alguma emboscada, ou surprender alguma partida. O objecto principal era pilhar; porque o despojo servia de paga, o qual se repartia pelos Chefes, e pelos Soldados. Este passo tambem he semelhante aos costumes Germanicos.

Qual era a frota dos Gregos.

Mil e duzentas vélas compunhaõ a frota dos Gregos, quando foraõ ao sitio de

de Troia ; porem as maiores embarcações, segundo Homero, continhão cento e vinte homens. Em aquellas embarcações não entrava ferro algum ; o uso da serra era incognito. Ellas poderiaõ pois comparar-se com barcas de Salvagens.

A grande ignorancia dos Gregos na Astronomia pôde dar huma idéa da sua Navegação. Os Gregos por espaço de muito tempo tiveraõ annos de tres, de quatro, ou de seis mezes : e sómente tinhaõ conhecimento de hum numero pequeno de Constellações, e de hum unico Planeta, que era Venus ; julgando ainda até ao tempo de Pythagoras, que a Venus da manhã era diversa da Venus da noite. Sem duvida que os Egypcios, e os Fenicios, os quaes se estabelecêraõ na Grecia, não lhes tinhaõ introduzido as Sciencias da sua Patria. Alem de que, acaso podiaõ aquellas Sciencias fazer progressos em aquellas terras, destruidas por causa da guerra, e da discordia? As Sciencias, as Letras, e as Artes costumão florescer no centro da tranquillidade, e do contentamento. Razaõ porque os Gregos da Asia Menor foraõ os primeiros, que gozáraõ das vantagens de serem felices, e instruidos. Homero illustrou aquella Regiaõ, trezentos annos quasi de-

Nenhuma Astronomia entre os Gregos antigos.

As Sciencias, e as Letras não pudêraõ ser cultivadas, senão muito tarde.

Homero na Asia Menor,

pois da guerra de Troia. Ambos os seus Poemas épicos, não obstante os seus defeitos, os quaes em vão se esforça de dissimular huma especie de Fanatismo literario, são prodigios de engenho, e origens de instrucção. A verdade das pinturas, independente do sublime da Poesia, interessa infinitamente aquelles, que gostão de ter conhecimento dos costumes antigos.

—
Grosseria
dos cos-
tumes
heroicos.

As festas, os banquetes dos Gregos, que Homero descreveo, depõem a grosseiria dos seus costumes. Os proprios Reis mataõ hum touro, ou degollaõ hum carneiro; os cortaõ em pedaços, depois de os esfolar; e os fazem assarnas grelhas, ignorando outro qualquer modo de os assar. Agamemnon dá hum espinhaço de boi a Ajax. Ambos comem, á maneira de glotões sem acio algum. Não nos admiremos das injúrias, com que os Gregos publicamente se injuriaõ, quando estão colericos. Os seus Deoses não são menos barbaros, nem mais senhores das suas paixões.

—
Leis favo-
raveis pa-
ra a Agri-
cultura.

Pelas Leis antigas attribuidas a Triptolomeo, era prohibido fazer mal aos animaes, e nada se podia offerecer aos Deoses, senão os fructos da terra. A superstição aboliu aquellas Leis, favoraveis para a Agricultura. Cecrope tinha prohibido

bido igualmente sacrificar animaes. Os primeiros Legisladores, persuadidos com razão, que a Agricultura civilizaria os Povos, tinhaõ-se applicado muito em aquelle objecto, até limitar a quantidade de terras que se poderia ter; até prohibir de alienar a herança dos seus antepassados, e de hypothecar qualquer divida sobre terras lavradas. O Matrimonio não merecia menor attenção. Razaõ por que se castigava o adulterio. O culpado pagava huma condemnação pecuniaria ao marido, que o podesse convencer; e o Pai da mulher infiel entregava ao seu genro todos os presentes, que delle tinha recebido para o casamento. Posto que os primogenitos tivessem privilegios, repartiaõ-se por sorte entre os filhos as heranças. Para o homicidio havia pena de morte; porém não havia guardas publicas para procurar, e prender os matadores; os quaes andavaõ soltos em quanto durava a instrucção do processo; demandavaõ contra os parentes do morto, que proseguiaõ a vingança; e podiaõ ou pacificar os parentes, ou fugir; todo o delicto se resgatava com dinheiro. Tal foi a Jurisprudencia de quasi todos os barbaros; tal foi particularmente a Jurisprudencia dos Germanos.

Os mysterios de Eleusis, junto a

N ii

Athe-

Outras
Leis.

Mysterios
de Eleusis,
muito
louvados.

Athenas, instituidos em honra de Ceres, ou conforme a Tradição Fabulosa, por ella mesma, eraõ hum meio excellente para suavizar os costumes, inspirando a sua prudencia, a sua sabedoria; se dermos credito aos Authores da Antiguidade: *Este he o maior bem, diz Cicero, que Athenas nos procurava entre outros muitos; a mesma Athenas nos ensinou, não sómente a viver alegres, mas tambem a morrer com tranquillidade, na esperanza de hum futuro mais feliz.* (De Leg. 2.) Ha razão para crer, que aquelles Mystérios, assim como os Mystérios dos Egypcios roubavaõ aos olhos do vulgo huma doutrina superior ás superstições correntes; e que annunciavaõ principalmente a Unidade de Deos, e a vida futura. Porem o inviolavel segredo, com que os Mystérios estavaõ encobertos, inspira justas desconfianças. Se tudo quanto aquelles Mystérios contivessem, fosse grande, verdadeiro, e util, que razão haveria para os não descobrir? *Cataõ admirava-se como hum agoureiro podia olhar para outro agoureiro sem se rir; por ventura não se poderia dizer a mesma cousa de deus iniciados nos Mystérios?* Esta reflexão de Bougainville ainda parecerá mais justa, se pensarmos, que os Mystérios de Eleusis remontaõ aos tempos de barbaridade (Vejaõ-se *Mem. da Acad.*

O segredo
dos ini-
ciados nos
Mystérios
parece
suspeito.

Acad. das Inscr. t. 21.) He necessario com tudo confessar , que huns Filozofos podiaõ reccar a vista de hum povo supersticioso , até ao gráo do Fanatismo.

Em aquelle tempo dava-se credito cegamente aos Oraculos , nada se fazia sem os consultar , e os grosseiros artificios dos Sacerdotes , e das Sacerdotizas a todos impunhaõ. Os Oraculos podem-se pôr ao pé da Astrologia Judiciaria. Aquelle era o fruto de huma velhacaria interessada , e de huma louca superstição. Por muitas maravilhas , que se contem dos Oraculos , qualquer entendimento sem preocupação não lhes poderia dar credito , por pouco que examinasse o fundamento das cousas ; e ha de vêr respostas equivocas , artificiaes , como se a Divindade necessitasse ser desmentida pelo successo. Ha de vêr imposturas provadas , das quaes huma só basta para dar occasião de suspeitar das outras. E ha de vêr Oraculos , e Feiticeiros entre os Salvagens , em todas as Nações sem luzes : prova evidente , que a sua origem emana da fraqueza do entendimento humano. Se se tivessem conservado milhares de falsos Prognosticos , e o pequeno numero dos Prognosticos verificados pelo acaso , não teria havido disputa séria a respeito de huma materia , a qual se decide

cla-

Os Ora-
culos pre-
cedidos
da impos-
tura , e
da supers-
tição.

claramente á primeira vista , quando se consulta antes a razão , do que a authoridade.

As extravagancias da Religião , ou da Mythologia dos Gregos são sufficientemente conhecidas. Esforçárao-se para as explicar com Allegorias , e com Systemas ; como se quizessem explicar os sonhos de qualquer homem delirante. A Nação recebeu os Deoses , que os Estrangeiros lhe trouxerao , aos quaes accrescentou outros , feitos ao seu modo ; a ignorancia , e o gosto das maravilhas derão valor a todas as Fabulas , e as mais absurdas achárao entendimentos natural-

A Mythologia dos Gregos he inexplicavel.

Theologia de Homero , e de Hesiodo , cheia de absurdos populares.

mente dispostos para as acreditar. He certo , que os Poetas seguirão as Tradições vulgares. Homero , e Hesiodo seu Contemporaneo , forão chamados com fundamento os Theologos do Povo. Posto que o seu Jupiter governe os outros Deoses ; posto que a Theogonia de Hesiodo contenha a idea de hum cháos , do qual a Suprema Intelligencia formou o Mundo ; as primitivas verdades desaparecem nas suas obras , assim como no Mar desaparece qualquer gota de agua. Estava reservado para os Filósofos , se não estabelecer a verdade , ao menos desacreditar os erros. Pretendêrao alguns , que Orfeo antes da guerra de Troia , ensiná-

Theologia sublime , attribuida falsamente a Orfeo.

sinára huma Theologia sublime , attribui-
 ráo-lhe admiraveis Poesias a respeito da
 Divindade. Proclo cita a seguinte passa-
 gem : *Tudo o que he , tudo o que foi , tudo
 o que ha de ser , estava originalmente in-
 cluido no seio fecundo de Jupiter. Jupiter he
 o primeiro , e o ultimo ; o principio , e o fim :
 de Jupiter derivão todos os entes , &c.* O
 Poeta dos Argonautas se acha transfor-
 mado em hum Platao. Porem são neces-
 sarias provas daquelles prodigios , e tu-
 do parece provar o contrario.

Hum Juizo depois da morte , recom-
 pensas para os Justos , e supplicios para os
 máos , he o que a Religiao Grega pro-
 puzha como verdadeiramente util. Este
 Dogma da Immortalidade he tão excel-
 lente per si mesmo , e tão salutifero pe-
 las suas consequencias , que póde des-
 truir muitos erros em materia de Reli-
 giao. Infelizmente o Elyseo , e o Tartaro
 dos Antigos se pintavão com cores ab-
 surdas ; e cedo ou tarde devia succeder ,
 que desprezando a falsidade , que a Fabu-
 la lhe tinha misturado , se desprezaria tam-
 bém a verdade confundida com a Fa-
 bula.

Os Gregos
 davao cre-
 dito á vida
 futura.

Naõ devemos acabar este Artigo sem
 fallar dos Jogos da Grecia , instituiao
 respeitavel na sua origem , a qual po-
 rem degenerou em abuso , assim como

Utilidade
 dos jogo
 da Grecia

todos os estabelecimentos, cuja utilidade depende de certas circunstancias. Aquelles Jogos formavaõ guerreiros por causa dos exercicios do corpo, da carreira, da luta, do pugilato, &c. Aquelles mesmos Jogos inspiravaõ a nobre emulaçaõ, que arrosta as fadigas, e os perigos com o unico motivo da gloria: e contribuiaõ para fazer aproximar os Gregos desunidos, fazendo nascer na sua alma aquelles sentimentos de concordia, os quaes sómente os podiaõ fazer felices. Toda a hostilidade entaõ cessava: todos tinhaõ os mesmos gostos, todos viviaõ como compatriotas, e todos experimentavaõ a vantagem de huma pacifica uniaõ: era difficultoso que não desejassem conservar aquella uniaõ. Quando ao depois os athletas formáraõ huma profissão á parte, muito onorosa ao Publico por causa das despezas, que eraõ necessarias para os mesmos athletas, quando o gosto dos espectaculos, chegou a ser huma paixãõ desordenada, que suffocou o Patriotismo; aquelles Jogos foraõ hum dos flagellos da Grecia. No tempo de Solon, os athletas victoriosos já tinhaõ ordenados consideraveis, os quaes se julgou o mesmo Solon obrigado a reduzir. O mal cresceo cada vez mais, depois que Pericles (como veremos) sacrificou o bem

Abusos, que resultáraõ dos jogos.

bem publico aos divertimentos do Po-
vo.

Os Jogos Olympicos, os mais céle-
bres de todos, cujo estabelecimento se
attribue a Pélope, se faziaõ na Olympia,
em o Peloponneso. Aquelles Jogos foraõ
restabelecidos no anno de 884, antes da
nossa éra; e desde entaõ se celebráraõ
de quatro em quatro annos. As Olym-
piadas, ou intervallo de quatro annos
de huma daquellas festas até á outra,
denotaõ a Ordem Chronologica dos factos.
A primeira principia em 776, antes de
Jesu Christo.

Jogos
Oly mpi-
cos.

Olympia-
das.

He tempo de passar para os Secu-
los Historicos, e de vêr a liberdade, e
as Leis descobrir o caminho aos gran-
des homens, com os quaes a Grecia po-
dia antes ensoberbecer-se, do que com
as suas Fabulosas Divindades, e com os
seus barbaros Heroes. Deixando de ter
hum perfeito conhecimento de todos os
pequenos Estados daquella pequena Re-
giaõ, em cujo conhecimento pouco ad-
quiriríamos, faremos sómente hum estu-
do particular de Sparta, e de Athenas.

CAPITULO III.

Governo, Legislação, e Costumes de Sparta.

Revolução
na Grecia.

Estabele-
cimento
das Repu-
blicas.

Estado de
Sparta, an-
tes de Ly-
curgo.

HUma revolução quasi geral tinha mudado a face da Grecia. Os Gregos naturalmente inquietos, irritados, por causa da infidelidade, e da oppressão, estavam tão cansados de obedecer, quanto indignos se tinham feito os Reis de governar. Tendo alguns sacudido o jugo, os outros seguirão o seu exemplo. Os Reinos antigos, feitos Republicas, governava-se por hum novo Plano, que ainda conservava restos da barbaridade; porem o espirito da liberdade fermentava por toda a parte, e sómente esperava por engenhos capazes de o dirigir, para fazer manifestar prodigios de heroidade.

Sparta, ou Lacedemonia devia dar o exemplo, posto que conservasse os seus Reis, cuja origem se respeita. Quasi depois de novecentos annos, que os Heraclides tinhaõ de novo tomado o Peloponneso, dous Principes da sua geração, occupavaõ conjuntamente o Throno. Aquella divisaõ de Reinado, origem eter-

eterna da discordia, destruia hum Estado falto de boas Leis. Lycurgo finalmente appareceo, para gloria, e felicidade da sua Patria.

Lycurgo era filho de Eunomes, Rei de Sparta, morto em hum sedição. Lycurgo, por morte de Polydectes, seu irmão primogenito, o qual não deixou filhos, porem cuja viuva estava pejada, subio ao Throno; onde se podia manter facilmente, porque além de lhe offerecer a sua mão aquella amante Princeza, prometteo, que se faria abortar, se a acceitasse. Lycurgo se horrorizou da proposta, com tudo dissimulou, dilatou-se até ao parto da Rainha, teve grande cuidado do juvenil Principe, que deo a luz, e o reconheceo, governando como seu tutor.

Hum acção tão generosa não livrando a Lycurgo das suspeitas, retirou-se, e viajou pela Creta, pela Jonia, e talvez pelo Egypto, a fim de estudar os Costumes, e as Leis das Nações. Sparta sentia a ausencia de Lycurgo, porque as desordens se multiplicavao; e o obrigarao a tornar assim ambos os Reis, como o Povo todo. Lycurgo voltou, e julgando que as Leis particulares não podiao reformar nem hum constituição má, nem hum Povo licencioso, resolveo cor-
tar

Antes de
J.C. 898.

Lycurgo
renunciou
a Coroa.

Suas via-
gens, e sua
volta.

Lycurgo
empren-
de refor-
mar tudo.

tar por tudo rigorosamente, e mudar tudo de huma vez. Huma empreza semelhante não requeria menos prudencia que valor. Seguindo o exemplo de Minos, seu modelo, Lycurgo fez fallar hum Oraculo, a fim de parecer inspirado. Isto era muito; porem o soccorro dos homens tambem era necessario. A persuasão, não podendo ter força sufficiente, Lycurgo julgou dever empregar o temor. Os principaes Cidadãos, os quaes approvavao o seu Plano de reformar, se mostráram armados no mesmo instante da execução. Ninguém se atreveo a resistir.

**Governo
mixto, os
tres Poderes.**

Lycurgo, sem abolir o Reinado, que dividiaõ os dous ramos da caza dos Heraclides, creou hum Governo mixto, em que tres poderes mutuamente se equilibravaõ. Lycurgo sómente deixou aos Reis o mandamento dos exercitos, e o respeito unido ao Throno; e estabeleceo hum Senado de vinte e oito Membros, além dos dous Principes, para equilibrar estes, e o Povo; de modo que a Authoridade Real não podesse degenerar em Tyrannia, nem a liberdade popular em rebelliaõ. O Senado devia examinar, e propôr as causas; o Povo devia approvar, ou reprovavar as proposições, e por consequencia era revestido do Poder Legislativo. Os Senadores eram

vita-

vitalicios, o que lhes dava huma grande vantagem.

Posto que Herodoto, e Xenofonte attribuem a Lycurgo o estabelecimento dos Eforos (opinião contraria ao parecer de Aristoteles, e de Plutarco) não se colloca aquelle estabelecimento senão quasi cento e trinta annos depois do Legislator. Aquelle meio de pôr hum freio ao Senado, foi imaginado pelo Rei Theopompo. Sinco Magistrados annuaes, eleitos pelo Povo, com o nome de Eforos, tiverão o direito de annullar, de prender os Senadores, e tambem de os setenciár á morte. A sua authoridade formidavel, estendia-se até a respeito dos Reis, os quaes podiaõ prender, e suspender das suas funções, até que hum Oraculo ordenasse o seu restabelecimento. Refere-se que a mulher de Theopompo reprehendendo-lhe de ter enfraquecido a Dignidade de Rei, Theopompo lhe respondêra: *Pelo contrario, eu a fiz mais forte, pois que ha de ser mais duravel.* Porem a experiencia provou, que se o Governo não foi destruido pelos Eforos, he porque Lycurgo tinha estabelecido a sua obra muito solidamente. O seu poder, consistindo no Despotismo, era muito contrario ao espirito Republicano.

Estabelecimento dos Eforos, 130 annos depois de Lycurgo.

Aquelle Legislator sabia quanto saõ
im- Lycurgo sustento

— as Leis com os costumes. impotentes, ou frageis as Leis sem os costumes. Lycurgo conseguiu unillos, e fortificallos com a sua reciproca influencia. O seu objecto, segundo Plutarco, era fazer de Lacedemonia huma unica familia; onde todos os Cidadãos, juntos como as abelhas, e trabalhando igualmente para o bem público, se entregassem inteiramente á Patria (1). O que seria huma quimera em hum vasto Estado. Porem Lycurgo realizou huma idéa tão superior ás ordinarias intenções da Politica.

Lycurgo
desterrou
a pobreza,
e as rique-
zas.

Lycurgo, a fim de desterrar ao mesmo tempo a pobreza, e as riquezas, duas origens funestas da corrupção, pôz os bens em commum, e fez huma divisão igual das terras. Substituiu ás moedas de ouro, e de prata huma moeda de ferro muito pezada, a qual fóra de Sparta, não podia ter valor algum. O mesmo Lycurgo, proscreevo todas as artes de luxo, e de adorno; ordenou que os assoalhados das casas fossem feitos a machado, e as portas á serra. Finalmente destruiu as causas da desigualdade civil; e fazendo as riquezas despre-

(1) Na Cidade contavaõ-se nove mil. Cidadãos, e no campo trezentos mil. Os primeiros chamavaõ-se propriamente *Spartiatas*, e os outros *Lacedemonios*.

ziyeis , ou para melhor dizer , nullas , fez com que na pobreza geral não houvessem realmente pobres. O interesse , a fraude , a injustiça , a sensualidade , e a brandura deviaõ extinguir-se por falta de alimentos.

A obrigação de comer em mezas publicas , muito moderadas , mantinha aquella igualdade , e aquella concordia , cuja importancia conhecia o Legislador. Naquellas mezas se exercitavaõ a Razaõ , e a Sobriedade , e se entretinhaõ de cousas uteis. Qualquer graça delicada , e subtil servia para emendar os defeitos , a qual se empregava com prudencia : se alguem se mostrava offendido , logo se abstinhaõ , e não proseguiaõ mais. A virtude era mais efficaz , que a nossa politica enganosa.

Mezas publicas.

Era necessario , sobre tudo , que a educação formasse homens , taes como Lycurgo os queria. Este foi hum dos objectos principaes da sua vigilancia , e o successo correspondeo ás suas esperanças. Os filhos , como pertencentes ao Estado , eraõ creados para o Estado. As amas não os enfaxavaõ , e por isso eraõ melhor conformados , e mais fortes ; as mesmas amas lhes ensinavaõ a não recear de cousa alguma ás escuras , e a não se queixar sem necessidade. Desde a idade de

Educação dos filhos para a Res publica.

Authori-
dade dos
anciãos.

de sete annos, entregues a Mestres públicos educavaõ-se todos em os mesmos costumes, porque deviaõ cumprir as mesmas obrigações. E exercitavaõ-se na fadiga, no soffrimento, e na mais prompta obediencia. Aquelles que mais se distinguiaõ, governavaõ os outros; mas á vista dos anciãos, sempre attentos ou para os reprehender, ou para os emendar. Nenhuma acção passava por indifferente; os mesmos jogos eraõ exercicios de valor, e de virtude. Todos os velhos se consideravaõ como Pais de toda a Mocidade; a Mocidade em cada velho encontrava hum censor, cujos pareceres, sabedoria, e authoridade respeitava.

Razaõ
porque os
meninos
eraõ obri-
gados a
roubar o
seu ali-
mento.

Se os meninos eraõ obrigados a roubar o seu alimento, uso censurado por huma multidaõ de Escriitores, em aquillo naõ havia apparencia alguma de roubo; pois que tomavaõ o que lhes era dado pelas Leis. Queriaõ, que se acostumassem cedo ás astucias da guerra, á vigilancia, e aos perigos. Quando se deixavaõ sobresaltar, eraõ severamente castigados. Naõ podiaõ chegar a ser ladrões, naõ tendo o menor motivo para roubar: faziaõ-se afoutos, e industriosos, porque era preciso necessariamente assim ser. Os costumes de Sparta justificáraõ aquella pratica. Em outra qualquer parte, aquel-

la obrigação teria sido ou huma loucura, ou hum vicio perigoso.

Ao mesmo tempo, em que os corpos se fortificavaõ com o trabalho, o espirito, e a razão se cultivavaõ, não com estudos estereis, ou enfadonhos, mas com o costume continuado de julgar, e de discorrer. Os meninos, admittidos em os publicos banquetes, ouviaõ nelles continuamente discursos equivalentes ás melhores lições. Muitas vezes eraõ perguntados a respeito de pontos de Politica, e de Moral; faziaõ-lhes questões, para que dissessem o seu pensamento a respeito de tal homem; pretendia-se que respondessem promptamente, em poucas palavras, e de hum modo judicioso. Donde procedeo aquella penetração, e aquella exactidaõ de entendimento, aquella Laconismo nervoso, aquellas bellas sentenças dos Spartanos. A energia do seu estilo pintava a força da sua alma. O seu exemplo mostra, que tudo póde o costume.

Lycurgo estendeo as suas idéas mais longe. Mudou para assim dizer as mulheres em homens, a fim que mãis fracas não transmittissem a sua fraqueza a seus filhos. Lycurgo as sujeitou aos exercicios varonis, os quaes fazem o corpo saõ, e robusto. Reprováraõ a Lycurgo abusos

Como se exercitava a razão.

As mulheres exercitavam-se como os homens.

Abusos côtrarios ao pejo.

contrarios ao pejo, especialmente de ter mandado que as mulheres apparecessem nuas nos jogos, onde se exercitavaõ na luta, e onde dançavaõ publicamente; onde com tudo excitavaõ a Mocidade para a virtude, humas vezes com o estimulo dos louvores, outras vezes com o estimulo da zombaria. Plutarco he o Apologista daquelle uso, assim comõ tambem do uso de emprestar a sua mulher a outros homens para dar ao Estado filhos de melhor constituição, ou de maior esperanza. He verdade, que a força das Leis conservou o pejo por muito tempo. Perguntando-se a hum Spartano, que pena havia para os adulterios, o Spartano respondeo: *Como poderia haver hum adulterio em Sparta?* Porém depois que finalmente se introduzio a vida licenciosa no seio da Republica, os usos que a antiga virtude justificava, se mudáraõ em veneno. As mulheres de Sparta foraõ desacreditadas na Grecia; e Aristoteles attribue ao desprezo das decencias as desordens, que perdêraõ o Estado.

Imperio
que as mu-
lheres ti-
nhaõ so-
bre os ho-
mens.

Em quanto aquellas mulheres vivê-
raõ desapaixonadas, o imperio que se
lhes tinha dado sobre os homens, não po-
dia ser senão vantajoso; pois respiravaõ o
Heroismo, e o communicavaõ com o seu
procedimento. *Vós, ó Lacedemonias, di-*
zia

zia huma Estrangeira á Esposa de Leonidas, *vós sois as unicas, que governais os homens. A razão he*, replicou a Esposa de Leonidas, *porque nós somos as unicas, que fazemos homens.* Porém com hum tal ascendente, se as mulheres se chegassem a corromper, (ao que estavaõ muito expostas), Sparta estava perdida.

Com tudo o Legislador tinha regulado com Leis muito severas o commercio de ambos os sexos. Hum marido moço não podia vêr a sua propria mulher senão ás furtadelas: o amor, além de afrouxar, e de corromper, não devia ser senão hum motivo para animar a obrigação. O Celibato se desprezava; pois privava das honras, e das attenções, que se davaõ á velhice. Hum mancebo desprezando-se de se levantar diante de hum illustre Capitaõ solteiro, lhe disse: *Tu não tens filhos, que possaõ algum dia fazer-me esta honra, e levantar-se na minha presença.*

Lei para os Esposos moços.

Desprezo do celibato.

Toda a Sciencia especulativa, e toda a Arte mecanica sendo prohibido aos Cidadãos, estes passavaõ a sua vida em tempo de paz, na caça, e em outros exercicios; ou em conversações, que nada tinhaõ de frivolas. Por ventura era esta huma vida ociosa, como alguns Autores pretendem? Não sem duvida,

Ociosidade reprehendida falsamête aos Spartanos.

pois que já mais Povo algum se occupou com maior ardor, no bem público. Na verdade era necessario ser Spartano, para se occupar seriamente até nas salas de Assembleia, onde nenhuma outra cousa se fazia senão discorrer. Porém a huns homens, que desejão instruir-se, não lhes faltaõ materias interessantes em hum Estado livre, e virtuoso, onde os negocios publicos saõ o negocio de cada Cidadão.

Filosofia
dos Spar-
tanos.

A reprehensão de ignorancia çrassa tambem parecerá injusta, quando se reflectir em os grandes cuidados, que os Spartanos tinhaõ de cultivar a razaõ. Tanto desprezavaõ os Spartanos a Arte dos Sofistas, e dos Rhetoricos, quanto se applicavaõ em pensar bem, em dizer bem, e naquella especie de Filosofia, a qual sem verbosidade inutil, escura, e sem subtilidade, fórma o juizo, e os costumes.

Utilidade
da sua Poe-
sia.

Laconizar, e *Filosofar*, eraõ, segundo dizem, a mesma cousa. Sparta amava a Poesia, como hum meio de incitar a alma, e de a inclinar para as acções sublimes. Não se póde deixar de applaudir a seguinte Canção Lacedemoniense, que nos conserva Plutarco.

C O R O D O S V E L H O S .

Nós já fomos mancebos deleitosos,
Nas empresas valentes, e animosos.

C O R O D O S M A N C E B O S .

Nós agora do mesmo prova damos
A qualquer que nas Praças encontramos.

C O R O D O S M E N I N O S .

E nós a hum certo tempo chegaremos,
E a todos em geral excederemos.

Finalmente para julgar do plano de
Lycurgo, he necessario transportar-se pa-
ra o seu Seculo. Lycurgo via no meio
das perturbações da Grecia a sua Patria,
fraca per si mesma, agitada com parcia-
lidades, cheia de desordens, e exposta
às empresas dos seus visinhos. O mesmo
Lycurgo quiz formar huma Republica
guerreira, invencivel, e abrigada das
desgraças, que a corrupção arrasta inte-
riormente, e das infellicidades, que com-
sigo trazem os ataques exteriores. Pro-
jecto certamente admiravel, e melhor-
mente executado do que outro algum
Plano de Legislação. Lycurgo não escre-
veo

O Plano
de Lycur-
go era ad-
miravel
em as cir-
cunstan-
cias.

Leis não
escritas.

veo as suas Leis ; e quiz antes , que a educação as imprimisse nos corações. Tudo o que não era essencial , e podia depender das circumstancias , o julgou dever entregar á prudencia , e sabedoria dos Cidadãos , huma vez instruidos com bons principios. Finalmente Lycurgo conseguiu fazer duravel hum Governo , fundado sobre a austeridade dos costumes. Se Lycurgo fechou a porta aos Estrangeiros , que não trouxessem nada de util , não foi , como suppõe Thucydides , com o receio , que imitassem a virtude dos Spartanos ; foi sim porém por temer que estes não contrahissem os vícios dos Estrangeiros.

Xenelasia, ou exclusão dos Estrangeiros. A sua *Xenelasia*, Lei contra os Estrangeiros , não excluia nenhum homem de bem , nenhum talento digno de Lacedemonia : esta Lei não era senão humma barreira opposta ao contagio , e deve-se confessar que unia , e concordava perfeitamente com o objecto principal de Lycurgo.

Animo dos Spartanos. Conforme as instituições do Legislator , os Spartanos viviaõ sempre , como se estivessem em campo ; e marchavaõ para o combate de sangue frio , e com grande socego , como se tivessem tido algum Deos na sua frente. Lycurgo conhecia muito o coração humano para deixar de reear , que tanto animo não fizesse nas-

nascer a ambição; e se esforçou em extirpar as suas raízes, persuadido que Sparta não seria verdadeiramente feliz, senão contentando-se com a sua liberdade, com a sua pobreza, e rechaçando os seus inimigos, sem nunca aspirar nem ao Dominio, nem ás Conquistas. Lycurgo ordenou, que a guerra não se faria senão para se defender; que não se perseguiria o inimigo vencido; que não se tomariam os seus despojos; e que não teriaõ frota, a fim de não se tentarem a correr os Mares.

Lycurgo quer prevenir a sua ambição.

Humã prova evidente da Sabedoria daquelles Regulamentos em geral, he que produzirão hum effeito permanente. As paixões, enlaçadas com os costumes, excepto talvez a ambição do Governo, estiverão quasi sempre sujeitas ás Leis, pelo longo espaço de sinco Seculos. Sparta obteve a estimação, e a confiança da Grecia; foi por muito tempo a sua Arbitra, porque tinha merecimento para ter humã semelhante dignidade. O tempo que tudo altera, minou finalmente, e abateo aquella grande obra; porém a sua duração deve parecer prodigiosa a qualquer que observa as inclinações da Natureza.

Effeito permanente das Leis de Lycurgo

Eu não pretendo que os costumes dos Spartanos sejaõ hum modelo completo. Muitas vezes tanto os elogios, como a

Asperezza algumas vezes barbara dos Spartanos.

cri-

critica se fazem com excesso, e exaltando huma perfeição imaginaria, despoja-se a verdadeira virtude da sua doçura, e dos seus agrados. A austeridade Lacedemoniense sendo excessiva, offerecia espectáculos terriveis para a Humanidade. A mesma austeridade suffocava a piedade, e os affectos naturaes, aquelles sentimentos preciosos, que seria horroroso não poder conciliar com os deveres de Cidadão. Mandar matar os meninos en-

Os Sparta-
nos man-
davaõ ma-
tar os fi-
lhos enfer-
mos.

fermos, ou de huma delicada compleição, a fim de não ter senão bons Soldados, era huma barbaridade; tanto mais que o temperamento podia-se fortificar, e os talentos militares suprir á fraqueza do corpo (1). Açoutar os me-

Meninos
cruelmen-
te trata-
dos.

nhos com varas sobre o Altar de Diana, algumas vezes até os matar, sem que se atrevessem a queixar-se, a fim de os acostumar a soffrer, era outra barbaridade.

Mães mui-
to insensí-
veis.

As mãis prezavaõ-se de receber sem movimento extraordinario, e com transportes de alegria, a noticia de que seus filhos tinhaõ expirado gloriosamente com as armas na mão: como se o amor da

Pa-

(1) Pretendia-se tambem que os proprios Reis fossem de grande estatura. Os Eforos, conforme Theophrasto, condemnáraõ Archidamo a pagar huma multa pecuniaria por ter casado com huma mulher de pequena estatura. *Ella nos ha de dar, diziaõ elles, não Reis, porém Reisinhos.*

Patria devesse extinguir a ternura materna. Semelhantes excessos davaõ ao character dos Spartanos hum rigor feroz, o qual muitas vezes os conduzia á crueldade.

Naõ se pôde ler sem horror os tratamentos inhumanos, com que os Spartanos opprimiaõ os *Ilotes*, ou *Helotes*. Era este hum Povo visinho, o qual os Spartanos tinhaõ reduzido á escravidão. Aquelles infelizes escravos empregados na Agricultura, e nos trabalhos mecanicos, eraõ tratados mais como fêras, do que como homens. Naõ sómente os embebedavaõ, para inspirar aos meninos o horror da bebedice, e da intemperança; mas tambem se mandava pôr a Mocidade algumas vezes de emboscada para os matar cruelmente. Mandava-se matar todo o *Helote* distincto ou pela sua estatura, ou pela sua cara, como hum inimigo da Nação. Semelhantes barbaridades naõ se pôdem imputar a Lycurgo; as quaes provavelmente principiáraõ, segundo Plutarco, depois de huma rebelião dos escravos contra os Senhores. Por ventura saõ estas barbaridades menos odiosas? Naõ examinemos, se a escravidão he compatiavel com o Direito Natural, excepto no caso em que se naõ podesse dar a liberdade aos inimigos ven-

Crueldade
contra os
Helotes.

Direito
dos escr-
vos.

ci-

cidos, sem que os vencedores se expozessem a hum perigo eminente. Não indagemos, com que titulo se póde vender a liberdade de qualquer homem, nem como a póde perder quando nasce, ainda que unida á sua natureza: o uso antigo de todas as Nações difficultosamente sustentaria este exame. Ao menos digamos afoutamente, que qualquer escravo não deixa de ser homem, que os seus serviços augmentaõ os Direitos da Humanidade, e que opprimillo sem justiça, he dar-lhe razões para se armar contra os seus tyrannos.

Os Spartanos mereceriaõ pois muito mais elogios, se a doçura, e a brandura tivessem temperado as suas austeras virtudes, se tivessem possuido a primeira de todas as virtudes, a Humanidade. Poderém o desprezo das riquezas, o amor da gloria, e da Patria, a obediencia ás Leis, e o valor heróico os eleváraõ sobre os outros Povos. Huma infinidade de acções admiraveis os caracterizaõ. Os Spartanos tinhaõ geralmente a grandeza da alma do famoso Pedaretes, o qual não tendo sido admittido em o numero dos trezentos Membros do Conselho, mostrou a sua satisfação de *Sparta ter achado trezentos Cidadãos melhores do que elle.*

Os

Os Spartanos erão muito menos supersticiosos do que a maior parte das outras Nações, e a cultura se percebia pela superioridade do seu juizo. Todas as Estatuas das Divindades, e a mesma

Menos superstições do que em outra parte.

Venus estavaõ armadas, a fim que a Religião concorresse com as vistas Politicas. Os Sacrificios, e as offeras eraõ de pouco valor, a fim que huma despeza inutil não esfriasse a piedade. As orações extensas eraõ prohibidas, e sómente pedia-se aos Deoses que favorecessem a gente de bem; supplica, da qual Socrates fazia mais caso, do que das offeras, e das cêremônias da sua Patria. Os enterros eraõ muito simples, assim como tudo mais, e o seu fim não era outro, senão para fazer desprezar a morte. Deste modo a Filosofia prática parecia dirigir todos os actos de Religião.

Sparta tinha hum Templo consagrado ao Pavor, junto ao lugar, onde os Eforos se ajuntavaõ. A razão he, porque os Spartanos contemplavaõ o temor, como huma circumstancia essencial do Governo. Com effeito, segundo o pensamento de Plutarco, *os mais timidos a respeito das Leis, saõ os mais valerosos contra os inimigos; e aquelles, que receaõ mais ser diffamados, receaõ menos soffrer.* Sparta he a sua prova.

Templo consagrado ao Pavor, e por que?

Cautela de
Lycurgo
para fazer
observar
as suas
Leis.

Esta República famosa, que presidiu por muito tempo aos negocios da Grecia, se estabeleceo quasi 900 annos antes da nossa Era. Lycurgo encontrou grandes obstaculos, e os venceo com o seu genio, e com a sua paciencia. Refere-se, que para fazer as suas Ordenações mais invioláveis, fora consultar o Oraculo de Delfos; que mandára jurar antecedentemente a sua observação até á sua volta; que o Oraculo confirmára as suas Leis, e declarára que Sparta, observando-as, seria a Cidade mais illustre do Mundo; e que então se deixára morrer de fome, na intenção de reduzir os Spartanos a não poder desobrigar-se do seu juramento. Porém as circumstancias da sua morte são incertas. A maravilha sempre suspeita não realça a gloria dos homens grandes, antes espalha nuvens sobre as suas acções, e sobre o seu merecimento.

Sua morte.

Guerra
côtra os
Messenienses.

A Historia de Sparta, desde Lycurgo até á invasão dos Persas, offerece poucos objectos verificados, e interessantes. Duas guerras contra os Messenien- ses, vizinhos daquelle Estado, acabáraõ com a ruina de Ithome, de outras Praças suas, e finalmente com a sua liberdade. As paixões parecêraõ desde então violar as Leis de Lycurgo; porém, segundo o Abbade de Mably, não foraõ senão ins-

tan-

tantes de distracção, reparados com hum dilatado exercicio de virtude.

Em a segunda daquellas guerras ordenou o Oraculo, segundo dizem, aos Spartanos, que ficárao vencidos, que mandassem vir hum General de Athenas. Os Athenienses alegres por causa do seu embaraço, lhes mandárao para Chefe o Poeta Tyrteo, coxo, falsario, e desprezado da sua Patria. Aquelle ridiculo General lhes alcançou a victoria por via do entusiasmo guerreiro, com que seus cantos abraçárao os Soldados. Esta he provavelmente huma ficção de Poeta.

Antes de
J. C. 684.
O Poeta
Tyrteo,
General.

Demos antes credito ás bellas palavras, que se citaõ de Leaõ, hum dos Reis de Sparta. Perguntando-se a Leaõ, debaixo de qual Governo podiaõ os homens viver com maior segurança, Leaõ respondeo, *debaixo daquelle, onde os vassallos não são nem ricos, nem pobres; onde a probidade encontra muitos amigos, e onde a fraude não acha amigos alguns.* O mesmo Principe disse hum dia, a respeito daquelles que tinhaõ alcançado o premio nos Jogos Olympicos: *A sua gloria seria muito maior, se tivessem tomado tanto trabalho para chegar a ser virtuosos.* Estes rasgos nos instruem, em lugar que as individuações da guerra contra os Messenienses, e de outra guerra contra

Bellas palavras do
Rei Leaõ,
a respeito
do melhor
Governo.

A respeito dos Jo-
gos Olym-
picos.

os Argianos nos causariaõ tédio, e aborrecimento.

Veremos logo Lacedemonia encontrar huma competidora em Athenas. A descripção, que he necessario anteceden- temente fazer desta ultima República, dará a conhecer a differença do seu car- acter, dos seus principios, e dará a idéa de huma Legislação totalmente no- va.

CAPITULO IV.

Republica de Athenas, até á guerra con- tra os Persas.

A ATTICA esteve por muito tempo di- vidida em doze Povoações independen- tes. Em o tempo da guerra de Troia Theseo unio-as em hum corpo Popular, e formou huma especie de Republica, cuja Capital era Athenas, distribuindo os Cidadãos em tres classes, Nobres, La- vradores, e Artifices. A classe dos No- bres, muito menos numerosa do que as outras, as igualava, ou tambem as exce- dia em poder, porque tinha todas as Di- gnidades no seu poder. Conservou-se aquella fórma de Governo, até ao tem- po

Governo
de Athe-
nas, esta-
belecido
por The-
seo, quasi
em o an-
no de
1259, an-
tes de J.
Cristo.

po de Codro, o qual se dedicou, segundo dizem em defeza da sua patria a huma morte gloriosa.

Codro em
o anno de
1095.

Os Athenienses, mais do que outro qualquer Povo da Grecia, suspiravaõ pela independencia. Huma differença succedida entre os dous filhos de Codro, deo occasiaõ para se abolir a Dignidade de Rei. Declaráraõ Jupiter por unico Rei de Athenas. Huns Magistrados, chamados Archontes, foraõ encarregados do Governo. A sua Magistratura perpetua, e hereditaria por espaço de tres Seculos, tendo muita semelhança com o Poder Real, se lhe reduzio a sua duraçaõ no principio a dez annos, e depois a hum; creando nove Archontes, á fim que dividindo-se a authoridade, dessem menos suspeita. O principal dos nove chamava-se propriamente o *Archonte*. O seu nome indicava o anno corrente.

Archon-
tes.

Athenas ainda não tinha Leis escritas. Por consequencia os Magistrados regulavaõ-se nas suas sentenças, pelas suas ideas do que era, ou justo, ou injusto, isto he, continuamente conforme aos seus caprichos; porque onde faltaõ as regras, tudo he arbitrario. A desordem deo a conhecer a necessidade das Leis. Draco, Archonte virtuoso, em o anno de 624 antes de Jesu Christo, mostrou-se digno do glo-

Antes de
J. C. 624.
Draco, Le-
gislator.

Grande
severida-
de das su-
as Leis

glorioso ministerio de Legislador ; porém cahio em huma severidade excessiva. Draco ordenou penas capitaes para todos os delictos sem distincção ; dizendo que os mais leves lhe pareciaõ merecer a morte , e que não podia achar outro castigo para os mais graves. Maxima absurda , e cruel , propria para destruir a Sociedade , com o pretexto de desterrar o vicio. O mesmo Draco quiz que se procedesse contra as cousas inanimadas (taes como huma Estatua) que tivessem morto qualquer homem accidentalmente , e que abominavelmente as desterrassem , a fim de inspirar o horror do homicidio. Estes pequenos meios , susceptiveis de se ridiculizar , parecem antes degradar , do que fortalecer a Legislação. As leis de Draco escritas com sangue , como dizem os Antigos , por si mesmas se destruirão , por serem impraticaveis.

Divisões
entre os
Cidadãos.

Quebrado huma vez aquelle jugo , os Athenienses , por causa da natural inclinação do seu genio , passáraõ de huma grande sujeição a huma grande liberdade. Todos queriaõ mudar a forma da Republica , á satisfação dos seus diferentes interesses. Os montanhezes pobres pediaõ a Democracia ; e os ricos habitantes da planicie estavaõ decididos pelo Governo mixto , mais conforme com

o interesse geral. Solon teve a gloria de adquirir a confiança de todos os partidos, e de ser eleito para Legislador em humas tão críticas, e espinhosas conjuncturas.

Solon, distincto pelo seu nascimento, instruido pelas suas viagens, illustrado sobre tudo pela Filosofia, a qual se dirigia naquelle tempo á Politica; espirito estudioso, homem amavel, e bom Cidadão, pois que até rejeitou a propria Dignidade de Rei, poderia, sem dúvida, estabelecer Leis excellentes, se consultando sómente as suas luzes, não tivesse sido arrastado pela força do character nacional. Para satisfazer ao mesmo tempo a todos os partidos, Solon usou de meios, que deixaram subsistir a raiz de todos os males. As suas Leis, diz o proprio Solon, eram as melhores, que os Athenienses podiaõ receber. Em tal caso, Athenas era incapaz de hum bom Governo, e não se devem queixar do Legislador.

O Poder Supremo foi entregue nas mãos do Povo, e as Magistraturas confiadas aos Membros principaes do Estado. Nada era mais prudente, com tanto que a authoridade dos Magistrados fosse capaz de reprimir o Povo, e de contrabalançar o seu poder; porém a falta de equilibrio não podia ser senão

Antes de
J. C. 594.
Solon, no-
vo Legis-
lador.

Solon
quer satis-
fazer a to-
dos.

Forma da
Democra-
cia.

Quatro classes de Cidadãos. perniciosa. Posto que os Cidadãos ricos, ou de fortuna mediocre, formassem tres classes, e os pobres huma só; com tudo os últimos, como mais numerosos, se acháraõ por causa das disposições do Legislador, arbitros dos negocios os mais importantes. Isto era entregar a República a huma população inquieta, turbulenta, e cega. Em as Assembléas públicas, geraes, e particulares, todos tinhaõ direito de votar a respeito da paz, da guerra, das finanças do Estado, e especialmente a respeito de tudo o que interessava directamente a Patria. Para aquellas sembléas podiaõ-se appellar as Sentenças do Senado. Solon fez as suas Leis bastantemente escuras de proposito, para que as appellações fossem frequentes. Deste modo as Leis, as quaes devem ser igualmente simples, e claras, pois que são a Regra ordinaria da vida civil, chegáraõ a ser huma materia de disputas; e a quarta classe, excedendo as outras tres juntas, fez-se Juiz do que lhe não convinha decidir. Nós a veremos expôr muitas vezes o Estado ás ultimas infelicidades.

O Senado muito numeroso, e muito fraco. Por outra parte o Senado, estabelecido por Solon, composto de quatrocentas pessoas (cem de cada Tribu), e cujo numero depois se augmentou de duzen-

zentas; além de ser muito numeroso para deliberar com prudencia, tinha pouco ascendente, e superioridade para dirigir o Povo (1). As Assembleas ordinarias do Povo fazião-se quasi todos os oito dias; onde todo o Cidadão de sincoenta annos de idade tinha o direito de fazer o seu discurso; os talentos de qualquer Orador sedicioso, ou corrupto, podia facilmente vencer a prudencia dos Senadores, os quaes não fazião senão propôr os negocios; devia haver huma contestação perpétua entre a cabeça, e os membros, e por consequencia convulsões terriveis por todo o corpo. *Eu me admiro*, dizia o Scytha Anacharsis a Solon, *que entre vós sómente os Sabios tenham o direito de deliberar, e que o direito de decidir pertença aos loucos.* A experiencia provou bem, que Anacharsis tinha razão.

O unico remedio para aquelle inconveniente foi o restabelecimento do Areopago, quasi anniquilado por Draco, o qual lhe tinha substituido o Tribunal dos *Efetes*. Solon lhe restituiu o seu antigo lustre, entregando-lhe a inspecção so-

—————
Solon restabelece o Areopago, e augmenta a sua authoridade.

P ii

bre

(1) Cecrope tinha dividido o povo de Athenas em quatro Tribus, as quaes he necessario não confundir com as classes de Solon. O numero das Tribus augmentou-se até dez.

bre os negocios publicos, e sobre a educação da Mocidade, objecto tão importante, e tão desprezado em os nossos tempos. O Areopago foi composto por Solon unicamente de antigos Archontes. Aquella mudança não podia deixar de ser vantajosa para o Estado; porém o mesmo Areopago, posto que infinitamente respeitado, não era humba barreira bastante forte contra os movimentos populares: hum Povo desenfreado, dispondo de tudo, não attende mais nem aos sabios, nem aos prudentes, quando he vencido, e precipitado pela paixão.

Leis particulares, a respeito das dividas, das accusações, dos casos de tumultos, e dos testamentos.

Geralmente, as Leis particulares de Solon valiaõ muito mais do que a sua forma de Governo: as quaes devem ser estudadas por aquelles, que gostaõ de conhecer os principios da Sociedade civil. Referirei algumas Leis, pelas quaes a razão póde exercitar-se utilmente. Solon, depois de ter abolido todas as Leis de Draco, excepto aquellas contra o homicidio, reprimiõ a aspereza dos credores, e prohibio as prisões por dividas (o que não sería necessario ampliar no Commercio, segundo a observação de Montesquieu; o interesse publico padeceria muito). Accrescenta-se tambem, que Solon abolíra as dividas, a fim de tirar facilmente os pobres da miseria, e da op-
pre-

pressaõ. Para animar o zelo a favor de todos os Membros do Estado, ordenou que todos os Cidadãos podessem accommetter judicialmente todo aquelle, que prejudicasse outro qualquer. O mesmo Solon ordenou, que em os tumultos, ou facções, em que se chegasse a violencia, todo o Cidadão seria obrigado a tomar partido; porque os mais prudentes abraçariaõ sem duvida o bom partido, e seriaõ tambem os mais capazes para tratar do seu socego, e da sua quietação. Regulou tambem, que não havendo filhos, se podesse deixar os seus bens a quem quizessem: (os testamentos sendo incognitos até áquelle tempo, os bens passavaõ para o herdeiro mais proximo, e ao menos ficavaõ nas familias, o que era huma vantagem.) Que todo o homem convencido de ociosidade seria reputado infame depois da terceira accusação; e que o Areopago vigiaria sobre os meios, dos quaes cada qual subsistia. (Os Egypcios tinhaõ transmittido aquella Lei, da qual parece que nas Nações modernas se poderiaõ aproveitar.) Que todo o filho, que dissipasse loucamente os bens de seu Pai, ou que negasse a subsistencia aos seus parentes, seria do mesmo modo declarado infame; porém que se o Pai não lhe tivesse mandado ensinar officio algum,

o fi-

Côtra a ociosidade, os filhos máos, e os máos Pais.

o filho não seria obrigado a sustentallo, nem sujeito ás penas desta Lei: (por este meio o Pai, e o filho se achavaõ igualmente interessados em cumprir o voto da Sociedade, e da Natureza.) Que toda a mulher não levaria de dote, senão tres vestidos, e moveis de pouco valor: (os dotes menos necessarios em as Repúblicas, podiaõ fazer com o casamento huma especie de commercio muito perigoso, e demais disso arruinar muito a herança das familias.) Que todo o Cidadão que frequentasse mulheres de má vida, seria excluido da Tribuna Oratoria, como indigno pelos seus costumes da confiança do Povo. Que todo o Archonte, culpado de bebedice, seria castigado de morte: (tão essencial he a temperança para os Magistrados.) Que os filhos, cujos Pais tivessem morrido combatendo pela sua Patria, seriaõ educados á custa do Estado até á idade de vinte annos: (este era hum meio efficaz para excitar a conservar o valor, assim como a infamia era hum castigo muito util para a cobardia.) Pisistrato ordenou tambem, algum tempo depois, que os Soldados estropeados na guerra fossem sustentados pela República.

A respeito dos dotes, dos bons costumes, dos Cidadãos mortos, estropeados na guerra, &c.

Leis concernentes aos accusadores.

O accusador que não tivesse por si a quinta parte dos votos, devia pagar huma

ma

ma grande condemnação pecuniaria. Solon, diz o célebre Montesquieu, *soube prevenir bem o abuso, que o Povo poderia fazer do seu poder no juizo dos crimes: quiz que o Arcopago tivesse, e manifestasse o negocio; que se este julgasse o accusado absolvido injustamente, o accusasse novamente perante o Povo; e que se o julgasse condemnado injustamente, suspendesse a execução, e lhe fizesse julgar segunda vez a causa: Lei admiravel, a qual sujeitava o Povo á censura da Magistratura, e á sua propria censura.* (Espirito das Leis L. 6. C. 5.) Por que razão commetteo pois Athenas tantas injustiças enormes?

Sentenças
revistas
pelo Areo-
pago.

Não se ignora o Ostracismo, pelo qual homens illustres, chegados a ser suspeitos, erão desterrados por dez annos. Esta não era huma pena, que infamasse, porém huma cautela para dissipar as suspeitas do Povo. Erao necessarios seis mil votos contra aquelle, que se demandava. O numero dos Cidadãos importando ao mais em vinte mil, qualquer homem irreprehensivel parecia estar em segurança. Com tudo a ingratitude, a inveja, e a intriga triunfárao algumas vezes da mesma virtude. Ignora-se a época, e o Authór daquella Instituição Politica. Alguns a attribuem a Theseo; e outros á fazem posterior a Solon. O Os-

O Ostra-
cismo.

tra-

tracismo, debaixo de outros nomes, estava em vigor, em hum numero de Democracias; onde porém produzia sómente infelicidades, por não estar modificando com as boas Leis.

Leis sumptuarias, ou Pragmaticas.

Sem prolongar mais estas individuações, convem observar que o Legislador de Athenas limitou a despeza das mulheres, e os gastos dos enterros, e das ceremonias Religiosas: dous objectos, que interessão mais, ou menos a prosperidade pública, segundo a Natureza, e as riquezas de qualquer Estado. Os Estrangeiros forão admittidos em Athenas, porém excluidos do Governo. Huma Lei condemnava á morte aquelles, que apparecessem nas Assembléas do Povo.

Estrangeiros excluidos do Governo.

Pésamementos de Anacharsis, e de Solon, a respeito das Leis.

He certo que Solon não chegou ao grande fim da Legislação, á tranquillidade, e á felicidade dos Cidadãos: com tudo conheceo os seus verdadeiros principios; o que se julgará pela seguinte acção. Anacharsis fallando hum dia com Solon a respeito da inutilidade das Leis, as comparava com as teas de aranha, onde os fracos, e os pequenos se prendem, as quaes porém os ricos, e os poderosos rompem sem trabalho. Os bomens, respondeo Solon, *observaõ as suas convenções, quando o seu interesse não he de as violar; o mesmo ha de succeder a respeito das*

das minhas Leis: eu as accommodo de tal sorte com os interesses dos Cidadãos, que todos hão de vêr, que mais vale observar as Leis do que as quebrantar. Por ventura, pôde-se imaginar cousa alguma melhor, ou em Política, ou em Moral, para conter os homens no seu dever, do que mostrar nas proprias Leis o seu interesse? E não o devem elles achar em hum bom Governo, onde tudo se refere á publica felicidade, onde o bem dos particulares sempre está unido com o bem geral? Logo se o effeito não correspondeo ás esperanças do Legislador, he porque o Governo, e as Leis, que o mesmo Legislador estabeleceo, concordavao pouco com o verdadeiro interesse dos Athenienses. Anacharsis não tinha razão para suppôr, que as Leis nunca tem poder para huma parte do corpo Politico: Solon teve culpa talvez de não dar ás suas bastante força para conter o Povo. Porém he necessario conceder que os Athenienses não erao faceis para governar. Quem sabe se as novas Leis, não seriao realmente as melhores, que os Athenienses quizessem receber?

Antes da morte do Legislador, aquele Povo inconstante manifestou o seu genio. Todos os dias se propunhao mudanças a Solon: o qual se desgostou de tal

Desgosto
de Solon,

modo, que abandonou a sua Patria, e lhe deraõ licença para se ausentar por dez annos. Novas viagens augmentáraõ os seus conhecimentos, ao mesmo tempo que se preparava huma revolução no Estado. Solon. voltou; porém já o mal era incuravel. Pisistrato, seu parente, homem rico, generoso, e popular, possuindo a arte de cegar os Cidadãos por causa das suas excellentes qualidades, e de os grangear com falsos carinhos, aspirava occultamente ao Poder Supremo. Porém Solon, penetrando as suas intenções lhe dizia; *se não fosses ambicioso, serias o melhor dos Athenienses.* Ordinariamente a ambição muda as virtudes em vicios: Pisistrato para se elevar, fez-se velhaco; pois ferindo-se hum dia com a sua propria mão, mostrou-se publicamente coberto de sangue, e reclamou a protecção do Povo, dizendo que estava assassinado pelos inimigos do mesmo Povo. Hum dos seus complices pede logo guardas para a segurança de hum Cidadão tão precioso. Concedem-se as guardas; Pisistrato as emprega para se apoderar da fortaleza, e para estabelecer o seu dominio.

Ambição
de Pisis-
trato.

Pisistrato
fez-se se-
nhor do
Estado.

Fim de
Solon.

Solon esforçou-se, porém de balde, para tornar a animar em as almas o amor da liberdade. Hum dia em que o usur-
pa-

pador lhe mandou perguntar, quem lhe inspirava tanta audacia; Solon respondeo livremente, *a minha velhice*. Finalmente o mesmo Solon não podendo sustentar hum espectáculo, que tanto o affligia, abandonou Athenas para sempre, e morreo em huma idade muito adiantada. Em todo o tempo Solon foi encarecidamente louvado. A nobre paixão de se instruir o acompanhou até á sepultura. *Eu envelheço*, dizia Solon, *aprendendo muitas cousas*. Alguns versos galantes, compostos na sua mocidade, não escurecerão a sua reputação de sabio, adquirida com tantos trabalhos, e com tantas virtudes.

Hum Tyranno (os Antigos davaõ este nome a qualquer Principe, que reinava com usurpação, e muitas vezes tambem aos Reis legitimos), hum Tyranno não podia viver socegado, especialmente em aquella tumultuosa Cidade. Pisistrato a pesar da sua doçura, e da sua habilidade foi obrigado logo a fugir; e foi rastabelecido por Megacles, hum dos principaes conspiradores, com condição de casar com sua filha. Conforme a relação de Herodoto, huma mulher na figura de Minerva, posta sobre hum carro, conduzindo a Pisistrato, obrigou a que o recebessem, como se fos-

Pisistrato
expulsa-
do, e resta-
belecido.

fosse trazido pela propria Minerva. A superstição popular dá recursos bem extraordinarios, e bem estranhos para os impostores. Com tudo as parcialidades novamente se formárao: Pisistrato ainda se retirou, ficou desterrado onze annos, e recuperou o Poder com hum estratagemma.

Pisistrato
serve-se
da Agri-
cultura pa-
ra impedir
as intrigas.

Pisistrato seguiu entao hum melhor systema de Governo. Em lugar de atrahir para a Cidade os habitantes do campo, como tinha feito o famoso Theseo, os sujeitou prudentemente á vigilancia da Agricultura. As Praças publicas ficárao desertas, as intrigas cessárao, e a Agricultura occupando homens inquietos, os destrahio de outro qualquer objecto, e os fez menos attentos ao Governo, do que ao producto do seu trabalho; preparárao-se as terras incultas para a lavoura, e as outras se melhorárao. Pisistrato ordenou que se pagasse a decima para as necessidades do Estado. A este respeito se excitárao murmurações; porém a sua Humanidade suavizava os rigores do imposto, e os Cultivadores gozárao dos fructos da paz. O mesmo Pisistrato favoreceo as Artes, e as Sciencias; outro meio para fazer docil hum Povo. Fez conhecer aos Athenienses as Poesias de Homero, levantou soberbos edificios, lan-

Pisistrato
favorece as
Artes, e as
Letras.

lançou os fundamentos do Templo de Jupiter Olympio. Em huma palavra Pisistrato ensinou aos Principes a arte de reinar; e posto que usurpador, fez amar hum jugo, o qual parecia assegurar a publica felicidade.

Hipparco, e Hippias seus dous filhos, repartirão a soberana authoridade. O primeiro tinha todo o merecimento do Pai, e não obstante foi assassinado por Aristogiton, e por Harmodio, seus inimigos pessoaes. O segundo, naturalmente docil, irritado por causa daquelle homicidio, e do perigo a que elle mesmo se tinha visto exposto, fez-se odioso por causa da severidade excessiva que exercitou. Aristogiton, posto em tratos, declarou em lugar de seus complices, varios amigos de Hippias, aos quaes mandou logo tirar a vida; e acabou insultando, e dizendo ao Tyranno: *Eu não conheço ninguém mais digno da morte senão tu.* Huma mulher, chamada Leena, tambem padeceo os tratos, e recendo que as dores lhe não arrancassem a confissão, que se requeria, cortou a sua propria lingua com os dentes. Estas acções persuasivas, e tocantes animárao novamente o espirito nacional. O Tyranno foi expulso, e o Governo Popular restabelecido. Nós veremos nascer a liberdade Ro-

Antes de
J. C. 514.
Filhos de
Pisistrato.

O Gover-
no Popu-
lar he es-
tabeleci-
do.

mana de huma causa pouco differente.

—
Sparta op-
posta á li-
berdade de
Athenas.

Sparta tinha soccorrido os Athenien-
ses contra os Pisistratides. Com tudo, a
mesma Sparta armou-se logo para lhes
dar novos Senhores, e para restabelecer o
mesmo Hippias. Hum procedimento seme-
lhante não se póde conciliar com aquel-
la virtude, que tanto se celebra; porém
a ambição de presidir aos negocios da
Grecia, era a fraqueza dos Spartanos;
os quaes principiavaõ a ter ciume do po-
der de Athenas, e temendo que a liber-
dade não augmentasse a sua reputação,
e as suas forças, não queriaõ competi-
dores. A sua propria opposição chegará
a ser funesta. Antes de vêr aquellas duas
Republicas lutar contra as forças da Asia,
façamos reflexão por hum instante sobre
a differença do seu character, e sobre os
progressos do entendimento humano en-
tre os Gregos.

—
Differença
de Sparta,
e de Athe-
nas.

Lycurgo, e Solon tendo seguido
Systemas totalmente diversos, ou porque
as suas idéas não fossem as mesmas, ou
porque o genio dos seus Cidadãos não
soffresse as mesmas Leis; Sparta, e Athe-
nas deviaõ necessariamente formar entre
si huma singular contrariedade. Aquella
tinha-se dedicado unicamente á guerra;
Cidadão algum podia ter outro objecto,
nem eleger outra occupação; era neces-
sario

—
As occu-
pações.

sario ser ou Heróe, ou renunciar a sua Patria: esta nada excluia, admittia todas as Artes, e todos os Estudos; todos os Athenienses devião ser Soldados em caso de necessidade, e além disso podiaõ ser tudo quanto quizessem, com tanto que fizessem alguma cousa. Em Sparta,

A fortuna: huma rigorosa pobreza, despedaçando os resortes da avareza, e do interesse, não deixava ás paixões actividade alguma, senão pela gloria, e pelas cousas publicas: em Athenas a consideração das riquezas animava a industria, o commercio, os talentos, e dividia o coração entre o interesse do Estado, e o interesse da fortuna. Em Sparta contrahia-se desde o berço o costume de huma perfeita obediencia; passava-se a vida em obedecer, os Magistrados, e os Generaes não necessitavaõ senão de hum sinal para a execução das suas vontades: em Athenas, soffria-se com impaciencia a sujeição, e a violencia; amava-se a vida licenciosa com o nome de liberdade; entregavaõ-se ás suas fantesias; e desprezavaõ-se muitas vezes as Leis, e os Magistrados, porque a sua fraca authoridade podia chegar a ser a zombaria de huma Assembléa popular.

A grande austeridade dos Spartanos, feita por causa da educação huma se-

Os costumes relativos ao
gun- Governo.

gunda Natureza, fortalecia hum' Governo fundado sobre os costumes, e o vigor do Governo tambem a sustentava contra as inclinações da Humanidade. Os costumes Athenienses frouxos por causa do gosto dos prazeres, fluctuantes pela instabilidade dos principios, não se podiaõ emendar, e corrigir com hum Governo máo, e deviaõ augmentar os seus vicios, e os seus abusos. O Spartano altivo, aspero, imperioso, sempre ha de querer dar a Lei; e muitas vezes far-se-ha injusto, e cruel seguindo hum Systema regular de Politica. O Atheniense valente, magnanimo, engenhoso, industrioso, affavel, e polido, porém vaõ, frivolo, e inconstante, ha de fazer bellas acções, bellas obras, e infinidade de grandes erros, os quaes traráõ após si a ruina de Athenas. Este parallelo pôde servir de explicação para os successos.

O caracter
nacional.

Os Athe-
nienses
tratavaõ
os seus es-
cravos cõ
humani-
dade.

O modo, com que ambos aquelles Póvos tratavaõ os escravos, mostra sufficientemente a differença do seu caracter. Em comparação dos Helotes, os escravos de Athenas eraõ os homens os mais felizes; pois tinhaõ acção em justiça contra os seus Senhores, no caso de vexação; permittia-se-lhes comprar terras, e resgatarem-se elles mesmos, depois de ter junta a quantia, que era necessaria para o seu

seu resgate: muitas vezes tambem eraõ forros em recompensa, ou por pura generosidade, e entaõ elles mesmos elegiaõ protectores, os quaes cuidavaõ nos seus interesses. Tanto aborreciaõ os Helotes justamente os Spartanos, quanto deviaõ amar aos seus Senhores os escravos de Athenas, se he possivel fazer amar a escravidão.

Aquella humanidade, a qual até aos animaes se estendia, provinha pela maior parte sem duvida da cultura do entendimento. Já na Attica se manifestava o gosto das Letras, taõ capaz de suavizar os costumes. Thespis inventou o Theatro no tempo de Solon. Posto que o Legislador lhe reprehendesse o publicar mentiras, a Arte Dramatica bem dirigida podia ser huma origem assim de instrucção, como de divertimento. Pisistrato enriqueceo Athenas com huma Bibliotheca publica. Hipparco, seu filho, teve na sua Corte o Poeta Simonides; para onde attrahio tambem Anacreonte, o qual ainda encanta os entendimentos com a elegante, e simplice belleza dos seus versos. Archiloquio, Stesichoro, Alceo, e Safo, tinhaõ já introduzido a Poesia Lyrica. As antigas Colonias Gregas gloriavaõ-se de ser a Patria dos Authores célebres. Nada ha mais

As Letras
principiaõ
a florecer.

Theatro,
Bibliotheca,
Poetas
na Corte.

favoravel para o engenho, como a tranquillidade, e a felicidade, de que a Grecia gozava havia muito tempo.

Desde que os raios da Litteratura, e do gosto principiaõ a luzir, produzem logo huma vantajosa fermentação nas cabeças bem organizadas. Novas idéas nascem em multidaõ; procura-se a belleza, e a verdade; todos trabalhão para se instruir; conhece-se a necessidade do estudo; a Filosofia principia a apparecer. Felizmente os seus primeiros cuidados inclináraõ-se aos objectos os mais essenciaes, á Moral, e á Politica. Era natural, que huns Cidadãos estudiosos em huma terra de liberdade se occupassem logo em tudo o que podia contribuir para a felicidade do Homem, e do Estado.

Conversa-
ção dos
antigos
Sabios.

Plutarco refere huma conversação dos antigos Sabios, em a qual se discute a questaõ seguinte: qual he o mais perfeito Governo popular? eis-aqui as suas respostas, traduzidas por M. Rollin. Solon diz, que he aquelle; *em que a injuria feita a qualquer particular interessa todos os Cidadãos*; Biante: *onde a Lei serve de Tyranno*? Thales: *onde os habitantes não são nem muito ricos, nem muito pobres*; Anacharsis: *onde se honra a virtude, e se aborrece o vicio*? Pittaco: *onde as Dignidades sómente se concedem, e*
se

se dão ás pessoas de bem, e nunca aos mulevolos; Cleobulo: onde os Cidadãos receáo mais o vituperio, do que a Lei; Chilon: onde as Leis se attendem; e tem credito, e não os Oradores. Periandro; Tyranno de Corintho, seu hospéde, concluiu a favor do Governo popular, que se aproximaria mais á Aristocracia, onde a authoridade reside entre as mãos de hum número pequeno de homens virtuosos. Aquella conversação, posto que provavelmente supposta, nos ensina quaes eraõ as materias, sobre que se exercitava o entendimento dos Filósofos, antes que chegassem a ser Sofistas.

Com tudo Thales de Mileto na Jonia, o qual se põe á frente dos sete Sabios da Grecia, também se distinguia pela Filosofia especulativa, da qual fallaremos em outro lugar. Thales era Astronomo; Solon o excedia naquella Sciencia; muito pouco conhecida entre os Gregos. O mesmo Thales dividio o anno em doze mezes de trinta dias; e conhecendo o seu erro, o emendou com outro erro, intercalando hum mez inteiro depois de dous annos. Solon reformou o anno de Thales, fazendo-o puramente Lunar de trezentos sincoenta e quatro dias; e intercalou vinte e tres dias no fim de dous annos, para o fa-

Astronomia: divisão do anno por Thales; e por Solon;

zer quadrar com o anno verdadeiro. Tudo isto era muito na Grecia, pois que não se conhecia sómente a divisaõ da semana em sete dias (1). Os Egypcios, e os Fenicios eraõ muito mais sabios, havia muitos Seculos.

Arquitectura, Commercio.

Corintho.

Já as bellas Artes principiavaõ a aperfeiçoar-se. Tinhaõ-se já inventado as duas primeiras ordens da Architectura, a Dorica, e a Jonica. Os talentos preparavaõ de algum modo os Seculos de Pericles, e de Philippe. Corintho dava o exemplo do Commercio Maritimo; e unia as riquezas, e o esplendor com a liberdade. Finalmente a Grecia aproximava-se á época de huma gloria solida, e brilhante, a qual primeiramente foi o fruto das armas, e do Patriotismo, e ao depois do genio exercitado em todos os generos.

(1) Os Romanos nunca usáraõ daquella divisaõ da Semana em sete dias; a qual he puramente arbitraria.

L I V R O II.

Desde o principio da guerra contra os Persas até ao Governo de Pericles.

C A P I T U L O I.

*Principio da guerra contra os Persas. — Mil-
tiades vencedor em Marathonia.*

SE a guerra em si mesma he horrorosa, pois que nenhuma outra cousa apresenta aos nossos olhos, senão homens mortos por outros homens, e ruinas cobertas de sangue humano; com tudo chega a ser huma origem de acções sublimes, e admiraveis, quando se emprende, e se sustenta em defeza da Patria, por Cidadãos, que unem a Disciplina, e a Sciencia Militar com o animo heróico. Arrostar os perigos, desprezar a morte, suprir o pequeno numero pela força de engenho, e de valor, aproveitar-se das menores vantagens, reparar as maiores infelicidades, vencer inimigos quasi certos da victoria, salvar a vida, e a liberdade dos

Idéa geral
da guerra
sustetada
contra os
Persas.

dos Membros do Estado, e merecer pelos seus serviços o reconhecimento, e a reputação immortal; são acções, que desvanecem em parte os horrores inseparaveis de toda a expedição sanguinolenta. A guerra dos Gregos com os Persas será especialmente interessante por causa daquelle magnifico espectáculo.

Ocasões
desta
guerra.

Antes de
J. C. 501.
Athenas
declara-se
a favor dos
Jonios,
contra Da-
rio.

Deixámos o vasto Imperio de Cyro em poder de Dario, filho de Hystaspes, cuja ambição muito limitada na Asia se inclinava a novas Conquistas. Hum motivo de vingança, junto com aquella paixão insaciavel lhe inspirou o intento de sujeitar a Grecia. Os Jonios rebellando-se contra Dario, reclamárao o soccorro dos Gregos da Europa. Cleomenes, Rei de Sparta, e protector do Tyranno Hippias, expulso de Athenas, recusou soccorrer os Jonios. Athenas mais generosa lhes concedeo vinte náos; pois estava irritada contra os Persas, por terem recebido Hippias, a quem pretendiao restabelecer. O entusiasmo da liberdade achava-se naquelle tempo na mais viva fermentação. Aquelle Povo gemendo debaixo da sujeição dos Pisistratides, respirava o heroismo, depois que despedaçara as suas cadêas.

Dario quer
sujeitar a
Grecia.

Os Jonios marchão para Lydia, queimão Sardes, e julgaõ-se livres. Porém Da-

Dario vingasse immediatamente com a ruína de Mileto. Dario obriga a Jonia, e as Ilhas visinhas a sujeitarem-se novamente á obediência, e manda Reis de Armas á Grecia pedir terra, e agua, isto he, que o reconhecimento por Soberano. Os Spartanos indignados mandão matar dous Athenas, daquelles Reis de Armas, aos quaes e Sparta o direito das Gentes deveria fazer sagrados. Com tudo varias Cidades se sujeitaõ, particularmente Egina, situada perto de Athenas no Mar Egeo. Os Athenienses queixaõ-se daquella cobardia a Sparta, a qual presidia á Confederação Grega; e mandão-se prender os principaes Eginetas, como traidores da Patria. Que huma multidaõ de Estados pequenos, independentes huns dos outros, fossem unidos por meio de Tratados, e de Obrigações reciprocas, de modo que o commum interesse tivesse força de Lei, e que a infidelidade fosse castigada por huma especie de Tribunal commum, era huma felicidade para a Grecia. Sem aquella vantagem toda a Grecia facilmente se subjugaria.

Dario para executar o seu projecto tinha expedido hum exercito, e huma frota. A frota naufragou, dobrando o Promontorio de Athos (hoje em dia *Capo Santo*), os Thracios accommettem de

Athenas,
e Sparta
unidas cõ-
tra Dario.

Os Persas
penetraõ
na Attica.

de noite, e dissipão o exercito, commandado por Mardonio, Cavalleiro moço, e sem experiencia. Tropas mais numerosas, ás ordens de melhores Generaes, vem inundar a Attica depois de ter saqueado Eretria em a Ilha de Eubea.

Athenas
sollicita o
soccorro
dos allia-
dos.

Athenas em perigo dirige-se aos confederados, e sollicita os soccorros necessarios. Sparta promette Soldados, porém declarando que he necessario esperar alguns dias, porque hum costume Religioso prohibe sair ao campo antes da Lua cheia; superstição bem indigna daquella Republica sabia, e bellicosa. Os outros povos guardaõ em segredo a consternação. Sómente Plateas manda mil combatentes. São obrigados a armar os escravos pela primeira vez.

Exercito
Atheniense,
ás ordens de
dez Ge-
neraes.

O Exercito Atheniense compunha-se de dez mil homens, e o exercito dos Persas constava de mais de cem mil homens (1). Aquella desigualdade de forças póde-se considerar, como hum mal menor do que a divisaõ do Commandamento

(1) Rollin diz que o seu exercito se compunha de cem mil homens de Infantaria, e de dez mil de Cavallaria, depois de ter dito na pagina precedente, compôr-se de quinhentos mil homens. Justino dá-lhe seiscentos mil homens. Cornelio Nepote, com maior probabilidade, o suppõe sómente dez vezes mais numeroso que o Exercito de Athenas. A quem se deve dar credito?

to entre dez Generaes, nomeados pelas dez Tribus, e os quaes se succediaõ alternativamente cada dia. Como se pôde esperar, que aquelles Generaes seguissem hum Plano uniforme, que obrassem todos unanimemente, que os erros de hums não fizessem inutil a habilidade dos outros? A imprudencia dos Athenienses mostra-se naquelle uso, o qual tinha estabelecido hum falso ciume de liberdade. Miltiades era felizmente do numero dos Generaes, e tinha por Collegas bons Cidadãos. Esta foi a salvação de Athenas.

Era necessario decidir, se se attemetteria o inimigo, ou se o esperariaõ na Cidade. O ultimo partido parecia o mais seguro, e no qual todos votáraõ. Miltiades se atreveo a insistir pelo primeiro, como necessario em huma circumstancia, em que era preciso hum lance de valor. O virtuoso Aristides, hum dos Generaes, sustentou o parecer de Miltiades, e o fez prevalecer. Depois convencido que a execuçaõ requeria huma só cabeça, Aristides teve a generosidade, quando chegou o seu dia de mandar, de pôr aquelle grande homem no seu lugar: todos os outros seguirãõ o seu exemplo.

Miltiades
propõe o
combate.

Aristides
lhe cede o
Commandamento.

Antes de
J. C. 490.
Batalha de
Marathonia.

A batalha de Marathonia foi o triumpho do Patriotismo. A Arte Militar, pou-

co conhecida antecedentemente , favoreceu perfeitamente a sua valentia. Miltiades tinha-se postado ao pé de hum monte , tinha coberto os seus flancos, a fim de o não poderem cercar , e tinha posto em os lados as suas maiores forças , a fim de conservar maiores recursos. Os Gregos corrêraõ para o combate. A sua impetuosidade não esperada perturbou o inimigo ; ambos os seus lados tendo derrotado os lados do Exercito dos Persas , cahiraõ sobre o corpo da batalha , ao qual já se não resistia , e o derrotáraõ inteiramente. Hippias , quando se li-sonjeava sem duvida de reduzir a sua Patria á escravidão , foi morto em o combate.

Fugida
vergonho-
sa dos
Persas.

Aquelle grande exercito , o qual tinha ordem de mandar a Dario todos os Athenienses , carregados de ferros , e o qual tinha trazido marmore para fazer os seus troféos , fugio precipitadamente para as suas náos , sete das quaes foraõ tomadas , e outras muitas queimadas pelos vencedores. Em o dia seguinte chegáraõ os Spartanos , depois de huma marcha forçada de tres dias. Os mesmos Spartanos se julgariaõ criminosos por causa da sua tardança , se a superstição não lhes tivesse feito huma obrigação da demo-
ra.

Em

Em aquelle tempo a gloria era a recompensa dos homens grandes : a qual era sufficiente para a virtude Republicana. Erigiraõ-se Monumentos aos mortos : pintou-se a batalha de Marathonia ; e todo o favor concedido a Miltiades , foi o representallo em aquelle painel á testa dos seus Collegas.

—————
A gloria ,
recompê-
sa dos vé-
cedores.

Quem julgaria que o Salvador da Patria podesse chegar a ser a victima da ingratitude ? Porém os Athenienses foraõ sempre tão desconfiados , que a menor suspeita lhes fazia esquecer os maiores serviços. Miltiades tendo pedido huma armada aos Athenienses para castigar os Insulanos , que tinhaõ sido traidores ao commum interesse , foi mal succedida na sua expedicaõ contra Ilha de Paros ; e voltou ferido depois de hum dilatado sitio. Ou porque motivos de odio pessoal o excitassem para aquella empreza , como diz Herodoto ; ou porque não lhe podessem reprehender , senão a sua infelicidade , o Povo injusto o tratou , como criminoso. Miltiades foi accusado , e condemnado a pagar a multa de sincoenta talentos (1) ,
quan-

—————
Injustiça
de Athe-
nas con-
tra Miltia-
des.

(1) O talento, diz o Abbade Mably (Entretiens de Rhocion, pag. 189) pezava sessenta arrateis de doze onças , que segundo o nosso modo de contar , fazem noventa mar-

quantia igual aos gastos da frota; o mesmo Miltiades morreo na prisaõ por não poder pagar semelhante multa, em que fora condemnado Heróe tão respeitavel, que chegou a renunciar ao Poder Soberano do Chersoneso, para se consagrar inteiramente ao serviço da Patria.

CAPITULO II.

*Principios de Aristides, e de Themistocles;
invasão de Xerxes na Grecia.*

A RISTIDES, e Themistocles, dous Cidadãos illustres, tiveraõ depois da morte de Miltiades, a principal influencia dos negocios publicos. Desde a sua mocidade, a differença de character, e de principios excitára entre elles huma grande, e manifesta divisaõ. Aristides de huma

Aristides, e Themistocles.
Differença dos seus genios, e dos seus principios.

vir-

marcos. O nosso marco de prata valendo sinco mil e seiscentos reis, o talento Grego valia quinhentos e quatro mil réis. O talento de ouro pezava tambem sessenta arrateis, ou noventa dos nossos marcos. Cada talento tinha sessenta minas, cada mina sessenta drachmas, e cada drachma seis obolos.

O P. Rothe, continuador da Historia Romana de Catrou, avalia cada talento em quinhentos setenta e seis mil reis; M. Gouget em seiscentos sincoenta e nove mil novecentos e noventa reis. Esta he pouco mais, ou menos, a avaliação dos Authores Inglezes, na Historia Universal.

virtude austera, e inalteravel, abominava tudo o que não se podia concordar com a justiça a mais exacta, e merecia a applicação, que lhe fizeraõ em pleno Theatro, daquelle verso de Eschylo: *quer ser justo, mas não o parecer*; elogio completo do homem de bem. Themistocles, ardente, ambicioso, e atrevido, de nenhum modo escrupuloso a respeito dos meios, com tanto que segurassem o exito de qualquer successo, moldando os seus principios á satisfação das circumstancias, e da fortuna, procurando menos ser estimavel, do que ter admiradores, e sequazes, não podia deixar com os seus talentos insignes, como seu Mestre o prognosticára, de fazer ou muito bem, ou muito mal á sua Patria.

Athenas era sempre hum Theatro de disputas. Quando o Governo he máo, em qualquer Estado livre, todos se agitam a respeito do fundamento do Governo. Aristides instruido com as Maximas de Lycurgo, o qual puzera ao Povo hum freio necessario, inclinava-se para a parte da Aristocracia. Themistocles declarava-se a favor do Povo, a quem se interessava em lisongear; o appellido de *justo*, concedido geralmente ao seu competidor, não offendeo o seu orgulho; porque preveo, que titulo tão singular desagradaria áquel-

Os seus
Systemas,
de Politi-
ca differê.

áquelles mesmos que o concediaõ, para os quaes chegaria a ser hum motivo de ciúme, e de odio.

Themis-
tócles faz
Aristides
suspeito.

Com effeito Themistocles, a fim de se livrar daquelle emulo sempre opposto aos seus pareceres, fez valer contra elle o titulo, que attestava a sua virtude, representando Aristides, como hum Juiz Soberano dos processos, como hum Monarca, cuja authoridade fazia a Lei, sem necessitar do apparatus do Throno. Os seus Emissarios, enchêraõ o Estado de suspeitas, e o Povo pedio finalmente

Ostracis-
mo contra
Aristides.

o Ostracismo. Costumava-se escrever em hum concha (*ostrakon*) o nome da pessoa, que se pretendia desterrar. Hum camponez, não sabendo escrever, e não conhecendo Aristides, dirige-se a elle mesmo, para lhe pedir que escrevesse na sua concha o nome de Aristides. *Que mal te fez esse homem*, lhe perguntou o virtuoso Cidadão? *Nenhum*, respondeo o camponez; *porém estou cansado de ouvir por toda a parte chamar-lhe o justo*. Aristides escreveu o seu nome. Seis mil votos ao menos (porque era necessario este numero) lhe foraõ contrarios. Aristides recebeu a sentença com submissão, e disse partindo para o seu desterro: *Peço aos Deoses, que não permittaõ que os Athenienses tenham occasiaõ de se lembrarem de Aristides*.

The-

Themistocles, depois daquella indigna acção, apparecêra coberto de opprobrio aos olhos da posteridade, sem os serviços manifestos, que logo fez á Patria. Ninguém em quanto á Politica, e á guerra tinha maiores idéas, e era mais proprio para a execução. Longe de descançar, como os outros Athenienses, sobre os perigos, dos quaes parecia tellos livrado a victoria de Marathonia; Themistocles não duvidava, que a guerra, apenas principiada com os Persas, não continuasse com furor. O mesmo Themistocles considerava a fraqueza, e os recursos de Athenas; e via que vantajosamente situada para a Marinha, as suas armadas eraõ muito inferiores ás frotas dos Eginetas, seus visinhos; e que com tudo, sómente a Marinha a podia pôr em segurança, augmentar-lhe as suas riquezas, e dar-lhe poder. Themistocles applicando-se pois principalmente a este objecto, persuadio aos Athenienses, que lhe consagassem a renda das suas minas de prata, posto que estivessem no costume de as repartir para sua particular vantagem. Com aquelle fundo construíraõ-se cem Galéras, as quaes chegáraõ a ser o reparo da Republica.

Prevenção
de Themistocles.

Themistocles applica-se á Marinha.

Sem aquella prevenção, e sem aquellas disposições, toda a Grecia estava inful-

Empreza de Xerxes contra a Grecia.

fallivelmente perdida. Dario preparando-se para a invadir com todas as forças da Asia, morreo. Porém seu filho Xerxes herdou a sua vingança, á qual accrescentou mais ainda o ardor de huma mocidade altiva, e fogosa (1). Xerxes depois de immensos preparos mandou pedir agua, e terra. Themistocles, a fim de animar mais os seus Cidadãos, tirando-lhe toda a esperança de convenções (porque era necessario ou conservar a liberdade, ou sepultar-se com ella), mandou matar o interprete, que traduzira o Decreto do Rei da Persia. Aquelle passo impunha a necessidade de ser invencivel.

Exercito
prodigio-
so de Xer-
xes.

Com tudo Xerxes, á testa de hum innumeravel exercito, o qual Rollin, seguindo Herodoto, compõe de sinco milhões e duzentos mil homens, comprehendendo a gente do mar, e todo o acompanhamento do exercito, vinha em triumpho destruir hum pequeno Povo, que elle desprezava. Deodoro de Sicilia diminue muito o numero daquellas Tropas,

as-

(1) Xerxes era filho de segundo Matrimonio da Princeza Atossa, filha de Cyro, com a qual Dario casou, occupando já o Throno. Dario preferio Xerxes aos filhos do primeiro matrimonio, e o nomeou seu Successor, como primogenito dos filhos *do Rei*, posto que o não fosse dos filhos *de Dario*. Hum Spartano suggerio aquella distincção, dizendo que servia de regra para Sparta.

assim como Plinio, Eliano, e outros muitos Authores. Por muito absurdo que evidentemente seja o calculo de Herodoto, he, segundo dizem, o Historiador mais digno de credito, por viver no mesmo século da expedição. Porém basta sómente examinar a sua relação, os discursos, os sonhos, e as circumstancias, que lhe ajunta, para desconfiar do seu testemunho. Herodoto parece ter mais de pressa imitado Homero, do que escrever como Historiador: pois descreve humas vezes Xerxes como hum Filosofo, o qual derrama lagrimas á vista daquella infinita multidão, da qual não ficará hum unico homem no espaço de cem annos; outras vezes, como hum furioso, e hum insensato, o qual ordena que açoutem o Mar, porque hum tempestade despedaçou a ponte de barcos, pela qual deviaõ passar as suas Tropas o Hellesponto (hoje os Dardanellos); todos quantos emprehêrão aquella obra são condemnados ao supplicio, como se tivessem podido prender com cadeias os ventos, e as ondas. Xerxes, segundo Herodoto, mandou romper o monte Athos, a fim de abrir huma passagem para a sua frota; com tudo os Viajantes modernos attestaõ, que o monte Athos nunca se rompêra.

Herodoto
merece
pouco cre-
dito, a
respeito
das indivi-
duações
desta ex-
pedição.

Justo motivo para desconfiar dos Gregos.

Como pudéramos as mentiras dos Gregos impôr a tantos Escriitores estimaveis? Em os copiando, tira-se á Historia toda a probabilidade, e prohibe-se todo o uso da Critica. Acaso he pois necessario tambem considerar os Persas, como barbaros, porque os Antigos assim os nomeaõ? e ignora-se por ventura, que aquella Nação era bem governada, e florecente, quando a Grecia estava ainda sepultada em huma horrorosa barbaridade? A vaidade Grega, digna de passar em Proverbio, deve-nos fazer muito circumspectos a respeito das individuações; além de que, poucas vantagens realmente verdadeiras dellas tirariamos.

Demarates Rei de Sparta, refugiado na Persia.

Demarates, hum dos Reis de Lacedemonia, vivia desterrado havia algum tempo; porque na sua Patria, dizia elle mesmo, *a Lei era mais poderosa, do que os Reis*. Demarates tinha procurado hum

O que Demarates diz a Xerxes, a respeito dos Gregos.

asylo na Persia, onde gozava de huma consideração particular. Xerxes, depois da revista das Tropas, tendo-lhe perguntado, se os Gregos se atreveriaõ a esperar por elle, Demarates respondeo livremente, especialmente a respeito dos Spartanos, que o amor da liberdade os faria surdos a todas as proposições; e quando se reduzissem a hum par de combatentes, não rejeitariaõ o combate. *Os Spartan-*

tanos , são livres , accrescentou Demarates , porém dominados pela Lei , que lhes ordena ou vencer , ou morrer . O successo justificou o seu discurso . A Historia passa a ensinar-nos quanto póde a liberdade contra as forças do Despotismo .

Avisados os Spartanos , e os Athenienses pelo proprio Demarates da invasão , que os ameaçava , excitáraõ toda a Nação a pegar nas armas . Porém de huma parte o terror , e da outra parte o ciume do commandamento , separáraõ da liga quasi todos os seus alliados . Nem por isso ficáraõ menos firmes no intento de huma vigorosa defesa . Athenas procurou eleger o seu General . Hum Orador chamado Epicydes , taõ avarento , como presumido , oppôz-se a Themistocles ; e como o Povo sempre he facil em se enganar , Epicydes esteve quasi obtendo a preferencia . Themistocles conhecendo a fraqueza de Epicydes o obrigou com presentes a desistir , e se fez eleger General . O bem publico pedia Themistocles . Este he o caso , em que qualquer homem superior sem offender a modestia , póde justificar-se a si mesmo , e desejar com ambição huns empregos , onde a honra está cercada de perigos .

Sparta , e Athenas se dispõem para a guerra .

Themistocles faz-se eleger General .

Posto que os Athenienses tivessem armado as duas terças partes da frota , os

Euribíades General da Armada .

Procedi-
méto pru-
dente de
Themis-
tocles.

Spartanos lhes disputárao o seu mando. Todos os alliados declarárao-se pelos ultimos, e deo-se o commandamento a Euribiades, o qual não o merecia. Themistocles não se oppôz com receio de algum rompimento; porém annunciou aos Athenienses, que não se tardaria a lhes ceder aquella honra, com tanto que fizessem o seu dever. Themistocles já tinha mostrado a sua moderação, apoiando hum Decreto para o perdaõ dos desterrados, e particularmente de Aristides. A uniaõ daquelles dois illustres Competidores em as necessidades da Republica, he huma das lições mais sensiveis do Patriotismo. Adiante veremos os seus effeitos.

Antes de
J.C. 480.
Combate
das Ther-
mopylas.

Finalmente Xerxes chega a Thermopylas, passagem muito estreita, onde o esperavaõ quatro mil homens, ás ordens de Leonidas, Rei de Sparta. Tendo Xerxes tentado inutilmente corrompello, escreve-lhe como Senhor, ordenando-lhe de entregar as suas armas. Leonidas responde como Spartano: *Vem tomallas*. Os inimigos são rechaçados, não obstante o seu numero prodigioso; e infelizmente descobrem huma vereda, pela qual ganhaõ a altura, sem serem presentidos. Aquelle posto não podia mais defender-se. Leonidas com trezentos Spartanos, depois de

de ter obrigado os outros Gregos a retirar-se, não deixa de accommetter os Persas; consagrando-se a huma morte certa, ou pela gloria da sua Patria, ou para intimidar o inimigo com hum prodigio de valentia. Todos aquelles Heróes morrêrão no combate, excepto hum unico, que levou a noticia da mortandade a Sparta; onde foi tratado, como hum infame desertor, até desvanecer gloriosamente a sua infamia em a primeira occasião. Os Amphictyões mandáraõ pôr depois nas Thermopylas a seguinte inscripção, admiravel pela sua mesma simplicidade. *Passageiro, annuncia a Lacedemonia, que nós morremos aqui todos por obedecer ás suas Leis.*

Leonidas
morreo
neste co-
bate com
os seus
Sparta-
nos.

Xerxes perdeu vinte mil homens na passagem das Thermopylas; pequena perda para hum tão numeroso exercito. Sem lhe suppôr, seguindo os Historiadores muito credulos, tres milhões de combatentes, nem ainda a quarta parte deste numero, os seus inimigos, cujo exercito se compunha sómente de onze mil e duzentos homens, pareciaõ não poder escapar da ultima ruina. Xerxes continuou a sua derrota; o incendio, e a assolação indicava os seus passos. Tendo-se informado Xerxes do que os Gregos faziaõ, disseraõ-lhe, que estavaõ nos Jogos Olympicos, a pezar do perigo.

Os Gre-
gos nos
Jogos O-
lympicos,
a pezar
do perigo.

pi-

picos; deraõ-lhe huma idéa daquelles Jogos, onde huma simples Coroa de oliveira excitava tanta emulação. *Que homens*, exclamou hum Satrapa, *que homens que sómente combatem pela honra.*

Athenas
naõ tem
mais re-
cursos,
senão na
sua frota.
Themis-
tocles
faz aban-
donar a
Cidade.

Com tudo Athenas estava em grande perigo. Os Póvos do Peloponneso abandonavaõ Athenas para se entrincheirar por detraz do Isthmo de Corintho. O oraculo tinha declarado que Athenas naõ acharia a sua salvação, senão *em as muralhas de madeira*. Aquelle Oraculo inspirado provavelmente por Themistocles, lhe procurou os meios de conduzir o Povo para onde quizesse. Vendo Themistocles, que a Cidade naõ estava em estado de se defender contra hum diluvio de inimigos, e que sómente o Mar offerencia hum asylo para os Cidadãos, persuadio, que os muros de madeira eraõ as náos, e que os mesmos Deoses ordenavaõ que se embarcassem. Como a Religiaõ prendia os Athenienses aos seus Lares, ás suas Sepulturas, e aos seus Templos, era necessario separallos de tudo com outro superior motivo de Religiaõ. Além de que, Themistocles teve grande trabalho para mandar passar hum Decreto, ordenando que Athenas ficaria em deposito debaixo da protecção de Minerva; que todos os Cidadãos que podessem

sem servir, se embarcariaõ; e que cada qual cuidaria na segurança da sua familia.

Separáraõ-se derramando torrentes de lagrimas. A Cidade de Trezene em a Argolida, recebeu generosamente a maior parte das mulheres, dos meninos, dos homens velhos, e deo as providencias para a sua subsistencia. Alguns Cidadãos obstináraõ-se em não partir, encerráraõ-se na Cidadella, cujos muros sendo de madeira, lhes pareciaõ indicados pelo Oraculo, e nella se defendêraõ até á morte. Xerxes queimou aquella fortaleza, e gozou do prazer da vingança, sem prever a revolução, que o ameaçava.

Xerxes,
Senhor de
Athenas.

C A P I T U L O III.

Batalhas de Salamina, de Plateas, e de Mycale; os Persas lançados fóra para sempre da Grecia.

O PRIMEIRO combate naval (perto de Artemisio) sem ser decisivo, tinha sido vantajoso para os Gregos; pois os acostumava, e instruia na manobra, e lhes ensinava que podiaõ fazer frente ao inimigo, não obstante a superioridade das

Disputa
de Themis-
tocles, e
de Eury-
biades.

das suas forças. Os Gregos tinhaõ-se ajuntado no estreito de Salamina; onde fizeram conselho a respeito do partido, que era necessario tomar. Eurybiades queria juntamente com o maior numero vencer o Golto de Corintho, para estar prompto a defender o Peloponneso. Themistocles sustentava, que abandonar o estreito, onde a frota dos Persas não podia obrar livremente, seria hum erro inexcusavel. *Dá, porém ouve*, disse Themistocles a Eurybiades, o qual com o ardor da disputa, cegava-se até levantar o bastão para lhe dar. Aquella palavra fez huma tal impressão em o Spartano, que se deixou governar depois por Themistocles. Felizmente ignorava-se a falsa honra, que os Barbaros introduziraõ entre nós; sabia-se ou desprezar huma injuria, ou vingar-se gloriosamente.

Presump-
ção de
Xerxes.

Se Xerxes seguira o conselho de Artemisa, Rainha de Halicarnasso, heroína prudente, que o acompanhava, teria evitado huma batalha perigosa; e adiantando-se vagarosamente, teria destruido os Gregos sem correr risco algum. O seu orgulho não dava ouvidos á razão. Nada lhe parecia capaz de resistencia. Themistocles, a fim de attrahir a Xerxes no laço, mandou-lhe annunciar occultamente, que os Gregos se dispunhaõ a re-

Themis-
tocles at-
trahia a
Xerxes pa-
ra o laço.

re-

retirar-se de Salamina, e que então perderia a occasião de arruinar a sua frota de hum só golpe. Aquelle aviso o decidiu. Xerxes deu promptamente ordem para combater; e postou-se em huma altura, d'onde a sua presença devia animar as Tropas: hum grande Principe as teria animado com o exemplo, e com a acção.

Em aquelle tempo he que Aristides, o qual commandava em Egina, veio unir-se com Themistocles, como verdadeiro Cidadão, cujo zelo não pode esfriar huma inimizade pessoal. Depois de Aristides ter convidado Themistocles para acabar toda a dissensão, offereceo-se para servir debaixo das suas ordens, e para o ajudar com os seus conselhos. Themistocles era homem muito grande para deixar de conhecer o valor daquelles offerecimentos. Desde aquelle instante huma confiança mútua os unio; presagio infallivel do bom successo.

Aristides,
e Themis-
tocles
unidos pa-
ra defen-
derem a
Patria.

Assim a batalha de Salamina, como a batalha de Marathonia, mostrou que hum excellente General vale tanto como hum exercito. Themistocles, sem ter aquelle titulo, fez as suas funcções; e soube tomar a vantagem do vento, pondo huma ordem admiravel nas disposições da frota. As náos dos Persas, pe-

Batalha de
Salamina.

zadas, e embaraçadas por causa do seu numero, e da pouca largueza do estreito, não pudéram resistir contra a manobra dos Gregos. Estes com menos de quatrocentas vélas destroçaram huma armada naval, onde se contavam mais de duas mil vélas. A Rainha Artemisa deo occasião, por causa do seu animo, para se dizer, que as mulheres pareciam homens, e os homens mulheres. O grande Rei fugio vergonhosamente. Por causa de hum falso aviso, dado industriosamente por Themistocles, que se cuidava em demolir a sua ponte de barcos, Xerxes se apressou a tornar a passar para a Asia, deixando a Mardonio trezentos mil homens (segundo os Historiadores Gregos) para reparar aquelle desastre.

—————
Xerxes fugio para a Asia.

—————
Mardonio pretende enganar os Athenienses.

Mardonio, posto que presumido, e imprudente, sabia que a victoria não depende do numero das Tropas. Dividir os Gregos, pareceo-lhe hum meio mais efficaz para os vencer. Mardonio mandou o Rei de Macedonia para fazer proposições vantajosas aos Athenienses: aos quaes tambem promettia dar-lhes o governo da Grecia, se se separassem dos alliados. Aristides era primeiro Archonte; em o seu coração nada podia a seducção. A sua resposta foi, na presença dos Embaixadores de Sparta, que nem todo o ouro, nem

—————
Resposta de Aristides.

nem tôdas as promessas do Mundo corromperiaõ a virtude dos Athenienses ; que sempre seriaõ os inimigos mortaes dos Persas ; em os quaes vingariaõ eternamente as infellicidades , que a sua Patria tinha soffrido por sua causa. Aristides mandou pronunciar anathemas contra qualquer , que propuzesse a alliança dos Persas , ou atraioasse a alliança nacional : sentimentos taõ bem impressos em os corações , que hum Atheniense sendo de parecer , que se ouvisse hum Deputado de Mardonio , foi no mesmo instante apedrejado , e as mulheres furiosas apedrejáraõ seus filhos , e sua mulher , como criminosos. O Direito das Gentes prevaleceo nesta occasiaõ ás Leis Civís ; porque despediraõ o Deputado sem o insultarem.

Sentimẽtos dos Athenienses a respeito dos Persas.

Para sustentar semelhantes procedimentos , era necessario hum constancia experimentada em todas as calamidades da guerra. Mardonio cahio sobre Athenas , e acabou de a destruir. Os Athenienses tinhaõ-se retirado , como antecedentemente , para Salamina. Os Spartas naõ se tinhaõ apressado muito para os soccorrer , reservando as suas tropas para a defeza do Peloponneso. Porém movidos finalmente das queixas dos seus alliados , mandáraõ marchar sinco mil

Os Spartanos mã-daõ hum exercito.

Cidadãos, com sete Helotes cada hum. O exercito Grego achou-se poderoso com setenta mil homens ao menos, entre os quaes sómente se contaõ oito mil Athenienses. Aquelle exercito era sufficiente para fazer frente a hum máo General, era huma multidaõ de gente sem disciplina. Pausanias, tutor de hum Rei de Sparta, tinha o Commandamento; os Athenienses tinhaõ Aristides á sua frente.

Antes de,
J.C. 479.
Batalha de
Plateas.

Todos marcháraõ para a Beocia, a qual os inimigos preferiraõ á Attica para campo de batalha, por ser huma terra descoberta, plana, e mais favoravel para os grandes exercitos. Mardonio, receando a falta dos viveres, e entregando-se á sua impetuosidade natural, quiz combater, a pesar das representações de hum dos seus melhores Officiaes. O desprezo dos bons conselhos conduz ordinariamente ao precipicio. A batalha de Plateas não foi menos fatal para os Persas, do que a batalha de Salamina. O seu imprudente General cahio morto de huma ferida; hum corpo de quarenta mil homens salvou-se, fugindo precipitadamente: quasi todo o resto ficou derrotado. Nunca os Persas entráraõ depois na Europa.

Moderação
de Pausa-

Propondo hum Egineta a Pausanias de vingar no cadaver de Mardonio, os
ul-

ultrajes feitos ao cadaver de Leonidas, o qual foi tratado indignamente pelos inimigos, respondeo com huma nobre altivez, que se conhecia bem pouco a gloria, se a faziao consistir em imitar os Barbaros; que Sparta gloriava-se da moderação, e não de huma vil vingança; e além de que, os Spartanos estavao sufficientemente vingados com a morte de tantos milhares de Persas. Pausanias, poucos dias depois do combate, a fim de dar huma lição interessante aos seus Officiaes, mandou preparar hum banquete com todo o luxo Asiatico, e hum jantar pequeno conforme a frugalidade de Sparta. O contraste era assaz persuasivo. *Que loucura*, exclamou Pausanias, *concebeo Mardonio acostumado a viver taõ deliciosamente, a vir accommetter huns bomens, que sabem passar por tudo!* Todavia os despojos de Plateas corrompêrao os costumes daquelle mesmo General.

—
nias de-
pois da
victoria.

A emulação não tinha contribuido menos que a virtude para os successos dos Gregos. Cada Povo pretendia o premio do valor, que solemnemente se decretava por authoridade publica. Os Athenienses, e os Spartanos, depois da batalha de Plateas, o disputárao entre si com tal ardor, que podia degenerar em violencias. O unico meio para os socegar ;

—
Os Spar-
tanos, e
os Athe-
nienses
disputaõ
entre si o
premio
do valor.

gar, foi unir os votos a favor de outro qualquer Povo. O premio foi concedido aos Plateenses, Aristides, e Pausanias sub-screvêraõ naquelle sentença. Quando a gloria he o primeiro movel de qualquer Nação, o seu heroismo chega a ser como natural; hum ramo de louro basta para excitar os maiores esforços: parecería infame, e vergonhoso avaliar o merecimento a dinheiro. Isto he o que a Historia das Republicas antigas offerece muitas vezes á nossa admiração. A victoria de Salamina contribuiu muito para que Themistocles tivesse a honra de vêr todos os Gregos levantarem-se na sua presença em os Jogos Olympicos, e de o contemplar com respeito como seu Libertador. O mesmo Themistocles confessava que aquella recompensa era superior aos seus proprios desejos.

Recôpésa
de The-
mistocles.

Causas do
successo
dos Gre-
gos nesta
guerra.

Huma emulação tão nobre, o amor da liberdade, e da Patria, huma disciplina exacta, e sobre tudo a habilidade dos Generaes Gregos, comparadas com o espirito de vileza, e de escravidão, com o abatimetto dos Persas, com o louco orgulho, e com a infame cobardia de seu Soberano, e finalmente com a imprudencia dos seus Generaes, explicão o exito daquelle guerra. Como he possivel, que milhões de combatentes,
com

com Chefes sómente mediocres, podessem frustrar, para assim dizer, os seus intentos contra hum atomo? O numero sómente não devia opprimir os Gregos, com tanto que hum cabeça dirigisse a acção dos membros? A Grecia dividida, e cheia de traidores não era hum preza facil para o Monarca da Asia? Era necessario hum Xerxes, e hum Mardonio, tambem era necessario hum Themistocles, hum Aristides, e hum Pausanias, para que os successos se voltassem de hum modo tão estranho.

Os Persas derrotados na Europa, tambem foraõ destruidos na Asia, em o combate naval de Mycale, que se deo no mesmo dia, em que se deo a batalha de Plateas. Os Gregos, com o soccorro dos Jonios, acabáraõ de arruinar a frota, e o exercito de Xerxes, que fugio de Sardes, onde estava, depois de ter ordenado que todos os Templos das Colonias Gregas fossem queimados, e demolidos. A impiedade não dictou aquella ordem, pois que a Religião dos Magos proscrevia os Templos, e os Idolos. Reconheçamos aqui a fraqueza de hum Principe cobarde, o qual não se atrevendo a combater homens, vinga-se nas paredes da sua ignorancia; ou o qual tendo exaurido loucamente os seus cofres,

Xerxes vido tambem na Asia.

Xerxes mandou queimar os Templos.

fres, procura hum recurso na pilhagem dos Templos, e deste modo se faz abominavel aos Póvos, que antecedentemente contava entre os seus vassallos. Desde aquelle tempo todas as Cidades da Jônia entráráo na confederação.

CAPITULO IV.

Restabelecimento de Athenas, a pesar do ciúme de Sparta. --- Administração de Aristides.

Principios
de divisaõ
entre
Sparta, e
Athenas.

SE os Gregos fossem tão prudentes como valerosos, não pensariao senão em se unir mais estreitamente. A sua força dependia daquella uniaõ, cuja necessidade deviaõ conhecer. Que huma mutua emulaçaõ os inclinasse a exceder huns aos outros, era hum bem; com tanto que não degenerasse em odioso ciúme; porém a ambiçaõ ordinariamente funesta aos grandes Imperios, he a ruina dos Estados pequenos. As duas Republicas competidoras com as suas victorias fizeraõ-se inimigas; o mal que ambas estas Republicas fizeraõ a si mesmas, foi infinitamente maior em comparaçaõ daquelle, que as Persas lhes fizeraõ. Sigamos os progressos,

sos, e as consequencias daquella discórdia, cuja semente occulta logo se manifestou, e fez nascer funestos intentos, os quaes annunciavaõ a guerra civil.

Os Athenienses pensáraõ em reedificar, e em fortificar a sua Cidade, assim que a derrota completa dos Persas dissipasse os seus temores. Nada era nem mais justo, nem mais necessario. Com tudo os Athenienses encontráraõ hum obstaculo em a politica ambiciosa de Sparta, a qual olhando ciosamente para o seu poder maritimo, e para a gloria, que acabavão de adquirir, receava vêr passar para o seu poder o Commandamento. Sparta allegou falsos pretextos do bem publico. O interesse da Grecia, segundo a mesma Sparta dizia, necessariamente pedia, que não se consentisse Praça alguma forte, fóra do Peloponneso, com temor que o inimigo não fizesse della huma Praça de armas, no caso de nova invasão. Themistocles julgou que devia oppôr o artificio áquella injusta Politica. Em quanto o mesmo Themistocles entretinha os Spartanos com demoras, e com palavras; homens, mulheres, e rapazes, todos á porfia trabalhavaõ nos muros de Athenas, do que Sparta se queixa alta, e poderosamente. Themistocles negando o facto, pede que o man-

Sparta oppõe-se ao intento de se reedificar Athenas.

Themistocles engana os

Spartanos; e ao
depois
lhes falla
com resolu-
ção.

dem verificar no proprio sitio. Mandão-se Deputados: Themistocles passa occultamente a Athenas, para que os conservem em refens. Quando tudo está prompto, o mesmo Themistocles declara, que os Athenienses usáráo do Direito commum em darem providencia á sua segurança; que a Cidade se acha em estado de defeza; que depois de tantos serviços, feitos á Grecia, não se póde sem injuria suspeitar os Athenienses de máos intentos; que Sparta não tem razão de querer estabelecer o seu poder sobre a fraqueza dos seus alliados; e que de resto, elle se não envergonha de ter empregado a astucia, porque *tudo he permittido para o bem da Patria*. Os Spartanos dissimuláráo, não podendo publicar o seu resentimento.

Projecto
injusto de
Themis-
tocles pa-
ra augmē-
tar o po-
der de A-
thenas.

Ha sem duvida circumstancias, em que a astucia se faz necessaria contra a força, e a má fé; porém o principio de Themistocles não póde authorisar a perfidia, e a injustiça. Acaba-se de admirar aquelle grande homem, desde que cessa de respeitar as Leis inviolaveis, que devem presidir tanto ao procedimento dos Governos, como ao procedimento dos particulares. Nós passamos a julgar da sua Politica. Themistocles, depois de levantar Athenas, queria fazer della a pri-
mei-

meira Cidade da Grecia, e segurar-lhe o Commandamento, do qual Sparta se mostrava muito ciosa. O porto do Pireo, edificado por vigilancia sua, hum decreto para augmentar vinte náos cada anno á sua frota, privilegio para attrahir hum grande numero de Officiaes, e de marinheiros, todas estas medidas annunciavaõ prudencia; pois que o Mar era propriamente o recurso da sua Patria. Themistocles não parou aqui. Elle pede hum dia á Assembléa do Povo, que lhe nomeem alguém, para com elle conferir a respeito de hum intento da ultima importancia, o qual de sua natureza necessariamente pedia grande segredo. Olha-se para Aristides, e referem-se ao seu Juizo. Themistocles communica-lhe o projecto de queimar a frota dos alliados, meio infallivel para fazer Athenas árbitra de toda a Grecia. O parecer de Aristides foi tal, como a virtude o devia dictar, declarando que nada haveria mais util, porém ao mesmo tempo mais injusto, do que o projecto de Themistocles; e todos os votos seguirão o partido da equidade.

Aquelle projecto reprovado como injusto.

A utilidade daquelle plano era ao menos muito duvidosa, posto que Aristides assim o pensasse. A Grecia justamente indignada, não deixaria de unir os seus

Projecto que só desgraciar produzia.

esforços contra huma Cidade perjura ; o odio publico a perseguiria , e a sua gloria desappareceria para sempre ; e qual seria em fim a vantagem , que pudesse compensar os perniciosos effeitos daquella empreza ? Se o alvo da Politica he a felicidade das Nações , nunca a poderá alcançar senão segundo as regras da Moral ; porque toda a injustiça expõe a desgraça , quando mais não fosse senão pela infamia ; que a acompanha.

Themistocles impede, que a cõfederação dos Gregos se enfraqueça.

Themistocles mostrou muito maior prudencia na Assembléa dos Amphictyões. Os Spartanos propunhão excluir daquella Assembléa todos aquelles , que não tivessem pegado nas armas contra Xerxes. Os Thessalios, os Argivos, os Thebanos, e outros muitos, sendo daquelle numero, e a liga dos Amphictyões não comprehendendo senão trinta Cidades, pela maior parte muito mediocres, o Decreto proposto, ou a poderia anniquilar, ou a poria á discrição de duas, ou tres Cidades principaes. Themistocles oppôz-se aos Spartanos, e as suas razões vencerão. O mesmo Themistocles não tinha outra idéa, senão o interesse particular de Athenas, assim como tambem os Spartanos não procuravaõ senão dominar no Conselho Amphictyónico ; porém o seu parecer era vantajoso para toda a Grecia :
o bem

o bem publico requeria, que antes se apertassem os laços da confederação, do que desunir os seus Membros.

Por outra parte o Povo movia-se em Athenas, e queria tirar aos ricos a pouca authoridade, que a Democracia lhes deixava. Aristides julgando que devia ceder ao violento impeto popular, regulou por hum Decreto, que o Governo fosse commum para todas as classes de Cidadãos, e que os Archontes podessem ser eleitos indifferentemente entre o Povo, e entre os ricos. Não ficava quasi mais freio algum para a vida licenciosa.

Decreto popular de Aristides.

Com tudo Athenas hia chegando ao instante de tirar a Sparta a sua antiga superioridade sobre a Grecia. Para o que não necessitou, senão do merecimento de alguns Cidadãos, e dos erros de hum Spartano corrompido. Os Gregos mandárao huma frota, destinada para libertar do dominio Persiano todos os allia- dos, que soffressem ainda o seu jugo. Pausanias mandava em Chefe aquella frota; Aristides, e Cimaõ, filho de Miltiades, conduziao os Athenienses. Pausanias insolente, e voluptuoso depois da sua victoria de Plateas, sómente conservava huma sombra dos costumes da sua Patria. O desgosto da virtude dispõe para o crime. Pausanias já meditava huma trai-

Antes de J. C. 476. Pausanias corrópido depois da victoria de Plateas.

ção,

ção, parecendo ainda servir a Grecia. A sua altivez, o seu fasto, a sua aspereza, os modos, e a magnificencia dos Persas, que principalmente affectou, excitáraõ a indignação dos alliados; ao mèsmo tempo que os dous Generaes de Athenas lhes inspiravaõ o respeito, e a confiança com hum procedimento, cheio de equidade, de prudencia, e de docilidade. Declaraõ-se logo; puzeraõ-se debaixo da protecção de Athenas, e cedêraõ-lhe o o commandamento: Sparta teve moderação bastante, e prudencia para o renunciar. Que gloria teria Athenas perdido, se tivesse seguido antecedentemente o conselho odioso de Themistocles!

O Comã-
damento
cedeo-se
aos Athe-
nienses.

Sparta
chama, e
castiga
Pausanias.

Suspeito Pausanias de entreter intelligencias com o inimigo, foi chamado. Pausanias exercitava o Poder Real, como tutor de hum Rei ainda moço; porém sempre sujeito ao juizo dos Eforos pelas Leis de Sparta. Huma das suas cartas, escrita a Xerxes, foi a prova evidente do seu crime. O mesmo Pausanias não podendo evitar aquella prova, refugiou-se ao Templo de Pallas. Ninguém se atrevia a tirar Pausanias daquelle asylo, tapou-se a porta com huma parede; e sua propria mãi accarretou ansiosamente as pedras. Os Eforos o deixáraõ morrer á fome. Como a superstição se introduz

duz insensivelmente em toda a parte, temeo-se logo ter violado o templo; e o Oraculo de Delfos, consultado a respeito daquelle objecto, ordenou, que ahi levantassem duas Estatuas em honra do criminoso, a fim de pacificar a Deosa Pallas.

Themistocles algum tempo antes tinha soffrido o Ostracismo. O seu desterro era o fruto do odio, que todos lhe tinhaõ, por exaltar muito os seus serviços. Demais disso Themistocles merecia grandes reprehensões; e huma fortuna immensa, adquirida depois que se mettia em os negocios, provava bastantemente, que a sua regra não era sempre o interesse publico. Os Spartanos accusáraõ Themistocles, como complice de Pausanias, do qual tinha sido com effeito confidente, porém cujos intentos sempre reprovára. O Povo de Athenas julgando Themistocles culpado, quiz fazer-lhe o seu processo. Themistocles fugindo de hum para outro lugar, refugiou-se na Corte de Admeto, Rei dos Molossos; o qual a pesar de motivos antigos de inimizade, recusou generosamente entregallo aos seus inimigos. Huns amigos zelosos salváraõ a maior parte dos seus thesouros. Não obstante confiscáraõ-se cem talentos; a sua primeira fortuna
naõ

Themistocles desterrado pelo Ostracismo, e accusado depois, como cõplice de Pausanias.

naõ tinha sido senaõ de tres talentos.

Aristides
é carrega-
do das rē-
das da
Grecia.

Hum admiravel desinteresse realçou, pelo contrario, o credito, e a gloria de Aristides. Até áquelle tempo, a repartição das quantias de dinheiro, que os alliados davaõ para a guerra, tinha excitado muitas murmurações, por naõ estar sujeita a regras justas. Quando Athenas se vio de posse do Commandamento, formou-se outro Systema, para estabelecer a boa ordem em as rēdas publicas, cuja boa administração decide principalmente da prosperidade dos Póvos. Resolveo-se determinar os impostos á proporção das rendas de cada Cidade, e ter hum Thesouro commum na Ilha de Delos. O mais difficultoso era achar hum homem capaz de executar aquelle Plano. Uniraõ-se todos os votos a favor de Aristides. A sua integridade justificou humma eleição taõ gloriosa. Aristides impôz os tributos, manejou as rendas do Estado, como homem taõ illustrado, como incorruptivel; e conseguiu contentar a todos (prodigio inaudito !), e sustentar todas as despesas com quatrocentos e sessenta talentos, por causa de humma tal economia, que parecia duplicar o Thesouro. Depois de Aristides, os impostos se augmentáraõ consideravelmente: o que todos deviaõ esperar.

Aquel-

Aquelle grande Homem conservou a sua pobreza, dispondo das rendas da Grecia. Callias, seu proximo parente, o mais rico dos Athenienses, tendo sido accusado, o accusador o reprehendia, como de hum crime, da indigencia, em que deixava Aristides com a sua familia. Callias, a fim de se lavar daquella reprehensão, protesta ter muitas vezes, e sempre inutilmente instado com Aristides, para receber grandes quantias de dinheiro, para as suas necessidades; para o que appella para o seu proprio testemunho. Aristides o confessa, accrescentando que os desejos superfluos multiplicaõ as necessidades do homem, e que os meios de não ter nem cuidados, nem embaraços, era limitar-se, como elle, em o puro necessario.

Admiravel desinteresse de Aristides.

Aristides morreo em aquella honrosa pobreza. A Republica fez os gastos das suas exequias, e se encarregou de sustentar a sua familia. Plataõ, com huma só palavra põe Aristides superior a tudo quanto havia de maior naquelle tempo. Aristides applicou-se, diz Plataõ, a *encher Athenas de virtude.*

Sua morte na pobreza.

CAPITULO IV.

Cimaõ augmenta a gloria de Athenas.

Cimaõ digno Successor de Aristides.

Sua Politica.

Seus successos contra os Persas.

HUm digno discipulo de Aristides teve depois delle a suprema authoridade. Cimaõ augmentou tambem a gloria da sua Patria, não sómente com as suas façanhas, mas tambem com aquella virtude suave, e com aquella invariavel probidade, que tem tanto imperio nos corações. Huma mocidade desordenada o expozera no principio ao desprezo do Povo. O seu exemplo prova que se os descaminhos da primeira idade são sempre nocivos, ao menos pôdem-se reparar. As lições do mais justo de todos os Gregos tendo formado Cimaõ politico, e igualmente virtuoso, elle fez progressos todos os dias na carreira do merecimento. Athenas lhe era devedora em parte do Commandamento. Cimaõ voltou a inquietação dos Cidadãos contra os inimigos exteriores; tomou aos Persas quantidade de Praças; accommetteo, e destruiu a sua frota; alcançou no mesmo dia huma grande victoria contra o seu exercito de terra; expulsou os Persas

sas da Thracia; sujeitou a Ilha de Thasa depois de hum sitio de tres annos, e diffundio o terror até á Corte do grande Rei.

Xerxes havia sido assassinado. Artaxerxes, seu filho, por appellido o Longimano, reinava naquelle tempo. Themistocles, sempre perseguido pelos Gregos, não achando segurança alguma na Europa, se tinha retirado para a Corte daquelle Principe, cuja confiança adquirio, jurando hum implacavel odio á sua Patria. Conforme Plutarco, querendo o Rei da Persia alguns annos depois mandar Themistocles para o centro da Attica, a fim de lhe fazer a guerra, o mesmo Themistocles se envenenou para se livrar de huma commissão, que o mortificava, e para a qual sentia grande repugnancia. Pelo contrario, Thucydides, quasi contemporaneo de Themistocles, o julgava morto de enfermidade. (1).

Themistocles foi hum daquelles homens, quasi tão dignos de vituperio, como de louvor, cujo engenho arrebat

Themistocles refugiado na Corte de Artaxerxes.

Deve-se vituperar, e admirar Themistocles.

(1) Themistocles não morreo, senão depois do desterro, e do perdaõ de Cimaõ. A connexão das idéas me faz anticipar alguma cousa a respeito das datas. Neste lugar não se faz hum Compendio Chronologico; mas sim deve ser huma Obra de discurso.

ta a admiração, e cujo coração parece muitas vezes desprezível. Themistocles salvou a Grecia, e creou o poder de Athenas. Qualquer Povo agradecido lhe teria perdoado muitas culpas. Louva-se com razão, o que Themistocles disse, depois de ter dado sua filha a hum homem honrado pobre: *Eu prefiro mais depressa o merecimento sem bens, do que os bens sem merecimento*; porém o mesmo Themistocles tinha ajuntado com que enriquecer sua filha, e o seu genro.

Os Egyp-
cios rebel-
lados con-
tra os Per-
sas, e ven-
cidos.

Os Egypcios, tendo-se rebellado contra os Persas, foram soccorridos pelos Athenienses, os quaes logo lhes fizeram ganhar batalhas. Se o Egypto tivesse sido tão bellicoso, como a Grecia, e tão cioso da liberdade, teria sem duvida, aproveitando-se das circumstancias, restabelecido a sua reputação. A guerra acabou por huma nova escravidão. Os Persas, posto que frouxos, conservavam hum grande superioridade sobre aquelle Povo. Os mesmos Athenienses, cujo numero era insufficiente, foram derrotados pelos Persas. Artaxerxes tinha sollicitado os Spartanos contra Athenas, sem que nem os seus offerecimentos, nem o ciume os podessem obrigar a atraiçoar a confederação. Com tudo hum funesto fermento de discordia devia dividir lo-

go cruelmente as duas Republicas.

As frequentes, e continuas infelici-
dades, que Sparta experimentou, servi-
raõ para manifestar os sentimentos, que
os Athenienses tinhaõ por Sparta. Hum
horroroso terremoto derribou quasi to-
das as suas casas; os Helotes quebrá-
raõ as suas cadeias, armáraõ-se, e uni-
raõ-se com os Messenienses, e com ou-
tros inimigos de seus Senhores. Nesta
extremidade reclamou-se o soccorro de
Athenas. O Orador Ephialtes, sequaz de
Pericles, o qual entaõ já tinha grande
credito, sustentou que longe de soccor-
rer a ambiciosa competidora de Athenas,
era necessario congratular-se da sua des-
graça, e deixalla sepultada debaixo das
suas ruínas. Cimaõ era dotado de muitas
luzes, e de grandeza de alma, para
consentir que se adoptasse aquella falsa
Politica. O mesmo Cimaõ, independen-
temente da fé dos Tratados, do inte-
resse commum da Grecia, e dos princi-
pios de generosidade, e de honra, via
que Sparta era hum freio necessario pa-
ra a desenvoltura dos Athenienses. Ci-
maõ combatco fortemente os pretextos
especiosos da ambição; mostrou que naõ
se devia deixar, *nem a Grecia coxa,*
nem Athenas sem contrapezo. Finalmente
persuadiu; e encarregado elle mesmo de

Antes de
J. C. 470.
Infelici-
dades de
Sparta.

Cimaõ de-
termina
que os A-
thenienses
soccorraõ
Sparta.

levar o soccorro, satisfez a sua commissão, como verdadeiro compatriota.

Guerra é-
tre as duas
Repúbli-
cas.

Desterro
injusto de
Cimaão.

Algum tempo depois, tendo os Spartanos os mesmos inimigos para combater, valêrao-se tambem de Athenas. Cimaão ainda lhes conduzio tropas; porém os Spartanos não as acceitárao, por causa de huma desconfiança injuriosa. Aquelle insulto enfureceo a infima plebe de Athenas; a qual vingou-se em hum Homem o mais innocente, e o mais respeitavel. Cimaão foi desterrado pela parcialidade de Pericles, como se tivesse favorecido Sparta contra os interesses da sua Patria. Nós veremos no Capitulo seguinte as máquinas, que Pericles empregava para dominar. Logo a guerra se atea entre as duas Republicas. O illustre desterrado chega ansioso a offerêcer os seus serviços ao exercito Atheniense. Ordena-se-lhe que se retire. Os seus amigos, em numero de cem, suspeitos como elle, e querendo dissipar as injustas suspeitas, animados pelas suas exhortações, perdem a vida em huma batalha. Os Athenienses foraõ vencedores em Tanagre, na Beocia; triste preludio dos horrores, que a discordia devia produzir.

Cimaão
perdoado.

As preocupações contra Cimaão dissipárao-se, porque todos os dias se via, quanto era nociva a sua ausencia. Cimaão foi

foi chamado depois de sinco annos; Pericles, seu proprio competidor propôz o Decreto. Aquelles exemplos de Patriotismo reparavaõ ao menos de tempos em tempos os erros das paixões. O primeiro cuidado do virtuoso Cidadão foi concluir huma tregoa com os Spartanos. Cimaõ tomou novamente depois o seu excellente Systema de occupar os Athenienses contra os Estrangeiros inimigos, ou a fim de augmentar o seu poder por meios legitimos, e gloriosos; ou a fim de determinar a sua inquietação, e de prevenir os effeitos das suas intrigas. O mesmo Cimaõ alcançou novas victorias contra os Persas; e acabava a conquista da Ilha de Chypre, para dalli passar ao Egypto, onde os inimigos tinhaõ tido consideraveis vantagens. O Throno de Cyro parecia estar naquelle tempo ameaçado de huma proxima rebelliaõ.

Cimaõ
acaba a
guerra ci-
vil, e oc-
cupa os A-
thenienses
contra os
Persas.

Artaxerxes teve a prudencia de procurar a paz. Fez-se hum Tratado, cujas condições são as seguintes: Que todas as Cidades Gregas da Asia fossem livres, e que podessem eleger as leis, e o Governo que melhor lhes conviesse; que os Persas não navegariaõ mais desde o Mar Negro, até ás costas de Pamphilia; que nenhum dos seus Generaes chegaria áquelles Mares com tropas, em dis-
tan-

Antes de
J. C. 449.
Tratado
de Artaxerxes
cõ os Gregos.

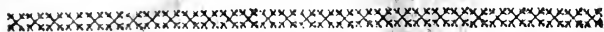
—
Fim da
guerra
Medica.

tancia de tres dias de jornada; e que os Athenienses não commetterião hostilidade alguma contra os Estados do Rei. A guerra Medica (este he o nome que se lhe dá) tinha durado sincoenta e hum annos depois da tomada, e do incendio de Sardes. Aquella guerra em o curso ordinario das cousas humanas deveria arruinar inteiramente a Grecia; com tudo a Grecia triumphou. Não se pôde observar bastantemente, que aquelle prodigio fosse muito mais a obra do engenho, e da sabedoria, do que do valor. Miltiades obrou grandes façanhas em Marathonia, e Pausanias em Plateas; porém os conselhos de Themistocles, de Aristides, e de Cimaõ, obráráõ ainda maiores façanhas. A Marinha, e as rendas entre as suas mãos eraõ as origens fecundas da prosperidade publica.

—
Morte de
Cimaõ :
sua virtude
em as ri-
quezas.

A morte de Cimaõ foi huma perda irreparavel. Rico, e desinteressado, as suas riquezas sem manchar a sua virtude, a fizeraõ mais vantajosa para os Cidadãos, a quem em todo o tempo estavaõ abertos os seus jardins; a sua meza moderada, e abundante, era a meza dos pobres, e dos seus amigos; e longe de captar por aquelle meio o favor do Povo, declarou-se sempre contra os abusos da Democracia. Cimaõ foi criminado de

de ser justo, e moderado para com os Spartanos. Deste modo he que julgaõ as paixões.



L I V R O III.

Desde o Governo de Pericles, até ao Reinado de Philippe de Macedonia.

C A P I T U L O I.

Governo de Pericles, até á guerra do Peloponnesa.

E DUCOU-SE em Athenas hum engenheiro, tão vasto, tão profundo, e mais cultivado com o estudo, que nenhum daquelles, dos quaes tinha a mesma Athenas recebido tanta gloria, porém mais perigoso, se abusasse dos seus talentos. Fallo de Pericles, homem de illustre nascimento, de hum gosto exquisito, de huma admiravel sagacidade, grande Orador, grande Politico, algumas vezes grande Cidadão, e o qual com tudo causou muito damno á sua Patria, porque teve a ambição de a dominar.

Caracter
de Peri-
cles.

Sua elo-
quencia a-
perfeiçoa-
da com a
Filosofia.

O seu instrumento principal para a execução dos seus intentos, foi a Eloquencia; aquella Arte, humas vezes divina, outras vezes funesta, conforme o uso, que della se faz. Educado pelo Philosopho Anaxagoras, Pericles aprendeo delle a reconhecer a Suprema intelligencia, e a desprezar os vãos terrores, e as caprichosas puerilidades da superstição; a sustentar o seu estilo não com palavras, porém com pensamentos, e a dar-lhe hum energia victoriosa, a qual não pôde nascer senão da pura razão. Athenas estava cheia de Oradores, depois que a Tribuna Oratoria servia de Theatro para qualquer que quizesse brilhar, e adquirir credito; mas nenhum tinha podido, como Pericles, subjugar o Povo, por meio da persuasão.

Sua Poli-
tica para
chegar ao
Governo.

Pericles applicou-se especialmente a conhecer os homens, e conheceo fundamentalmente o genio dos Athenienses, e todas as idéas, pelas quaes hum fino politico podia fazer-se seu Senhor. Pericles vendo os Athenienses amantes de huma excessiva liberdade, até suspeitar da reputação dos Homens grandes, e até os desterrar, quando os seus serviços os fazião mais respeitaveis, affectou logo apartar-se dos negocios, mostrando-se pouco pela Cidade, e parecendo não ter

am-

ambição, senão para a gloria das armas. Depois aproveitando-se da favoravel occasião, em que Cimaõ, o unico concorrente, que Pericles podia ter, se achava occupado por fóra nas empresas militares; o mesmo Pericles, se produziu, disfarçou o seu character, lisonjeou o Povo, fez-se homem de Estado, renunciou aos prazeres, ás Sociedades, e entregou-se inteiramente aos negocios publicos.

Pericles, mais habil que Themistocles, soube prevenir os desgostos do Povo, evitando as Assembléas, quando a sua presença lhes não era necessaria; e onde os seus amigos, e os seus agentes fallavaõ por elle. Pericles, quanto menos ostentaçaõ fazia dos seus talentos, quanto mais era applaudido, quando julgava conveniente de os patentear.

As suas posses não lhe permittiaõ imitar as liberalidades de Cimaõ: este era com tudo o melhor meio de alcançar muitos amigos, ou sequazes; o que suprio á custa da Patria. Pericles, não sómente mandou repartir pelos Cidadãos as terras conquistadas, mas tambem distribuir os dinheiros publicos para jogos, espectaculos, e tambem para as funcções prescritas pelas Leis. Toda a pessoa que assistia nos Tribunaes, ou nas Assembléas

Pericles apparece
raras vezes
nas Assé-
bléas.

Pericles corrompe
os Athe-
nienses cõ
profusões
pernicio-
sas.

do Povo tinha o seu salario. Os Persas, pôde-se dizer, não fizeraõ tanto damno aos Athenienses, assolando as suas terras. As rendas, dissipadas por causa de inuteis profusões; os costumes corrompidos com o gosto dos prazeres, e com a cobiça das riquezas; o furor dos espectaculos, irritado com hum invencivel attractivo; a ociosidade alimentada com recursos antecedentemente incognitos; a desenvoltura das Assembléas populares, augmentada pelo concurso de hum Povo cobiçoso; e as funcções de Cidadão envilecidas com huma especie de venalidade; taes foraõ os frutos da Politica ambiciosa de Pericles.

Pericles
diminue o
poder do
Arcopago.

Os excessos de Pericles ainda se estendêraõ mais longe. Como a sorte não lhe procurára algum dos Empregos, que facilitavaõ a entrada para o Arcopago; aquelle illustre Tribunal chegou a ser o objecto do seu odio, sem duvida por temer a sua authoridade, e a sua justiça. Pericles animou contra elle o Povo, do qual dirigia todos os movimentos, e conseguiu tirar-lhe as Causas mais importantes. Athenas esquecendo-se das suas Leis, o Governo mudou-se á satisfação de hum unico Homem. Cimaõ vivia naquelle tempo, e estava occupado na guerra contra os Persas. O mesmo Cimaõ, quan-

quando voltou, gemeo á vista daquellas desordens de principios; e quando repetio, segundo o seu costume, que huma cousa semelhante não se via em Lacedemonia, foi tido, e havido por inimigo de Athenas, e sacrificado pelo Ostracismo ao corruptor do Estado.

Depois da morte de Cimaõ, a authoridade de Pericles sempre se augmentou. Pericles, Senhor das rendas do Estado, despendeo-as em Edifícios, em Estatuas, e em ornatos, proprios para contentar o Povo, e para fazer de Athenas a Cidade mais formosa do Mundo. Entaõ se levantáraõ debaixo da direcção de Fidias, aquelles chefes de obra da Architectura, e da Escultura; os quaes foraõ os modelos do bom-gosto; e os quaes muitos Seculos depois conservavaõ ainda toda a sua formosura. Monumentos taõ superiores aos dos Egypcios, quanto a perfeição he superior ao agigantado.

Os alliados lamentáraõ-se alta, e poderosamente de que o Thesouro common, destinado para a deteza da Patria, e para a guerra contra os Barbaros, se dedicasse para decorar, e aformosear huma unica Cidade. Os alliados tinhaõ razaõ, porém Pericles tinha o talento da persuasão, e os votos do Povo. Conforme o que o mesmo Pericles dizia, aquelle

Pericles
orna A-
thenas cõ
soberbos
edifícios. ?

Queixas
dos aliados
a respeito
da dissipa-
ção do
Thesou-
ro.

le dinheiro pertencia aos Athenienses, desde que satisfaziaõ aos seus empenhos, desde que proviaõ as despesas necessarias da Liga; Athenas estando bem provida de armas, e de náos, devia por uso nobre das suas riquezas, merecer a admiração dos Seculos futuros, e ao mesmo tempo segurar a subsistencia dos Cidadãos: logo nada contribuia mais para aquillo mesmo, do que as Obras publicas, as quaes excitaõ todas as Artes, exercitaõ todos os braços, todos os talentos, e fazem nascer da mesma fonte o ornato, e a abundancia.

Pericles in-
excusavel
neste pon-
to,

A fraqueza daquellas respostas mostra-se á primeira vista. Por ventura podiaõ as contribuições dos Alliados redundar em beneficio de Athenas? acaso o seu uso não estava determinado? se daquellas contribuições sobejasse algum superfluo, não devia este servir para allivio dos proprios Alliados? Pericles longe de diminuir os impostos, os augmentou quasi huma terça parte; para que necessidade? Sem duvida para aquellas despesas da ostentação. Tres mil setecentos talentos, que importáraõ aquellas despesas, era huma quantia excessiva, em comparação das rendas da Attica, as quaes, segundo Demosthenes, se reduziaõ a cento e trinta talentos. (3, *Phil.*) Dis-

sipando-se o seu Thesouro , expozeraõ-se ás infellicidades de hum futuro incerto; e o peor mal , foi perder-se a antiga simplicidade dos costumes. Pericles em huma Monarquia rica , mereceria os mesmos elogios , que Colbert mereceo na França; porém , como Ministro de huma Republica , Pericles deve ser vituperado; o que se julgará pelos factos.

Plutarco louva o seu desinteresse , a sua moderação , e a sua domestica economia. Estas virtudes são muito respeitaveis , mas não justificaõ o seu Governo. Demais disso se Pericles não augmentou o seu patrimonio em hum só real , como se deve explicar o que o mesmo Historiador refere ? Plutarco certifica , que Pericles ouvindo os clamores , que se levantavaõ contra elle , offerceco ao Povo que pagaria todas as obras com o seu proprio dinheiro , com tanto que as Inscriptões fossem feitas em seu nome ; no que não podia consentir a vaidade dos Athenienses , ainda quando possivel fosse. Todos exclamáraõ , que Pericles era Senhor de exhaurir os Thesouros.

—————
O seu des-
interesse
louvado-
por Plu-
tarco.

—————
Pericles
offerece
pagar ásua
custa as
obras pu-
blicas ; cõ
que cõdi-
ção.

Os ricos tinhaõ suscitado contra Pericles hum poderoso adversario , na pessoa de Thucydides , cunhado de Cimaõ. Hum , ou outro devia ficar debaixo. Thucy-

—————
Pericles
Senhor da
Republi-
ca.

cy-

dides teve menos poder, e padeceo o rigor do Ostracismo. Erigindo-se entaõ huma especie de Reinado, Pericles senhoreou de tal sôrte o Povo, que sem ter, como antigamente, a mesma complacencia para as suas extravagancias, conservou sempre o seu imperio a respeito das suas deliberações. Huma alta reputação de probidade fortificava a superioridade, que lhe ministravaõ a Eloquencia, e a Politica. O mesmo Pericles accrescentou áquella Eloquencia, áquella Politica, a gloria das armas, com algumas expedições militares, das quaes sempre sahio bem, apoupando com vigilancia o sangue dos Cidadãos, a quem quereria, segundo elle mesmo dizia, fazer immortaes.

Accusaõ-se os seus amigos, a fim de perder Pericles.

Processos de Fidas, de Aspasia, e de Anaxagoras.

Taõ grande gloria, e taõ grande authoridade augmentaõ o odio dos seus invejosos. Buscavaõ-se os meios para perder Pericles; principia-se por accommetter os seus amigos. Fidas he accusado de ter roubado o Publico, especialmente quando fez a magnifica Estatua de Minerva. Fidas prová a sua innocencia; o ouro que lhe deraõ para aquella obra, tirado da Estatua, e pezado, se acha inteiramente com o mesmo pezo. Nem por isso mesmo se deixa de levar Fidas para hum prizaõ, onde morre.

A famosa Aspasia de Mileto, mulher de hum engenho superior, a qual Pericles amava ternamente, e com a qual casou finalmente; aquella mulher, da qual Socratès se gloriava de ter sido discipulo, he accusada de impiedade, e de lascivia. A sua Eloquencia, e as lagrimas de Pericles apenas a salvaõ. Acabava-se de mandar passar como Lei, hum perfido Decreto, pelo qual se ordenava que se denunciasse todo aquelle, que com o pretexto de Filosofia, explicasse os phenomenos da Natureza, de hum modo opposto á Religião da terra, isto he, sem fazer intervir as Divindades da Mythologia Grega. Consequentemente Anaxagoras, o primeiro que estabelecêra por meio da razãõ a existencia de Deos, he citado, como impio; e Pericles, desesperando da sua justificaçãõ, o obriga a fugir. (Todos os homens grandes, discipulos daquelle Filosofo, forãõ accusados do mesmo crime.) Naõ era tanto a Anaxagoras, como a Pericles, a quem se pretendia castigar.

Decreto
absurdo
contra os
Filosofos.

Finalmente os accusadores animarãõ-se com o successo. Elles accomettêrãõ directamente ao proprio Pericles, como ladraõ dos dinheiros publicos; passou-se hum Decreto, para o obrigar a dar as suas contas. Ao mesmo tempo

O mesmo
Pericles
accusado.

Ordena-
se a Peri-
cles, que
dê as suas
contas.

que Pericles se preparava para as dar, Alcibiades ainda moço, disse hum dia:

Pericles deveria antes pensar em as não dar. Com effeito Pericles livrou-se daquelle cuidado por causa da guerra do Peloponneso, á qual conforme huns deixou por então de se oppôr, ou a qual o mesmo Pericles excitou, conforme outros, para seu particular interesse. Plutarco trata, como malignos todos aquelles, que lhe fazem semelhante injuria; Thucydides, Historiador de muito maior credito, certifica que a sua recta administração o isentava de toda a calumnia. Porém quando se reflecte a respeito do character de Pericles, sobre a sua ambição, a sua Politica, e os negocios, que lhe suscitáram os seus inimigos, parece impossivel, que o possaõ lavar de toda a suspeita a este respeito. Metter á mão no coração dos homens grandes, a fim de os intencionar, e de dar huma intelligencia má, ao que pôde ser favoravelmente interpretado, he huma temeridade, como Plutarco o observa (*de Herodoti malign.*) Esta verdadeira Maxima se applica a Pericles por Plutarco, suppondo que a sua conducta passada não annunciassse senão o zelo do bem publico. Porém nisto se contradiz o mesmo Plutarco. Raras vezes se enganaõ, quando

se julgaõ as acções pelo character, e pelos principios dos homens.

Seja como for, differentes causas produzirão a guerra do Peloponneso; hum dos principaes acontecimentos desta Historia. Athenas altiva com seus successos, e com o seu poder, não tendo já aquella moderação, a qual tinha sido a causa de adquirir o Commandamento, inspirava a toda a Grecia tanto odio, como ciúme. Athenas tinha arruinado os Sannios, sujeitado os Eginetas, e prohibido aos Megarenses a entrada dos seus portos, e dos seus mercados. A mesma Athenas tinha alienado os Corinthios, tomando o partido pelos Corcyrenses, os quaes lhes fazia a guerra; e tinha submettido ao tributo, e depois rebellado com a sua Tyrannia, Potidea em Macedonia, Colonia de Corintho; finalmente os Athenienses avivavaõ fortemente o sitio de Potidea; onde Socrates se mostrou taõ intrepido guerreiro, como grande Filosofo; e fazendo-se admirar como hum Heroe, e como o exemplo do exercito, salvou o seu amado Alcibiades.

Aggravos
dos Allia-
dos contra
Athenas.

Os Corinthios, e os outros descontentes recorrêraõ a Sparta; representaõ-lhe a ambição, e a injustiça dos Athenienses, e a necessidade de lhes oppôr hum barreira; que os Athenienses ameaçaõ

O negocio
agitou-se
em Sparta.

ção a liberdade de toda a Grecia; e que se encaminhaõ para o seu fim com huma actividade, e promptidaõ incriveis; ao mesmo tempo que os Spartanos em muito boa fé, e com grande fleuma, deixaõ augmentar aquelle poder, prompto para os abater, e para totalmente os destruir. O Embaixador de Athenas respondeo pela sua Patria, que os mesmos Gregos lhe tinhaõ cedido o Commandamento; que se deviaõ lembrar dos seus serviços; e que hum funesto espirito de independencia, sómente podia excitar as suas murmurações contra Athenas; porém que esta estava prompta para se defender, se a accomettessem, desprezando os empenhos mais sagrados. O mesmo Embaixador insinuou (cousa estranha, ainda em hum Governo Monarquico) que em todos os tempos os mais poderosos eraõ os Senhores, e que aquella era a ordem da Natureza.

Pericles
decide,
que a guer-
ra he ne-
cessaria
para A-
thenas.

Aquella resposta não satisfez. Todos os Alliados resolvêraõ-se a tomar armas, posto que Archidamo, Rei de Sparta, se inclinasse para os caminhos da docilidade. Com tudo, deo-se principio a huma negociação, a fim de vencer tempo. Pediraõ-se aos Athenienses varios Artigos, particularmente que levantassem o sitio de Potidea. Pericles em a critica situação, em

em que se achava, insistio pela gloria de Athenas, louvou os seus recursos (1), expôz os riscos de huma condescendencia branda, e fez rejeitar as Proposições. Chegando a guerra a ser inevitavel por este modo, Pericles traçou o seu Plano Seu Plano. geral. O seu Systema era temer pouco a assolação das terras, e muito a perda dos Homens; não dar batalha contra inimigos superiores em numero; porém dar providencias para a segurança da Cidade, e cuidar principalmente na Marinha, em a qual subsistia a grande força de Athenas.

(1) Conforme Diodoro de Sicilia, Pericles representou que no Thesouro ainda havia seis mil talentos, além das riquezas immensas, incluídas nos Templos, ou entre os particulares; que se tinha prompto hum exercito de doze mil homens, sem contar as guarnições, nem as tropas das Colonias: que a frota se compunha de trezentas velas, e podia facilmente augmentar-se. Deve-se confessar, que Pericles não tinha sacrificado tudo ao luxo.

CAPITULO II.

*Principios da guerra do Peloponneso. — Al-
cibiades. — Os Athenienses venci-
dos em Sicilia.*

— **A** GUERRA do Peloponneso, escri-
ta quasi inteiramente por Thucydides,
hum dos melhores Historiadores, e dos
melhores Capitães da Antiguidade, dá
em hum espaço de vinte e sete annos
muitas individuações interessantes para os
Militares, com as quaes não devo fazer
pezada esta obra; pois cançariaõ inutil-
mente, e enfastiariaõ os outros Leitores.
Os Spartanos tinhaõ pelo seu partido
quasi todo o Peloponneso, além da Fo-
cida, da Beocia, dos Locrienses, dos
Megarenses, &c. Sessenta mil homens
formavaõ o seu exercito. O exercito de
Athenas reduzia-se quasi a quinze mil ho-
mens, sem contar dezeseis mil habitan-
tes de toda a idade, armados para a de-
feza da Cidade. Pericles não podia sus-
tentar a campanha com taõ poucas tropas;
e necessitou de toda a sua eloquencia
para obrigar os Athenienses a deixar as
suas terras, assim como no tempo da in-
—
Antes de J. C. 431.
Forças de ambos os Partidos.
Os Athenienses des-amparaõ as suas terras.

invasão dos Persas, e a se fecharem dentro dos seus muros, em quanto os inimigos vinhaõ assolando tudo até ás portas da Cidade. Archidamo, segundo o genio da sua Nação, adiantou-se vagarosamente. A Atica foi assolada; porém as galeras de Athenas não causáraõ menos damno ao Peloponneso. Entaõ se conheceo a utilidade das Sciencias: hum Eclipse de Sol teria abatido o animo das tropas, cheias dos terrores da superstição, se Pericles não lhes tivesse explicado a causa daquelle Fenomeno.

— —
Eclipse
explicado
por Peri-
cles.

Depois da campanha, Pericles foi encarregado de fazer a Oração funebre dos mortos. Este era o uso de Athenas, mais util sem duvida, do que o uso de celebrar a memoria dos Grandes, por muito dignos que sejaõ, ou do esquecimento, ou da censura.

— —
Oração funebre dos
mortos.

Huma peste horrorosa assolou a Attica. Refere-se a pesar do silencio de Thucydides, que Hyppocrates, Medico famoso, exercitára o seu zelo em aquella occasião da peste, e que rejeitando os magnificos offerecimentos do Grande Rei, se dedicára generosamente ao serviço dos seus Concidadãos. Aquelle flagello não impedio; que a guerra continuasse. Aquella desgraça irritou as almas. Todos enfurecendo-se contra Pericles, o accusaõ

— —
Antes de
J.C. 430.
Sem embargo da
peste a
guerra cõ-
tinua.

— —
Pericles
cõdemna-
do, e res-
tabeleci-
do.

como author das publicas infelicidades. Pericles solta a sua ordinaria Eloquencia; e repete os nomes importantes de gloria, e de liberdade. Todas as suas razões não socegaõ a afflicção de hum Povo inconstante. Pericles he condemnado a huma pena pecuniaria, e deposto do Commandamento; porém arrependendo-se no mesmo instante, pedem-lhe perdão, e o determinão a tomar novamente as redeas do Estado. Tal era o character dos Athenienses.

—
Morte de
Pericles.

Aquelle homem raro, o qual por hum prodigio de habilidade, tinha fixado por espaço de quarenta annos a inconstancia de Athenas, morreo da peste pouco tempo depois. Nove Troféos, Monumentos de outras tantas victorias, o progresso das Sciencias, das Artes, do Commercio, e da Marinha, daõ huma materia ampla para o seu elogio. Pericles disse, morrendo, que nada havia mais glorioso na sua vida, *do que não ter da-
do occasião a nenhum Cidadão para se vestir de luto.* Mas por ventura não tinha Pericles feito chagas mortaes á sua Patria? e como póde Plutarco louvar a sua virtude, depois de o ter pintado, como corruptor dos costumes publicos? Refere-se, que Pericles já no fim da sua vida, carregado de negocios, desprezava

—
Queixas
de Anaxa-
gora a seu
respeito.

ra

ra Anaxagoras de tal sorte, que aquelle Filosofo estava quasi para morrer desesperado. Pericles tendo-o sabido, correo logo para o consolar, e lhe pedio com grandes instancias que vivesse, representando-lhe a grande necessidade que tinha dos seus conselhos. *Aquelles que precisam da luz de hum candieiro,* lhe respondeo Anaxagoras, *cuidaõ em lhe deitar azeite.*

Se Pericles foi o author da guerra do Peloponneso, a implacavel competencia de Lacedemonia, e de Athenas, foi o seu primeiro principio. Os seus effeitos deviaõ ser horrorosos, pois que o odio se inflammava por causa das hostilidades. A guerra entre Republicanos tem hum especial character de furor. Segundo a observação do Abbade de Mably: *As Monarquias podem esquecer-se facilmente das injurias que recebêraõ; porque o Principe imprime o seu character á sua Nação, o qual pôde não ser nem vingativo, nem ambicioso, nem cioso. Porém em humas Republicas taes, como as da Grecia, onde o Povo governava, qual he o Magistrado, que poderia resistir á torrente da opinião publica, e a poderia dissuadir? Os Gregos não podiaõ ter outra Politica, mais que a Politica das suas paixões.*

Vio-se com effeito Potidea sustentar tres annos de sitio, e servir a carne humana

Furar entre ambas as Republicas.

Faz-se a guerra de barbara-

mente de
humana, e
de outra
parte.

de alimento para Cidadãos famintos. Vio-se Sparta, esquecendo-se da sua honra, a fim de satisfazer a sua vingança, procurar a amizade do Rei da Persia, e pedir-lhe soccorro. Viraõ-se as duas republicas mandar matar Embaixadores, presos no caminho, como para impedir todas as vias de reconciliação por meio de excessos de crueldade. Os sitios, os combates, e as perpetuas invasões formão huma serie dilatada de barbaridades.

—
Cleaõ go-
verna A-
thenas.

Cleaõ, homem vil, e Orador insolente, governava os Athenienses, e não lhes inspirava senão resoluções violentas. Os Spartanos, naturalmente menos moderados, do que os Athenienses, seguiaõ o impulso do seu character. Temendo os mesmos Spartanos huma sublevação dos

—
Crueldade
dos Spar-
tanos para
cõ os He-
lotes.

Helotes, elegêraõ entre estes dous mil dos mais valentes, que tivessem servido melhor no exercito; e mandando passear todos aquelles infelizes, coroados de flores, como para recompensar os seus serviços, desapparecêraõ, victimas sem duvida de huma atroz perfidia. Não se deve crer, que os inimigos fossem tratados mais humanamente.

—
Tregoa in-
util depois
de dez an-
nos de
guerra.

A guerra durava havia dez annos com o mesmo furor, e pouco mais ou menos com os mesmos successos, ou com as mesmas perdas, de huma, e de outra par-

parte. Era impossivel, que tantas desgraças não fizessem desejar a paz. O declamador Cleão, e Brasidas, General de Lacedemonia, desviavaõ as suas proposições; este pelo interesse da gloria, e aquelle pelo impeto violento de orgulho. e de arrogancia. Ambos morrerão. Fez-se huma suspensão de armas; e depois se concluiu huma tregoa por sincoenta annos. Vio-se então nascer novamente huma apparencia de concordia; porém o odio conservava-se nos corações; a má fé tomou o lugar da equidade, e a ambição já não se podia mais conter.

Antes de
J. C. 422.

Hum mancebo, illustre pelo seu nascimento, distincto pela sua figura, e pelas suas riquezas, cheio de talentos, e de vícios, algumas vezes virtuoso, quando ouvia as lições de Socrates, seu Mestre, e seu amigo; quasi sempre inclinado ás desordens, quando seguia as suas proprias inclinações, e os conselhos dos seus lisonjeiros; porém capaz de se revestir de todas as qualidades de caracteres, e de fórmãs, para tirar vantagem das conjuncturas; em huma palavra, Alcibiades, que aspirava ao Governo de Athenas, inimigo do socego, fundando os seus ambiciosos projectos sobre as perturbações, e sobre a guerra, trabalhava em atear novamente hum fogo mal

Alcibiades
quer renovar a guerra por ambição.

Sua industria para enganar o Povo.

extincto, e não podia deixar de o conseguir. Alcibiades possuía a arte de manejar o espirito do Povo. Como a sua desenvoltura o expunha á censura, lembrou-se hum dia de mandar cortar a cauda a hum excellente cão que tinha. Esta foi logo a noticia, que correo por Athenas. Vieraõ-lhe dizer, que todos o diffamavaõ por ter desfigurado aquelle animal. *Isso mesmo he que eu pretendo*, respondeo Alcibiades, rindo-se, *pois quero que os Athenienses fallam do modo, com que trato o meu cão, para que se caleem a respeito do meu procedimento*. Qualquer bagatela occupava seriamente aquelle Povo inconstante, e o fazia divertir das cousas mais serias.

Alcibiades faz rouper o Tratado.

Queixando-se Sparta, e Athenas de algumas transgressões do Tratado, Alcibiades aproveitou-se da occasião para o romper. Fez suspeitoso a Nicias, General circunspecto, e bom Cidadão, o qual era dotado sómente de sentimentos pacíficos. O mesmo Alcibiades enganou os Embaixadores de Sparta, mandados com pleno poder de terminar as differenças, e tendo-os obrigado a mentir, os mandou despedir como velhacos. Com tudo Nicias tinha o seu sequito. Os Athenienses estavaõ divididos entre elle, e o seu competidor. A contenda hia-se decidir com

o Ostracismo. Hyperbolo, homem des-
acreditado, e atrevido, declamava con-
tra hum, e contra outro, a fim de suc-
ceder ao seu poder. Porém os dous par-
tidos unirão-se contra elle mesmo. Hy-
perbolo foi desterrado. Desde então re-
nunciou-se o Ostracismo, o qual por ca-
hir em Hyperbolo, pareceo vil. Nós já
observámos, que o Ostracismo era me-
nos hum castigo do que huma cautela con-
tra a authoridade dos principaes Cida-
dãos.

Hyperbo-
lo desterrado.

—
Fim do
Ostracis-
mo.

Se Alcibiades se tivesse contentado
em alimentar o odio do Povo contra os
Spartanos, teria prolongado as desgra-
ças da Patria, sem a expor talvez ás ul-
timas infelicidades. Aquelle genio inquie-
to formava no seio dos prazeres os pro-
jectos mais atrevidos. Alcibiades medi-
tava a conquista da Sicilia, a fim de con-
quistar depois Carthago; donde viria
facilmente apoderar-se do Peloponneso.
A sua imaginação afiançava, tantas qui-
meras, adoptadas pelos Athenienses, por
causa da sua eloquencia. Nicias lhes mos-
trou inutilmente a temeridade de huma
semelhante empreza, os perigos a que se
exporião, correndo atraz de conquistas
tão incertas, ao mesmo tempo em que
se viaõ cercados de inimigos. O mesmo
Nicias refutou em vão os frivolos pretextos-

—
Projecto
de Alci-
biades a
respeito
da Sicilia,
adoptado a
pesar das
demonstra-
ções de
Nicias.

tos daquelle guerra. Acaso, porque os Leontinos, e os Egestinos, Povos da Sicilia, se queixavaõ dos Syracusanos, e imploravaõ o soccorro de Athenas, (porque não se allegava nenhum outro motivo racionavel) era necessario pois, que Athenas sacrificasse os seus interesses, e a sua segurança, por huma causa, que lhe não dizia respeito? por ventura, era necessario combater em Sicilia, e abandonar a Attica aos Spartanos? a razão fallava pela bocca de Nicias; porém a belleza, os talentos, e as profusões de Alcibiades encantavaõ o Povo, e a Mocidade. Resolvêraõ armar-se contra Syracusas. Alcibiades foi encarregado da expedição, juntamente com Nicias, e com Lamacho. No tempo de Pericles, já os Athenienses tinhaõ tido a idéa de conquistar a Sicilia. Pericles era muito habil, e muito poderoso para os não dissuadir daquelle empreza.

Quasi no mesmo instante da partida, hum accidente imprevisto encheo Athenas de funestos rumores. Acháraõ-se mutiladas as Estatuas de Mercurio, sem ser possível saber por quem. Os inimigos de Alcibiades, ou porque fosse huma conspiração premeditada, ou porque se aproveitasssem da occasião, o accusáraõ daquelle crime, ou de outro da mesma especie.

Sus=

Antes de
J. C. 415:
Alcibiades
des accusado
de impiedade
antes da
sua parti-
da.

Sustentado pelas tropas, Alcibiades mostrou muita firmeza; e pediu hum prompta sentença. Os seus accusadores cuidarão logo em não consentir no seu requerimento, por lhes ser a circumstancia muito pouco favoravel. Suspendeo-se o negocio, com o pretexto que o embarque não se podia dilatar. Finalmente partio a frota com hum apparatus de triumpho.

Syracusas, Colonia de Corintho, muito florecente por causa do commercio, e atemorizada desde logo com a tormenta, que a ameaçava, tinha-se preparado depois para se defender vigorosamente. A discordia dos tres Generaes Athenienses deo-lhe tempo para tomar todas as necessarias cautelas. A loucura do Povo de Athenas igualmente lhe servio de muito. Alcibiades, apenas chegava com a sua frota a Sicilia, recebe ordem para hir ouvir a sua sentença sobre a accusação de impiedade. Os seus inimigos astutos tinham tido tempo bastante para lhe formar a sua ruina na sua ausencia; e cobertos com a mascara da Religião, podião esperar conseguilla no Tribunal de hum Povo tão supersticioso, como inconstante. Alcibiades diffamado como impio perdia repentinamente o merecimento, do qual Athenas estava antecedentemente arrebatada.

Alcibiades he chamado de Syracusas para ouvir a sua sentença.

Alcibiades refugia-se para Sparta, e se declara inimigo de Athenas.

Expressão admiravel da Sacerdotiza Theano,

Nicias comporta-se mal no sitio de Syracusas.

tada. O mesmo Alcibiades não se atreve a desprezar o perigo, e livre das mãos dos seus conductores, foge para Sparta; onde sujeitando-se aos costumes austeros da terra, e declarando-se mortal inimigo de Athenas, grangeou o amor daquelle mesmo Povo, que o aborrecia. Os Athenienses condemnão Alcibiades á morte por contumacia; e o entregão ás maldições dos Sacerdotes. Huma Sacerdotiza, chamada Theano, recusou exercer o seu Ministerio para a vingança. *Eu sou Sacerdotiza, disse ella, para abençoar, e não para amaldiçoar.* A accusação contra Alcibiades, talvez mal fundada, posto que desprezasse interiormente a Religião popular, ao menos era muito imprudente, armando contra a Patria o Homem mais capaz de ser pernicioso. Alcibiades recebendo a noticia da sua sentença de morte, exclamou: *Eu lhes mostrarei que ainda vivo.* Alcibiades cumprio a sua palavra.

Em a temeraria expedição emprendida por causa de Alcibiades, a viveza do seu animo, e os recursos do seu engenho, terião sido de grande soccorro. Era necessario para sahir bem daquella empreza, haverem huns successos extraordinarios, os quaes Alcibiades poderia encaminhar. Porém as incertezas, e a timida fleuma de Nicias não podião, senão

naõ fazer mais difficuloso o successo. Nicias, repetindo sempre, que naõ havia razaõ alguma. para se empenhar naquella guerra, desanimava as tropas, e multiplivava os obstaculos. Com tudo Syracusas he sitiada. Os trabalhos da arte, os combates, e os revezes descritos com toda a extensaõ por Thucydides, se achão novamente nas Obras de Rollin, para as quaes remetto os curiosos. Os Syracusanos frouxos, e brandos por causa da paz, e da opulencia, ficariaõ vencidos, se os soccorros, que pediraõ a Sparta, e a Corintho naõ tivessem chegado a tempo. Alcibiades tinha apoiado fortemente as suas sollicitações; e os seus conselhos contribuiroẽ muito para a infelicidade de Athenas.

Os sitiados cuidavaõ em render-se, quando Gylippes, o qual mandava os Spartanos, veio animar novamente o seu valor abatido, e a sua esperanza. Nicias tinha perdido o seu Collega Lamacho, e vendo-se só desmaia á vista dos proximos perigos; pede hum successor, expondo na sua Carta o estado critico do exercito. Mandaõ-se-lhe soccorros juntamente com dous novos Collegas, Demosthenes, e Eurymedon. O primeiro atrevido, impetuoso, e desprezando altamente, a fleuma de Nicias, aventurou im-

Antes de
J. C. 413.
Os Spartanos fazem
levantar o
sitio.

imprudentemente hum combate nocturno, em que morrêraõ dous mil Athenienses. As fadigas, as enfermidades, a falta de animo, e o mesmo perigo de Athenas, bloqueada pelos Spartanos, tudo inspirava o desejo de levantar o sitio.

Os Athe-
nienses saõ
derrota-
dos de Sy-
racusas.

Naquelle tempo podia-se fazer a retirada sem risco algum, a qual não esperando os inimigos, era facil poder-lhes escapar. Porém hum Eclypse da Lua turbou o projecto dos Generaes. Aquelle phenomeno pareceo sobrenatural. Nicias, por causa de huma pueril superstição, julgou dever demorar a partida. Gylippes, e os Syracusanos tiveraõ tempo para se prepararem para o combate; e os Athenienses combatidos por Mar, e por Terra, ficáraõ inteiramente derrotados. Eurymedon morreo com as armas na maõ; Nicias, e Demosthenes, depois de inuteis esforços de valor, entregáraõ-se prisioneiros. Os Syracusanos, segundo Thucydides, tiveraõ a perfidia, e a crueldade de os expôr á morte, posto que Gylippes pedisse, que fossem mandados para Lacedemonia. Nicias, e Demosthenes, segundo outros Escriitores, matáraõ-se na prisaõ. Os Syracusanos vingáraõ-se barbaramente. Este he o fructo, que Athenas tirou daquella empreza.

Antes de seguir a ordem dos factos, observaremos, que a Sicilia em parte era povoada de Colonias Gregas; e teve assim como a Grecia, muitos Tyrannos pequenos, e recuperou a sua liberdade.

Idéa geral
do Gover-
no da Sy-
cilia.

No tempo da invasão de Xerxes, Gelon tinha todo o poder em Syracusas. Os Gregos implorárao o seu soccorro. Gelon pedio o Commandamento do seu exercito; não o tendo obtido, contentou-se em defender a Sicilia contra os Carthaginezes, os quaes Xerxes obrigára a accommettella, e os derrotou gloriosamente. Gelon mereceo por causa dos seus serviços, e da sua benevolencia, que Syracusas lhe concedesse voluntariamente o titulo de Rei. O mesmo Gelon animou a Agricultura com o seu mesmo exemplo, mostrando-se algumas vezes na frente dos Lavradores. A sua morte foi sentida, como morte do Pai da Patria. Hieron, seu Irmao, e seu Successor, mereceo, não obstante os grandes vícios, os elogios dos Poetas, os quaes favorecia; particularmete os de Pindaro, cuja Lyra não deveria ser venal, pois que era digna dos Heroes. Thrasybulo, Irmao de Hieron, e mais vicioso que elle, occupou depois o Throno, donde foi expulso por causa da sua tyrannia. (460 annos antes de Jesu Christo.)

Gelon,
Hieron,
Thrasy-
bulo, an-
tigos Reis
de Sicilia.

Os Syracusanos, tendo sacudido o jugo, libertáraõ o resto da Sicilia, onde estabelecêraõ o Governo popular. O seu *Petalismo*, imitação pessima do Ostracismo de Athenas, subsistio pouco tempo, porque despovoava o Estado de bons Cidadãos. Este não he o lugar de fallar dos novos Tyrannos, que reináraõ em Sicilia. Deniz não subjugou Syracusas, senaõ quasi sessenta annos depois.

C A P I T U L O III.

*Continuação da guerra do Peloponneso. —
Expugnação de Athenas por Lysandro.*

— **O** POVO de Athenas estava ainda tão infatuado com as suas quimericas esperanças, que o primeiro, que annunciou a noticia do desastre de Sicilia, foi condemnado á morte. Logo as quimeras desapparecêraõ, as duvidas desvanecêraõ-se, e cahiraõ em hum profunda consternação. O perigo era tanto mais terrivel, que os Lacedemonios, por conselho de Alcibiades, tinhaõ fortificado Decelia, vizinha de Athenas, donde assolavaõ, sem ser castigados, toda a Attica de hum até outro extremo. Sem a morosidade ordinaria do

Antes de
J.C. 412.
Consternação de
Athenas.

do Governo de Sparta , Athenas ferida como de hum raio , teria sido provavelmente a victima dos seus inimigos.

Perdeo-se o instante favoravel de abater, e opprimir Athenas, a qual respirou, e conservou os seus recursos. Hum conselho de velhos foi encarregado do exame dos negocios, dos quaes o Povo decidia. Foi necessario restabelecer as rendas do Estado, e a Marinha. Mil talentos havia de reserva em o Thesouro depois do principio da guerra, em os quaes era prohibido tocar por hum Decreto; outro Decreto o permittio naquella occasiaõ; e a experiencia mostrou quanto importa ter hum fundo conservado para as necessidades extraordinarias. A falta de economia, e de prevençaõ em semelhante ponto, tem precipitado muitas vezes a ruina dos Estados.

A morosidade dos Spartanos dá-lhe tempo para respirar.

Athenas perdeu a maior parte dos seus alliados, por ser infeliz, e por ter abusado do seu imperio. Varias Cidades, ainda de Jonia, abraçaraõ o partido dos Spartanos. Foi principalmente o effeito das intrigas de Alcibiades, que respirando sempre a vingança, sublevava os Póvos contra a sua Patria. Porém Agis, Rei de Sparta, cuja mulher foi desenhaminhada por Alcibiades, depois de huma vã affectação de virtude, procurava fazel-

Ingratidão de Sparta para com Alcibiades.

zello odioso. O seu grande credito excitava por outra parte o odio, e o ciu-me dos Cidadãos principaes. Sparta não conservava mais, que huma sombra da antiga equidade. As intrigas suffocárao o agradecimento; e expedio-se huma ordem para Jonia, para matar Alcibiades ao mesmo tempo, em que elle reduplicava os seus serviços. Alcibiades sabendo aquella ordem, procurou hum asylo entre os Persas.

Revolu-
ções na
Persia.

Humas revoluções da Corte, juntas com a natureza do Despotismo, enfra-queciao continuamente aquelle Imperio. Artaxerxes Longimano teve por Succesor Xerxes, seu unico filho legitimo, o qual foi logo assassinado por Sogdiano, seu Irmão natural. Alguns mezes depois Ocho, outro filho de Artaxerxes, des-thronizou Sogdiano, e tomando o nome de Dario, reinou entre as parcialidades, e entre as perturbações. Os Gregos o appellidárao com o nome de Nothus (*o Bastardo.*) Este Dario reinava, quando Alcibiades se refugiou em casa de Tissafernes, Satrapa de Sardes.

Alcibiades vai ter
com Tis-
safernes, e
o induz
para entre-

Alcibiades acabava de o persuadir que se declarasse contra Athenas, e a ingratição de Sparta era muito mais odiosa. A sua reputação, a sua destreza, e o seu gosto para os costumes sensuaes da Per-

Persia, lhe grangeáraõ sem trabalho a amizade, e a confiança do Satrapa. Tis-saernes aprendeo de Alcibiades a entre-ter a divisaõ entre os Gregos, pondo em equilibrio os dous partidos, de modo que hum não podesse dominar com a total ruina do outro. Politica sagaz, da qual os Persas talvez necessitavaõ contra huma Nação tão atrevida, e tão bellicosa. A astucia, ou a força, o engano, ou a violencia, parece que de hum para outro Povo, e muitas vezes de hum para outro individuo, sejaõ aquelles os eixos da Sociedade; da Sociedade, a qual teria por base huma universal benevolencia, se os Homens procurassem em a Natureza a verdadeira felicidade!

Com tudo humas fataes dissensões agitavaõ Athenas, quando tudo convidava os Athenienses a unir-se pelo seu interesse. Huns queriaõ abolir a Democracia, e chamar Alcibiades; Pisandro pretendia que aquelle era o unico meio para o bem da Republica; outros sustentavaõ, que aquelle meio não podia ser senão a ruina da liberdade, e da patria. Aquella infeliz Cidade, sempre fluctuando á discrição, ou da fantasia, ou da opiniaõ, mudou hum Governo máo em outro peor. Quatrocentos Cidadãos foraõ eleitos para exercitar huma au-
tho-

ter a divi-
saõ entre
os Gregos.

Dissensões
em Athe-
nas.

Novo Go-
verno.

thoridade absoluta, os quaes foraõ huns Tyrannos; e abrogando o Senado, pisáraõ aos pés todas as Leis.

Alcibiades he chamado, e serve a sua Patria.

O exercito estava em Samos para conter os alliados no seu dever; e naõ consentindo naquella innovaçãõ, chama Alcibiades, e nomea-o Generalissimo, e e o excita a exterminar os Tyrannos. Alcibiades, depois de ter feito tantas Personagens, satisfeito de mandar ainda os Athenienses, modera com prudencia o ardor dos Soldados, e prepara-se para voltar victorioso. Alcibiades accommette, e destroe as frotas de Lacedemonia; e tomando novamente o imperio do Mar, o Hellesponto, Byzancio, e outras muitas Cidades importantes passaõ ao dominio de Athenas; a qual já tinha depositado os quatrocentos, e ordenado, que Alcibiades fosse chamado. Alcibiades finalmente foi recebido com as maiores demonstrações de alegria, arrependendo-se todos de tudo quanto contra elle tinhaõ obrado. Os Ministros da Religiaõ tiveraõ ordem para o absolver dos Anathemas. Hum dos Ministros teve a sinceridade de dizer: *Eu naõ o amaldiçoei, se naõ fez mal á Republica.* O que dava a entender que aquellas maldições só tinhaõ força havendo crime.

Mandaõ que Alcibiades seja absolvido pelos Sacerdotes.

Al-

Alcibiades chegou de novo a ser ———
 repentinamente o Idolo do Povo. Lembra- Alcibiades chega a ser o Idolo de Athenas.
 brava-se das machinações, que os seus
 inimigos empregárao a fim de o perder.
 A sua Politica artificiosa o obrigou a ser-
 vir-se das apparencias da superstição, pa-
 ra se livrar de toda a censura de impie-
 dade. Alcibiades celebrou com pompa
 os Mystérios de Ceres. Neste lugar se
 reconhece a docilidade do seu genio;
 logo se achará tambem novamente a in-
 constancia dos Athenienses.

Sparta assustada com as victorias de Os Athenienses obstinão-se na guerra.
 Alcibiades, tinha mandado propôr Pro-
 posições de paz. Se a razão podesse dis-
 sipar a vertigem, e a inconstancia de
 Athenas, aquelle era o instante de ter-
 minar huma guerra, a qual havia vinte e
 sinco annos era a causa da infelicidade
 da Republica. Tendo prevalecido sobre
 o sentimento do bem publico as decla-
 mações de hum vil Orador, toda a espe-
 rança de paz se desvaneceu; e os Spar-
 tanos nomeárao para seu General Lysan- Lysandro derrota os Athenienses; os quaes despoem Alcibiades.
 dro, Homem digno de lutar contra Al-
 cibiades. Lysandro não se envergonhou
 de cortejar ao mancebo Cyro, Filho do
 Rei da Persia, o qual governava a Asia
 Menor; e alcançando deste quantias de
 dinheiro para augmentar o soldo dos ma-
 rinheiros, attrahio por este meio para a

sua frota huma parte dos marinheiros de Athenas. Finalmente ao mesmo tempo que Alcibiades ajuntava dinheiro em Jonia, Lysandro derrotou o temerario Antiocho, o qual commandava na sua ausencia. Os Athenienses esperavaõ victorias rapidas. Aquella fatalidade os irritou, e depondo Alcibiades, pozeraõ no seu lugar dez Generaes.

Callicratidas, successor de Lysandro, vécido por sua culpa no cõbate de Arginusas.

Por outra parte Lysandro muito mais ambicioso, do que grande Homem de guerra, foi chamado para a sua Patria. Callicratidas, seu Successor, deo o exemplo das antigas virtudes, as quaes se não podiaõ quasi mais conciliar com o presente interesse, e desprezando-se de cortejar os Persas, faltou-lhe o dinheiro na maior neccssidade. Callicratidas não deixou de alcançar victoria; e sitiou Conon, hum dos Generaes Athenienses em o Porto de Mitylene; porém perdeu huma grande batalha nas Ilhas Arginusas (perto de Lesbos), por entender que devia combater, não obstante a superioridade do inimigo. *Sparta*, diz elle, *não depende de hum unico Homem*. Idéa falsa; pois que de hum unico Homem póde depender a salvaçaõ, e o bem de todos, quando he Chefe. A sua morte gloriosa não desvanee a mancha da sua imprudencia. Os Athenienses tinhaõ armado em

me-

menos de hum mez cento e dez Gale-
ras para virem soccorrer Conon. Os
Spartanos, e os seus alliados perdêraõ
em aquelle memoravel combate mais de
setenta Galeras.

Quasi sempre se vê a gloria de Athe-
nas escurecida por causã do furor popu-
lar; porém nunca já mais houve exem-
lo tão intoleravel como o seguinte. A
preoccupaçã vinda do Egypto, que a fe-
licidade dos mortos dependia da sepul-
tura, era hum dogma entre os Gregos,
os quaes sacrificariaõ tudo para gozar das
honras funebres. Depois da batalha das
Arginusas, os Generaes tinhaõ destina-
do sincoenta Galeras para tirar os mor-
tos, e para lhes fazer as ultimas honras.
Huma violenta tempestade impedio a ex-
ecuçaõ daquella ordem. O Povo cego
por causa da superstiaõ, julgou que os
mortos pediaõ vingança. Seis Generaes,
os quaes mereciaõ as mais gloriosas re-
compensas, foraõ accusados, condemna-
dos ao supplicio, e executados por huns
crimes imaginarios. Socrates foi o uni-
co em o Senado, do qual era Mem-
bro, que se oppôz constantemente á in-
justiça. Tal he muitas vezes, ainda entre
as Nações polidas, a tyranna força das
preoccupações. O Povo de Athenas, com
todo o seu entendimento, se deshon-

Athenas
condemna
os seus
Generaes
depois da
sua victo-
ria, porque
naõ podê-
raõ dar se-
pultura aos
mortos.

rou continuamente por falta da razaõ.

Antes de J. C. 404. Os Athenienses derrotados por Lysandro em Egos-Potamos.

Sparta, a fim de satisfazer os allia-
dos, e os Persas, entregou o manda-
mento a Lysandro, cujos costumes eraõ
oppositos ás Leis de Lycurgo; porém
cujos talentos podiaõ reparar a ultima
infelicidade. Lysandro tomou Lampsaco,
sobre a costa do Hellesponto: os Athe-
nienses o seguirãõ promptamente com
cento e oitenta Galeras, e lhe apresen-
tããõ batalha. Lysandro a evitou varios
dias successivos, procurando alimentar a
sua orgulhosa confiança, para os sorpren-
der com vantagem. Esta astucia era taõ
bem imaginada, que os Athenienses naõ
tendo alli perto nem Pórtos, nem Cida-
des, deviaõ tirar os seus provimentos
de muito longe. Alcibiades retirado na
Thracia, veio avisar os Athenienses do
perigo a que se expunhaõ. Naõ lhe da-
vaõ ouvidos; e acostumããõ-se a des-
embarcar de noite, depois de ter insultado
todo o dia o inimigo. Lysandro aproveitan-
do-se do instante, em que os
Athenienses estavaõ dispersos, lançou-
se sobre a sua frota, junto a hum lugar
chamado Egos-Potamos, do qual se fez
senhor facilmente; e derrotando o exer-
cito, fez tres mil prisioneiros, os quaes
forãõ condemnados ao supplicio. Filocles,
hum dos Generaes Athenienses, havia-se
fei-

Crueldade
para cõ os
vencidos.

feito notavel em outro tempo por causa das crueldades, que exercitou contra os prisioneiros Spartanos. Perguntando-lhe Lysandro, de qual castigo se julgava digno: *Não accuses*, respondeo Filocles, *huns Homens, que não tem Juiz algum: tu és vencedor; usa dos teus Direitos: trata-me do mesmo modo, como nós te trataríamos, se tivéssemos vencido.* Tanto he verdade, que todos devem esperar as mesmas injustiças, que a outrem se fazem.

Pouco tempo depois, Athenas he sitiada por Mar, e por Terra. Aquelles Republicanos altivos, abatidos com o pezo do infortunio, desmentem o seu antigo valor. Em lugar de se defenderem com ardor, offerecem ceder tudo, com tanto que lhe deixem a Cidade, e o Porto. O negocio agitou-se em Sparta. Os Corinthios, e os Thebanos pretendiaõ que a Cidade fosse destruida; os Spartanos mais generosos, lembráraõ-se dos serviços, que Athenas tinha feito a toda a Grecia. Fez-se o Tratado com as condições seguintes. Que as fortificações do Pireo fossem demolidas, juntamente com o muro, que unia aquelle Porto com a Cidade; que os Athenienses entregassem todas as suas Galeras, excepto doze; que desamparassem todas as Praças, das quaes se tinhaõ feito senhores; que per-

————
Sítio de
Athenas.

————
Athenas
sujeita-se
a humas
côdições
vergonho-
sas.

doas-

doassem aos desterrados, e fizessem a guerra debaixo das ordens dos Spartanos.

Deste modo acabou aquella terrivel guerra de vinte e sete annos, originada pela ambição, atroz pelo odio, e tão funesta para os Gregos, como a confederação lhes tinha sido vantajosa.

CAPITULO IV.

Sparta corrompida por Lysandro. — Thra-sybulu liberta Athenas da tyrannia. —

Processo de Socrates. — Retirada dos dez mil.

—
Ambição
de Lysan-
dro.

O AMBICIOSO Lysandro, sem cuidar no bem publico, sómente para si trabalhava. Lysandro queria dominar por toda a parte. Depois da victoria naval de Egos-Potamos, o mesmo Lysandro abollou em varias Cidades maritimas a Democracia, sujeitando-as a huns Magistrados, dos quaes podia dispôr; tambem mudou o Governo de Athenas, nomeando-lhe trinta Tyrannos com o nome de Archontes, os quaes commettêraõ crueldades inauditas. Lysandro corrompeo os costumes de Sparta, introduzindo-lhe as

—
Lysandro
introdu-
zio as ri-
quezas em
Sparta.

riquezas. Mil e quinhentos talentos, que lhe remetteo, chegáão a ser huma peste publica. O proprio Gylippo, tão célebre por causa de ter libertado Syracusas, não pôde vencer a tentação de roubar huma porção de talentos; e convencido daquelle infame roubo, fugio para evitar o supplicio. Os Cidadãos mais prudentes quizerao desde logo proscrever com abominação o ouro, e a prata de Ly-sandro. Os seus amigos propozerao fazer uso daquellas riquezas sómente para as necessidades do Estado. O expediente sendo approvado ordenou-se pena de morte contra qualquer particular, que conservasse alguma peça da nova moeda: como se, conforme o pensamento judicioso de Plutarco, o particular podesse desprezar por muito tempo aquillo, que o Estado achava util; e como se, abrindo os corações para a avareza, se podesse esperar, que a Lei prohibisse a entrada do dinheiro nas casas.

He verdade que as riquezas infici-nárao Sparta; porém em fim, por ventura não se fazia necessario hum The-souro publico em o novo Systema? Logo que se julgava necessitar de huma Marinha; logo que se pretendia estender-se mais além dos seus limites, ou hir fazer a guerra longe da sua terra, como se po-de-

Este mal tinha chegado a ser como necessario: porque os Spartanos já não erao os mesmos.

deria passar sem rendas? Acaso não se tinha mais de huma vez mendigado o ouro dos Persas? Era necessariamente preciso, ou conservar inteiramente as Leis de Lycurgo, ou mudar de costumes. A corrupção preparava-se havia muito tempo; e duvido que se possa ter por verdadeiro o célebre pensamento de Pausanias, que naquelle tempo reinava. Perguntavaõ-lhe a razão porque os antigos costumes se perpetuavaõ em Sparta. *He porque as Leis em Sparta governaõ os Homens*, respondeo Pausanias, *e não os Homens as Leis.*

Athenas
opprimida
por trinta
Tyráños.

Sparta gozava ao menos da sua liberdade, ao mesmo tempo que Athenas, opprimida pelos seus trinta Tyrannos, padecia tudo quanto ha mais horroroso na escravidão, para huns Homens acostumados á independencia; assim como prizoões, desterros, confiscação de bens, e supplicios. Segundo Xenofonte, os Tyrannos mandáraõ matar, em oito mezes de paz, mais Cidadãos, do que os inimigos matáraõ em trinta annos de guerra. O mesmo Theramenes, hum dos trinta, foi executado, por se ter opposto ás violencias dos seus Collegas.

Perfidia
dos Spar-
tanos a
respeito

Aqui se vê apparecer novamente Alcibiades; o qual passando do seu desterro para a Asia, pretende chegar á Corte da

da Persia com a idéa de fazer huma re-^{de Alci-}
 volução a favor de Athenas. Os Sparta-^{biades.}
 nos receando-se de Alcibiades, obrigão
 por huma vergonhosa perfidia ao Satrapa
 Farnabaso, que ordene a morte do Athe-
 niense. Huns Aguazis, mandados para es-
 te objecto, lanção fogo á sua casa, não
 se atrevendo a entrar nella. Alcibiades
 sahe com a espada na mão, e rechaçan-
 do-os cahe finalmente traspassado dos dar-
 dos, que lhe atirárao, fugindo. Alguns re-
 ferem a sua morte differentemente. Po-^{Sua morte,}
 rém o mais importante para se saber, he
 que Alcibiades, com qualidades superio-
 res, e huma admiravel disposição para as
 grandes cousas, fosse o flagello da Gre-
 cia; o que o fez a elle mesmo infeliz,
 seguindo mais depressa o violento impe-
 to das paixões, do que os conselhos de
 Socrates.

Athenas achou outro vingador, a
 pesar da cruel cautela dos Spartanos, ^{Antes de}
 os quaes prohibiraõ ás Cidades Gregas ^{J. C. 403.}
 admittir os Athenienses, fugitivos por ^{Thrasybu-}
 causa da Tyrannia. Thrasybulo á testa ^{lo liberta}
 daquelles fugitivos accommetteo os Ty- ^{Athenasda}
 rannos, e os expulsou. O Governo foi ^{Tyrannia.}
 confiado a dez Cidadãos; porém o abuso
 da authoridade he hum exemplo tão con-
 tagioso, que estes mesmos chegárao a
 ser novos Tyrannos. Os Trinta reclamavaõ

Acto de
Amnistia,
ou perdão
geral de-
pois da
morte dos
Tyrânos.

o soccorro dos Spartanos. Lysandro os protegia com ardor. O Rei Pausanias marchou contra Athenas; desejando no fundo do seu coração, restabelecer-lhe a boa ordem, o socego, e a paz. Finalmente Thrasybulo acabou a sua obra. Os Tyrannos foram mortos, e o antigo Governo restabelecido. Humas revoluções semelhantes ordinariamente são seguidas de sanguinolentas consequencias. Ficavaõ ainda muitos complices da Tyrannia, e as desordens publicas tinhaõ feito infinitos culpados. O prudente libertador de Athenas comprehendeo facilmente, que em castigando se abririaõ novamente as chagas do Estado. Thrasybulo propoz hum acto célebre de Amnistia, ou Perdão geral, pelo qual se abolio a lembrança do passado. As discordias civis deixaõ infelizmente hum fermento, o qual não destroe huma salutifera docilidade, se as paixões conservaõ o seu imperio.

Socrates o
mais res-
peitavel
dos Filo-
sofos.

As paixões reináraõ sempre em Athenas. O processo de Socrates servio de muito maior deshonra para aquella Cidade do que a escravidão. Socrates, o primeiro, diz Cicero, que fez descer do Ceo a Filosofia; que a collocou nas Cidades, e a introduzio pelas casas; que a obrigou a unir-se com os costumes, com as obrigações da vida, e com o exame do

do bem, e do mal; aquelle verdadeiro Filosofo, modelo das virtudes, que ensinava aos seus Discipulos, tinha-se consagrado, havia muito tempo, ao cuidado de instruir a Mocidade. Socrates desprezava os Sofistas, cuja vaidade, escondida debaixo da capa de huma vã ostentação de Sciencia, decidia de tudo sem saber nada, e se reproduzia em palavras, para não dar senão idéas falsas: os Sofistas foraõ pois seus inimigos. O mesmo Socrates professava a Religião da sua Patria, elevando-se sobre as populares preocupações, e dirigia unicamente a Deos as adorações, que prodigamente se davaõ ás Fantasma de Divindades: os Supersticiosos, e os Hypocritas não podiaõ deixar de o aborrecer. Aquelles Homens perigosos conspiravaõ a sua perda. Já se tinhaõ servido do Pretexto da Religião contra Aspasia, e Anaxagoras; pretexto, com que se cõra taõ facilmente a negra maldade; serviraõ-se das mesmas armas contra o mais virtuoso de todos os Homens.

Os Sofistas, e os Hypocritas conjuraõ a sua perda.

Anyto, e Melito, nomes infames na Historia, foraõ os Chefes da conspiração. Aristofanes, cujas Comedias lascivas, e Satyricas não eraõ do gosto de Socrates, picado sem duvida da preferencia, que Socrates dava ás Tragedias

Aristofanes representa Socrates no Theatro.

de

—————
Melito o
accusa.

de Euripides, foi o primeiro que o descompôz, representando-o no Theatro. A sua sanguinolenta Obra *das Nuvens* patenteou a paciencia do Filosofo. Socrates assistio á sua representação; e soffreo com sangue frio as publicas rizadas, imaginando-se, disse elle aos seus amigos, *estar em hum festim, onde a todos divertia*. Melito, tirando depois a mascara, o accusa de corromper a Mocidade, e de introduzir novas Divindades. Socrates ensinava havia quarenta annos; todos conheciaõ a sua doutrina; fazer-lhe della hum crime tão tarde, era hum absurdo escandaloso; porém a paixãõ, com tanto que se satisfaça, de nada se envergonha.

—————
Socrates
soffreo a
sentença
cô valor.

O Accusado, sem querer nem advogados, nem sollicitadores, justifica-se com a simples exposiçaõ do seu procedimento: *Eu creio na existencia de Deos, mais do que os meus accusadores*, expressou Socrates valerosamente; *do que estou de tal sorte convencido, que me entrego a Deos, e a vós, a fim que me julgueis do modo que vos parecer mais util para vós, e para mim*. Socrates foi logo condemnado, sem pena determinada. O mesmo Socrates podia eleger huma multa pecuniaria; os seus amigos se encarregavaõ de a pagar. Elle recusa generosamente tomar aquelle par-

—————
Socrates
he condemnado á
morte.

partido com receio de se reconhecer culpado, declarando ao Povo que elle julgava antes ter merecido pelas suas acções ser alimentado á custa da Republica. Aquella nobre altivez irrita mais os animos; vota-se segunda vez, conforme o costume; e o condemnaõ a beber a cegude: esta era a pena capital. Socrates disse tranquillamente aos seus Juizes: *Parto a morrer por ordem vossa: para o que a natureza me tinha condemnado desde o meu nascimento; porém a verdade depressa condemnará os meus accusadores á infamia.*

Querendo os seus amigos tirallo da prisao, e convidando-o a fugir, Socrates responde, que isso seria hum attentado contra as Leis. Em o dia do supplicio, Socrates se entretem com elles a respeito da immortalidade da Alma, e dos sentimentos, que deve inspirar a esperanza da outra vida; e prova que aquella verdade, ainda quando naõ fosse senaõ duvidosa, deve regular o procedimento de qualquer Homem racional. O mesmo Socrates os anima, e os consola, e vendo que lhe traziaõ a cegude, bebe-a sem movimento algum extraordinario; Socrates morre, dizendo a Criton, hum dos seus Discipulos: *Eu devo hum gallo a Esculapio; cumpre esta promessa por mim, e naõ te esqueças.*

Socrates
recusa fu-
gir da pri-
saõ, e
morre co-
mo Sabio.

Os

Arrependimento
dos Athenienses.

Absurdo do seu
procedimento.

Os Athenienses penetrados de vergonha, e de remorsos, depois de terem perdido aquelle verdadeiro Filosofo, deram as maiores honras á sua memoria, castigárao severamente os seus accusadores, e detestárao todo aquelle, que teve parte na sua conspiração. Commetter culpas enormes, arrepender-se sempre dellas, e nunca já mais emendar-se era o costume dos Athenienses. Para maior loucura permittia-se aos Poetas representar os Deoses no Theatro, ao mesmo tempo que se castigavao os Sabios por inspirar aos Cidadãos os sentimentos dignos da Divindade. Os Trinta Tyrannos tinham salvado Socrates, posto que inimigo declarado abertamente contra a sua Tyrannia. Depois de expulsos os Tyrannos (no anno 400 antes da nossa era) he que a sentença do Povo o mandou matar. Hum Povo sem freio, não he o Tyranno menos injusto, nem menos cruel.

A Moral mais interessante na Historia, do que as circumstancias individuaes das expedções.

Lê-se com gosto em Rollin tudo quanto diz respeito a hum Homem tal, como Socrates; porém logo causaõ tedio as suas dilatadas individuações a respeito da famosa retirada dos dez mil. A razão he porque a Moral executada instrue sempre e interessa, em lugar que todas aquellas outras individuações circumstanciadas, pe-
si mesmas fastidiosas, quasi que não ter

uti-

utilidade alguma. Todos aprenderiaõ a Historia; todos della se aproveitariaõ, se a naõ tivessem carregado demasiadamente de cousas nada interessantes, as quaes canção ainda nas Gazetas. Estude muito embora -qualquer Militar por Xenofonte, ou em Rollin, a retirada dos Dez-mil, quando souber cousas muito mais essenciaes para o seu Estado. Para nós bastanos ter huma idéa daquelle memoravel successo.

Dario II (*Nothus, o Bastardo*) era morto, e tinha deixado o Imperio a seu Filho primogenito, Artaxerxes Mnémon. Cyros, o Moço, pretende tirar o Throno a seu Irmaõ Artaxerxes Mnémon. Cyrus, seu Irmaõ, governava a Asia Menor. Por huma insigne culpa, deixáraõ-lhe aquelle Governo, posto que tivesse manifestado a ambição, que o devorava. Cyrus resolutio a desthronisar seu Irmaõ, obrigou aos Spartanos a tomar o seu partido, dos quaes se tinha mostrado Protector; e esquecendo-se estes dos seus verdadeiros interesses, e dos interesses da Grecia, se deixáraõ enganar com apparencias frivolas. Treze mil Gregos marchaaõ com Cyrus, sem saber para onde. Cyrus augmenta-lhe o seu soldo no caminho (1), pelos ver descorçoados de huma

—
Cyrus, o
Moço,
pretende
tirar o
Throno a
seu Irmaõ
Artaxer-
xes Mné-
mon.

—
Antes de
J.C. 401.
Os Sparta-
nos uné-
se co Cy-
ro.

ma

(1) Cyrus lhes prometteo Dario e meio por mez. isto he, segundo Rollin, quinze libras torneas, e da

ma empreza tão perigosa. Chega-se perto de Babilonia. O Rei adianta-se com hum innumeravel exercito. Clearco, General Lacedemoniense, aconselha a Cyro, o Moço, de não expôr a sua Pessoa. *Pois que, respondeo aquelle Principe, quando eu procuro fazer-me Rei, tu queres que eu me mostre indigno de o ser!* Os dous Irmãos se enfurecem hum contra o outro na batalha. Cyro ficou morto. Com tudo os Gregos pelo seu animo, e pela sua disciplina, se mostraõ superiores áquella multidão de inimigos. Os mesmos Gregos declaraõ que antes haõ de morrer, do que render as armas; e por entre infinitos obstaculos, e perigos, continuamente accommettidos, e sempre vencedores, voltaõ em numero de dez mil para a sua Patria pelo Hellesponto, depois de ter corrido quinhentas para seiscentas legoas de Terra.

—————
Cyro ficou
morto no
combate.

—————
Retirada
dos dez
mil.

—————
Xenofõte
muito pre-
venido a
favor de
Cyro, o
Moço.

Xenofonte commandava os Gregos no fim da retirada. A sua Historia que nos deixou, parece não obstante suspeita a respeito de algumas cousas. Xe-

no-

—————
nossa moeda dous mil e quatrocentos réis. Porém as avaliações de Rollin são muito inferiores ao valor numerario de hoje em dia; o qual avalia o talento em mil escudos, como se fazia no tempo de Luiz XIV: os mil Escudos fazem da nossa moeda quatrocentos e oitenta mil réis.

no fonte, naquella Historia, descreve Cyro o Moço, como hum Principe completo, sem condemnar a odiosa empreza, que lhe inspirou a ambição. Aquelle Principe o tinha encantado com o seu entendimento, e com o seu merecimento; porém acaso hum Historiador Filosofo podia dissimular os seus excessos? A rebellião contra o seu Rei, o odio contra seu Irmão, e o furor de usurpar o Throno por meio de huma guerra civil, mancharão eternamente a memoria de Cyro por muitos elogios, que se lhe tenhaõ feito. Em a Carta que Cyro escreveo aos Spartanos, para lhe pedir tropas, elle se elevava muito sobre o seu competidor, louvando-se de ter o coração mais real, de saber melhor a Religião, e a Filosofia, e de poder tambem (o que era, sem duvida, hum grande merecimento entre os Persas,) beber mais vinho sem ficar perturbado. Toda a Carta annuncia o pouco gosto da decencia.

O Historiador Ctesias, de quem temos fallado algumas vezes, estava unido com aquelle Principe, e passou para o serviço de Mnémon, em qualidade de Medico. Focio conservou huns Fragmentos das suas Obras. Diodoro muitas vezes o copiou, e não podia eleger guia menos seguro.

CAPITULO V.

Agésiláo na Asia. — Agésiláo he chamado. — Tratado vergonhoso com os Persas. — Republica de Thebas, até á batalha de Leuctras.

NADA he mais proprio para inspirar grandes resoluções, do que a gloria das grandes acções. A retirada dos Dez-mil tendo incitado o valor dos Gregos, elles se armáraõ novamente por causa da liberdade das suas Colonias Asiaticas, entregando-se mais que nunca ao desejo de humilhar os Persas. Agésiláo foi o principal Heroe daquella guerra. Irmaõ de Agis, Rei de Sparta, tinha sido educado, como hum simples particular, com toda a severidade dos costumes Lacedemonienses, por não ter direito algum á Corôa. Depois da morte de Agis, Agésiláo disputou a Corôa a Leotychides, seu Sobrinho, tido por Filho natural de Alcibiades, posto que Agis, morrendo, o tivesse reconhecido por legitimo. Agésiláo obteve a preferencia; a qual merecia por causa das suas qualidades heroicas, juntas com o talento de ganhar os corações.

Guerra
contra os
Persas.

Agésiláo,
Rei de
Sparta.

ções. Tal era para Agesiláo o amor da Nação, e tal o seu credito em Sparta, que os Eforos o condemnáraõ a huma pena pecuniaria, unicamente *por se apropriar dos Cidadãos, que pertencem á Republica.* Os seus Predecessores tiveraõ disputas continuadas com os Eforos, e com o Senado; Agesiláo nenhuma teve em todo o tempo do seu Reinado. O mesmo Agesiláo sempre os respeitou; e longe de enfraquecer a sua authoridade, augmentou-a obedecendo ás Leis. Sendo coxo, sómente hum merecimento extraordinario o podia fazer taõ amavel, e taõ respeitado em hum Estado, em que se não perdoava o menor defeito corporal.

Agesiláo, encarregado da guerra contra os Persas, pedio trinta Capitães para compôr o seu Conselho. Lysandro, o qual tinha contribuido para o fazer Rei, foi posto na frente dos Capitães. Agesiláo prometteo quando partio, ou concluir huma paz gloriosa, ou opprimir os inimigos de modo, que não podessem inquietar a Grecia. Agesiláo em pouco tempo encheo a Asia de terror com as suas armas. Os Satrapas tremêraõ na sua presença; a disciplina, e a virtude de Sparta se fizeraõ admirar na sua pessoa; o fasto, e o orgulho dos Persas pareciaõ tributar-lhe homenagem nas

Antes de
J. C. 396.
Agesiláo
faz tremor
os Persas.

conferencias, que teve com os Officiaes do grande Rei. Agesiláo insensivel aos seus offerecimentos, e ás suas ameaças, via as Provincias já promptas para lhe obedecer; e propondo levar as suas armas até ao centro do Reino, foi chamado subitamente para defender a sua Patria.

———
Liga dos
Gregos
contra
Sparta.

As intrigas, e sobre tudo o ouro dos Persas, tinhaõ formado contra Sparta huma liga perigosa. Thebas, Argos, e Corintho subleváraõ-se, não lhe querendo já mais estar sujeitas. Athenas seguiu o seu exemplo, com a sollicitação dos Thebanos, aos quaes era particularmente devedora da sua liberdade. Lysandro que mandava no Hellesponto, correo para suffocar a liga no seu principio; e esperando de balde os soccorros, foi morto em hum combate desigual.

———
Morte de
Lysandro.

———
Sua ambi-
ção.

Aquelle famoso Spartano estava indifferente com Agesiláo por causa da sua altivez, e das suas pretensões. Lysandro juntando aos grandes talentos, todos os vicios de hum ambicioso, e sendo injusto, velhaco, e perfido, zombava dos Homens, e dos juramentos. Descobriu-se, algum tempo depois da sua morte, hum projecto, que concebêra de se fazer Senhor da Corôa. O mesmo Lysandro queria abolir o direito da Successão; ti-
nha

nha corrompido os Sacerdotes, a fim de fazer fallar os Oraculos em seu favor; e teria feito valer depois o direito do mais poderoso, como em huma occasião, em que os Spartanos, e os Argivos disputando entre si a respeito dos seus limites; disse mostrando a sua espada:

Eis-aqui o meio de ter razão. Lysandro sempre foi pobre, depois de ter introduzido as riquezas em Sparta: prova singular da influencia, que tinhão ainda os costumes, até nas mesmas almas corruptas. Quando se soube o Estado dos seus negocios, dous Cidadãos consideraveis, os quaes deviaõ casar com suas filhas, não quizerão cumprir as suas palavras. Aquella baixeza os fez infames, e os fez condemnar em huma pena pecuniaria.

———
Lysandro era pobre, posto que tivesse introduzido as riquezas na sua Patria.

Em a confusão, em que se achava a Republica, os Eforos chamaõ novamente Agesiláo, o qual obedece sem duvidar, a pesar dos attractivos da victoria. *Eu sei*, diz elle, *que hum Commandante não merece aquelle nome, senão quando se deixa conduzir pelas Leis, e obedece aos Magistrados.* Antes da sua chegada, Conon, hum dos Generaes Athenienses, derrotado por Lysandro em Egos-Potamos, augmentou as inquietações de Sparta. Com huma frota de Persas que commandava,

———
Agesiláo chamado da Asia, obedece ás Leis.

———
Conon, vencedor em Cnide.

ac-

accommetteo a frota inimiga perto de Cnide, tomou-lhe sincoenta Galeras, dissipou-lhe o resto, e fez rebellar quasi todos os Alliados de Lacedemonia. Agesiláo sabe aquella noticia em Beocia, onde se dispunha para hum batalha; dissimulando, e fingindo que se alcançou a victoria, anima as tropas com hum sacrificio de acções de graça. Dá-se a batalha nas planicies de Coronea; Agesiláo ganha a batalha, a pesar das suas fadigas, e da vigorosa resistencia dos Thebanos; de volta para Sparta, não se distingue senão pela sua modestia, pela sua moderação, pela sua temperança, e pela sua economia, como se não tivesse nem a idéa dos costumes Asiaticos.

—
Agesiláo
vencedor
em Coronea.

—
Conon levanta novamente os muros de Athenas.

—
Fraco ciu-me de Sparta.

Com tudo Conon, depois de ter assolado as costas de Laconia, vem levantar novamente os muros de Athenas com o dinheiro dos Persas. Os Spartanos vem com pesar a sua competidora prompta para recuperar o seu antigo Dominio. A fraca inveja lhes faz atraçoar a honra, e a justiça. Os Spartanos mandão Antalcides ao Satrapa da Lydia, não sómente para diffamar Conon, mas para offerecer condições de paz, as mais capazes de deshonnar a Grecia. Antalcides, inimigo de Agesiláo, sómente via este meio de enfraquecer a sua authoridade, e de

e de suspender o curso da sua gloria.

Aqui dão os Persas a Lei, como vencedores. O Tratado declara, que todas as Cidades Gregas da Asia ficarão sujeitas ao grande Rei, que as outras todas serão livres, e ellas mesmas se governarão; que o Rei ficará com as Ilhas de Chypre, e de Clazomene; que deixará as Ilhas de Scyros, de Lemnos, e de Imbros aos Athenienses, a quem pertenciaõ havia muito tempo; e finalmente que declarará a guerra aos que recusarem estes Artigos. Os Thebanos foraõ os unicos, que se lhes oppozerão logo com animo; porém seguirão o exemplo dos outros.

Deste modo as paixões, e má Politica dos Gregos, afniquiláráõ repentinamente os frutos de tantas victorias, e de tantas virtudes. Os Gregos unidos pelo commum interesse, tinhaõ triumphado do poder o mais formidavel, tinhaõ-lhe imposto a Lei, e tinhaõ experimentado todas as vantagens de huma confederação, da qual tiravaõ ao mesmo tempo a sua gloria, e a sua segurança. Divididos depois os mesmos Gregos, por causa de loucos ciumes, e da ambição do mando, tinhaõ-se entregado a todos os excessos do odio, e do furor; mais crueis huns com os outros, do que aquelles a quem tratavaõ de Barbaros com despre-

Antes de
J. C. 387.
Os Spartanos
fazem
hum Tratado
vergonhoso
cõ os Persas.

Efeitos da
divisão entre
os Gregos.

zo. Finalmente depois da ruina dos principios, das Leis, e dos costumes, occasionada pelas suas discordias, os Gregos se achão vís, até arrastarem-se na presença daquelles Barbaros, sem ter sido nem vencidos; até lhes sacrificarem solemnemente a liberdade das Colonias, que tiráão da escravidão. Tal foi o effeito da competencia de Sparta, e de Athenas. Que differença não ha entre a emulação, que excita ás grandes cousas, e a ambição, que conduz ás infelicidades por meio da injustiça?

Antes de
J. C. 382.
Os Sparta-
nos se a-
poderão
da fortale-
za de The-
bas em ple-
na paz.

Sparta tendo recuperado o seu Imperio na Grecia, não usou melhor delle do que antigamente: Imperio, que Sparta exercitou tyrannicamente, sem prevêr depois de tantas experiencias, que aquella Tyrannia causaria a sua ruina. Febidas, hum dos seus Generaes, conduzia tropas para Thracia, a fim de subjugar Olyntha, cujo poder se receava, depois que tinha sacudido o jugo de Athenas. O mesmo Febidas acampado perto de Thebas, onde dous partidos se destruião, favoreceo os intentos de hum dos principaes sediciosos, e apoderou-se por surpresa da Cidadella, chamada Cadmea. Aquella violencia, em plena paz, era hum horroroso attentado.

Com tudo, quando as queixas da-
quel-

quelle attentado chegáraõ a Sparta, Agesiláo, infelizmente muito inclinado á guerra, contentou-se em dizer que era necessario examinar, se aquella cousa era util; que se podia, e tambem que se devia fazer de seu motu proprio, tudo quanto era conveniente aos interesses da patria. O successo provará bem que o verdadeiro interesse, como temos já observado, he inseparavel da justiça. O mesmo Agesiláo se desmentia a si proprio, quando disse a respeito do Rei da Persia:

—————
Sentença
injusta
pronúcia-
da em
Sparta, a
respeito
deste ne-
gocio.

Aquelle Rei a quem vós chamaes grande, acaso pôde elle ser maior do que eu, menos que não seja mais justo? A Sentença dos Spartanos a respeito do negocio de Thebas he huma contradicção mais offensiva. Os Spartanos pronunciaõ que Febidas será privado do mando, e pagará a multa de cem mil drachmas; porém que a Cidadella ficará em poder dos Spartanos, e que lhe poráõ huma grande, e forte guarnição.

Depois de semelhantes procedimentos, era necessario, ou ser invencivel, ou esperar por crueis revoluções. Mais de quatrocentos Thebanos se refugiáraõ em Athenas, com a vingança no coração. Hum Decreto de desterro ainda mais os irritou. Pelopidas era do numero dos desterrados. O seu nascimento, as suas ri-

—————
Thebanos
fugitivos
em Athe-
nas.

—————
Pelopidas,
e Epami-
nondas.

que-

quezas, porém sobre tudo a sua actividade, o seu animo, e a sua virtude o collocavaõ na primeira ordem dos Cidadãos. Pelopidas teve por amigo Epaminondas, igualmente nobre, e valeroso; porém pobre, Filosofo, entregue ao estudo, e a quem os oppressores de Thebas deixáraõ na Cidade, como hum particular, do qual nada deviaõ recear. Nós entramos a ver, como aquelles dous Heroes vingão a sua Patria, sobre as ruinas da orgulhosa Lacedemonia.

Pelopidas
liberta a
sua Patria.

Pelopidas, ainda muito moço, em-
prende a liberdade de Thebas. Inspira
o seu ardor a todos os desterrados, con-
serva intelligencias na Cidade, onde en-
tra occultamente com onze companhei-
ros; e posto que transpire o segredo da
conspiração, Pelopidas executa o seu in-
tento com tanta felicidade, como intre-
pidez. Os principaes Magistrados estavaõ
juntos em hum banquete. Hum delles re-
cebeo huma Carta de Athenas, pela qual
o instruião da conspiração. Este a não
quiz abrir, dizendo: *Os negocios serios
são para amanhã.* Aquelles Magistrados
são degolados ao mesmo tempo, em
que se esquecem dos negocios. Depois
forçaõ-se as prizões, e tudo convida para
os Thebanos serem livres. Epaminondas,
que até áquelle tempo tinha contido o
seu

Epaminõ-
das une-se
cô Pelopi-
das.

seu zelo, com o receio de derramar o sangue dos Cidadãos, une-se com os libertadores da Patria. Todos os desterrados chegam no dia seguinte, e são seguidos de hum exercito Atheniense de cinco mil e quinhentos Homens; as Cidades de Beocia se apressão tambem em mandar soccorro. Finalmente a Cidadella he sitiada; os Spartanos são obrigados pelo resto da guarnição a abrir as suas portas; elles supplicão, e permite-se-lhes retirar-se para onde quizerem. O exercito de Sparta chegava com a sua fleuma ordinaria, o qual sem aquella falta de diligencia, teria salvado a Praça.

Os Spartanos são lançados fóra.

Os Athenienses da sua parte, com a sua inconstancia ordinaria, arrependendo-se de terem soccorrido generosamente os Thebanos, os desamparaõ cobardemente. Porém Pelopidas, contra sua vontade, acha o segredo de os reconduzir. O mesmo Pelopidas manda propôr ao Spartano Sfordrias, General imprudente, huma empresa a respeito do Pireo, cujo successo contribuia para Sparta ser Senhora de Athenas. Como a ambição justificava tudo, Sfordrias abraçou o projecto com ardor; porém tomando mal as suas medidas, não consegue a sua empresa. Athenas queixa-se vivamente; os Spartanos negão-lhe a satisfação; desde

Os Athenienses desamparaõ os Thebanos, e renovaõ logo a sua aliança cõ elles.

de logo Athenas renova a alliança com Thebas; prepara huma frota, a qual ás ordens de Timotheo, Filho de Conon, insulta a Laconia, e toma a Ilha de Corcyra a Lacedemônia.

————— Agesiláo he mandado para a Beocia; onde adiantado na idade, não faz senão hum guerra de escaramuças, menos propria para sujeitar os Thebanos, do que para os acostumar á guerra. Antalcides vendo Agesiláo de volta coberto de feridas, lhe disse com hum modo de zombaria: *Estás, ó Agesiláo, bem pago de ter ensinado aos Thebanos o officio da guerra, que elles não querião, nem podião aprender antes de ti.* Com effeito, Pelopidas deo provas do grande proveito, que tiráráo das suas lições; pois que no combate de Tegyra, passou por entre o exercito inimigo, tres vezes mais poderoso, que o seu. Não se tinha ouvido antecedentemente, que os Spartanos tivessem sido derrotados com forças iguaes. A sua insolente altivez sentio entáo, que hum Povo livre póde chegar a ser formidavel aos Tyrannos mais bellicosos.

————— Aquella guerra ateada pela ambição de hum povo injusto, fazia gemer, e murmurar toda a Grecia. Queria-se hum paz geral. Mandárao-se negociadores a Sparta; onde Epaminondas, Deputado de

de Thebas, sustentou fortemente o interesse publico, e os Direitos da liberdade. Agesilão perguntando a Epaminondas com modo imperioso, se era pois necessario deixar a Beocia independente? Epaminondas respondeo com humta questão semelhante, se era pois necessario deixar a Laconia independente? O Spartanissimo muito irritado contra os Thebanos, riscou o seu nome do Tratado, que se pretendia fazer. Os outros Gregos assignárao o Tratado por temor, desamparando o Povo, que então merecia maior estimação.

Constância
de Epami-
nondas.

C A P I T U L O VI.

Thebas poderosa no tempo de Pelopidas, e de Epaminondas. — Sua decadencia. — Estado da Grecia antes de Philippe de Macedonia.

THEBAS, segundo as apparencias todas, estava perdida sem recurso. Sparta vinha cahir sobre Thebas, com toda a Grecia juntamente. Porém dous Homens taes, como Epaminondas, e Pelopidas bastão para a Patria, quando o Patrio-

Epaminó-
das Gene-

tis-

Batalhaõ
Sagrado.

Sua pru-
dencia a
respeito
dos agou-
ros.

Antes de
J.C. 370.
Batalha de
Leuctras.

tismo reina em os corações. O primeiro foi nomeado General com varios Collegas. O segundo, não estando entaõ empregado, mandava o batalhaõ *Sagrado*, tropa formidavel, composta de trezentos mancebos Heroes, os quaes se obrigavaõ por juramento a defender-se até ao ultimo suspiro (1). Epaminondas dispunha-se para marchar, quando lhe vieraõ annunciar funestos agouros. Elle respondeo com aquelle verso de Homero: *O melhor presagio he defender a sua Patria*. Epaminondas superior ás fraquezas da superstição, sabia quanto saõ poderosas as suas forças entre o vulgo; para prevenir os seus effeitos, o mesmo Epaminondas fez suppôr agouros favoraveis, os quaes recebêraõ os Soldados com huma inteira confiança.

A batalha de Leuctras decidio aquella grande contenda. Os Spartanos, e os seus Alliados tinhaõ vinte e sinco mil e seiscentos Homens, contra seis mil e quatrocentos, de que se compunha todo o exercito Thebano. Aquella desigualdade não inpedio a Epaminondas accommetter o inimigo. O mesmo que em certas

cir-

(1) Quando Pelopidas sahio de sua casa, sua Mulher toda em lagrimas pedio-lhe que se conservasse. Eis-ahi o que he necessario recommendar á Mocidade, respondeo Pelopidas, porém aos Chefes só he necessario recommendar a conservação dos outros.

circunstancias se chamaria temeridade , em outras he prudencia. Os Alliados de Sparta estavaõ descontentes; os Thebanos estavaõ acostumados á guerra, e respiravaõ o enthusiasmo da liberdade; de mais disso era necessario prevenir a chegada de novas tropas, que os inimigos esperavaõ. O General fez disposições taõ excellentes, e foi taõ bem favorecido, que alcançou huma completa victoria. Nunca os Spartanos perdêraõ tanta gente. O seu Rei Cleombrotes ficou morto com mil e quatrocentos Cidadãos.

Entaõ se vio em Sparta hum resto tocante dos costumes antigos. A noticia do desastre chegou a Sparta, quando se celebravaõ os Jogos Gymnicos. Os Eforos não permittindo que os interrompessem, mandáraõ sómente a lista dos mortos pelas casas. Seria difficiloso imaginar ás differentes impressões, que aquella lista produzio. Huns congratulavaõ-se da morte gloriosa dos seus filhos; outros não se podiaõ consolar de que os seus tivessem sobrevivido á derrota. Distinguirã-se especialmente as Mulheres por meio daquelles sentimentos, onde entrava talvez tanta ferocidade, como animo. Como varios combatentes tinhaõ fugido, e as Leis declaravaõ penas infames contra os fugitivos, podia-se temer que huma ri-

Magnanimidade dos Spartanos depois da sua derrota.

Os Spartanos suspendem a Lei contra os fugitivos.

gi-

gida severidade não chegasse a ser funesta em hum tempo, em que a Republica não podia ter guerreiros sufficientes. Deo-se pois poder a Agesiláo para mudar as Leis, como julgasse conveniente. Aquelle Principe, achando huma disposição prudente, e sabia, disse á Assembléa, *que era necessario por hum dia deixar dormir as Leis, e dar-lhes depois todo o seu vigor.* O espirito da Legislação deve-se accommodar com as conjuncturas; porém qualquer Estado arrisca-se muito a perder as suas Leis, quando se acha no caso de as violar a favor daquelles, que merecêrao ser por ellas condemnados. Talvez que naquelle caso se necessitasse de hum novo Legislador.

Epaminó-
das pene-
tra na La-
conia.

Nunca Mulher de Sparta tinha visto o fumo de hum campo inimigo, era huma especie de Proverbio, que o mesmo Agesiláo repetia muitas vezes; e teve o pesar de ser testemunha do contrario. Os Thebanos, cujo partido augmentava todos os dias, pela separação dos Alliados de Sparta, penetrárao na Laconia, ficando esta assolada, e destruida. A prudencia de Agesiláo salvou a Cidade, onde esteve encerrado, evitando combater; porque huma derrota teria tido consequências irremediaveis. Sparta, sem fortificações, não podia resistir muito tempo.

po. Porém Epaminondas temeo excitar a inveja, e o odio, se destruísse huma Republica, cujo nome sempre imprimia o respeito. Contento Epaminondas de ter abatido a sua Tyrannia, retirou-se coberto de gloria, depois de ter libertado os Messenienses do jugo dos Spartanos.

Epaminondas pou-
pa Sparta.

Pouco faltou que Epaminondas, e Pelopidas, seu Collega, não experimentassem, assim como outros muitos, a ingratitude Republicana. Em quanto áquella expedição de Peloponneso, elles conservárao o mando, quatro mezes além do termo prescrito. Este foi, quando voltárao Epaminondas, e Pelopidas, hum objecto de accusação capital. O bem publico he a Lei Suprema, o qual fallava alta, e poderosamente em seu favor, para não ser attendido. O mesmo Epaminondas se defendeo, dizendo, que acceitaria voluntariamente a morte, se lhe quizessem deixar toda a gloria das suas ultimas acções, e declarar que elle as tinha feito sem approvação da Republica.

Epaminondas quan-
do voltou he accusa-
do junta-
mente cõ
Pelopi-
das.

Epaminondas se defendeo, dizendo, que acceitaria voluntariamente a morte, se lhe quizessem deixar toda a gloria das suas ultimas acções, e declarar que elle as tinha feito sem approvação da Republica. Epaminondas em lugar de ser condemnado, foi admirado. Aquelle Heroe era tão superior ás baixeiras da vaidade, que servio com a maior vigilancia hum Emprego subalterno, que os seus inimigos lhe mandárao dar, como por insulto. Os *Empregos*, disse Epaminondas, *exaltao o*

Epaminondas justi-
fica-se co-
mo Homẽ
grande.

Cidadaão ; mas o Cidadaão tambem exalta os Empregos.

Liga dos
Gregos
contra
Thebas.

Com tudo os Spartanos humilha-
dos imploraõ o soccorro dos Athenien-
ses. Ou fosse compaixão por causa das
suas infelicidades, ou fosse mais depressa-
ciume contra a nova Republica, Athenas
promette não ter, senão hum interesse
commum com elles. Diversos outros Pó-
vos entraõ naquella confederação. Os Al-
liados procuraõ a protecção do Rei da
Persia; porque todo o sentimento de glo-
ria cedia ás intenções de hum miseravel
Politica. Thebas deputa Pelopidas para
interromper os seus ajustes. A sua glória,
e os seus talentos lhe adquirem a esti-
mação de Artaxerxes Mnémon, e lhe per-
suadem facilmente a favorecer hum Esta-
do, que não tendo em tempo algum ti-
do guerra com os Persas, podia equili-
brar Sparta, e Athenas, suas inimigas.

Os Persas
lhes ne-
gaõ soc-
corro.

Pelopidas
Juiz de
hum dif-
ferença a
respeito
do Trono
de Mace-
donia.

O illustre General cumprio depois
hum commissão mais digna de hum Gre-
go. Mandáraõ Pelopidas contra Alexan-
dre, Tyranno de Feres em Thessalia,
cujã ambição, e crueldade temiaõ todos
os Póvos daquella Terra: o Tyranno não
esperando por Pelopidas fugio. A Mace-
donia, naquelle tempo, estava destruida
por causa das dissensões dos Filhos do
ultimo Rei, Amyntas II. Disputando estes
a Co-

a Corôa entre si, chamáraõ Pelopidas para julgar a differença. A tranquillidade restabeleceo-se com a sua chegada, e Pelopidas conduzio, como em refens, trinta Meninos da primeira Nobreza, entre estes Filippe, o qual logo se verá collocado no Throno.

Algum tempo depois daquelle negocio, mais glorioso para Pelopidas, e para a sua Patria, do que as sanguinolentas victorias, Pelopidas cahio por causa de hum excessiva confiança nas mãos de Alexandre de Feres; porém ainda que prisioneiro, Pelopidas o ameaçou de que havia castigar os seus crimes. Tendo-lhe o Tyranno mandado perguntar, por que razão procurava elle a morte? *A razão* be, respondeo Pelopidas, *para que tu perças mais depressa, merecendo mais o odio dos Deoses, e dos Homens.* O mesmo Pelopidas libertado por Epaminondas, entregou-se sem cautela ao desejo da vingança; e expondo-se imprudentemente em hum combate, a fim de matar o Tyranno com a sua propria mão, espirou das suas feridas, ao mesmo tempo em que as suas tropas alcançavaõ a victoria. O cruel Alexandre foi depois assassinado: a sua propria Mulher foi a alma da conspiração.

_____ Pelopidas, sendo prisioneiro despreza o Tyranno de Feres.

_____ Sua morte.

Toda a Grecia olhava com ciume

— Nova expedição de Epaminondas para Laconia.

para aquelles Thebanos antecedentemente desprezados, feitos em tão pouco tempo os arbitros da Nação. A sua superioridade dependia de huma única cabeça, e logo a perdêraõ. Huma guerra civil tendo-se ateado na Arcadia, entre Mantinea, e Tegea, Thebas declarou-se pelos Tegeenses, Sparta, e Athenas pelos seus adversarios. Epaminondas, encarregado do mando, fez huma segunda tentativa contra Sparta. Penetrou até chegar á Praça pública; porém Agesiláo, o qual tinha sido felizmente avisado do seu intento, salvou a Cidade pelo seu valor, e pela sua prudencia. Então o Thebano retira-se promptamente a fim de não ficar entre dous exercitos inimigos. Os Alliados seguirão Epaminondas de perto. Dá-se a famosa batalha de Mantinea, em a qual Epaminondas mostra claramente toda a sciencia militar, e combate como Heroe. O mesmo Epaminondas he ferido com hum dardo no peito; ferida que devia acabar, e coroar huma vida tão gloriosa.

— Batalha de Mantinea.

— Morte de Epaminondas.

Transportado Epaminondas para o campo em quanto a acção continúa, os Cirurgiões annunciaõ a sua morte, quando se tirar o ferro da sua ferida. A sua unica vigilancia por então he informar-se do successo da batalha, e do estado das suas armas. Epaminondas vê o seu
bro-

broquel; ouve dizer que os Thebanos são vencedores, e consola os seus Officiaes desesperados: *Naõ olheis para este dia, lhes disse Epaminondas, como para o ultimo da minha vida, antes este he o principio da minha felicidade, e o cumulo da minha gloria. Eu deixo Thebas triufante, Sparta abatida, e a Grecia livre da escravidão.* Como todos choravaõ vendo-o morrer especialmente sem filhos, Epaminondas continúa dizendo, que Leuctras, e Mantinea são os seus filhos, que naõ deixarão acabar o seu nome. Epaminondas arrancando a si proprio o dardo, logo espira.

Epaminondas foi hum dos maiores Homens da Antiguidade. A Filosofia, da qual fazia as suas delicias em o retiro, naõ o impedio para que naõ se entregasse aos negocios públicos, desde que a sua Patria para elles o chamava. A sua alma, educada com o estudo da sabedoria, pareceo mais propria para todas as funcções de General, e de Cidadão. As honras nunca o tentáraõ; pois unicamente trabalhava pela gloria de Thebas. Epaminondas penetrado dos sentimentos da piedade filial, disse depois da batalha de Leuctras: *A minha alegria he aquella que experimentarão meu Pai, e minha Mãi, quando souberem da nossa victoria.* Modesto

Qualida-
des admi-
raveis des-
te Heroe.

to na Sciencia, merecia o mesmo elogio, que delle se fez, que *ninguem sabia mais, e fallava menos*. Pobre com tantos meios de se enriquecer, póde-se julgar pelo seguinte passo do uso, que faria das riquezas. Epaminondas mandou hum dos seus amigos pedir da sua parte hum talento a outro Cidadão, tendo este vindo para saber a razão: *He*, respondeo elle, *porque aquelle honrado Homem se acha necessitado, e porque vós sois rico*. Em huma palavra, Cicero põe Epaminondas á testa dos Homens illustres da Grecia (1). Que elogio!

Thebas
novaméte
cahe no
abatimen-
to.

Thebas, antes de Epaminondas, não se fazia respeitar, pois que não era contemplada. Epaminondas, juntamente com Pelopidas, tirou Thebas de algum modo do nada, que era, para fazer a maravilha do Seculo. Thebas, depois de Epaminondas novamente cahio no abatimento. Aquella Potencia repentinamente se desvanecio. Os Thebanos conserváraõ a sua reputação de povo estúpido; o que se attribue ao ar grosso, e crasso de Thebas. A Beocia, além de Epaminondas, e de Pelopidas, teve com tudo o seu Pindaro, e o seu Plutarco. Porém, com a pro-

(1) *Epaminondas, Princeps, meo judicio, Græciæ.*
Tusc. I. 4.

propria approvaçãõ daquelles Authores, a idéa que todos tinhaõ da Beocia não era sem fundamento. Ao menos esta he huma prova, que hum terreno ingrato pôde dar nascimento ao character, e ao engenho dos Póvos. A cultura muitas vezes falta mais depressa do que a Terra.

A batalha de Mantinea inspirou aos Gregos o desejo da concordia; a qual já mais teriaõ quebrado, se tivessem sido sabios. Os Gregos uniraõ-se para que cada Cidade conservasse a sua liberdade, conforme o Tratado de Artaxerxes Mnémon. Como os Messenienses se comprehendiaõ naquella paz geral, Lacedemônia, não consentindo nella, mandou soccorro aos Egypcios rebellados contra o Rei da Persia. A mesma Lacedemonia empenhava-se imprudentemente em huma guerra estrangeira, em lugar de reparar as suas ultimas infelicidades. Agesiláo, tendo de idade mais de oitenta annos, partio á frente das tropas. Tachos, Rei do Egypto, não o tendo feito Generalissimo, como elle mesmo o esperava, unio-se em despique com Nectanebo, primo, e inimigo de Tachos. Depois de ter collocado este ultimo no Throno, Agesiláo morreo na Africa, para onde os ventos o lança- raõ, quando voltava para a Grecia.

Agesiláo era amigo intimo de Xe-

Antes de J.C. 362. Paz geral na Grecia, excepto da parte dos Spartanos.

Agesiláo no Egypto.

Sua morte.

Xenofôte.

no-

Excessivo
elogio de
Agesiláo.

Parricula-
ridade a
respeito
deste He-
roe.

nofonte, e o tinha obrigado a mandar educar os seus filhos a Sparta, para aprenderem, dizia elle, a melhor de todas as Sciencias, que era a arte de obedecer, e de mandar. Esta a razão porque o Historiador parece muito prevenido em seu favor. Os elogios excessivos, que Xenofonte lhe dá, não encobrem os defeitos daquelle illustre Spartano, algumas vezes injusto, colerico, e altivo, sempre apaixonado pela guerra. Plutarco refere, que Agesiláo na Africa mandou formar a sua barraca de campanha em os bosques sagrados, a fim de ter os Deoses por testemunhas das suas acções as mais occultas. O motivo he admiravel; mas que necessidade tinha Agesiláo para isto dos bosques sagrados? Aquelle Heroe tão altivo era menino com os seus meninos; pois brincava com elles. Tendo alguém apanhado Agesiláo no facto, elle lhe pedio de nada dizer, até que elle mesmo fosse pai.

Estado da
Grecia
até ao Rei-
nado de
Filippe;

Até as ambiciosas empresas de Filippe, os negocios da Grecia merecem pouca attenção: a qual he, para assim dizer, humma maquina, cujos eixos gastos, e mal unidos, se devem quebrar ao primeiro toque. Por toda a parte, o espirito da parcialidade, e o interesse particular formão intrigas, e anniquilão as gran-

grandes idéas. Cada Cidade quereria dominar sobre as outras, sem poder manter a boa ordem entre os seus Cidadãos. Sparta afrouxa; Thebas nada representa; Athenas se enfraquece cada vez mais. Chio, Cos, Rhodes, e Bysancio, rebellão-se contra Athenas. Chabrias, Ificrates, Timotheo, tres Capitães capazes, que he ficão, desapparecem em pouco tempo. O primeiro foi morto defronte da Ilha de Chio; os outros dous são accusados pela parcialidade de Chares, seu Collega, Homem vão, e indifferente para o bem publico. Timotheo desampara a sua Patria, não podendo pagar a condemnação, que elle não merecia. Ificrates faz-se absolver, armando huma tropa de mancebos, cujos punhaes intimidão os seus Juizes. *Eu seria bem louco*, dizia Ificrates, *depois de fazer a guerra pelos Athenienses, de a não fazer por mim mesmo.* Aquelle modo de fallar he proprio de hum rebelde, que insulta as Leis. Athenas dá fim ás suas emprezas, por não ter outros Guias, senão Oradores; e os Póvos, que se haviam levantado contra o seu Imperio, conservão-se pela paz, na posse da sua liberdade.

Rhodes, e Cos não gozáraõ muito tempo da sua liberdade. Mausolo, Rei de Caria, as sujeitou ao seu dominio.

Chabrias,
Ificrates, e
Timotheo
Generaes
de Athenas.

Mausolo, e
Artemisa.

nio. Artemisa, sua Mulher, he célebre por causa das honras, que fez ás cinzas daquelle Principe. A Critica poderia exercitar-se a respeito da relação, que della fazem alguns Escritores; porque ao mesmo tempo, que huns a pintaõ em hum leito horroroso, os outros a representaõ na frente de hum exercito, e alcançando victorias. Perder-se-hia hum tempo infinito em insistir sobre aquellas individuações, e circumstancias, em que ha talvez tanto fingimento, como verdade.

Objectos
pouco dig-
nos de nos
demorar.

Para não perder de vista os negócios geraes, aos quaes principalmente se refere o nosso estudo, supprimo outras muitas particularidades inuteis. Evagoras, e Nicocles, Reis de Salamina em Chypre, celebrados por Isocrates, a quem Nicocles encheo de beneficios, foraõ sem duvida Principes estimaveis; os quaes seriaõ quasi desconhecidos sem a Rhetorica de Isocrates. A Corte da Persia foi por muito tempo o Theatro de intrigas, de revoluções, e de crimes; porém nós veremos infinitos espectaculos semelhantes em Cortes mais interessantes. Passemos rapidamente pela Antiguidade, quando esta nos demoraria inutilmente em huma carreira taõ dilatada. Os unicos nomes pro-

proprios amontoados em as Historias antigas, escritas pelos Modernos, opprimem com o seu molesto pezo a memoria.

Fim do Tomo Primeiro.



S U M M A R I O

D A S M A T E R I A S

Incluidas em o Primeiro Volume.

*P*REFAÇÃO DO EDITOR.

pag. 6

INTRODUÇÃO.

23

QUANTO he interessante á Humanidade a Historia. A Historia faz conhecer o Homem. Seus effeitos a respeito do entendimento, e do coração. Duas regras deste estudo; procurar a verdade, e limitar-se na utilidade. Erros innumeraveis de que está mesclada a Historia Antiga. Origem dos erros, e das Fabulas em a Historia. He necessario pois examinar, e escolher. O Scepticismo tão pouco racional, como hum excesso de credulidade. Herodoto he a prova. Deixar aos Sabios as indagações da erudição. Não obstante, os seus trabalhos são proveitosos. Não aprender senão o que he possível, e util para se conservar. Critica do Plano dos Estudos de Langlet. Objectos os mais dignos de attenção. Incerteza dos Systemas Chronologicos. Diferença entre os tres Textos da Historia Sagrada. A Revelação deve fazer Santos, e não, Sabios. Idéa quimerica do P. Petau. Novidade do Mundo, provada com todas as Historias: ainda que as Epocas sejam incertas. O methodo de Bossuet he susceptivel de Critica em quanto ás Epocas. Se he conveniente misturar a Historia Santa com a Profana. Plano desta Obra.

HISTORIA ANTIGA.

PARTE PRIMEIRA.

Observações geraes a respeito dos Povos antigos. 37

OS Homens ao principio ferozes em muitas Regiões. Principios da Sociedade. Antropofagos. As Nações civilizadas com o Casamento, com a Agricultura, e com as Artes. A Escritura inventada muito tarde; prova da incerteza das Historias antigas. Os Gregos amantes das Fabulas.

EGYPCIOS.

CAP. I. *Historia antiga do Egypto.* 40.

VANTAGENS do Egypto. O Nilo. Causas, e effects das inundações do Nilo. Espectaculo singular do Egypto. Chronologia fabulosa dos Egyptios. As Dynastias de Manethon reprovadas por huns, e recebidas por outros. Quanto he esteril a respeito deste objecto o trabalho dos Sabios. Antiguidade do Egypto segundo a Escritura. Isis, Osiris, Hermes &c. deificados pelos seus serviços. Intervallo desde Menez. Livraria de Osymandias. Lago Meris muito mal descripto pelos Antigos. Fabulas publicadas a respeito de Sesostris. Suas Conquistas. Sua volta, e suas obras. O seu barbaro orgulho. Sesostris manda sómente trabalhar os Estrangeiros nas suas obras. Conjectura frivola a respeito de Sesostris. Psammetico. Illustra-se a Historia do Egypto, Conto de Herodoto a respeito da Lingua mais antiga. Empreza de Nechos. Amasis, célebre em 10 anno de 570 antes da vinda de Christo. Solon, e Pythagoras no Egypto. Subtileza de Amasis para se fazer respeitar. O Egypto sujeito pelos Persas.

CAP.

CAP. II. *Governo, e Leis dos Egypcios.* 51

NASCIMENTO do Governo Civil. Governo monarchico, o mais antigo, e o mais natural. Progressos da Monarquia. Coroa hereditaria. O Rei do Egypto sujeito ás Leis. Como o advertiaõ das suas obrigações. Poder da Religiaõ. Uzo de julgar os mortos sem exceptuar os Reis. Preoccupaçã que fazia util este costume. O Reino dividido em repartições. Repartiçã das Terras. Grande poder dos Sacerdotes. Condiçã a respeito dos tributos. Tribunal principal; modo de administrar a Justiça. Leis do Egypto. Casamento de irmã com irmã. Polygamia. Castigo do adulterio, da cobardia, da falsidade, &c. Penas contra o Homicidio, e o Parricidio. Educação dos filhos. Leis a respeito dos devedores. Lei contra a ociosidade, e contra o máo procedimento. Abusos das profissões hereditarias. A emulaçã incompativel com a distincção das Classes. Lei favoravel para os Ladrões.

CAP. III. *Religiaõ, e costumes dos Egypcios.* 64

UTILIDADE da Religiaõ. A superstiçã altera a Religiaõ, e faz-se funesta. A idéa do Supremo Ser, conservada no Egypto, a pesar da superstiçã. Idolatria Egypciaca. Animaes Deoses. Excessos de zelo por estes animaes. Dissensões causadas pelo culto. Diversas superstições dos Egypcios. Poder excessivo dos Sacerdotes do Egypto. Sacerdote Rei. Politica destes Sacerdotes. Os Sacerdotes occultavaõ a verdade por interesse. Experiencia dos iniciados nos Mysterios da Religiaõ. Costumes dos Egypcios. Vaidade Nacional; odio das novidades. A novidade he muitas vezes necessaria. Figura de Defunto, que traziaõ para os banquetes.

CAP. IV. *Artes, e Sciencias dos Egypcios.* 73

AS primeiras Artes inventadas no Egypto. O arado. O ferro muito tempo incognito. Reflexões a respeito da origem das Artes. As Artes nascêraõ da necessidade, e da industria. Falso Systema de Pos-

fidonio e respeito da invenção do Fogo. O acaso contribuiu para os descobrimentos. O uso do fogo se ignorou por muito tempo. As Artes cultivadas no Egypto desde tempo immemorial. As Pyramides. A superstição, e a Politica contribuiu para a construcção das Pyramides. Os Edificadores abominados por causa das suas vexações. Corpos embalsamados dos Egypcios. Preoccupação a respeito da sepultura. Os Egypcios não tinham gosto. Labyrintho. Os Obeliscos. Thebas. Industria em transportar pedras de enorme grandeza. Sciencias. As Sciencias unidas com as Artes. Necessidade da Astronomia. Anno Lunar, e Anno Solar descobertos pelos Egypcios. Até onde se estendia a sua Astronomia. A superstição lhes fazia aborrecer o mar. A Geografia cultivada no Egypto. A sua Medicina supersticiosa. Os Egypcios não se atreviam a anatomizar os cadaveres. Filosofia. Ovo, Symbolo do primeiro Ser. Invenção da Escritura. Jeroglyficos. Caracteres Alfabeticos. Conjectura-se, que os Caracteres Alfabeticos nascem todos da mesma origem. Os Egypcios foram muito admirados. Hum Moderno abate demasiadamente os Egypcios.

C H I N E Z E S.

90

ANTIGUIDADE prodigiosa, que os Chinezes se attribuem. Quanto he suspeita a sua Historia Antiga. A sua primeira Observação Astronomica. Systema de M. de Guignes, que faz dos Chinezes huma Colonia Egypciaca. Semelhança dos Chinezes com os Egypcios. Testemunho de Anson a respeito dos Chinezes. Em a China ha bons principios, porém mal observados. Causas da antiga estabilidade do Governo Chinez. O Filosofo Confucio. Maximas de Confucio.

ASSYRIOS, E BABYLONIOS.

CAP. I. *Antiguidade destes Povos.*

99

OS Affyrios, e os Babylonios, confundidos em hum mesmo Estado. Ctesias, Author das Fabulas a respeito da Affyria, copiado por Diodoro; indigno de credito. Relação de Ctesias, e de Deodoro a respeito de Nino. A respeito de Semiramis, e de Babylonia. Nada memoravel na Historia de Affyria, depois de Nynias. Antiguidades de Babylonia, conforme Berosse. Epoca de Nabonassar 747 annos antes de J. C. Observações Astronomicas. O Imperio Affyrio, pouco antigo, segundo os Inglezes. Perde-se o tempo, querendo aclarar as Antiguidades, e conciliar os Historiadores.

CAP. II. *Religião, Sciências, Costumes dos Babylonios.*

105

A Astronomia antiquissima entre os Caldeos. Culto dos Astros, estabelecido nesta Região. Astrologia Judiciaria. Progressos dos Caldeos na Astronomia. A Circunferencia da Terra. Quadrantes Solares, ou Relogios do Sol. Observatorio. Cosmogonia dos Caldeos. As suas Fabulas eraõ allegoricas. Os Caldeos exigiaõ huma submissão cega dos seus Discipulos. O diluvio de que trata Berosse. As Artes, o luxo, e os vicios unidos. Lei vergonhosa da prostituição. Motivo desta Lei. Costumes dos Babylonios Uso singular para o casamento das mulheres. Divorcio. Castigo do adulterio. Syria. Superstições Syriacas.

FENICIOS.

114

IDÉA das Nações commerciantes. Necessidade do Commercio. Seus progressos. A Navegação antiquissima entre os Fenicios. A Observação dos Astros os dirigia. Grande extensão do seu Commercio.

rio. A sua viagem á roda de Africa, no tempo de Nechos. Forma dos seus navios. Tintura dos Fenícios. Suas Sciencias. Os Fenícios mais industriosos, que os Egyptios. Effeitos do insaciavel desejo do lucro. A preguiça he peor. Sidon. Tyro. Fundação de Carthago. Superstições dos Fenícios. Culto de Adonis. Os exemplos da superstição uteis para applicar á verdadeira Religião. Sua Cosmogonia. Opiniões perigosas a respeito deste Author. Infancia do Genero Humano, segundo Sanchoniaton.

HEBREOS, OU JUDEOS. 124

PRINCIPIO da Nação Judaica. Governo Theocratico totalmente diverso dos outros. Obscuridade dos Judeos, entre as Nações Antigas. Seu caracter. Leis da Religião misturadas com as Leis civis. Severidade das Leis Judaicas. Ceremonias legais, em grande numero. Aguas de ciúme. Anno Sabbatico, e Jubileo. Cidades de refugio. Repartição dos Sacerdotes. Sua authoridade. Ignorancia dos Judeos em as Sciencias. Os Judeos occultavaõ os seus Livros Sagrados. Origem da Poesia. Se o Hebralco he a lingua Mãe.

MEDAS, E PERSAS.

CAP. I. *Dos Medas antes de Cyro.* 131

HISTORIAS Antigas, fabulosas antes de Cyro. Os Medas sacodem o jugo dos Assyrios. Os Medas elegem Dejoces para Juiz, e depois para Rei. O seu Despotismo. Fabulas a respeito de Ecbatana, e a respeito do monte Bagistaõ. Immutabilidade das Leis. Educação dos Principes. Polygamia estanhada.

CAP. II. *Imperio dos Persas : Cyro, e os seus primeiros Successores.* 133

TOM. I.

As

AN-

ANTIGUIDADE dos Persas. Época de Cyro no anno de 560 ; antes de J. C. Nada ha mais incerto como a sua Historia. Cyropedia de Xenofonte. Não se lhe pôde dar credito. Factos principaes a respeito de Cyro. Contradições a respeito da morte de Cyro. Cyro totalmente diverso em Xenofonte , e em Herodoto. Creso. O que se pôde conjecturar do caracter de Cyro. Conquista do Egypto em o anno de 525. Cambyzes. A superstição dos Egypcios adiantou a sua ruina. Expedição da Ethiopia. Casamento incestuoso de Cambyzes , approved pelos Juizes. Crueldade de Cambyzes , e baixeza de hum valido. Morte de Cambyzes no anno de 522. O falso Smerdis. Dario I. Zopyro contribue para que Dario tome Babylonia em o anno de 510. Tyrannia de Dario. A sua infeliz expedição contra os Scythas.

CAP. III. *Governo, Leis, Usos, e Costumes dos Persas.* 146

O Despotismo teve a sua origem na Asia. Se este Governo pôde existir sem limites. Idéa do Despotismo Persiano. Quanto he superior hum bom Rei a hum Despotico. Boa educação dos Principes na Persia. Causas que fazião inutil aquella educação. Decreto infame de Xerxes. Satrapas ; estabelecimento dos correios. As Provincias visitadas pelo Rei , ou por Commissarios. Advertencia feita todos os dias ao Rei. Administração dos Contratos , e das Rendas Reaes. Natureza dos impostos. A Povoação animada. A Agricultura honrada. Cruel necessidade da guerra. Os Persas bons Soldados no tempo de Cyro. Armados em todo o tempo. Preocupação , e uso a respeito da guerra. Justiça. Acção de Cambyzes. Confrontação. Não se castigava de morte nenhum crime , sendo o primeiro. Cuidado dos costumes. Educação dos meninos. Os vicios castigados. Direito dos Pais. Amor da verdade entre os Persas. Eunucos. Casamentos incestuosos. Lisonja que os approva. Escravidão vergonhosa dos Persas. Causa da ruina deste Povo. Cyro os fez degenerar.

CAP.

CAP. IV. *Religião dos Persas.* 160

OS Persas adoravaõ hum só Deos. Os Persas não queriaõ nem Templos, nem estatuas. Zoroastres. Doutrina dos dous Principios. O Sadder. Preceitos para os Magos. Vida austera dos Magos. Sua authoridade excessiva. Sua Sciencia mysteriosa. Como os Sacerdotes antigos adquiriraõ grande poder. Fragmento notavel de hum Livro antigo dos Persas, a respeito das Obrigações dos Reis.

I N D I O S.

167

ANTIGUIDADE dos Indios. Divisão das Classes. Vigiaadores. Lavradores. Inconvenientes deste uso. Sciencias, e Costumes dos Brachmanes. Os Brachmanes morriaõ voluntariamente. Doutrina da Metempsychosis, ou Transmigração. Theologia dos Brachmanes. O que o Vedan ensina. Brahma. Vistnou. Ignorancia da Astronomia entre os Indios. O seu talento proprio para inventar. As Mulheres queimaõ-se por superstiçaõ na fogueira de seus maridos

SCYTHAS, E CELTAS

173

REFLEXÕES a respeito dos Scythas; e dos Celtas. Grande barbaridade dos Scythas.

Observações geraes a respeito dos Póvos antigos da Asia.

175

PÓVOS da Asia Menor. Os Asiaticos deviaõ ser subjugados. Simplicidade antiga de costumes. Esta simplicidade não tinha a virtude por origem. A Europa superior á Asia.

HISTORIA ANTIGA.

PARTE SEGUNDA.

HISTORIA GREGA. 179

IDÉA geral da Historia Grega. Fabulas deste Povo.

LIVRO PRIMEIRO.

Desde os tempos Fabulosos, até á guerra contra os Persas.

CAP. I. Dos tempos Fabulosos, e Heroicos. 180

OS primeiros Gregos foram Homens salvagens. Estrangeiros se estabeleceram na Grecia. Obstaculos aos progressos da Sociedade na Grecia. Fundaçãõ de Athenas por Cecrope. Cecrope estabelece o Areopago. Danao, e Cadmo introduzem as Artes na Grecia. Paixão dos Gregos pelas Fabulas. Os Gregos oppozeram-se logo á Agricultura. Liga, e conselho dos Amphictiões. Templo de Delfos. Guerra de Thebas. Expedição dos Argonautas. Guerra de Troia. Troia foi tomada em 1209, segundo os Marmores de Arundel. Infelicidades succedidas depois da tomada de Troia. Os Heraclidas. Colonias Asiaticas. Leis de Minos em Creta.

CAP. II. Barbaridade dos Seculos heroicos; superstições, &c. 189

OS Seculos heroicos foram barbaros. Poder limitadissimo dos Reis. Os Reis eram Presidentes da Religião. Os Gregos ignoravam o Direito das Gentes. Idéa deste Direito. O que os Gregos chamavam virtudes. Ferocidade na guerra; crueldade para com os vencidos. Ignorancia da Arte Militar, pro-

provada com o sitio de Troia. Qual era a frota dos Gregos. Nenhuma Astronomia entre os Gregos antigos. As Sciencias, e as Letras não podião ser cultivadas senão muito tarde. Homero na Asia Menor. Grofferia dos costumes heróicos. Leis favoraveis para a Agricultura. Outras Leis. Mysterios de Eleusis muito louvados. O Segredo dos iniciados nos Mysterios parece suspeito. Os Oraculos procedidos da impostura, e da superstição. A Mythologia dos Gregos he inexplicavel. Theologia de Homero, e de Hesiodo, cheia de absurdos populares. Theologia sublime, attribuida falsamente a Orfeo. Os Gregos davaõ credito á vida futura. Utilidade dos Jogos da Grecia. Abusos que resultáráõ dos Jogos. Jogos Olympicos. Olympiadas.

CAP. III. *Governo, Legislação, e Costumes de Sparta.* 202

REVOLUÇÃO na Grecia. Estabelecimento das Republicas. Estado de Sparta; antes de Lycurgo. Antes de J. C. 893. Lycurgo renuncia a Coroa. Suas viagens, e sua volta. Lycurgo emprende reformar tudo. Governo mixto; os tres Poderes. Estabelecimento dos Eforos, cento e trinta annos depois de Lycurgo. Lycurgo sustenta as Leis com os costumes. Lycurgo desterrou a pobreza, e as riquezas. Mezas públicas. Educação dos filhos para a Republica. Authoridade dos anciãos. Razaõ porque os meninos eraõ obrigados a roubar o seu alimento. Como se exercitava a Razaõ. As Mulheres exercitavaõ-se, como os Homens. Abusos contrários ao pejo. Imperio, que as Mulheres tinham sobre os Homens. Leis para os Esposos moços. Despreso do Celibato. Ociosidade reprehendida falsamente aos Spartanos. Filosofia dos Spartanos. Utilidade da sua Poesia. O Plano de Lycurgo era admiravel em as circumstancias. Leis não escritas. *Xenclasia*, ou exclusão dos Estrangeiros. Animo dos Spartanos. Lycurgo quer prevenir a sua ambição. Efeito permanente das Leis de

de Lycurgo. Aspreza algumas vezes barbara dos Spartanos. Os Spartanos mandavaõ matar os filhos enfermos. Meninos cruelmente tratados. Mãis muito insensiveis. Crueldade contra os Helotes. Direito dos Escravos. Os Spartanos dignos de grandes elogios, a pesar dos seus defeitos. Acção de Pedaretes. Menos superstições do que em outra parte. Templo consagrado ao Pavor; e porque? Cautela de Lycurgo para fazer observar as suas Leis. Sua morte. Guerra contra os Messenienfes. Antes de J. C. 684. O Poeta Tyrteo, General. Bellas palayras do Rei Leaõ, a respeito do melhor Governo. A respeito dos Jogos Olympicos.

CAP. IV. *Republica de Athenas, até á guerra contra os Persas.* 222

GOVERNO de Athenas, estabelecido por Theseo, quasi em o anno 1259, antes de J. C. Codro em o anno de 1095. Archontes. Draco, Legislador. Antes de J. C. 624. Grande severidade das suas Leis. Divisão entre os Cidadãos. Antes de J. C. 594. Solon novo Legislador. Solon quer satisfazer todos os partidos. Fôrma da Democracia. Quatro Classfes de Cidadãos. A infima plebe, Arbitra das deliberações, e Juiz das Leis. O Senado muito numerofo, e muito fraco. Solon restabelece o Areopago, e augmenta a sua Authoridade. Leis particulares a respeito das dividas, das accusações, dos casos de tumultos, e dos testamentos. Contra a ociosidade, os filhos máos, e os máos Pais. A respeito dos dotes, dos bons costumes, dos Cidadãos mortos, estropeados na guerra, &c. Leis concernentes aos accusadores. Sentenças revistas pelo Areopago. O Ostracismo. Leis sumptuarias, ou Pragmaticas. Estrangeiros excluidos do Governo. Pensamentos de Anacharsis, e de Solon, a respeito das Leis. Desgosto de Solon. Ambição de Pisistrato. Pisistrato fez-se Senhor do Estado. Fim de Solon. Pisistrato expulsado, e restabelecido. Pisistrato serve-se da Agricultura para impedir as intrigas. Pisistrato favorece as Artes,

tes, e as Letras. Antes de J. C. 514. Filhos de Pisistrato. O Governo popular he restabelecido. Sparta opposta á liberdade de Athenas. Diferença de Sparta, e de Athenas. As Occupações. A fortuna. A obediencia das Leis. Os costumes relativos ao Governo. O Carácter nacional. Os Athenienses tratavaõ os seus escravos com humanidade. As Letras principiaõ a florescer. Theatro, Bibliotheca, Poetas na Corte. Filosofia ao principio toda Moral, e Politica. Conservação dos Antigos Sabios. Astronomia; divisaõ do anno por Thales, e por Solon. Architectura, Commercio. Corintho.

LIVRO SEGUNDO.

Desde o Principio da guerra contra os Persas, até ao Governo do Pericles.

CAP. I. *Principio da guerra contra os Persas. --- Miltiades vencedor em Marathonia.* 245

IDEA geral da guerra sustentada contra os Persas. Occasões desta guerra. Antes de J. C. 501. Athenas declara-se a favor dos Jonios, contra Dario. Dario quer sujeitar a Grecia. Athenas, e Sparta unidas contra Dario. Os Persas penetraõ na Attica. Athenas sollicita o soccorro dos Alliados. Exercito Atheniense ás ordens de dez Generaes. Miltiades propõe o combate. Aristides lhe cede o Commandamento. Antes de J. C. 490. Batalha de Marathonia. Fugida vergonhosa dos Persas. A gloria, recompensa dos Vencedores. Injustiça de Athenas contra Miltiades.

CAP. II. *Principios de Aristides, e de Themistocles; invasão de Xerxes na Grecia.* 252

ARISTIDES, e Themistocles. Diferença dos seus genios, e dos seus principios. Os seus Systemas de Po-

Politica differem. Themistocles faz Aristides suspeito. Ostracismo contra Aristides. Prevenção de Themistocles. Themistocles applica-se para a Marinha. Empreza de Xerxes contra a Grecia. Exercito prodigioso de Xerxes. Herodoto merece pouco credito, a respeito das individuações desta expedição. Justo motivo para desconfiar dos Gregos. Demarates, Rei de Sparta, refugiado na Persia. O que Demarates diz a Xerxes, a respeito da Grecia. Sparta, e Athenas se dispõem para a guerra. Themistocles faz-se eleger General. Euribiades, General da armada. Procedimento prudente de Themistocles. Antes de J. C. 480. Combate das Thermopylas. Leonidas morreo neste combate com os seus Spartanos. Os Gregos nos Jogos Olympicos, a pesar do perigo. Athenas não tem mais recursos, senão na sua frota. Themistocles faz abandonar a Cidade. Xerxes Senhor de Athenas.

CAP. III. *Batalha de Salamina, de Plateas, e de Mycale; os Persas lançados fóra para sempre da Grecia.*

DISPUTA de Themistocles, e de Eurybiades. Presumpção de Xerxes. Themistocles attrahe a Xerxes para o laço. Aristides, e Themistocles unidos para defenderem a Patria. Batalha de Salamina. Xerxes fugio para a Asia. Mardonio pretende enganar os Athenienses. Resposta de Aristides. Sentimentos dos Athenienses a respeito dos Persas. Os Spartanos mandão hum exercito. Antes de J. C. 479. Batalha de Plateas. Moderação de Pausanias depois da victoria. Os Spartanos, e os Athenienses disputão entre si o premio do valor. Recompensa de Themistocles. Causas do successo dos Gregos nesta guerra. Xerxes vencido tambem na Asia. Xerxes mandou queimar os Templos.

CAP. IV. *Restabelecimento de Athenas a pesar do ciúme de Sparta. ----- Administração de Aristides.*

PRINCIPIOS da divisaõ entre Sparta, e Athenas.

Spar-

Sparta oppõe-se ao intento de reedificar Athenas. Themistocles engana os Spartanos, e ao depois lhes falla com resolução. Projecto injusto de Themistocles para augmentar o poder de Athenas. Aquelle projecto reprovado, como injusto. Projecto, que só desgraças produziria. Themistocles impede que a confederação dos Gregos se enfraqueça. Decreto popular de Aristides. Antes de J. C. 496. Pausanias corrompido depois da victoria de Plateas. O Commandamento cedeo-se aos Athenienses. Sparta chama, e castiga Pausanias. Themistocles desterrado com o Ostracismo, accusado depois como complice de Pausanias. Aristides encarregado das rendas da Grecia. Admiravel desinteresse de Aristides. Sua morte na pobreza.

CAP. V. *Cimaõ augmenta a gloria de Athenas.* 282

CIMAÕ digno Successor de Aristides. Sua Politica.

Seus successos contra os Persas. Themistocles refugiado na Corte de Artaxerxes. Deve-se vituperar, e admirar Themistocles. Os Egyptios rebellados contra os Persas, e vencidos. Antes de J. C. 370. Infelicidade de Sparta. Cimaõ determina, que os Athenienses soccorraõ Sparta. Guerra entre as duas Republicas. Desterro injusto de Cimaõ. Cimaõ perdoado. Cimaõ acaba a guerra civil, e occupa os Athenienses contra os Persas. Antes de J. C. 449. Tratado de Artaxerxes com os Gregos. Fim da guerra Medica. Morte de Cimaõ, sua virtude em as riquezas.

LIVRO TERCEIRO.

*Desde o Governo de Pericles até ao Reinado de
Filippe de Macedonia.*

CAP. I. *Governo de Pericles até á guerra do Peloponneso.*

289

CA.

CARACTER de Pericles. Sua eloquencia aperfeiçoada com a Filosofia. Sua Politica para chegar ao Governo. Pericles apparece raras vezes nas Affembléas. Pericles corrompe os Athenienses com profusões perniciosas. Pericles diminue o poder do Areopago. Pericles orna Athenas com soberbos edificios. Queixas dos Alliados a respeito da dissipação do Thesouro. Pericles inexcusavel neste ponto. O seu desinteresse louvado por Plutarco. Pericles offerece pagar á sua custa as Obras publicas ; com que condicão. Pericles Senhor da Republica. Accusão-se os seus amigos a fim de perder Pericles. Proçessos de Fidas , de Aspasia , e de Anaxagoras, Decreto absurdo contra os Filosofos. O mesmo Pericles accusado. Ordena-se a Pericles , que dê as suas contas. Pericles livra-se daquelle cuidado , por causa da guerra do Peloponneso. Se as suspeitas contra Pericles são legitimas. Aggravos dos Alliados contra Athenas. O negocio agitou-se em Sparta. Pericles decide que a guerra he necessaria para Athenas. Seu Plano.

CAP. II. *Principios da guerra do Peloponneso. ----- Alcibiades. ----- Os Athenienses vencidos em Sicilia.* 302

ANTES de J. C. 431. Forças de ambos os partidos. Os Athenienses desamparão as suas terras. Eclipse explicado por Pericles. Oração Funebre dos mortos. Antes de J. C. 430. Sem embargo da peste , a guerra continúa. Pericles condemnado , e restabelecido. Morte de Pericles. Queixas de Anaxagoras a seu respeito. Furor entre ambas as Republicas. Faz-se a guerra barbaramente de huma, e outra parte. Cleão governa Athenas. Crueldade dos Spartanos para com os Helotes. Tregoa inutil depois de dez annos de guerra. Antes de J. C. 422. Alcibiades quer renovar a guerra por ambição. Sua industria para enganar o Povo. Alcibiades faz romper o Tratado. Hyperbolo deterrado. Fim do Ostracismo. Projecto de Alcibiades a respeito da Sicilia , adoptado a pesar das demonst-

trações de Nicias. Antes de J. C. 415. Alcibiades accusado de impiedade antes da sua partida. Alcibiades he chamado de Syracusas para ouvir a sua sentença. Alcibiades refugia-se para Sparta, e se declara inimigo de Athenas. Expressão admiravel da Sacerdotisa Theano. Nicias comporta-se mal no sitio de Syracusas. Antes de J. C. 413. Os Spartanos fazem levantar o sitio. Os Athenienses são derrotados de frente de Syracusas. Idéa geral do Governo da Sicilia. Gelon, Hieron, Thrasylulo, antigos Reis de Sicilia.

CAP. III. *Continuação da guerra do Peloponneso. --- Expugnação de Athenas por Lyfandro.* 314

ANTES de J. C. 412. Consternação de Athenas. A morosidade dos Spartanos dá-lhe tempo para respirar. Ingratidão de Sparta para com Alcibiades. Revoluções na Persia. Alcibiades vai ter com Thissafernes, e o induz para entreter a divisação entre os Gregos. Dissensão de Athenas. Novo Governo. Alcibiades he chamado, e serve a sua Patria. Mandaõ, que Alcibiades seja absolvido pelos Sacerdotes. Alcibiades chega a fer o Idolo de Athenas. Os Athenienses obstinaõ-se na guerra. Lyfandro derrota os Athenienses; os quaes depõem Alcibiades. Callicratidas, Successor de Lyfandro, vencido por sua culpa no combate das Arginusas, Athenas condemna os seus Generaes depois da sua victoria, porque não podêraõ dar sepultura aos mortos. Antes de J. C. 404. Os Athenienses derrotados por Lyfandro em Egos-Potamos. Crueldade para com os vencidos. Sitio de Athenas. Athenas sujeita-se a humas Condições vergonhosas.

CAP. IV. *Sparta corrompida por Lyfandro. --- Thrasylulo liberta Athenas da Tyrannia. --- Processo de Socrates. --- Retirada dos dez mil.* 324

AMBICAÇÃO de Lyfandro. Lyfandro introduzio as riquezas em Sparta. Este mal tinha chegado a ser como necessario, porque os Spartanos já não eraõ os mesmos. Athenas opprimida por trinta Tyrannos. Perfidia dos Spartanos a respeito de Al-

cibiades. Sua morte. Antes de J. C. 403. Thrasylbulo liberta Athenas da tyrannia. Acto de Amnistia, ou Perdaõ geral, depois da morte dos Tyrannos. Socrates o mais respeitavel dos Filósofos. Os Sofistas, e os Hypocritas conjuravaõ a sua perda. Aristofanes representa Socrates no Theatro. Melito o accusa. Socrates soffreo a sentença com valor. Socrates he condemnado á morte. Socrates recusa fugir da prisão, e morre, como Sabio. Arrependimento dos Athenienses. Absurdo do seu procedimento. A Moral mais interessante na Historia, do que as individuações das expedições. Cyro, o Moço, pretende tirar o Throno a seu Irmão Artaxerxes Mnémon. Antes de J. C. 401. Os Spartanos unem-se com Cyro. Cyro ficou morto no combate. Retirada das Dez mil. Xenofonte muito prevenido a favor de Cyro, o Moço. Ctesias, Medico de Cyro.

CAP. V. *Agésiláo na Asia. ----- Agésiláo he chamado. ----- Tratado vergonhoso com os Persas. ----- Republica de Thebas, até á Batalha de Leuctras.* 336

GUERRA contra os Persas. Agésiláo Rei de Sparta. Antes de J. C. 396. Agésiláo faz tremer os Persas. Liga dos Gregos contra Sparta: Morte de Lyfandro. Sua ambição. Lyfandro era pobre, posto que tivesse introduzido as riquezas na sua Patria. Agésiláo chamado da Asia, obedece ás Leis. Conon venerado em Cnide. Agésiláo venerado em Coronea. Conon levanta novamente os muros de Athenas. Fraco ciúme de Sparta. Antes de J. C. 387. Os Spartanos fazem hum Tratado vergonhoso com os Persas. Effeitos da divisão entre os Gregos. Antes de J. C. 381. Os Spartanos se apoderaõ da fortaleza de Thebas em plena paz. Sentença injusta pronunciada em Sparta, a respeito deste negocio. Thebanos fugitivos em Athenas. Pelopidas, e Epaminondas. Pelopidas liberta a sua Patria. Epaminondas une-se com

Pelopidas. Os Spartanos são lançados fóra. Os Athenienses desamparão os Thebanos, e renovaõ logo a sua alliança com elles. Agefilão conduz a guerra na Beocia muito mal. Os Spartanos são derrotados em Tegyra, posto que muito mais numerosos do que os Thebanos. Os Thebanos abandonados pelos Gregos. Constancia de Epaminondas.

CAP. VI. *Thebas poderosa no tempo de Pelopidas, e de Epaminondas. ----- Sua decadencia. ----- Estado da Grecia antes de Filippe de Macedonia.*

347

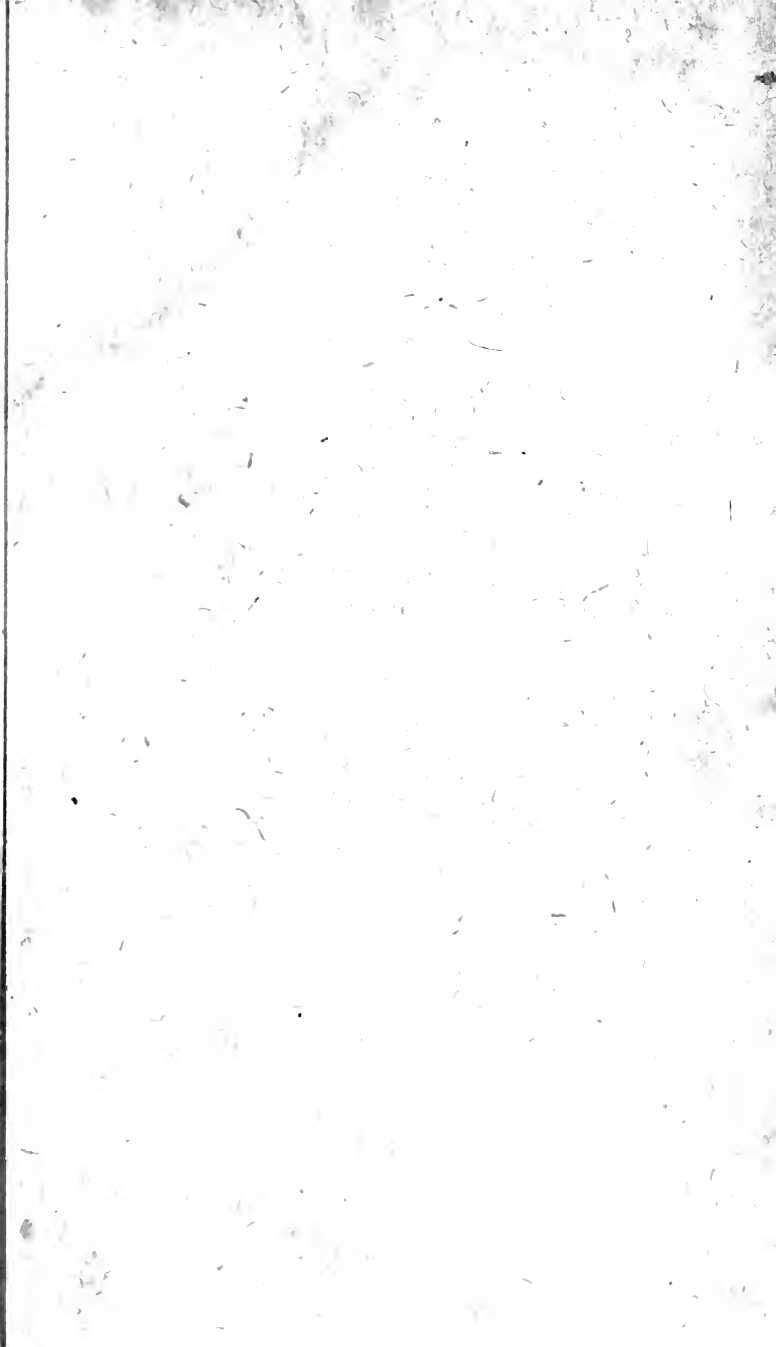
EPAMINONDAS, General. Batalhaõ Sagrado. Sua prudencia a respeito dos agouros. Antes de J. C. 370. Batalha de Leuctras. Magnanimidade dos Spartanos depois da sua derrota. Os Spartanos suspendem a sua Lei contra os fugitivos. Epaminondas penetra na Laconia. Epaminondas poupa Sparta. Epaminondas quando voltou, he accusado juntamente com Pelopidas. Epaminondas justifica-se como Homem grande. Liga dos Gregos contra Thebas. Os Persas lhes negaõ soccorro. Pelopidas Juiz de huma differença a respeito do Throno de Macedonia. Pelopidas sendo prisioneiro despreza o Tyranno de Feres. Sua morte. Nova expedição de Epaminondas para Laconia. Batalha de Mantinea. Morte de Epaminondas. Qualidades admiraveis deste Heróe. Thebas cabe novamente na escuridão. Paz geral na Grecia, excepto da parte dos Spartanos. Agefilão no Egypto. Sua Morte. Xenofonte excessivo no elogio de Agefilão. Particularidade a respeito deste Heróe. Estado da Grecia até ao Reinado de Filippe. Chabrias, Ificrates, e Timotheo, Genéraes de Athenas. Mausolo, e Artemisa. Objectos pouco dignos de nos demorar.

LIVROS impressos por FRANCISCO ROLLAND,
Impressor-Livreiro em Lisboa, no Largo
do Loreto.

- A**NNO Christaõ de Croiset, em 4. 2 Vol. 1797.
Atlas Moderno para aprender a Geografia, em 8. com
24 Mappas.
Aventuras de Telemaco, em 8. com notas.
Arte Poetica de Horacio, trad. e illustr. por Candido
Lusitano, em 8.
Adagios, Proverbios, e Anexins da Lingua Portugueza
em 8.
Amigo do Principe, e da Patria, ou o bom Cidadão,
em 8.
Belizario de Marmontel, em 8.
Boa Lavradora, em 8.
Christaõ do tempo presente confundido pelos pri-
meiros Christaõs, em 8. 1792.
Costumes dos Christaõs, por Fleury, em 8. 2 Vol.
Collecção de Historias, Anecdotas, &c. para ins-
trução da Mocidade, em 8. 3 Vol. 1799.
Catecismo Romano abreviado, em 8.
Cartas sobre as Modas, em 8.
Desvarios da Razaõ, em 8. 3 Vol.
Diccionario da Biblia, em 8. 1794.
Diario do Christaõ, em 12.
Discurso sobre o modo de fomentar a industria do Povo,
em 8.
Dialogos dos Mortos, em 8.
Descripção das Enfermidades dos Exercitos, em 8.
Despedidas da Marechal de . . . a seus filhos, em 8.
Escolha das melhores Novellas, e Contos moraes, em
8. 7 Vol.
Escola fundamental de lêr, escrever, e contar, com
os Elementos da Doutrina Christã, por hum Pro-
fessor, em 12.
Elogios dos Reis de Portugal, em 8.
Espirito do Christianismo, em 8.
Elementos da Poetica por Pedro José da Fonseca,
em 8.
Elementos da Civilidade, em 8.

- Fabulas de Esopo , com applicações moraes , em 8.
Gozo de Si-mesmo por Caraccioli , em 8. 1792.
Historia Geral de Portugal por La Clede , em 8.
15 Vol.
Historia de Portugal por Damiaõ Antonio , em 8.
17 Vol.
Historia Ecclesiastica de Ducreux , em 8. gr. 9 Vol.
Historia Universal de Millot , em 8. gr. 9 Vol.
Heroismo da Amizade : David , e Jonatas , Poema ,
em 8.
Homem Escrupuloso , util para as almas escrupulo-
sas , em 8.
Historia de Carlos Magno , em 8. 2 Vol.
Historia de Theodosio o Grande , por Flechier em 8.
Historia da Virtuosa Portugueza , em 8.
Imitação de Christo por Kempis : Nova Edição , em 12.
Imitação da SS. Virgem , em 12.
Laura de Anfriso , em 8.
Livro dos Meninos ; Traduzido do Francez , em 8.
Mil e huma Noites , Contos Arabicos , traduzidos em
Francez por Mr. Galland , e do Francez em Portu-
guez pelo Traductor do *Vinjante Universal*. em 12.
2 Vol. 1801.
Medicina Domestica de Buchan , em 8. 8 Vol.
Miserere exposto em pensamentos , em 8.
Miscellanea Curiosa , e Proveitosa , em 8. 7 Vol.
Naufragio de Sepulveda , Poema de Jeronymo Corte-
Real , em 8.
Noites Clementinas , em 8.
Noites d'Young , em 8. 2 Vol. com estampas.
Noticia da Mythologia , ou Historia do Paganismo ,
em 8.
Obras escolhidas do Marquez de Caraccioli , em 8.
8 Vol.
Officio da Semana Santa; Nova Edição augmentada com
Meditações , e Orações para a Confissão e Com-
munhão , em 12. com estampas.
Origem , e Orthografia da Lingua Portugueza por
Duarte Nunes de Lyaõ , em 8.
Obras de Sá de Miranda , com a sua Vida , e Comed.
em 8. 2 Vol.

- Obras Poeticas de Domingos dos Reis Quita , em 8.
2 Vol.
- Obras Poeticas de Valadares Gamboa. em 8.
- Panegyricos , e Discursos Evangelicos, em 8. 4 Vol.
- Paraíso Perdido de Milton , em 8. 2 Vol.
- Perfeito Pedagogo na arte de educar a Mocidade ,
em 12.
- Peregrinação de Christão debaixo da allegoria de hum
sonho , em 8.
- Pratica da Devoção do Coração de Jesus pelo Padre
Croiset , com a Vida da Vener. Marg. A-la-Coque,
em 8. 1786.
- D. Quixote , traduzido em Portuguez , em 8. 6 Vol.
1794.
- Religião do Homem Honrado de Caraccioli. em 8. 1792.
- Reflexões sobre a Misericórdia de Deos, em 8. 1786.
- Reflexões sobre a vaidade dos Homens, em 8.
- Regras da Versificação Portugueza por hum Anonimo ,
em 8.
- Retrato da morte , com hum Dialogo entre hum
Vivo, e hum Morto , em 8.
- Syntaxe Latina , explicada segundo o moderno systema
filosofico , em 8.
- Sciencia dos Costumes , em 8.
- Theatro Estrangeiro , em 8. 6 Num.
- Thezouro de Pregadores em. 8. 2 Vol.
- Tratado das Obrigações da Vida Christã, em 8. 2 Vol.
- Tratado das Aguas das Caldas , em 8.
- Viajante Universal, ou noticia do mundo antigo e mo-
derno. Obra recopilada dos melhores Viajantes , em
8. 14 vol. 1801.
- Vida de D. João de Castro por Jacintho Freire de An-
drada, em 8.
- Vida de Jesus Christo na Eucharistia, 8.



**PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET**

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

D
18
M5419
1801
v.1
c.1
ROBA

Not wanted in RBSC

